

O ARGUMENTO BÍBLICO  
PARA UM ANTICRISTO ISLÂMICO

---

# A BESTA VEM DO ORIENTE MÉDIO

---

AUTOR BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

JOEL RICHARDSON





Reta da Penha, 1365  
Santa Lucia  
Vitória - ES  
29.056-243  
Tel: (27) 3019-1781  
contato@abase.org

**www.abase.org**

**Coordenação:**  
Victor Vieira

**Tradução:**  
Paulo Junior

**Revisão:**  
Rafael Teixeira  
Alexandra Tibério  
Victor Vieira

**Adaptação da Capa  
em Português:**  
Eduardo C. de Oliveira

**Diagramação:**  
Eduardo C. de Oliveira

## A BESTA VEM DO ORIENTE MÉDIO

Copyright © 2012 by Joel Richardson

Título original em Inglês: *Mideast Beast*,  
por Joel Richardson

Publicado em inglês por WND Books  
Midpoint Trade Books  
27 West 20th Street, Suite 1102  
New York, NY 10011  
www.wndbooks.com

Copyright © 2019 Base Livros

Publicado no Brasil com a devida autorização por:

BASE LIVROS  
abase.org/livros

### TODOS OS DIREITOS NA LÍNGUA PORTUGUESA RESERVADOS À ORGANIZAÇÃO DA BASE.

Base Livros é a divisão publicadora de livros da Organização da Base, uma organização cristã em Vitória/ES - Brasil que está comprometida com o avanço da grande comissão através de oração contínua e a formação de discípulos.

Este livro ou partes deste livro não poderão ser reproduzidos de nenhuma maneira, guardado em sistemas de arquivo, transmitidos de qualquer forma por quaisquer meios (eletrônicos, mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro) sem autorização prévia por escrito da Organização da Base, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

---

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

R521b Richardson, Joel

A besta vem do Oriente Médio: o argumento bíblico para um anticristo Islâmico / Joel Richardson. \_ Vitória: Base Livro, 2019

336 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-65419-42-0

1. Profecia bíblica 2. Anticristo 3. Escatologia I. Título

CDU 2-534.6

---

## PARA MINHA ESPOSA

**A** PENAS UM GRANDE DEUS poderia me abençoar com uma mulher linda em todos os sentidos como você. Eu gostaria de escrever sobre assuntos mais adequados para receber sua dedicatória, mas infelizmente, você se casou comigo. Por ora, seu nome será honrado em livros sobre o anticristo, mas no futuro, seu nome será honrado nas ruas de ouro da Nova Jerusalém.

# SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <i>Agradecimentos</i>   | 7   |
| <i>Prefácio</i>   | 9   |
| 1. O Fim dos Tempos Simplificado                                | 15  |
| 2. Introdução à Teoria do AntiCristo Islâmico                   | 31  |
| 3. O Domínio do AntiCristo: Absoluto ou Limitado?               | 53  |
| 4. Formulando Nosso Método de Interpretação                     | 69  |
| 5. Daniel 2: O Sonho de Nabucodossor da Estátua Metálica        | 75  |
| 6. Daniel 7: A Visão de Daniel das Quatro Bestas                | 103 |
| 7. Daniel 9.26: O Povo do Príncipe que Virá                     | 115 |
| 8. Daniel 8: O Pequeno Chifre                                   | 133 |
| 9. Daniel 10-11: O Rei do Norte                                 | 145 |
| 10. Daniel 11: A Teologia do AntiCristo – Ele Clamará ser Deus? | 159 |

|  |     |
|--|-----|
| 11. Daniel 12: Selado até o Fim dos Tempos                   | 173 |
| 12. Apocalipse 12, 13, 17: A Mulher, o Filho Homem e a Besta | 179 |
| 13. Ezequiel 38-39: Gogue de Magogue (Parte 1)               | 195 |
| 14. Ezequiel 38-39: Gogue de Magogue (Parte 2)               | 219 |
| 15. Ezequiel 38-39: Gogue de Magogue (Parte 3)               | 241 |
| 16. Salmo 83   | 269 |
| 17. Isaías e Miquéias 5: O Assírio                           | 283 |
| 18. Amando Muçulmanos  | 297 |
| 19. A Misericórdia do Senhor: A Esperança dos Intercessores  | 309 |
| <br>   |     |
| <i>Recursos Recomendados</i>                                 | 317 |
| <i>Notas</i>   | 318 |
| <i>Sobre o Autor</i>   | 329 |



## AGRADECIMENTOS

**E** U GOSTARIA DE AGRADECER e reconhecer minha esposa por sua longanimidade e paciência durante a escrita deste livro. Em segundo lugar, gostaria de agradecer a Joseph Farah. A indústria editorial cristã precisa de precursores mais corajosos como você. O crédito também pertence a Johnny Walker, Ben Wallick, Daryl Surber, Dax Cabrera, Josh Godsey, Anthony Perkins, Billy Humphrey, Jamie Pridgen, Steven Ugan e Stephen Holmes por ler e me ajudar com sugestões, comentários e tal. Obrigado, gente.

Gostaria de agradecer a Scott Watts por estar comigo, como só ele sabe, nos últimos dois anos. Tenho certeza de que, quando terminar de cortar a sebe de minha esposa, muito do meu tempo livre será gasto cuidando de alguma forma do quintal da sua mansão no reino do Messias. Estou ansioso para isso.

Agradeço a John e Lydia Harrigan pela sua amizade e por me ajudar a ver a cruz e o vindouro reino messiânico com tanta clareza.

Para todos aqueles que me apoiaram em oração nestes últimos anos, muito obrigado!



## PREFÁCIO

**E**M 2006, MEU PRIMEIRO LIVRO foi publicado como *Anticristo: o Messias Esperado do Islã*, mas mais tarde republicado como *Anticristo Islâmico*. Na superfície, o livro era uma comparação da escatologia islâmica e bíblica (o estudo do fim dos tempos), mas em espírito, também foi minha melhor tentativa de tocar uma trombeta e soar um alarme. Estou firmemente convencido de que o Islã é o maior desafio que a Igreja enfrentará antes do retorno de Jesus, mas a maioria ainda está adormecida ou em negação. O Anticristo Islâmico foi meu sincero, e profundamente sincero, esforço para despertar a comunidade de crentes de seu sono em relação ao desafio iminente e relevância do Islã, bem como seu papel principal nos últimos dias. Além disso, o livro era um chamado à ação; imitar Jesus, abraçar a cruz e, sem receio, entregar-nos ao mundo muçulmano, a fim de talvez arrebatarmos alguns do fogo.

O *Anticristo Islâmico* estabeleceu a narrativa básica bíblica do fim dos tempos lado a lado com a visão islâmica do final dos tempos. O quadro resultante traz à luz a chocante realidade de que, como um sistema religioso, o Islã é anti-Cristo em seu âmago. As doutrinas básicas do Islã representam um ataque frontal direto contra o cristianismo, declarando que muitas das doutrinas que a Bíblia estabelece como sagradas, fundamentais e essenciais são as maiores abominações e blasfêmias imagináveis. Enquanto a fé cristã é fundada sobre a crença de que o próprio Deus se tornou um homem em

Jesus, o Islã declara em seu Alcorão que qualquer um que acredita na Encarnação comete a pior forma de blasfêmia imaginável, é amaldiçoado por Alá e sofrerá “penalidade grave” nesta vida e na próxima. Além disso, a narrativa do Islã sobre o fim dos tempos, de muitas maneiras, é simplesmente a história bíblica do fim dos tempos invertida. Embora o livro inteiro não possa ser resumido aqui, apenas alguns breves exemplos devem mostrar uma imagem suficiente.

Primeiro, as descrições bíblicas sobre a vinda de Jesus, o Messias judeu, têm muitas semelhanças notáveis com o Anticristo do Islã, a quem os muçulmanos chamam de *al-maseh al-dajjal* (o falso Messias). Em segundo lugar, o Anticristo da Bíblia tem numerosas e impressionantes similaridades com a principal figura messiânica do Islã, que os muçulmanos chamam de Mahdi. Em outras palavras, nosso Messias é seu anticristo e nosso Anticristo é seu messias. Ainda mais chocante para muitos leitores foi a revelação de que o Islã ensina que quando Jesus voltar, Ele voltará como um profeta muçulmano cuja missão primordial será abolir o cristianismo. É difícil para qualquer crente da Bíblia ler essas coisas sem se conscientizar das origens satânicas da religião islâmica.

Em 2008, também tive a oportunidade de ser coautor de outro livro sobre o mesmo assunto com Walid Shoebat, um ex-agente da Organização de Libertação da Palestina. Este livro, intitulado *God's War on Terror* [Guerra de Deus contra o Terror] é uma discussão quase enciclopédica do papel do Islã nos últimos dias, bem como uma crônica da jornada de Walid sobre um jovem muçulmano palestino que vai do profundo ódio pelos judeus a um homem cristão que passa sua vida junto ao povo judeu e proclama a verdade sobre os perigos do Islã radical.

Juntos, esses dois livros se tornaram a pedra angular do que se transformou numa revolução na escatologia popular. Hoje, recebo um fluxo constante de e-mails e relatórios de pessoas expressando o quanto esses livros os afetaram e transformaram sua compreensão do fim dos tempos. Estudantes, pastores e até acadêmicos de renome expressaram que abandonaram a noção popular de que o

Anticristo, seu império e sua religião emergirão da Europa ou um Império Romano revivido. Em vez disso, eles passaram a reconhecer o simples fato de que a Bíblia enfaticamente e repetidamente nos aponta para o Oriente Médio como a plataforma de lançamento e epicentro do império emergente do Anticristo e sua religião. Muitos testificam que, embora tenham sido estudantes da profecia bíblica por muitos anos, nunca antes nada fez tanto sentido, ou as profecias da Bíblia tornaram-se tão claras. E, o que é ainda mais importante, alguns até escreveram para compartilhar que se tornaram crentes ou entregaram suas vidas a Jesus como resultado da leitura desses livros. Aleluia!

Outros, no entanto, expressam que, embora a tese apresentada no Anticristo Islâmico e na Guerra de Deus contra o Terror faça muito sentido, ainda têm muitas perguntas sem resposta. O propósito deste livro é apresentar uma apresentação acadêmica, embora popularizada e sucinta, da teoria do Anticristo islâmico baseada nas passagens mais relevantes da Escritura. Se existe até uma chance de que o Islã seja, de fato, o assunto principal das muitas profecias anticristãs da Bíblia, a possibilidade por si só deveria ser suficiente para merecer séria consideração de tais textos relevantes.

Quero declarar desde o início que o objetivo deste livro não é debater o que muitos podem achar que é irrelevante ou mesmo trivial para o fim dos tempos. Muitos podem perguntar por que interessa se o Anticristo sairá da Europa ou do Oriente Médio, seja ele humanista ou muçulmano. O fato é que as implicações práticas dos muitos assuntos discutidos neste livro são profundas. Se, de fato, o Islã é a religião do Anticristo, o significado é devastador. Hoje, grande parte da Igreja, incluindo grandes segmentos do movimento missionário, abraça cada vez mais uma abordagem para alcançar os muçulmanos que flertam com sincretismo e absoluta heresia (refiro-me ao que ficou conhecido como “Movimento *Insider*”), é imperativo que Os seguidores de Jesus determinam exatamente onde estão as origens e a natureza do Islã. Ao nos esforçarmos para amar os muçulmanos, devemos também amar o Islã? Ou é possível

cuidar apaixonadamente dos muçulmanos, enquanto odiamos o Islã? O Islã é um sistema de fé que pode criar um relacionamento genuíno com Deus, ou é uma ideologia puramente destruidora da alma? Pode alguém ser muçulmano e seguidor de Jesus, como muitos missiólogos evangélicos afirmam? O Alá do Alcorão e o Deus da Bíblia são o mesmo? E quanto a Israel e o povo judeu? O feroz antissionismo e antisemitismo estão agora se espalhando do mundo muçulmano para a Igreja Cristã; o que os profetas disseram sobre essas coisas? Onde está um discípulo de Jesus procurando amar os muçulmanos e os judeus para se levantarem sobre esses assuntos? E sobre a “Primavera Árabe”? A Bíblia nos informa a respeito de onde essa mudança súbita e drástica no mundo muçulmano está indo? Além disso, enquanto numerosos modelos demográficos nos informam que o Islã em breve emergirá como a maior religião do mundo, muitos dentro da Igreja Cristã acreditam e ensinam que a maior parte do mundo islâmico (e Rússia) será destruída em uma série de batalhas profetizadas, resultando na religião do Islã praticamente desaparecendo da terra. Mas a Bíblia realmente ensina isso? Como respondemos a essas perguntas e o que acreditamos sobre essas coisas afetará drasticamente nossa abordagem em relação à oração, intercessão, evangelismo e missões. Essas não são perguntas que a Igreja possa se dar ao luxo de errar. Examinar cuidadosamente as Escrituras para responder a essas perguntas com precisão é absolutamente essencial. É por isso que este livro foi escrito. Embora esse estudo certamente responda a muitas perguntas sobre o fim dos tempos, está longe de trivialidades escatológicas irrelevantes ou mórbidas. À medida que a Igreja busca traçar seu caminho para o mundo em constante mudança, é essencial que ela compreenda as verdades apresentadas neste estudo.

Também peço a você que aborde este livro em espírito de oração. Escrevi o livro em espírito de oração e peço-lhe que fale com o Senhor ao lê-lo. Há poucos assuntos que são tão sérios e urgentes quanto os discutidos aqui. Ao estudarmos o assunto do fim dos tempos devemos fazê-lo em espírito de oração. Através do corpo de

Cristo, por toda a terra, muitos acreditam que esta é a geração que viverá para ver o retorno de Jesus. Então, esta geração tem um dever maior de se tornar uma comunidade de oração dedicada a amar uns aos outros? “O fim de todas as coisas está próximo; portanto, seja de bom senso e espírito sóbrio para o propósito da oração. [nota: Acima de tudo, continuem amando-se uns aos outros com sinceridade, visto que o amor cobre uma multidão de pecados”. (1 Pedro 4: 7–8).

Isso pode muito bem ser a geração que herdou tanto a oportunidade massiva quanto a imensa responsabilidade de que falou o profeta Daniel: “E os sábios brilharão como o brilho do céu; e aqueles que se tornam muitos para a justiça, como as estrelas para todo o sempre”. (Daniel 12: 3).

Daniel viu um vislumbre disso - mas muitos que estão lendo este livro podem muito bem estar entre aqueles que realmente o viverão. Eu apelo a você que aproveite esta oportunidade com tudo que você tem. A urgência da hora não exige menos.



## O FIM DOS TEMPOS SIMPLIFICADO

MUITOS CRISTÃOS acreditam que o tema do fim dos tempos é uma montanha intransponível, alta demais e complicada de escalar. Como resultado, muitos simplesmente confiam suas crenças sobre o fim dos tempos a seus pastores ou vários “especialistas em profecia”. Certamente o Senhor deu alguns para atuar como mestres dentro do corpo de Cristo para ajudar a guiar outros crentes a uma compreensão adequada do mundo espiritual e aspectos mais complicados da Palavra de Deus, mas de modo algum isso desculpa qualquer crente da responsabilidade de pesquisar essas coisas na Bíblia por si mesmo. Uma das melhores coisas que qualquer mestre pode fazer é equipar seus alunos com as ferramentas necessárias para estudar e entender a Bíblia por conta própria. Esse é o propósito deste capítulo: equipar tanto o aluno quanto o professor experiente com alguns princípios muito claros, simples e fáceis de seguir para simplificar a mensagem da Bíblia sobre o fim dos tempos e torná-los disponíveis para todos. A falsa crença de que o tema do fim dos tempos está além da capacidade do cristão comum de entender deve ser destruído. Depois de compreender os princípios explicados neste capítulo, muitos que uma vez se sentiram intimidados pelo tema

do fim dos tempos estarão confiantes de que a escatologia não é um assunto além de sua capacidade de compreensão. Os sete princípios a seguir representam a abordagem para o entendimento da profecia bíblica que tomaremos ao longo do restante deste livro.

#### **REGRA 1 : AS PRIMEIRAS COISAS PRIMEIRO**

Pouco depois de me formar no ensino médio, pouco depois de me tornar crente, trabalhei como construtor por um ano. Para construir uma casa é preciso começar estabelecendo uma base adequada e sólida. Como e onde o quê começa sempre afeta o resultado final. Isso é verdade se estamos lidando com uma casa ou teologia. Uma fundação ruim ou fraca fará com que o resultado final seja instável, defeituoso ou potencialmente perigoso. Na construção de casas, se alguém começasse construindo o telhado e depois trabalhasse na fundação, ele acabaria com sérios problemas. No entanto, é precisamente isso que alguns realmente fazem quando tentam construir uma sólida escatologia bíblica; eles decidem que querem entender o que a Bíblia diz sobre o fim dos tempos e então eles se voltam para o livro do Apocalipse, o último livro da Bíblia! Agora, por favor, não me entenda mal; o livro do Apocalipse é crucial para entender quando se estuda o plano de Deus para as eras. Mas não é onde começamos. A revelação se baseia em uma riqueza de conhecimentos proféticos previamente revelados, encontrados em numerosas passagens em todo o Antigo e Novo Testamento. Talvez mais do que qualquer outro livro no Novo Testamento, o Apocalipse é repleto de citações diretas, alusões e ecos ainda mais sutis de dezenas e dezenas de passagens bíblicas.

Imagine ir a uma sinfonia. Durante a performance você ouve instrumentos de corda, bateria, instrumentos de sopro, mas não é até o *grand finale* que todos esses instrumentos chegam a um incrível *crescendo*. Isto é o que o Apocalipse é; é o grande *crescendo* profético-sinfônico composto de muitas outras profecias encontradas em toda a Bíblia. Mas, por mais bonitos que possam ser os

grandes *crescendos*, eles vêm por último por uma razão. Antes que possamos esperar entender o que a Revelação (o Apocalipse) está tentando nos dizer, precisamos primeiro entender o que as passagens, sobre as quais o Apocalipse é construído, estão dizendo. A Bíblia é uma história em desdobramento. E, se procurarmos entender adequadamente a história que a Bíblia está contando devemos começar no início do livro, abordando a história tal como foi escrita à medida que se desdobra e se expande. Isso tudo é apenas um simples senso comum.

Assim, a primeira regra a seguir quando desejamos entender o que a Bíblia diz sobre o fim dos tempos é: comece com o que vem primeiro. Começamos com a fundação - o começo. Não pode ser mais simples que isso

Em termos de estudo da Bíblia, isso significa que começamos com a Torá, os primeiros cinco livros de Moisés, e avançamos a partir daí.

## REGRA 2: SIMPLICIDADE

Além de ser o último livro da Bíblia, há outras razões para não começar com o livro do Apocalipse. A revelação é talvez o livro mais simbólico e apocalíptico de toda a Bíblia. Quando começamos a tentar entender o que a Bíblia diz sobre o fim dos tempos, não começamos com as passagens mais alegóricas. Nem começamos com passagens complicadas, difíceis de interpretar ou confusas. Em vez disso, devemos começar com o que é literal, direto e fácil de entender. Portanto, não só não começamos com o Apocalipse; nós também não começamos com Daniel ou Ezequiel. Enquanto ambos os livros chegam muito antes do Apocalipse, eles também são muito figurativos, cheios de sonhos, visões e muito simbolismo. Assim, enquanto Daniel e Ezequiel são essenciais para entender se devemos apreender com precisão a mensagem da Bíblia sobre o fim dos tempos, como o Apocalipse, estes não são os livros com os quais devemos começar. Existem numerosas outras passagens

essenciais que devem ser examinadas primeiro. Não só eles são mais velhos que Daniel e Ezequiel, como também são mais claros e fáceis de entender.

Portanto, nossa segunda regra é que devemos começar com aquilo que contém a menor medida de elementos confusos, questionáveis, discutíveis ou difíceis de entender.

### **REGRA 3: CONSTRUIR A DOCTRINA NO CONSELHO COMPLETO DA ESCRITURA**

Muitos anos atrás, quando me tornei crente, morava ao sul de Boston. Eu tinha dezenove anos e, compreensivelmente, por causa da minha conversão e mudança radical de vida, a maioria dos meus amigos não queria mais passar tempo comigo. Como se durante a noite eu tivesse me tornado um cristão extremamente vocal e evangelístico. Como tal, passei muitos sábados andando por Boston, procurando ouvintes dispostos com quem eu pudesse compartilhar minha fé. Naqueles dias, um dos maiores grupos semicúlticos de Boston era a Igreja de Cristo de Boston, às vezes chamada de “*Boston Movement*”, fundada por Thomas “Kip” McKean. Eu costumava encontrar discípulos desse grupo com bastante frequência. Uma das crenças distintivas deste grupo é que é o verdadeiro ato de batismo que salva uma pessoa. De acordo com eles, sem o batismo por imersão em água, ninguém pode ser salvo. Para estabelecer este ponto, eles sempre se voltam para Atos 2:38, onde se lê: “Pedro então lhes disse: ‘Arrepende-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos pecados’”. Sendo um novo crente zeloso e também um bereano, comecei a examinar a Bíblia para ver o que ela dizia sobre os meios pelos quais somos salvos. Eu encontrei setenta e dois versículos, do Gênesis ao Apocalipse, que afirmam claramente que é nossa fé em Jesus e o que Ele realizou por nós na cruz que nos salva. O que eu encontrei revelou que quando cremos com o coração sincero e arrependido somos realmente batizados e selados pelo Espírito Santo. Atos 1:5 diz: “Porque João

verdadeiramente batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muitos dias a partir de agora”. Efésios 1: 13–14 também declara: “Também nele confiaste, depois de terdes ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; em quem também, tendo acreditado, fostes selado com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia de nossa herança até a redenção da possessão adquirida, para o louvor de sua glória”.

A promessa, é claro, é a conclusão futura da nossa salvação quando nossos corpos forem ressuscitados e glorificados. O batismo na água é apenas um sinal externo da realidade interna que já ocorreu quando cremos e fomos batizados pelo Espírito Santo. Então, deixe-me perguntar: à luz dos setenta e dois versículos, por um lado, que dizem que somos salvos pela fé, e um verso, por outro lado, que é usado para afirmar que é o ato do batismo que nos salva, escrituralmente falando, qual posição é construída sobre uma base mais sólida? Obviamente, o peso das Escrituras nos diz que é a fé que nos salva, e o batismo nas águas é o primeiro ato essencial de obediência depois que chegamos à fé.

O ponto em contar essa história é lembrar-nos de não desenvolver teorias, posições ou doutrinas baseadas em passagens selecionadas, limitadas ou isoladas, ignorando a riqueza de outras passagens que falam de qualquer questão em particular. Seja qual for a posição a que chegamos, ela deve estar de acordo com o conselho completo da Escritura. Nossa posição deve ser capaz de reunir todas as numerosas e relevantes passagens por toda a Bíblia, revelando uma história consistente. É perigoso e irresponsável basear qualquer doutrina ou ideia em uma ou mesmo em algumas passagens isoladas. Mas quando vemos um tema que é repetido inúmeras vezes em toda a Bíblia, muitas vezes, sabemos que estamos construindo uma base de consistência. Então a terceira regra é construir sobre temas que são repetidos e consistentes. Edifique a doutrina sobre o conselho completo das Escrituras.

**REGRA 4: LEMBRE-SE: CONTEXTO, CONTEXTO, CONTEXTO**

Pergunte a qualquer corretor de imóveis qual é a chave para a venda, e ele dirá: “Localização, localização, localização”. Da mesma forma, qualquer pessoa que tenha passado três dias na escola bíblica ou no seminário dirá que a regra principal para interpretar a Escritura é: contexto, contexto e contexto. Talvez um dos erros mais fáceis de se cometer ao tentar entender a profecia da Bíblia seja deixar de levar em consideração o contexto mais amplo da Palavra. Os americanos, em particular, são infames por serem egocêntricos em relação à nossa visão do mundo e, como tal, somos nós que provavelmente cometeremos esse erro comum. Devido ao relativo isolamento geográfico da América, bem como ao nosso papel exaltado na Terra na história recente, podemos até ter alguma razão legítima para nossa falta de consciência do mundo ao nosso redor. Mas, ao tentar interpretar e compreender a profecia bíblica, essa atitude auto-focalizada é altamente prejudicial. Deixe-me explicar:

Hoje a Igreja nos Estados Unidos e o Ocidente em geral estão lidando com várias questões como o relativismo moral e cultural, o humanismo secular, o darwinismo, o pluralismo religioso e o ateísmo intelectual. A lista poderia continuar e continuar. Todas essas ideias anticristãs e visões de mundo parecem estar aumentando sua influência na cultura e na sociedade ocidentais. Assim, a Igreja Ocidental vive em uma atmosfera em que os programas de televisão, filmes e mídia aos quais estamos expostos continuamente nos enviam mensagens que entram em conflito com uma cosmovisão bíblica. Da mesma forma, se nossos filhos frequentam a escola pública ou uma universidade secular, os professores e alunos defendem agressivamente uma ou todas essas visões de mundo anticristãs. O resultado é que os crentes ocidentais tendem a imaginar que o mesmo espírito da época com que estamos lidando aqui também está sendo enfrentado em todas as outras partes do mundo. Ao discernir corretamente os poderes demoníacos por trás de muitas dessas ideias que diariamente atacam nossas famílias e nossa fé muitos supõem que esse espírito prevaiente é de fato o espírito principal

do Anticristo. Muitos imaginam o Anticristo como líder de uma religião mundial global que acolhe a todos, exceto os cristãos verdadeiros, é claro. Como a cultura ocidental é o único mundo que a maioria dos ocidentais conhece, quando nos voltamos para a Bíblia e lemos as passagens proféticas do fim dos tempos muitos cometem o erro de ler sua própria cosmovisão e experiências pessoais em suas páginas. O problema com isso, é claro, é que a Bíblia é e sempre foi um livro completamente centrado em Jerusalém, Israel e Oriente Médio. Como veremos, a profecia bíblica conta uma história muito centrada em Jerusalém. Jerusalém é a cidade em torno da qual gira toda a história do retorno de Jesus. Essa é a cidade da qual Jesus literalmente governará a terra após o seu retorno. Esse fato não deve ser esquecido.

Então, se alguém está vivendo em Jerusalém hoje, enquanto as ideias que inundam a sociedade ocidental estão presentes, o principal espírito demoníaco que está ameaçando destruir os judeus e cristãos, o povo de Deus, não é o pluralismo religioso ou o ateísmo intelectual; é o islamismo. Nos Estados Unidos, o espírito do Islã é menos significativo; Assim, é mais fácil para os americanos demorarem a entender esse ponto. Mas quando olhamos para Israel, o epicentro do contexto geográfico da Bíblia, é fácil ver que o espírito que domina toda a região não é universalismo ou religião da nova era, mas o islamismo. Estendendo-se por várias centenas de milhares de quilômetros ao redor de Jerusalém, o islamismo controla o Oriente Médio, o norte da África, a Ásia Menor e a Ásia Central. Israel fica no centro desse oceano de ódio.

Assim, ao nos aproximarmos da Bíblia para entender o que está dizendo em relação ao fim dos tempos, a quarta regra é que devemos levar em consideração seu contexto apropriado. Devemos ser cautelosos para não ler uma cosmovisão ocidental - um contexto estrangeiro - nas páginas deste livro oriental chamado Bíblia. Nunca devemos esquecer seu contexto centrado no Oriente Médio / Israel. A Bíblia não foi escrita principalmente para americanos ou ocidentais. A Bíblia é um livro judaico com ênfase no Oriente Médio e visão de mundo.

**REGRA 5: NÃO LER A LITERATURA PROFÉTICA COMO SE FOSSE UM MANUAL TÉCNICO**

Esta regra se baseia na regra anterior. Diz-se que os ocidentais devem reconhecer que a maioria das profecias da Bíblia são escritas como poesia profética hebraica antiga ou literatura apocalíptica. Os estudantes ocidentais da Bíblia devem se familiarizar com as características desses tipos de literatura e os muitos recursos literários que utilizam. Isso inclui coisas como expressões idiomáticas hebraicas, hipérbole e o duplo cumprimento de tantas passagens proféticas. Como muitas das raízes culturais e intelectuais do Ocidente são encontradas no Iluminismo, temos maneiras particulares de pensar, raciocinar e ver as coisas que muitas vezes estão em conflito com a maneira pela qual a Bíblia é escrita.

Certa vez eu falei em uma conferência e expliquei que ler a Bíblia literalmente às vezes significa que não tomamos as coisas de uma forma hiper-literal. Às vezes, ler poesia de uma forma hiper-literal ou tecnicamente literal pode levar a todo tipo de problemas e interpretações erradas. Com certeza, depois que eu falei, um homem um tanto conflituoso me encontrou na frente da igreja. “Eu leio a Bíblia literalmente, ponto final”, ele disse, inferindo, é claro, que eu estava encorajando um método interpretativo não literal ou um pouco liberal. Sentindo-me um pouco briguento, abri minha Bíblia em Isaías 60, uma passagem que fala das bênçãos que virão ao povo judeu durante o reino messiânico. “Então você pega a Bíblia literalmente, não importa o quê?” Perguntei enquanto lhe entregava minha Bíblia, apontei para o versículo 16 e pedi a ele para ler em voz alta: “Beberás o leite dos gentios, e ordenharás o peito de reis; você saberá que eu, o Senhor, sou seu Salvador e seu Redentor, o Poderoso de Jacó”.

Não querendo admitir que ler este verso literalmente teria algumas implicações bastante embaraçosas, ele disse que ele precisaria estudar “este” um pouco mais. Mas acredito que ele entendeu meu ponto. Eu mantenho um método interpretativo literal, mas eu leio poesia profética como poesia profética, narrativa histórica como

narrativa histórica, provérbios como provérbios etc. Todas essas coisas falam de realidades muito literais, mas elas representam diferentes tipos de literatura e usam variadas expressões para transmitir essas realidades, cada uma com suas próprias regras e características. Então, quando estamos lendo literatura apocalíptica hebraica ou poesia profética não lemos esse material como se estivéssemos lendo um manual do proprietário para uma Toyota Tundra. Para uma exploração mais aprofundada dessa questão, recomendo vivamente um livro muito simples, escrito por Gordon D. Fee e Douglas Stuart, em *How to Read the Bible for All Its Worth* [Como Ler a Bíblia Por Todo o Seu Valor].

**REGRA 6: RECONHECER A ÊNFASE SUPERIOR,  
A GRANDE HISTÓRIA DA PROFECIA BÍBLICA**

Entender a natureza geral da profecia bíblica não é tão difícil quanto muitos intérpretes ocidentais às vezes fizeram. Embora quase todas as profecias tenham aplicação histórica no futuro imediato ou futuro próximo dos profetas, o peso final de toda a profecia bíblica é a vinda do Messias, o Dia do Senhor (o julgamento de Deus sobre a terra) e o reino messiânico que segue. Embora cada um dos profetas falasse mais frequentemente, seja nas circunstâncias de sua época ou nos eventos de um futuro próximo, o principal ônus de toda a Bíblia, de todo profeta e apóstolo é a vinda de Jesus e o estabelecimento de Seu Reino, dominar a terra. Como tal, pode-se dizer com razão que a profecia bíblica é em primeiro lugar centrada no Messias. Em última análise, é sobre Jesus. Naturalmente ao destacar a centralização no Messias da Escritura é preciso reconhecer tanto a primeira como a segunda vinda de Jesus. Cristãos modernos na maioria das vezes dão maior importância às profecias que apontam para a primeira vinda de Jesus e menor importância às profecias que falam de Sua segunda vinda. O fato é, no entanto, que a ênfase primária das Escrituras é a segunda vinda. Muito mais profecias abordam a segunda vinda do que a primeira. Então, as três ênfases primárias da profecia bíblica são:

- o contexto histórico imediato da era dos profetas;
- a primeira vinda de Jesus;
- a segunda vinda de Jesus / o dia do Senhor.

Mas eis o problema: uma das características do pensamento ocidental é que gostamos de organizar e classificar as coisas em categorias óbvias. Os ocidentais gostam de sistematizar tudo, inclusive nossa teologia. Podemos até tentar dissecar a Palavra viva de Deus como se fosse um sapo em um laboratório de ciências do ensino médio. Assim, ao tentar interpretar a Bíblia muitas vezes tentamos definir cada versículo ou passagem como se estivesse falando do cumprimento histórico ou do futuro como se fosse um ou outro. Mas precisamos entender que a Bíblia é um livro oriental e não foi escrito com uma mentalidade ocidental. E assim, quase como que para enlouquecer os ocidentais, frequentemente encontramos nas Escrituras uma mistura do histórico e do futuro em uma única passagem. Considere, por exemplo, a seguinte passagem clássica:

*Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto. (Isaías 9:6-7)*

Esta passagem fala como se o propósito primordial desta Criança, este Filho, fosse justificar Israel sobre e contra seus inimigos. Considere o que a Criança traz: os limites de Israel serão expandidos; o jugo que sobrecarrega o povo judeu será destruído; as botas e o sangue dos guerreiros serão coisas do passado. Esta criança trará a paz eterna. No entanto, a Criança chegou, mas o

restante da profecia ainda não foi cumprido. Israel ainda é oprimido. Guerras continuam. Dentro dessa passagem há uma pausa ou intervalo de dois mil anos. No entanto, uma leitura do valor superficial dessa passagem não dá uma indicação real disso. Em uma passagem perfeita, temos tanto o histórico (a Criança nasceu) quanto o cumprimento futuro (Ele governará, quebrará a vara da opressão e trará paz eterna). Tanto quanto nós no Ocidente gostamos de abordar uma passagem e dividi-la em categorias claras de histórico ou futuro, muitas vezes ambos os elementos estão interligados. Às vezes, uma passagem pode ser parcialmente histórica com sombras de profecias futuristas. Outras vezes, um profeta pode estar falando quase inteiramente do futuro com apenas um leve tom de ênfase histórica. Ainda outras vezes, uma passagem pode ser inteiramente futurista ou histórica. Como então devemos entender tais passagens? A resposta está em entender a grande história que todos os profetas estavam contando e identificando os temas comumente repetidos que compõem essa grande história. Deixe-me explicar:

Muita gente já ouviu o ditado “Não se perca na floresta pelas árvores”. O objetivo do ditado é alertar contra o fato de ficar tão envolvido em muitas complexidades ou detalhes (árvores) de qualquer assunto que você perca o quadro maior (floresta). Talvez em nenhum outro lugar este aviso seja mais apropriado do que no que diz respeito ao estudo da profecia bíblica. Ao estudar as muitas passagens bíblicas do fim dos tempos, é muito fácil ficar tão absorto em uma passagem específica que a história maior é perdida. Eu observei alunos e professores cometerem esse erro dezenas e dezenas de vezes. Mas esse erro é fácil de evitar. Antes de se apressar com qualquer passagem, devemos primeiro compreender solidamente a maior e mais abrangente história que está sendo transmitida ao longo das muitas profecias da Bíblia. Felizmente, isso não é difícil. A coisa maravilhosa sobre a Bíblia é que ela conta a mesma história repetidas vezes de várias maneiras. Sempre que um tema é importante, ele será repetido várias vezes ao longo da Bíblia. Quando algo é importante do ponto de vista profético, a Bíblia tornará esse ponto abundantemente claro, reiterando-o

dezenas de vezes em várias passagens. É através da anotação dos temas comumente repetidos que alguém é capaz de compreender o quadro completo da profecia bíblica.

Repetindo o que foi dito anteriormente, enquanto todo profeta estava falando para as circunstâncias imediatas de seus dias ou do futuro próximo, o peso final de toda a profecia bíblica é a vinda do Messias, o Dia do Senhor, e o reino messiânico a seguir. A vinda de Jesus e o estabelecimento de Seu Reino é a grande história que todos os profetas estavam contando. Esta é a ênfase de toda a Bíblia. No próximo capítulo, examinaremos brevemente algumas das mais importantes passagens proféticas sobre o Dia do Senhor e o retorno de Jesus. Para o propósito deste estudo, consideraremos as nações específicas contra as quais Jesus executa o julgamento quando Ele retornar. O que veremos é que, repetidas vezes, a mesma história geral está sendo contada. Embora numerosos subtemas pudessem ser destacados para ampliar esse quadro básico, os quatro principais temas que surgirão são claros:

- Nos últimos dias, o Anticristo, seu império e seus exércitos surgirão do que hoje são as nações de maioria muçulmana do Oriente Médio e Norte da África.
- Essas nações formarão uma coalizão, união ou aliança e invadirão a nação de Israel. Haverá uma severa perseguição de judeus e cristãos, que será uma pandemia global.
- Depois de uma breve, mas extremamente terrível, temporada de vitória do Anticristo e seus exércitos Jesus retornará do céu para libertar o povo judeu sobrevivente, muitos dos quais terão sido capturados pelos invasores conquistadores.
- Os justos mortos despertarão e, junto com os santos vivos serão “arreatados” nos ares, onde receberão instantaneamente a vida eterna em seus corpos glorificados de ressurreição.

- Jesus destruirá o Anticristo e seus exércitos e estabelecerá seu reino messiânico sobre a terra em Jerusalém.

Embora existam certamente numerosos outros detalhes que poderíamos desenvolver, como veremos, são esses quatro temas maiores que são repetidos com maior frequência nos Profetas. Ao tentar entender os profetas bíblicos, é através da compreensão da grande história a respeito do próximo Dia do Senhor e do reino que muitas das antigas passagens confusas através dos Profetas de repente farão sentido. Enquanto todos falavam dos acontecimentos do seu dia ou do futuro próximo, todos eles estão, em última análise, contando a mesma grande história e apontando para o mesmo glorioso futuro.

**REGRA 7:** ENTENDA QUE QUANDO DEUS TODO-PODEROSO É PINTADO COMO ESTANDO FISICAMENTE PRESENTE NA TERRA, É O FILHO DE DEUS (JESUS)

Esta regra final é mais uma observação, mas é essencial saber se devemos compreender corretamente numerosas passagens dos Profetas que falam do retorno do Messias e do Dia do Senhor: quando Deus é retratado fisicamente na Terra geralmente é uma aparência histórica, pré-encarnada de Deus, o Filho, ou um retrato profético de Jesus, o Messias no tempo de Seu retorno. Muitos cristãos perdem esse fato porque estão confusos em relação à natureza da Trindade. Muitas vezes, quando o indivíduo descrito é referenciado como Deus, ou com o nome sagrado *Yahweh*, mais frequentemente traduzido como “Senhor”, muitos simplesmente assumem que esse é o Deus Pai. Mas em toda a Bíblia Deus o Pai não desce à terra até o fim (Apocalipse 21-22).

Deus apareceu para homens e mulheres em vários momentos. Considere apenas alguns exemplos:

*E ela chamou o nome do Senhor, que com ela falava:  
Tu és Deus que me vê; porque disse: Não olhei eu  
também para aquele que me vê?” (Gênesis 16:13)*

*E chamou Jacó o nome daquele lugar Peniel, porque dizia: Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva.” (Gênesis 32:30)*

Mas apesar dessas e outras aparições de Deus em todo o Antigo Testamento, o apóstolo João deixou claro que ninguém jamais viu a Deus o Pai, exceto a Deus Filho:

*“Ninguém viu Deus a qualquer momento. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, o declarou.” (João 1:18)*

*“Todo aquele que ouviu e aprendeu do Pai vem a mim. Não que alguém tenha visto o Pai, exceto aquele que é de Deus; Ele viu o Pai.” (João 6:45-46)*

O apóstolo Paulo também deixou claro que Deus, o Pai, nunca foi visto:

*Mando-te diante de Deus, que todas as coisas vivifica, e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão, Que guardes este mandamento sem mácula e repreensão, até à aparição de nosso Senhor Jesus Cristo; A qual a seu tempo mostrará o bem-aventurado, e único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores; Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver, ao qual seja honra e poder sempiterno. Amém. (1 Timóteo 6:13-16)*

Contudo, em todos os profetas existem numerosas passagens que falam de Deus estar presente na Terra. Embora várias passagens possam ser citadas, considere a seguinte:

*Então subiram Moisés, também Arão, Nadabe e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel, e viram o Deus de Israel. E havia debaixo de seus pés, como se fosse uma obra pavimentada de pedra de safira, e era como os próprios céus em sua claridade. Mas sobre os nobres dos filhos de Israel não pôs a mão. Então eles viram a Deus, e eles comeram e beberam.*  
(Êxodo 24: 9-11)

Enquanto numerosos indivíduos e grupos de pessoas viram Deus historicamente por toda a Bíblia, todas essas passagens devem ser entendidas como aparições pré-encarnadas de Deus, o Filho. Assim também quando vemos Deus fisicamente presente no contexto de futuras profecias devemos entender essas referências a “Deus” ou “Senhor” como referências a Jesus após Seu retorno. Considere, por exemplo, a passagem em Zacarias:

*Porque ajuntarei todas as nações para pelejar contra Jerusalém; a cidade será tomada, as casas fuziladas e as mulheres violadas. Metade da cidade irá para o cativo, mas o remanescente do povo não será cortado da cidade. Então o Senhor sairá e lutará contra aquelas nações, como Ele luta no dia da batalha. E naquele dia Seus pés estarão no Monte das Oliveiras.*  
(Zacarias 14: 2-4)

Aqui *Yahweh*, o Senhor, é visto fisicamente na montanha. Ele é descrito como lutando contra os exércitos das nações gentias. Essa é claramente uma profecia messiânica a respeito do dia em que Jesus, o Messias, permanecerá no Monte das Oliveiras enquanto executa o julgamento contra aquelas nações que vêm contra Jerusalém.

## RESUMO

Concluindo, vamos resumir as regras de interpretação que discutimos neste capítulo. Ao seguir e aplicar essas regras simples qualquer um pode achar a profecia bíblica muito mais acessível e fácil de entender:

- **REGRA 1** : Comece com o que vem primeiro, não o que vem por último.
- **REGRA 2** : Comece com o que é claro, direto e fácil de entender, não com o que é altamente simbólico, alegórico ou difícil de interpretar.
- **REGRA 3** : Construa sobre temas que sejam consistentes e ocorram repetidamente ao longo das Escrituras.
- **REGRA 4** : Lembre-se sempre: contexto, contexto de contexto.
- **REGRA 5** : Não se aproxime da Bíblia como se fosse um manual técnico, mas tenha em mente sua natureza oriental.
- **REGRA 6** : Reconheça a ênfase final da profecia bíblica; isto é, conheça a “grande história”.
- **REGRA 7** : Reconhecer que quando Deus Todo-Poderoso é retratado como estando fisicamente presente na terra, este é Deus Filho, seja historicamente como o Filho pré-encarnado de Deus ou como Jesus no tempo de Seu retorno.

## INTRODUÇÃO À TEORIA DO ANTICRISTO ISLÂMICO

**A**O COMEÇARMOS NOSSO ESTUDO nosso propósito será examinar brevemente algumas das mais importantes passagens proféticas sobre o Dia do Senhor e o retorno de Cristo. O estudo certamente não é abrangente. Nosso foco serão as nações específicas enfatizadas como reservadas para o julgamento do Dia do Senhor. O que veremos é a mesma história geral repetida muitas vezes.

### **GÊNESIS 3: ELE QUE IRÁ ESMAGAR A CABEÇA DA SERPENTE**

Nosso estudo deve começar no terceiro capítulo do Gênesis, muitas vezes referido como o “protoevangelho” pelos teólogos, porque neste primeiro livro da Bíblia, embora em forma de semente, somos apresentados às maravilhosas notícias da esperança messiânica.

Todos conhecemos a história: no começo havia uma palavra para descrever a natureza da criação de Deus: boa. Adão e Eva estavam no jardim e as coisas eram ideais em todos os sentidos. Deus e o homem estavam em perfeita comunhão, morando juntos no paraíso. Mas através de suas próprias escolhas pecaminosas, de acordo com a tentação de Satanás, Adão e Eva se rebelaram contra os

mandamentos de Deus, e a humanidade caiu no estado de ruptura no qual todos nos encontramos agora. Estamos vivendo longe do paraíso, longe da comunhão ininterrupta com Deus, tudo caindo para o dia em que nossos corpos morrem e decaem. Mas esse estado atual não é como as coisas deveriam ser. Nem permanecerá assim. Depois que o plano de redenção de Deus estiver completo, o pecado e a morte serão coisas do passado. Pelo “plano redentor de Deus” estamos simplesmente nos referindo à história de Deus que traz a humanidade de volta à vida eterna, de volta ao Jardim, de volta ao paraíso e de volta ao lugar de comunhão ininterrupta e comunhão com Ele mesmo. É a restauração e redenção de toda a criação, precisamente o que o apóstolo Pedro quis dizer quando falou dos “tempos de restauração de todas as coisas, que Deus falou pela boca de todos os Seus santos profetas desde o princípio do mundo” (Atos 3:21). Esta é a “grande história” de toda a Bíblia.

E assim, aqui, no meio da história de Adão e Eva e de Satanás, a serpente, em um simples verso, Deus deu uma visão geral da totalidade da história redentora: “Eu porei inimizade entre você e a mulher, e entre seus descendentes e sua descendência; este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gênesis 3:15).

Eva, a mãe de toda a humanidade, pecou e Deus declarou que daquele dia em diante haveria hostilidade entre ela e Satanás. Além disso, a “semente” de Satanás, ou seguidores, estaria em inimizade com a descendência de Eva, aqueles que não são seguidores de Satanás. Mas ainda mais importante, a semente de Satanás estaria em guerra com a “Semente”, que é o Messias e Seus seguidores. De acordo com essa antiga profecia, a história seria a história do povo de Satanás em conflito com o povo de Deus.

Então vem a gloriosa promessa de que, embora Satanás simplesmente feriria o calcanhar do Messias, no final, o Messias esmagaria o crânio de Satanás, assim como seus seguidores. Desde o início da longa história da espécie humana, Deus declarou que a “Semente” de Eva, o Messias, corrigiria todos os danos causados naquele dia muito triste e sombrio no Jardim. Em um único verso, em uma

breve declaração, temos uma sinopse da história redentora. É apropriado, então, que os estudiosos James E. Smith e Walter C. Kaiser Jr. se referem a este verso como “Profecia-mãe”.<sup>1</sup> É essa profecia que dá origem a todas as outras promessas proféticas nas Escrituras referentes ao Messias. Para o restante deste capítulo examinaremos vários de seus filhos proféticos. Como veremos, enquanto cada passagem fornece detalhes novos ou adicionais, todas são expansões da mesma história original.

**NÚMEROS 24: UM GOVERNANTE DE ISRAEL QUE ESMAGA MOABE, EDOM E OS FILHOS DO LESTE**

Ainda dentro da Torá, encontramos uma das primeiras e mais diretas profecias messiânicas da Bíblia. Esta é a história do rei Balaque e do profeta Balaão. Balaque foi o rei de Moabe e Balaão foi um profeta. À medida que a cena se desenrola, Balaque e Balaão estão em um mirante, olhando para baixo sobre Israel - isto é, os hebreus - enquanto acampam em um vasto vale abaixo. O êxodo do Egito acaba de ocorrer e os hebreus estão entrando na terra prometida. Balaque, no entanto, está chateado com o fato de que um grupo tão vasto de pessoas está invadindo as fronteiras de seu reino, então ele pagou a Balaão para pronunciar uma maldição sobre o povo hebreu. Mas em vez disso, como ambos estão lá juntos, Balaão começa a profetizar sob a inspiração do Espírito Santo de Deus. Olhando para o acampamento israelita, isso é o que ele diz:

*E agora, eis que eu vou para o meu povo. Venha, eu vou lhe mostrar o que este povo vai fazer com o seu povo nos últimos dias... eu o vejo, mas não agora; Eu o vejo, mas não perto: uma estrela sairá de Jacó, e um cetro se levantará de Israel; Esmagará a frente de Moabe e derribará todos os filhos de Sete. Edom será despossado; Seir também, seus inimigos, serão despossados. Israel está fazendo valentemente. E um de Jacó exercitará o domínio e destruirá os*

*sobreviventes das cidades!” Então ele olhou para Amaleque e tomou seu discurso e disse: “Amaleque foi o primeiro entre as nações, mas o seu fim é total destruição. (Números 24:14 , 17-20)*

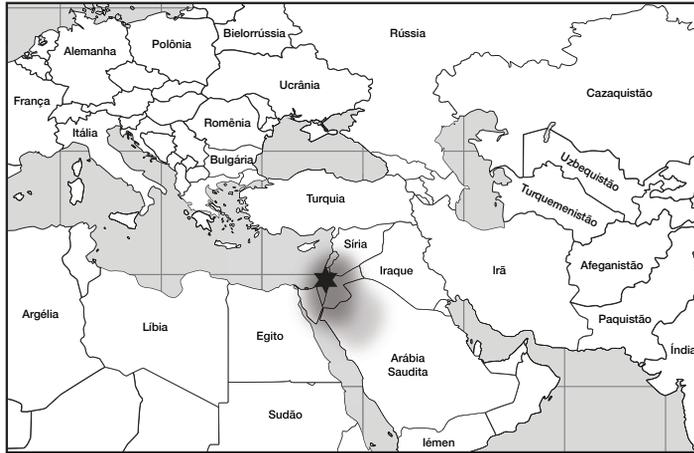
A profecia declara o que os hebreus farão aos moabitas nos “últimos dias”. Essa frase em hebraico é *achary yawm*, que significa literalmente “os últimos dias”. Embora essa frase às vezes possa, em um sentido limitado, se referir ao futuro distante, é mais plenamente realizado no final desta era, o tempo do Messias. Então Balaão declara que no fim dos tempos, um governante surgiria de fora de Israel. Desde muito cedo, os intérpretes judeus entenderam que essa passagem era uma profecia relativa ao Messias. O falso messias do primeiro século *Simão ben Kokhba* na verdade mudou seu nome para *Simão bar Kokhba* (Simão, filho da estrela) em uma tentativa transparente de se apresentar como o cumprimento desta profecia. De acordo com o comentário de Jamieson, Fausset e Brown, aqui está um “eminente governante - principalmente David; mas secundariamente e preeminentemente, o Messias.”<sup>2</sup> É certo que esta passagem não encontrou seu cumprimento final com o Rei Davi, já que, após sua morte, o profeta Jeremias repetiu a profecia de Balaão, e ainda colocou seu cumprimento no futuro (Jeremias 48–49). Foi também essa profecia, juntamente com Miquéias 5 (que especifica que o Messias nasceria em Belém), que levou os sábios do Oriente a seguir uma estrela até Belém, na esperança de encontrar o único “rei nascido dos judeus”. (Mateus 2:1–2) Esta profecia está finalmente nos apontando para Jesus, o Messias, e o trabalho que Ele realizará no tempo de Seu retorno. Mas o que a passagem diz que o Messias realizará quando Ele retornar? O que o Espírito Santo enfatizou como a principal realização do Messias naquele dia? Pegando e expandindo o tema em Gênesis 3, “Profecia-mãe”, o Messias é mais uma vez visto “esmagar” a cabeça da semente de Satanás. Desta vez, no entanto, a semente de Satanás não é tão vaga como em Gênesis 3. Aqui, o povo é muito claramente especificado. O Messias volta

a esmagar as cabeças de Moabe, Edom, Seir, os filhos de Sete e os amalequitas. Mas o que esses termos significam? A quem eles estão se referindo?

Os moabitas e os edomitas eram um povo que vivia a leste da atual Israel, onde hoje é a nação da Jordânia. Monte Seir era uma montanha proeminente dentro do território de Moabe. Assim, as referências a Moabe, Edom e Seir apontam para a mesma região geral e seu povo historicamente. Da mesma forma, os amalequitas eram um grupo de pessoas que vivia em toda a região maior a leste de Israel. Todos esses povos, ao longo da história bíblica, tiveram inimizade para com os hebreus. Mas e quanto a esse termo, os “filhos de Sete”? Estudiosos debateram seu significado. Alguns sugeriram que é uma referência ao filho de Adam, Seth, e se refere a toda a humanidade. A antiga interpretação judaica, entretanto, como encontrada no Targum de Jerusalém, a traduz como “todos os filhos do Oriente”. O *targum* babilônico de Jonathan ben Uzziel vai além e explica isso como uma referência aos “exércitos de Gogue que deveriam estabelecer eles mesmos contra Israel em ordem de batalha”.<sup>3</sup> Esse entendimento como uma referência aos filhos do Oriente é consistente com os outros termos aos quais está associado (Moabe, Edom, Seir e os amalequitas). No final, temos um agrupamento de nomes que nos apontam para os povos do deserto que viviam a leste de Israel. Mas não é apenas a geografia dos povos que está em voga aqui. Além da mera geografia é principalmente o seu profundo ódio pelo povo hebreu que os marca para o juízo final quando o Messias retorna.

Agora, a pergunta deve ser feita, no cumprimento final da profecia, para onde ou para quem essas referências nos apontam? Quando Jesus voltar, quem faz essa passagem nos diz que Ele julgará? Se tomarmos essa passagem como um valor aparente seria mais razoável e responsável interpretar essas referências como nos apontando para os habitantes modernos das terras ao leste de Israel, onde moravam os moabitas, edomitas e amalequitas? Ou é mais razoável sustentar que esta profecia está nos apontando para a Alemanha,

Itália e Inglaterra, como fazem tantos professores de profecia hoje? Não olhamos para as mesmas terras e seus povos do deserto que são os principais portadores do antigo ódio antissemita do povo judeu? A resposta aqui deve estar clara.



Números 24: Edom, Moabe e Amalequitas

**ISAÍAS 25: O SENHOR SOBERANO VAI ESMAGAR MOABE**

Muitos que leram isso participaram de um funeral, e em algum momento Apocalipse 21:4 foi lido: “[Deus] enxugará toda lágrima de seus olhos. Não haverá mais morte, luto, choro ou dor, pois a velha ordem das coisas já passou”. Mas poucos estão cientes de que o livro de Apocalipse de fato pegou emprestada essa passagem diretamente de Isaías 25. Mas na passagem de Isaías, o Senhor está fazendo mais do que apenas enxugar as lágrimas e eliminar a morte. De acordo com Isaías 25, Deus também removerá a desgraça do Seu povo Israel da terra. O que mais o Senhor fará neste momento? Vamos dar uma olhada na passagem.

*Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor DEUS as lágrimas de todos os rostos, e tirará*

*o opróbrio do seu povo de toda a terra; porque o SENHOR o disse. E naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na sua salvação gozaremos e nos alegraremos. Porque a mão do Senhor descansará neste monte; mas Moabe será trilhado de baixo dele, como se trilha a palha no monturo. E estenderá as suas mãos por entre eles, como as estende o nadador para nadar; e abaterá a sua altivez com as ciladas das suas mãos. (vv. 8-11)*

Comentando essa passagem, o antigo comentarista latino Jerônimo escreveu sobre a reação do povo de Deus: “Depois que a morte for tragada para sempre, o povo de Deus, que havia sido libertado da mão da morte, dirá ao Senhor: este é o nosso Deus, a quem os incrédulos consideravam apenas um homem”<sup>4</sup>.

Mas esta hora já chegou? Deus já engoliu a morte e enxugou todas as lágrimas? Claro que não. O contexto dessa passagem é o futuro, no retorno do Messias. Na vindoura era messiânica, aqueles que entram no reino como incrédulos viverão vidas extraordinariamente longas (Isaías 65:20), enquanto aqueles que entrarem como crentes terão passado pela primeira ressurreição e possuirão corpos imortais: “Eles viveram e reinaram com Cristo. por mil anos [...] Esta é a primeira ressurreição. Abençoado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição. Sobre estes, a segunda morte não tem poder, mas eles serão sacerdotes de Deus e de Cristo” (Apocalipse 20: 4–6).

Este é o tempo que toda a criação tem esperado e ansiado. E mais uma vez, aqui no final dos tempos, o Senhor é retratado com Sua mão de bênção e proteção repousando sobre a cabeça de Sião, seu povo, enquanto seu pé esmaga a cabeça de Moabe, seu inimigo. Nesta passagem, no entanto, o Senhor não é retratado como simplesmente esmagando seus crânios. Ele é visto com o pé na parte de trás da cabeça de seus inimigos, esmagando-os com o rosto em uma pilha de esterco.

Mais uma vez, devemos observar que não é um inimigo vago ou universal do povo de Deus especificado. Como em Números 24, é “Moabe” quem Jesus, o Messias que retornará, julgará. Enquanto alguém examina uma amostra de comentários sobre essa passagem, a maioria dos comentaristas afirma que Moabe aqui representa apenas todos os inimigos dos últimos dias de Israel de uma maneira muito geral e vaga. Mas o uso específico do termo “Moabe” não deve ser interpretado como tendo absolutamente nenhum propósito. Os intérpretes devem ser cautelosos para não adotar uma abordagem alegórica tão extrema que inspirasse termos bíblicos que se tornassem virtualmente sem sentido ou inteiramente irrelevantes. Mas enquanto essa abordagem da alegorização excessiva é irresponsável, quanto mais imprudente é ler “Moabe” e ver a Europa? No entanto, é precisamente isso que muitos mestres europeus do Anticristo querem que façamos.

Então, mais uma vez eu pergunto: de acordo com essa passagem, no momento da volta do Senhor, os primeiros destinatários de Seu julgamento serão da Europa, ou o texto mais uma vez está nos apontando para os filhos antissemitas do Oriente? Mais uma vez, o senso comum nos diz claramente que é o último.

#### **OBADIAS: JULGAMENTO DO SENHOR CONTRA A EDMOM**

Todo o tema da curta profecia de Obadias é a vitória final da “Montanha de Sião” sobre “a Montanha de Edom”. As montanhas são um motivo bíblico comumente usados para os reinos. Embora a profecia tenha um cumprimento parcial histórico significativo no antigo conflito entre os reinos de Israel e Edom, seu cumprimento final está no futuro. O Pastor Chuck Smith, da Capela do Calvário, afirma corretamente que o cumprimento final desta profecia e do julgamento de Edom ocorrerá durante “o dia do Senhor quando Deus abençoar Israel novamente, quando o libertador estiver em Sião e o Senhor reinar”.<sup>5</sup> Da mesma forma, o Dr. Tommy Ice aborda o momento do cumprimento de Obadias: “Quando a profecia de Obadias será cumprida? A passagem diz claramente que será cumprida quando ‘o dia do Senhor se aproximar de todas as nações.’

Tal evento está claramente marcado para ocorrer ao mesmo tempo em que Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós e outros indicam que as nações serão julgadas no final da tribulação, durante a campanha do Armagedom.”<sup>6</sup>

O contexto do “Dia do Senhor” também é visto no verso final da profecia, que afirma que naquele dia “o reino será do Senhor”: “Salvadores [ou, salvação] subirão ao Monte Sião para governar o Monte. Esaú e o reino serão do Senhor” (Obadias 1:21).

Outra evidência para um cumprimento final no Dia do Senhor é vista no fato de que o texto fala dos prisioneiros e cativos de Israel encontrando liberdade para “possuir” a terra de Edom:

*Mas no monte Sião haverá quem escape e será santo; e a casa de Jacó possuirá as suas posses. A casa de Jacó será um fogo, e a casa de José uma chama, e a casa de Esaú restolho; eles os queimarão e os consumiriam, e não haverá sobrevivente para a casa de Esaú, porque o Senhor falou [...] Os exilados desta hoste do povo de Israel possuirão a terra dos cananeus até a cidade de Sarepta, e os exilados de Jerusalém, que estão em Sefarad, possuirão as cidades do Neguebe. (Obadias 1: 17-20)*

Mas desde o dia de Obadias, Israel nunca “possuiu” a terra de Edom em nenhum momento da história. A única opção é reconhecer que o cumprimento final dessa profecia acontecerá no futuro, sob o reinado de Jesus, o Messias. Tendo estabelecido “Dia do Senhor” no contexto da profecia, então contra quem a profecia é dirigida? Mais uma vez, o profeta Obadias reiterou o que muitos dos outros profetas hebreus enfatizaram:

*Não irei naquele dia, declara o Senhor, destruir os sábios de Edom, e entender do monte Esaú? E os teus valentes serão consternados, ó Temã, para que todo homem do monte Esaú seja cortado por matança.*

*Por causa da violência feita a seu irmão Jacó, a vergonha cobrirá você e você será cortado para sempre [...] Pois o dia do Senhor está perto de todas as nações. Como você fez, isso será feito a você; suas ações retornarão em sua própria cabeça. (1: 8-10, 15)*

De acordo com a centricidade de toda a profecia bíblica em Israel, mais uma vez vemos o fator motivador e a base para o julgamento de Deus contra Edom, Esaú e Temã é o tratamento violento deles contra Jacó / Israel. O povo de Edom, deve-se notar, são simplesmente os descendentes de Esaú, irmão de Jacó. O uso de três nomes por Obadias - Edom, Esaú e Temã - é uma característica típica da antiga poesia profética hebraica: empregar sinédoque, sinônimos ou variantes do mesmo nome com o propósito de enfatizar. A última e mais simples mensagem da profecia é que, no contexto do Dia do Senhor, quando Ele executa julgamentos contra as nações, Edom encontrará seu julgamento final e completo.

#### **EZEQUIEL 25: JULGAMENTO CONTRA OS VIZINHOS DE ISRAEL**

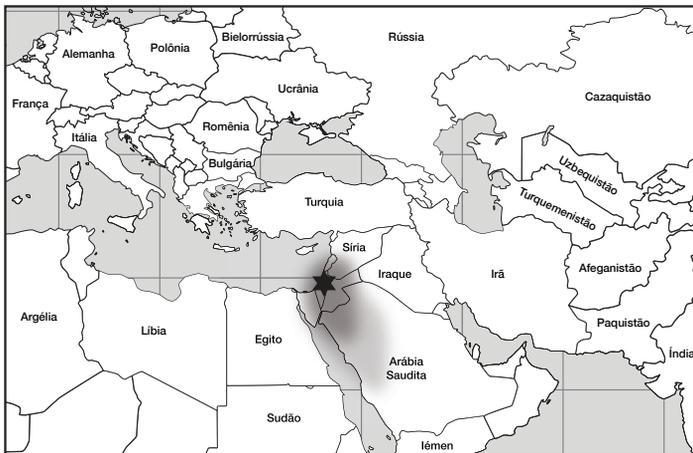
Em Ezequiel 25, temos ainda outra profecia clara do julgamento divino dirigido contra Edom:

*Portanto assim diz o Senhor DEUS: Também estenderei a minha mão sobre Edom, e arrancarei dela homens e animais; e a tornarei em deserto, e desde Temã até Dedã cairão à espada. E exercerei a minha vingança sobre Edom, pela mão do meu povo de Israel; e farão em Edom segundo a minha ira e segundo o meu furor; e conhecerão a minha vingança, diz o Senhor DEUS. Assim diz o Senhor DEUS: Porquanto os filisteus se houveram vingativamente, e executaram vingança com desprezo de coração, para destruírem com perpétua inimizade, Portanto assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu estendo a minha mão sobre*

*os filisteus, e arrancarei os quereteus, e destruirei o restante da costa do mar. E executarei sobre eles grandes vinganças, com furiosos castigos, e saberão que eu sou o Senhor, quando eu tiver exercido a minha vingança sobre eles. (25:12-17)*

Mais uma vez, qual é a razão específica pela qual Deus julgará Edom? O texto é claro. É por causa de como eles trataram “a casa de Judá”. Eles “ofenderam-se muito” e executaram vingança contra o povo escolhido de Deus. Por essa razão, Deus vingará Judá em troca de “repreensões coléricas”.

Mas o texto fala apenas da região da atual Jordânia? É muito mais que isso. De fato, incluído no julgamento de Edom está a antiga cidade de Dedã, localizada no que hoje é a Arábia Saudita e conhecida como Al-`Ula, bem como os territórios palestinos. Como a extensão do julgamento inclui Temã (na atual Jordânia) e Dedã (no centro-norte da Arábia Saudita), devemos observar que, de acordo com este texto, o julgamento de Deus é dirigido contra toda a região que se estende da Jordânia para o sul, o Mar Vermelho bem no centro-norte da Arábia Saudita



Ezequiel 25: Filisteus, Edom e Dedã

**EZEQUIEL 30: O DIA DO SENHOR CONTRA O EGITO, SUDÃO, LÍBIA, ARÁBIA, TURQUIA E NORTE DA ÁFRICA**

Como estamos começando a ver, o julgamento do Senhor contra os povos e regiões que são hoje islâmicos é um tema que se repete em inúmeras passagens das Escrituras. A seguinte profecia de Ezequiel não é exceção:

*A palavra do Senhor veio a mim: “Filho do homem, profetiza e diz: Assim diz o Senhor Deus: ‘Lamento:’ Ai do dia! ‘Porque o dia está próximo, o dia do Senhor está próximo; será um dia de nuvens, um tempo de destruição para as nações. A espada virá sobre o Egito, e haverá angústia em Cuxe, quando os mortos caírem no Egito, e suas riquezas forem levadas, e seus alicerces forem derrubados. Cuxe [Sudão], e Pute [Líbia e Norte da África], e Lude [Turquia], e toda a Arábia, e Líbia, e o povo da terra que está na liga, cairão com eles pela espada.” (Ezequiel 30:1-5)*

Embora esses eventos também tenham visto um cumprimento parcial na história, o contexto final da passagem é o Dia do Senhor e o retorno de Cristo. E aqui, como em tantas outras passagens, o Messias vem para executar o julgamento contra os inimigos do Seu povo, Israel. Incluído na lista dos que estão marcados para julgamento estão Egito, Sudão, Líbia, Turquia, Arábia e possivelmente as nações do norte da África. Mais uma vez, no contexto do Dia do Senhor e do retorno de Cristo, as nações que as Escrituras identificam como marcadas para julgamento são islâmicas.

**SOFONIAS 2: O DIA DA IRA DE DEUS CONTRA OS VIZINHOS DE ISRAEL**

Seguindo os passos de todos os profetas que vieram antes dele, Sofonias profetizou que “no dia da ira do Senhor” (2:3), Gaza, Asquelom,

Asdode, Ecom, os quereteus, Canaã e a terra dos filisteus serão totalmente arruinadas. Juntos, esses nomes nos apontam para toda a região da costa sudoeste de Israel, incluindo a atual Faixa de Gaza:

*Busque o Senhor, todos os humildes da terra, que fazem seus justos mandamentos; busque a justiça; buscar humildade; talvez você possa estar oculto no dia da ira do Senhor. Pois Gaza ficará deserta, e Ascalom se tornará em desolação; O povo de Asdode será expulso ao meio-dia e Ecom será arrancado. Ai de vós habitantes do litoral, vós nação dos quereteus! A palavra do Senhor é contra vós, ó Canaã, terra dos filisteus; e eu vou destruir você até que nenhum habitante seja deixado [...] Também tu, ó cuxitas, serás morto pela minha espada. E ele estenderá a mão contra o norte e destruirá a Assíria, e fará de Nínive uma desolação, um deserto seco como o deserto. (Sofonias 2: 3-5, 12, 13)*

Como Ralph L. Smith, no *Word Biblical Commentary [Comentário da Palavra Bíblica]*, declarou: “O julgamento contra os vizinhos de Judá é o principal motivo desta seção. Filístia a oeste, Moabe e Amon ao leste, Etiópia [na verdade o Sudão] ou o Egito ao sul, e a Assíria ao norte todos experimentarão o julgamento de Javé”.<sup>7</sup>

É imperativo notar que no meio de Seu julgamento contra os inimigos de Israel, o Senhor intervirá em nome de Judá e devolverá seus cativos. Este é mais um indicador importante de que a ênfase final desta profecia é o retorno do Messias. Que os habitantes de Israel dos dias de hoje serão aprisionados durante o reinado do Anticristo, apenas para serem libertados quando Jesus voltar, é um tema comum em passagens escatológicas. No evangelho de Lucas, Jesus adverte os habitantes de Judá, em termos claros, que chegará o tempo de fugirem para as montanhas, para não serem levados como prisioneiros:

*Mas quando você vê Jerusalém cercada por exércitos, então saiba que sua desolação está próxima. Então, quem estiver na Judéia, fuja para os montes, e os que estão dentro da cidade partam, e não entrem os que estão no país, porque são dias de vingança para cumprir tudo quanto está escrito [...] Eles cairão ao fio da espada e serão levados cativos entre todas as nações, e Jerusalém será pisoteada pelos gentios, até que o tempo dos gentios se complete.*  
(Lucas 21: 20-24)

Mas, apesar dos avisos de Jesus, está claro que muitos não vão prestar atenção e serão levados cativos. No final, Ele mesmo descerá do céu para libertar os prisioneiros dentre as nações para onde foram levados. Considere as seguintes passagens, nas quais o próprio Senhor desce do céu para libertar prisioneiros judeus das nações vizinhas:

*Portanto, assim diz o Senhor Deus: “Agora trarei os cativos de Jacó e terei misericórdia de toda a casa de Israel.”* (Ezequiel 39:25)

*Pois no monte Sião e em Jerusalém haverá libertação, como o Senhor disse, entre os remanescentes a quem o Senhor chama. Pois eis que naqueles dias e naquele tempo, quando eu trago de volta os cativos de Judá e de Jerusalém...* (Joel 2:32-3:1)

*O Espírito do Senhor Deus está sobre mim [...] Ele me enviou para consolar os quebrantados de coração, proclamar liberdade aos cativos e a abertura da prisão àqueles que estão presos; proclamar o ano do favor do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para confortar todos os que choram; conceder aos que choram em Sião [...]* (Isaías 61:1-3)

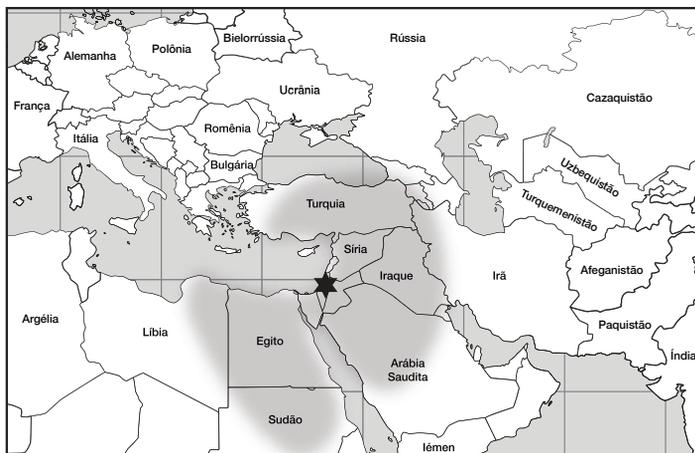
*Você surgirá e terá pena de Sião; é a hora de favorecê-la; a hora marcada chegou [...] Do céu, o Senhor*

*olhou para a terra, para ouvir os gemidos dos prisioneiros, para libertar aqueles que estavam condenados a morrer. (Salmo 102:13, 19-20)*

Como Sofonias escreveu sobre a ira do Dia do Senhor contra os inimigos de Israel em conjunto com a intervenção pessoal do Senhor e a libertação dos cativos, podemos entender o contexto final de Sofonias 2 como o retorno de Jesus. Mas além do julgamento contra Gaza e os palestinos, a profecia continua com uma advertência sobre o futuro de Moabe, Amon, a moderna República do Norte do Sudão (Cuxe), bem como Assíria e Nínive:

*Ouvi as provocações de Moabe e as insultos dos amonitas, como eles insultaram meu povo e se gabaram contra seu território. Portanto, vivo eu, diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: Moabe será como Sodoma e os amonitas, como Gomorra, terra que possui urtigas e salitre, e desperdício para sempre. O remanescente do meu povo os saqueará e os sobreviventes da minha nação os possuirão [...] Você também, ó Cuxita [Sudão], será morto pela minha espada. E ele estenderá a mão contra o norte e destruirá a Assíria [Síria, Turquia, Líbano e Iraque], e fará de Nínive uma desolação, uma terra seca como o deserto. (Sofonias 2: 8-9, 12-13)*

Já discutimos a localização de Moabe, a leste de Israel. Amon era a região imediatamente ao norte de Moabe, também na atual Jordânia e na Síria. Durante o dia de Sofonias, no século VI aC, a Assíria dominou as fronteiras da Turquia moderna, da Síria, do Líbano e do Iraque. A antiga cidade de Nínive, agora chamada Mosul, fica no norte do Iraque. E assim, mais uma vez, no contexto do Dia do Senhor e do retorno de Cristo, as nações especificadas para julgamento são todas nações de maioria muçulmana.



Sofonias 2: Assíria, Egito, Líbia, Cuxe e Moabe

**JOEL 3: O JULGAMENTO DO SENHOR CONTRA O LÍBANO E GAZA POR DIVIDIR A TERRA DE ISRAEL**

Em 2007, uma declaração publicada assinada por mais de oitenta líderes cristãos evangélicos proeminentes foi enviada ao então presidente americano George W. Bush, intitulado “Uma declaração evangélica sobre Israel / Palestina”. Em resumo, foi um apelo aos cristãos e líderes governamentais para globalmente dividir a terra de Israel para evitar terrorismo futuro:

*Como cristãos evangélicos comprometidos com a plena autoridade das Escrituras, nos sentimos compelidos a fazer uma declaração juntos neste momento histórico na vida da Terra Santa [...] No contexto do nosso apoio contínuo à segurança de Israel, acreditamos que, a menos que a situação entre Israel e a Palestina melhore rapidamente, as consequências serão devastadoras. [...] Acreditamos que o caminho a seguir é que os israelenses e palestinos negociem uma solução justa de dois estados [...] Convocamos todos os evangélicos, todos os cristãos e todos de boa*

*vontade a se unirem a nós para trabalhar e orar fielmente nos próximos meses por uma solução justa e duradoura de dois estados na Terra Santa. Apelamos a todos os governos envolvidos para que trabalhem diligentemente em direção a esse objetivo.*<sup>8</sup>

A Declaração foi assinada pelos presidentes de vários conhecidos colégios e seminários cristãos evangélicos conservadores. O que é tão perturbador nessa afirmação é que, em nome da “justiça” e da “paz”, é uma rejeição direta da posição que Jesus irá tomar claramente no tempo e no contexto de Seu retorno. Considere a seguinte parte da profecia de Joel:

*Pois eis que naqueles dias e naquele tempo, quando restaurar a sorte de Judá e de Jerusalém, reunirei todas as nações e as trarei para o vale de Jeosafá. E eu vou entrar em julgamento com eles lá, em nome do meu povo e da minha herança Israel, porque eles os espalharam entre as nações e dividiram a minha terra, e lançaram sortes para o meu povo, e trocaram um menino por uma prostituta, e vendeu uma menina por vinho e bebeu. O que és tu para mim, ó Tiro e Sidom, e todas as regiões da Filístia? Você está me pagando por algo? Se você está me pagando de volta, vou devolver o seu pagamento em sua própria cabeça rapidamente e rapidamente. (3:1-4)*

No último capítulo, especificamos alguns dos principais temas que praticamente todos os profetas reiteraram repetidamente em relação ao Dia do Senhor. Essa profecia em particular contém alguns dos temas mais comumente repetidos. Temos a coalizão multinacional do Anticristo invadindo Israel e cercando Jerusalém. Nós temos o povo de Israel sendo levado cativo para as nações. O Senhor então especifica algumas das nações envolvidas, a saber, Tiro, Sidom e Filístia. Estas são essencialmente referências ao Líbano e à Faixa de

Gaza. Então há a promessa do Senhor de vingança contra as nações que cometeram esses pecados contra o Seu povo. É difícil negar o contexto do Dia do Senhor desta passagem, bem como a precisão marcante com a qual reflete a atmosfera política de hoje na região. Em vez de Líbano e Gaza, quase poderíamos inserir o Hezbollah e o Hamas. Mas apesar do forte aviso desta passagem e dos muitos outros que temos pesquisado, um número crescente de cristãos evangélicos, incluindo líderes que reivindicam a Escritura como sua autoridade final estão se posicionando não do lado de Jesus, mas do lado das nações às quais Jesus julgará. Quando os líderes evangélicos que assinaram a Declaração sobre Israel e Palestina alegam que sua motivação é evitar mais terrorismo e visões negativas dos EUA e Israel, é claro que eles são guiados pelo espírito deste mundo e não pela Palavra de Deus. Eles são guiados pelo medo do terrorismo, não pelo temor do Senhor. Embora a seguinte declaração possa ofender alguns; os tempos em que vivemos exigem que aqueles que genuinamente desejam seguir a Jesus rejeitem a liderança de tais guias cegos.

#### **ISAÍAS 34: O SENHOR TEM SACRIFÍCIO EM BOZRA E EDMOM**

Todo o capítulo de Isaías 34 é um retrato poético de um sacrifício ritual na terra de Edom. Aqui, a ira do Senhor é executada contra pessoas muito específicas e por razões muito específicas. Vamos ver o texto:

*Pois a minha espada se embriagou nos céus; eis que desce para julgamento sobre Edom, sobre o povo que tenho dedicado à destruição. O Senhor tem uma espada; está farta de sangue; é coberta de gordura, com sangue de cordeiros e bodes, e a gordura dos rins de carneiros. Porque o Senhor tem sacrifício em Bozra, grande matança na terra de Edom [...] A sua terra beberá o seu sangue e o seu solo será empastado de gordura. Pois o Senhor tem um dia de vingança, um*

*ano de recompensa pela causa de Sião. E as correntes de Edom se converterão em piche e seu solo em enxofre; sua terra se tornará um campo ardente. (vv. 5-9)*

A “espada” da ira do Senhor é contra quem? Mais uma vez, é especificamente “o povo” de Edom - os inimigos de Israel. Por que Jesus está julgando Edom? Para defender “a causa de Sião”. A versão King James traduz essa palavra hebraica (*riyb*) como “a controvérsia de Sião”. Ela carrega a conotação de uma disputa legal ou controvérsia, que é precisamente o que Israel se encontra envolvido hoje. Seja das nações sistemicamente antissionistas e antisemitas muçulmanas que a cercam por todos os lados ou dos propagandistas antissionistas de esquerda, cujo número está crescendo em toda a terra, a alegação é de que Israel é ilegal, injusto, estado de *apartheid*. A verdade, claro, é exatamente o oposto, e é por essa razão que o Messias resolve a questão de uma vez por todas. De acordo com essa passagem, Jesus retorna para defender Israel contra o ataque injusto de seus inimigos e para executar especificamente o julgamento contra “Edom, o povo que eu destruí totalmente” (v. 5).

#### **ISAÍAS 63: PISANDO O LAGAR DA IRA DE DEUS PODEROSO EM EDMOM**

Apocalipse 19 contém a passagem mais conhecida sobre o retorno de Cristo em toda a Bíblia. Neste quadro essencialmente dramático, Jesus irrompe do céu, cavalgando sobre um cavalo branco com “os exércitos do céu” seguindo-o.

*Então vi o céu aberto e eis um cavalo branco! O que está sentado nele é chamado Fiel e Verdadeiro, e com justiça ele julga e faz guerra. Seus olhos são como uma chama de fogo, e em sua cabeça há muitos diamantes, e ele tem um nome escrito que ninguém conhece além dele mesmo. Ele está vestido com uma túnica tingida em sangue, e o nome pelo qual ele é*

*chamado é a Palavra de Deus. E os exércitos do céu, vestidos de linho fino, branco e puro, seguiam-no sobre cavalos brancos. De sua boca vem uma espada afiada com a qual ataca as nações, e ele as governará com um cetro de ferro. Pisará o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. Em seu manto e em sua coxa ele tem um nome escrito, Rei dos reis e Senhor dos senhores. (vv. 11-16)*

A maioria dos cristãos está familiarizada com essa passagem. No entanto, poucos estão cientes do significado do manto ensanguentado do sangue de Cristo. Ao ensinar sobre essa passagem, tornei meu costume perguntar à congregação de onde esse sangue veio ou a quem originalmente pertenceu. A primeira e mais comum resposta dada é que esse é o próprio sangue de Jesus. Muitos membros da congregação balançam suas cabeças em concordância supondo que isso seja uma figura simbólica do sangue que Jesus derramou na cruz. Se este é o caso, pergunto, por que o manto dele está encharcado com o próprio sangue? Olhares questionadores vêm sobre a multidão. Eu peço qualquer outra sugestão.

A segunda resposta dada é que as vestes de Jesus estão encharcadas com o sangue derramado pelos fiéis mártires que foram mortos durante a grande tribulação e até mesmo ao longo da história da Igreja. Embora a origem dessas respostas seja compreensível, o fato é que nenhuma resposta está correta. A resposta é encontrada em Isaías 63, da qual Apocalipse 19 é tirado. Vamos ver a passagem:

*Quem é este que vem de Edom, em trajes rubros de Bozra, aquele que é esplêndido em suas vestes, marchando na grandeza de sua força? “Eu sou, falando em retidão, poderoso para salvar.” Por que é que o teu fato é vermelho e as tuas vestes são como a daquele que pisa no lagar? Eu pisei sozinho no lagar, e dos povos ninguém estava comigo; Eu os trilhei na minha ira e os pisoteei na minha ira; a sua vida respingava nas*

*minhas roupas e manchava todo o meu traje. Porque o dia da vingança estava no meu coração, e o meu ano de redenção havia chegado. (vv. 1-4)*

Nesta passagem altamente dramática, o profeta Isaías está olhando para o leste de Jerusalém. Em sua mente, ele vê uma figura majestosa e determinada - é Jesus, o Messias - marchando vitoriosamente em direção ao seu trono em Jerusalém, além de Edom e Bozra. Bozra era a capital do antigo Edom. Hoje é chamado de Petra.

Em Apocalipse 19:15, lemos que Jesus “pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso”, onde os inimigos de Deus são retratados como sendo esmagados como uvas. Mas é em Isaías 63 que temos o contexto original para essa passagem. E é especificamente em Edom que Jesus é visto como esmagando Seus inimigos, realmente absorvendo Suas vestes com seu sangue. Também é essencial tomar nota do tempo da passagem, colocado no meio do Dia do Senhor. A passagem refere-se especificamente a esse dia como o dia da vingança e redenção do Messias, que, tendo sido aguardada, finalmente chegou. E assim, mais uma vez, no contexto do retorno do Messias e do Dia do Senhor, Jesus é mostrado julgando Seus inimigos, que são diretamente colocados na terra de Edom.

## CONCLUSÃO

Como vimos, ao longo das Escrituras, repetida e abundantemente, sempre que nações específicas são nomeadas e destacadas para o julgamento de Deus no Dia do Senhor, à parte do castigo do Senhor contra Seu próprio povo Israel, está sempre nos apontando para regiões ou nações que hoje são vastamente dominadas pelo Islã.

Muitos professores de profecia afirmam hoje que a religião do Anticristo será o humanismo ou alguma forma de pluralismo religioso inclusivo. Se este é o caso, então também é preciso acreditar que a esmagadora maioria das nações do Oriente Médio hoje se converterá do islamismo a um sistema de crenças comum no Ocidente, mas

abraçado por muito poucos no Oriente Médio. No entanto, nem uma vez na Bíblia inteira é uma nação exclusivamente europeia, na verdade, nomeada no contexto do julgamento no Dia do Senhor. A Bíblia certamente se refere às nações europeias, mas nunca no contexto de seu julgamento. No entanto, é aqui que a maioria dos professores de profecia nos disse que o Anticristo e seu império surgirão.

O que devemos concluir disso? Como interpretamos responsabilmente essas muitas passagens? Devemos simplesmente ignorar essas referências? Ou devemos alegar que todos devem ser tomados alegoricamente, assumindo que nomes como Edom, Moabe, Cuxe, Arábia, Assíria, Líbia, Lídia ou Pérsia tenham a intenção de implicar que toda ou qualquer nação do mundo seja vaga ou geral? Inimigos de Deus e do Seu povo? Essa abordagem hiperalegórica é, na verdade, muito comum quando se aborda essas passagens. Como já afirmei, acho isso irresponsável e não de acordo com uma hermenêutica conservadora e literal. Deus julgará exclusivamente as nações muçulmanas e abençoará todas as nações ocidentais ou não-muçulmanas? Como essas nações se relacionam com o império vindouro do Anticristo? A resposta a essas perguntas é essencial se quisermos captar a mensagem dos profetas. As implicações e ramificações para evangelismo e missões, bem como o foco de oração da Igreja são imensas. Nos próximos dois capítulos, tentaremos responder a essas perguntas e desenvolver um sólido método de interpretação para entender essas passagens.

## O DOMÍNIO DO ANTICRISTO: ABSOLUTO OU LIMITADO?

**A** GORA QUE NÓS VIMOS uma amostra dos textos proféticos que especificam onde será a ênfase do julgamento de Jesus quando Ele retornar, um ponto se destaca: a ênfase esmagadora da ira e do julgamento do Senhor é dirigida às nações hostis que cercam a nação de Israel. Enquanto muitas das profecias que examinamos foram parcialmente cumpridas na história, elas encontrarão seu cumprimento final quando Jesus retornar. O problema, porém, é que, porque grande parte da Igreja crê que o reino vindouro do Anticristo incluirá todas as nações da Terra, não importa quão específicas sejam as Escrituras ao nomear as nações primárias reservadas para os julgamentos do Senhor, muitos simplesmente interpretam estas Escrituras alegoricamente, apontando para todas as nações da terra. Portanto, se alguém vê o reino vindouro do Anticristo, ou como absolutamente global ou como limitado, é essa visão que irá determinar significativamente o método de interpretação dessa pessoa. Dentro do campo da teologia, virtualmente toda crença afeta ou impacta sobre várias outras doutrinas. Como veremos, esse problema de alegorizar excessivamente os grandes segmentos das Escrituras proféticas geralmente começa com a crença de que o reino ou aliança do Anticristo será absolutamente universal, incluindo cada uma das

nações da Terra. Portanto, é essencial determinar o que as Escrituras realmente dizem sobre esse assunto. Seu reino vindouro incluirá literalmente todas as nações da Terra ou será limitado de alguma forma?

A crença de que o reino do Anticristo será absolutamente global e ilimitado é mantida por uma ampla gama de professores e estudantes de profecias. O Dr. Thomas Ice, por exemplo, diz: “O Império Romano Revivido chegará ao poder através de uma confederação de 10 nações [...] Este será o trampolim para o império global do Anticristo.”<sup>1</sup>

David Reagan expressa uma crença semelhante a respeito da autoridade absoluta do Anticristo sobre todos os sistemas governamentais, militares e religiosos em todas as nações da Terra, sem exceção: “O império gentio final unirá o mundo político, social, econômico e espiritual. Todas as nações serão incluídas.”<sup>2</sup>

Agora deixe-me dizer que entendo completamente e simpatizo muito com essa posição. Eu me mantive nessa visão por muitos anos. Mas por mais chocante que isso possa ser para muitos que leem isso, a Bíblia não prevê um império global absoluto controlado pelo Anticristo. Embora existam alguns versículos que levaram muitos a adotarem essa visão há também vários outros textos muito importantes que tornam isso impossível. Depois de um exame minucioso de todas as passagens relevantes que dizem respeito a essa questão, ficará bem claro que o que a Bíblia prevê é um império vastamente poderoso, ainda que limitado, controlado pelo Anticristo. Vamos considerar as provas.

#### O IMPÉRIO DO ANTICRISTO É PRIMEIRAMENTE UMA ALIANÇA ENTRE DEZ NAÇÕES

Começamos nosso estudo enfatizando que a Bíblia coloca o reino do Anticristo como uma aliança de dez nações. A primeira dessas passagens encontra-se em Daniel 7 e fala de um futuro império simbolizado por uma “besta”. Esse império seguiria os impérios babilônico, medo-persa e grego, sendo uma força poderosamente destrutiva que atropelaria as regiões que conquistou. É dito que

tem “dez chifres”: “Depois disso, vi nas visões noturnas, e eis que uma quarta besta, aterrorizante, terrível e extremamente forte. Tinha grandes dentes de ferro; ela devorou e quebrou em pedaços e atropelou com seus pés o que restou. Era diferente de todas as bestas que existiam antes e tinha dez chifres.” (v. 7).

Depois disso, um anjo informou a Daniel que os dez chifres representam “dez reis” que surgiriam deste reino. O líder desses dez reis é o Anticristo: “Quanto aos dez chifres, deste reino se levantarão dez reis e outro surgirá depois deles; ele será diferente dos anteriores e abaterá três reis. Ele falará palavras contra o Altíssimo e destruirá os santos do Altíssimo” (vv. 24-25).

Mas não é só no livro de Daniel que encontramos referências a esse número. João, o apóstolo, também transmitiu a mesma informação no livro de Apocalipse. De fato, entre esses dois livros o Senhor reiterou o número específico de nações que inicialmente incluirão o império do Anticristo em oito passagens diferentes. Aqui estão mais seis exemplos:

*E sobre os dez chifres que estavam em sua cabeça, e o outro chifre que subiu e diante do qual três deles caíram, o chifre que tinha olhos e uma boca que falavam grandes coisas, e isso parecia maior que seus companheiros. (Daniel 7:20)*

*E vi um animal subindo do mar, com dez chifres e sete cabeças, com dez diademas em seus chifres e nomes blasfemos em suas cabeças. (Apocalipse 13:1)*

*E ele me levou em espírito ao deserto, e vi uma mulher sentada sobre um animal escarlate cheio de nomes blasfemos, e tinha sete cabeças e dez chifres. (Apocalipse 17:3)*

*Mas o anjo me disse: “Por que você se maravilha? Eu te direi o mistério da mulher e da besta com sete cabeças e dez chifres que a trazem.” (Apocalipse 17:7)*

*E os dez chifres que você viu são dez reis que ainda não receberam o poder real, mas devem receber autoridade como reis por uma hora, juntamente com a besta. (Apocalipse 17:12)*

*E os dez chifres que você viu, eles e a besta odiarão a prostituta. Eles a farão desolada e nua, e devorarão sua carne e a queimarão com fogo. (Apocalipse 17:16)*

O ponto em citar todas essas passagens é demonstrar o peso da ênfase que o Senhor colocou tão obviamente no número 10 como o número de nações que estariam à disposição do Anticristo. Isso significa que o reino do Anticristo sempre incluirá apenas dez nações, nunca se expandindo? De modo nenhum. Conforme nosso estudo continua, veremos que a partir dessa base de dez nações o Anticristo expandirá seu império através da conquista militar.

#### A EXPANSÃO LIMITADA DO DOMÍNIO DO ANTICRISTO

Várias passagens bíblicas abordam diretamente a expansão militar do império do Anticristo. Que o Anticristo conquistará muitas nações é muito claro, mas o que também está claro é que o Anticristo nunca irá literalmente conquistar ou controlar todas as nações da Terra. Vamos considerar as provas. Duas vezes Daniel 11 diz que o Anticristo “invadirá muitos países”. Especificamente, o Egito cairá em suas forças. Além disso, nos é dito que o Anticristo invadirá a terra de Israel, chamada “a terra gloriosa” (v. 16). Mas essa passagem também pode sugerir que o Anticristo não conquistará todas as nações. Na verdade, diz especificamente que Edom, Moabe e os líderes de Amon escaparão de “sua mão”:

*E ele entrará em países e transbordará e atravessará. Ele entrará na terra gloriosa. E dezenas de milhares cairão, mas de sua mão escaparão estes: Edom e Moabe e a parte principal dos amonitas. Estenderá*

*a mão contra os países, e a terra do Egito não escapará. (vv. 40-42)*

É digno de nota que, quando essa passagem fala das nações que se enquadram na expansão militar do Anticristo, ela diz “muitos países”, não “toda nação”. E então lista especificamente três reinos antigos que “escaparão de sua mão”. Por causa do agrupamento de Edom, Moabe e Amon juntos, a passagem parece estar se referindo ao atual Reino Hachemita da Jordânia. E assim, com base apenas nesta passagem, pode ser que a Jordânia não caia sob a autoridade do Anticristo. Também poderia significar simplesmente que a Jordânia não será esmagada, mas, ao contrário, se submeterá voluntariamente ao Anticristo. Mas como veremos, há certamente outras nações que não cairão sob seu domínio.

Apenas alguns versos depois, aprendemos que no meio de sua campanha de conquista o Anticristo ouve “notícias do leste e do norte”, o que o incomoda e o lança em um estado frenético de raiva e aniquilação. Como o contexto de toda a passagem é a conquista militar e a guerra, as “notícias” ou “rumores”, como algumas traduções falam, também devem ser vistas sob essa luz. É provável que a notícia seja uma referência a uma resposta militar contra o Anticristo: “Mas as notícias do oriente e do norte o alarmarão, e ele sairá com grande furor para destruir e devotar muitos à destruição. E ele armará suas tendas palacianas entre o mar e a gloriosa montanha sagrada. Contudo, ele chegará ao seu fim, sem ninguém para ajudá-lo.” (vv. 44-45).

Muitos comentaristas sugeriram que a China (a leste) e a Rússia (ao norte) poderiam estar em mente, embora não possamos saber ao certo.

O especialista em profecias e estudioso John Walvoord diz que o Anticristo:

*ouve relatos de exércitos adicionais vindos do Oriente e do Norte. Isso aparentemente se refere ao*

*grande exército do Oriente descrito em Apocalipse 16:12 como “os reis do Oriente”. Alguns conectam isso também com Ap 9: 13-16, que afirma que o exército é de 200 milhões. Isto provavelmente não incluirá apenas os exércitos que lutarão, mas também apoiará o pessoal por trás deles. É significativo que a China hoje possua uma milícia de 200 milhões de homens.<sup>3</sup>*

Podemos concluir a partir deste texto que haverá nações que não estarão em aliança ou sob a autoridade do Anticristo. Até o final, o Anticristo estará em guerra com “muitas nações”.

#### ATÉ O FIM, HAVERÁ GUERRA

Daniel 9 também estabelece essa realidade: “E o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário. O seu fim virá com uma inundação e até o fim haverá guerra. Desolações são decretadas.” (v. 26). Simplesmente declarado, um rei com absoluta autoridade universal não está em guerra.

A presença de guerras estabelece o fato de que o Anticristo não controla todas as nações, mas que existem governos que resistem. Ele não controla seus militares. Esta é a prova da autoridade limitada do Anticristo até o fim. Como Finis Jennings Dake afirma com precisão: “Nenhum homem terreno se tornará o ditador mundial antes de Cristo reinar [...] Assim, a velha teoria do Anticristo, sendo um homem que milagrosamente trará paz e prosperidade ao mundo, não é bíblica. Ele é um homem de guerra desde a sua chegada até ser destruído no Armagedom.”<sup>4</sup>

Mas, apesar do fato de que o domínio do Anticristo será limitado, seu aparato militar será uma força a ser considerada. Em Apocalipse 13, vemos as pessoas da Terra perguntando quem é capaz de fazer guerra contra o império do Anticristo. Parece que ninguém é capaz de travar uma guerra bem-sucedida contra ele: “E eles adoraram o dragão, pois ele havia dado sua autoridade à besta, e eles

adoraram a besta, dizendo: “Quem é como a besta e quem pode lutar contra ela?” (v. 4). (Observe que, se cada nação estivesse sob o controle dele, essa pergunta não poderia ser feita.)

#### INTERPRETANDO A HIPÉRBOLE NA ESCRITURA

Para interpretar acuradamente a profecia bíblica é essencial compreender a hipérbole e seu uso frequente nas Escrituras. Hipérbole é simplesmente um exagero usado para enfatizar algo. A hipérbole é usada no discurso cotidiano e casual, um exemplo pode ser a exclamação “Oh meu Deus, menino, você pesa uma tonelada!” Quando um homem apanha seu neto de quatro anos pela primeira vez em alguns meses. É claro que o menino não pesa nem perto de mil quilos. O avô usou a expressão simplesmente para transmitir que o menino se tornou bastante pesado. A cultura do Oriente Médio que deu origem à Bíblia é particularmente apreciadora da hipérbole. E porque a Bíblia usa as expressões idiomáticas comuns aos povos da região, para interpretar corretamente multidões de passagens bíblicas se requer uma compreensão deste dispositivo.

Ao discutir sua cultura nativa na Síria, Abraham Mitrie Rihbany, em sua obra clássica *O Cristo Sírio*, recorda um exemplo um tanto humorístico da hipérbole cotidiana do Oriente Médio em como um amigo o recebeu em sua casa: “Você me honrou imensamente ao entrar em minha morada. Eu não sou digno disso. Esta casa é sua; você pode queimá-la se desejar. Meus filhos também estão à sua disposição; eu sacrificaria tudo para o seu prazer.”<sup>5</sup> Quando os ocidentais ouvem a hipérbole usada de tal maneira, eles podem facilmente entender mal o significado pretendido pelo falante. Alguns podem achar que tais comentários são ofensivos ou completamente enganosos. É claro que este homem não teria permitido que seu amigo queimasse sua casa, nem oferecesse seus filhos para serem sacrificados. Esta linguagem extravagante era simplesmente uma maneira normal na cultura do Oriente Médio de expressar grande honra e boas-vindas a Rihbany.

## EXEMPLOS DE HIPÉRBOLE NA ESCRITURA

Agora vamos considerar apenas algumas passagens das Escrituras em que a hipérbole é usada. Ao ponderar sobre as dificuldades de entrar na Terra Prometida os hebreus expressaram seu desalento não apenas pelo tamanho das pessoas na terra, mas também pelas paredes que cercavam suas cidades: “Onde estamos subindo? Nossos irmãos fizeram nossos corações derreterem, dizendo: “As pessoas são maiores e mais altas que nós. As cidades são grandes e fortificadas até o céu. E além disso, vimos os filhos dos gigantes lá” (Deuterônimo 1:28).

As paredes das cidades literalmente alcançaram o céu? Quão alto, exatamente, é o céu? Cem metros? O céu está a mais de mil metros de altura? É claro que as paredes não foram literalmente fortificadas “até o céu”. Elas eram apenas intimidamente altas. Isso é tudo que significa essa expressão.

Aqui está outro exemplo divertido de hipérbole: “E fez o rei que houvesse ouro e prata em Jerusalém como pedras; e cedros em tanta abundância como figueiras bravas que há pelas campinas.” (2 Crônicas 1:15).

Não posso falar sobre a quantidade de figueiras bravas pelas campinas durante o tempo de Salomão, mas tendo passado uma quantidade substancial de tempo em Israel garanto que havia zilhões de pedras por toda parte. Sugerir que a prata e o ouro eram literalmente tão abundantes e “comuns” em Israel quanto as pedras são simplesmente bobas. O ponto é que durante o reinado de Salomão, a riqueza era abundante em Ismael.

Numerosos outros exemplos poderiam ser citados. É inquestionável que a Bíblia frequentemente usa hipérbolés. Mas ainda mais relevante para a nossa discussão mais ampla, a Bíblia usa repetidas vezes hipérbolés especificamente no que diz respeito à extensão de vários impérios pagãos. É importante observar isso se alguém deseja interpretar corretamente as passagens que falam da extensão do reino vindouro do Anticristo.

## HIPÉRBOLE APLICADA AOS REINOS NA ESCRITURA

Agora apesar do fato de que as passagens que examinamos revelam que haverá pelo menos algumas nações que não estarão sob a autoridade do Anticristo, alguns estudantes da Bíblia observaram passagens como Daniel 7:23 como prova de sua autoridade universal: “a quarta besta, haverá um quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos, e ele devorará toda a terra, e a pisoteará e a quebrará em pedaços.” Estes estudantes imediatamente assumem que a frase “toda a terra” significa literalmente todas as nações do mundo. Mas não há dificuldade ou contradição com este verso e um domínio limitado do Anticristo. A frase “a terra inteira” é o aramaico *kol ‘ara’*, apropriadamente entendido aqui como uma seção grande, mas limitada de terra. Comentando sobre este versículo em particular, Gleason L. Archer Jr., talvez o principal apóstolo da doutrina da inerrância bíblica e um conhecido tradutor e estudioso das línguas bíblicas, declara:

*A terra inteira (kol ‘ara’) refere-se não a todas as partes conhecidas da terra habitada, mas sim (como no uso geral do AT) a todo o território do Oriente Próximo e Médio que de alguma forma se relaciona com a Terra Santa. A palavra “ara” (e seu equivalente hebraico ères) não significa necessariamente globo no sentido de “todo o globo habitado”, mas - dependendo do contexto - pode significar um único país (ères yiśrā’ēl é “a terra de Israel”) ou uma unidade geográfica maior, como “território” ou “região”.<sup>6</sup>*

Daniel 2:39 usa essa frase aramaica exata do Império Grego Alexandrino: “Outro reino inferior a você se levantará depois de você, e ainda um terceiro reino de bronze que dominará toda a terra.” Naturalmente nenhum historiador jamais reivindicaria que o Império Grego realmente governou o planeta inteiro. Ao afirmar que a “toda a terra” em Daniel 7:23 deve significar literalmente toda

a terra é preciso ignorar o significado das palavras em sua língua original, tanto ali como em Daniel 2:39 - e Alexandre, o Grande, não dominou todas as nações na terra.

Agora vamos considerar outro exemplo desta frase, dessa vez traduzida da palavra hebraica *'erets'*: “Como eu estava considerando, eis que um bode veio do oeste através da face de toda a terra, sem tocar o chão. E o bode tinha um chifre notável entre os olhos.” (Daniel 8:5).

Aqui o símbolo de um bode macho representa o Império Grego Alexandrino que começou na Macedônia e varreu todo o caminho para o leste e para a Índia. Imagine, se você puder, um bode que pula do chão da Grécia moderna e voa pelo ar até a Índia. Isso sem dúvida seria bastante impressionante, mesmo para um bode! Mas apesar das vastas distâncias cobertas o salto maravilhoso do super-bode ainda não se qualificaria como tendo literalmente coberto “toda a terra”. Sim, Alexandre conquistou uma vasta região, mas não o globo inteiro.

Agoravamos considerar outro exemplo clássico, dessa vez do evangelho de Lucas: “Naqueles dias saiu um decreto de César Augusto para que todo o mundo fosse registrado” (Lucas 2:1). Aqui nos é dito que César estava exigindo que “todo o mundo” fosse submetido ao censo. Mas, na realidade apenas os assuntos do Império Romano foram registrados. O resto do mundo não teria dado absolutamente nenhuma atenção a esse decreto. Alguns estudiosos disseram que versos como esse falam apenas do “mundo habitado”. Mas essa não é uma afirmação precisa. Quando o censo foi feito a China foi certamente habitada por uma civilização próspera e bem organizada, assim como o Império Parta, imediatamente a leste do Império Romano. Então, novamente, enquanto o Império Romano era massivo e cobria uma grande porção da Terra, de modo algum se pode dizer que ele incluiu literalmente todo o mundo ou mesmo o mundo habitado ou conhecido.

Outro exemplo de hipérbole é encontrado em Daniel. Aqui nos é dito que onde quer que a humanidade, animais ou pássaros

vivessem, em qualquer parte da terra, ao rei Nabucodonosor foi dado domínio sobre todos eles:

*Esse foi o sonho. Agora vamos dizer ao rei sua interpretação. Tu, ó rei, o rei dos reis, a quem o Deus do céu deu o reino, o poder, e o poder, e a glória, e em cujas mãos ele deu, onde quer que habitam, os filhos dos homens, bestas do campo e as aves do céu, fazendo-te reinar sobre todos eles, tu és a cabeça de ouro. (2:36-38)*

Mas, mais uma vez não é preciso que um historiador reconheça que o rei Nabucodonosor, embora tenha atingido um incrível grau de domínio, nunca possuiu o domínio global. Além dos reinos que imediatamente cercaram e até competiram com Nabucodonosor outros reinos significativos coexistiram durante seu reinado.

Depois de Nabucodonosor, Ciro, o rei da Pérsia, usou uma hipótese para descrever seu próprio domínio: “Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O senhor, o Deus do céu, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de construir ele casa em Jerusalém, que está em Judá” (Esdras 1:2). Mais uma vez, Ciro nunca possuiu “todos os reinos da terra”.

Não foi uma contradição para os autores bíblicos por vezes referirem-se a “toda a terra”, “o mundo inteiro”, “todas as nações” e frases semelhantes quando simplesmente alguma vasta região estava em mente. Do ponto de vista bíblico tais frases falaram com maior frequência do grande Oriente Médio, do Mediterrâneo e do norte da África. Ao desejar interpretar a Bíblia adequadamente o leitor ocidental deve ter muito cuidado para não aplicar uma mentalidade moderna e ocidental às páginas desse antigo livro oriental.

#### A PRIMEIRA OBJEÇÃO

Mas a objeção mais significativa que a maioria tem com um reinado limitado do Anticristo é baseada em Apocalipse 13:7-8: “Também foi permitido ao Anticristo fazer guerra aos santos e conquistá-los.

E foi dada autoridade sobre toda tribo e povo e língua e nação, e todos os que habitam na terra a adorarão, todos cujo nome não foi escrito antes da fundação do mundo no livro da vida do Cordeiro que foi morto”.

É fácil entender como essa passagem poderia convencer alguém a acreditar que o Anticristo possuirá um império global, mas mesmo a frase “toda tribo e povo e idioma e nação, e todos os que habitam na terra” é imediatamente limitada por “todos cujo nome não foi escrito [...] no livro da vida”. Além disso, nenhuma passagem pode ser entendida no vácuo e, como já vimos, a presença de guerras e resistências à nações e forças armadas até o final prova que o domínio do Anticristo não será absolutamente universal. Mas, quando sugeriu isso no passado alguns expressaram incredulidade. No entanto, se considerarmos Daniel 5:18-19 encontramos uma frase quase idêntica: “Ó rei, o Altíssimo Deus deu a Nabucodonosor, seu pai, reinado e grandeza e glória e majestade. E por causa da grandeza que lhe deu, todos os povos, nações e línguas tremeram e temeram diante dele”.

A tradução Septuaginta desse verso usa exatamente as mesmas palavras que são usadas no Apocalipse. (Daniel usa *laos*, *phulé* e *glóssa*, enquanto Apocalipse usa *laon*, *phylē*, *glōssa* e *ethnos*). Se interpretarmos a passagem de Daniel sem reconhecer seu uso de hipérbole seríamos forçados a concluir que o rei Nabucodonosor era literalmente temido por todos os humanos na Terra. Mas ele nem mesmo era ouvido por todas as pessoas em todas as partes do planeta, muito menos muito temido por elas. Portanto, com base em nosso conhecimento da história e do senso comum, também reconhecemos o uso da hipérbole nessa passagem. Da mesma forma, Apocalipse 13:7-8 não quer dizer que toda pessoa na Terra adora a besta, mas sim uma multidão de numerosas nações e grupos de pessoas. Especificamente, aqueles “cujo nome não foi escrito [...] no livro da vida”.

Outro fator importante digno de consideração é a frase “a autoridade foi dada a ele *sobre* [...]”. A palavra para “*sobre*” em grego é *epi*. Além de “*sobre*”, também pode significar “*dentre*” ou “*em*”. Como tal, a tradução em português poderia facilmente ler: “E a autoridade

foi dada a ele em [ou dentre] cada tribo, língua e nação”. Se o Islã é a religião usada pelo Anticristo, que pessoalmente acredito ser o caso, também é lógico que o Anticristo terá seguidores em praticamente todas as nações da Terra. Embora saibamos que ele não receberá autoridade absoluta sobre todos os governos, parece que ele terá alguma autoridade e uma profunda influência entre a vasta maioria das nações da Terra. Assim, embora o domínio do Anticristo possa não ser necessariamente sobre todas as nações é possível que ele possua autoridade dentro de cada nação, incluindo muitos que não estão sob sua total autoridade governamental.

#### A REUNIÃO DE TODAS AS NAÇÕES CONTRA JERUSALÉM

Restam algumas passagens importantes que levaram muitos a acreditar que o domínio do Anticristo será global. Essas passagens falam de “todas as nações” que se reunirão contra Jerusalém sob a liderança do Anticristo. Vamos ver os versículos primeiro e depois discutir seus significados.

*Reunirei todas as nações e as trarei ao vale de Josafá. E eu vou entrar em julgamento com eles lá, em nome do meu povo e da minha herança Israel.*  
(Joel 3:2)

*Porque ajuntarei todas as nações contra Jerusalém para a batalha, e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres, violentadas. Metade da cidade sairá para o exílio.* (Zacarias 14:2)

Essas referências a “todas as nações” estão se referindo a todas as nações da Terra? Não, investigações posteriores nos levam a reconhecer que as nações que cercam Jerusalém, embora sem dúvida uma confederação em massa, não incluem todas as nações da Terra. Em vez disso, o contexto mais completo de cada passagem realmente esclarece para nós exatamente quais nações atacarão Jerusalém.

Em hebraico, as frases são *goy cabiyb* (“as nações vizinhas”) e *am cabiyb* (“os povos vizinhos”). Considere uma leitura mais completa de cada um deles:

*Apressem-se e venham todas as nações vizinhas, e coloquem-se ali. Derrube seus guerreiros, ó senhor. Que as nações se levantem e subam ao vale de Josafá; porque ali me sentarei para julgar todas as nações vizinhas. (Joel 3: 11–12)*

*Eis que eu estou prestes a fazer de Jerusalém uma taça de cambalear para todos os povos vizinhos. O cerco de Jerusalém também será contra Judá... Naquele dia farei os clãs de Judá como um vaso ardente no meio da floresta, como uma tocha flamejante entre os feixes. E devorarão à direita e à esquerda todos os povos vizinhos. (Zacarias 12:2, 6)*

*Porque ajuntarei todas as nações contra Jerusalém, para a batalha, e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres, violentadas. Metade da cidade sairá para o exílio, mas o resto do povo não será cortado da cidade. Até mesmo Judá pelejará em Jerusalém. E a riqueza de todas as nações vizinhas será coletada, ouro, prata e vestes em grande abundância. Então todo aquele que sobreviver de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirá ano após ano para adorar o Rei, o senhor dos exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos. (Zacarias 14:2, 14, 16)*

Ezequiel não poderia ter sido mais claro quando escreveu sobre o dia em que o povo de Israel não será mais cercado por pessoas que os desprezam:

*Assim diz o Senhor Deus: “Eis que eu sou contra ti, ó Sidom, e manifestarei a minha glória no meio de ti.*

*E eles saberão que eu sou o Senhor quando eu executar juízos nela e manifestar minha santidade nela; porque enviarei peste para ela e sangue para as suas ruas; e os mortos cairão no meio dela, pela espada que está contra ela de todos os lados. Então eles saberão que eu sou o Senhor. E para a casa de Israel não haverá mais pranto para picar ou um espinho para feri-los entre todos os vizinhos que os trataram com desprezo. Então eles saberão que eu sou o Senhor Deus. (Ezequiel 28:22-24)*

A frase traduzida aqui como “todos os seus vizinhos” é mais uma vez *cabiyb*, a mesma palavra usada em Joel e Zacarias para falar das nações vizinhas. Então, primeiro, cada uma dessas passagens usa uma declaração hiperbólica de que “todas” as nações se reunirão contra Jerusalém, mas cada uma delas adiciona clareza e especificidade ao restringir o alcance da invasão vindoura. O contexto maior de cada passagem não nos aponta para cada nação em toda a terra, mas sim para as nações vizinhas que atacarão Jerusalém. Na verdade, é muito mais simples do que costumamos fazer.

#### SOMENTE JESUS TERÁ DOMÍNIO ABSOLUTO

Como vimos agora, enquanto o Anticristo desejar alcançar um domínio universal, ele simplesmente nunca conseguirá alcançá-lo. Há, no entanto, um homem que governará toda a terra. Nós o chamamos de Jesus, ou em sua língua nativa, Yeshua. Concernente ao Seu reino universal vindouro, o livro de Apocalipse nos informa que depois do Seu retorno “o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve vozes altas no céu, dizendo: ‘O reino [*basileia*] do mundo [*kosmos*] se tornou o reino de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (11:15).

Agora talvez você esteja perguntando por que essa passagem deveria ser interpretada universalmente e não como um exemplo de hipérbole. Além do fato de que Jesus é o Criador de todas as coisas

e o Anticristo é meramente um homem demonizado, o que é tão fascinante é o uso específico da palavra grega *kosmos*, que significa “o mundo, universo ou círculo da terra”. Esta passagem está falando de Jesus possuir um domínio completo e global. Por outro lado, em todas as passagens do Apocalipse que falam do reinado do Anticristo as palavras usadas são *ge* ou *oikoumene*, que podem significar “todo o mundo” / “todos os habitantes da terra” ou “a terra” / “Uma região fixa”. A única palavra que poderia remover todas as dúvidas em relação à universalidade absoluta é o *kosmos*, e essa palavra só é aplicada ao domínio de Jesus! Essa é uma boa notícia! Enquanto o Anticristo tentará conquistar toda a terra, ele nunca terá sucesso e de acordo com a Bíblia, só estará aqui brevemente,

Jesus retornará para governar o planeta inteiro e Seu reinado será eterno. Aleluia e Amém!

## FORMULANDO NOSSO MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO

**N**O CAPÍTULO 2 examinamos várias passagens através dos profetas, demonstrando o fato de que, repetidamente e constantemente, as nações que são denominadas como sendo marcadas para o julgamento após o retorno do Messias são nações do Oriente Médio e do Norte da África. É essencial que agora discutamos como entender corretamente essas passagens. Como entendemos os muitos nomes, povos e nações mencionados pelos profetas influenciarão grandemente e informarão a nós quais nações compreenderão principalmente o império vindouro do Anticristo. Pois, certamente, serão as nações que seguem o Anticristo em seu ataque contra Israel, que será o mais enfatizado como destinado ao julgamento quando Jesus retornar. Tendo demonstrado no último capítulo que nem todas as nações da terra seguirão o Anticristo, a questão permanece sobre quais nações as Escrituras dizem que serão suas seguidoras. Discutiremos agora o melhor e mais responsável método de interpretação e compreensão dos muitos nomes, povos e nações destacados pelos profetas como sendo reservados para o julgamento no Dia do Senhor.

## O MÉTODO DA MIGRAÇÃO ANCESTRAL

Embora seja uma posição rara, alguns professores da Bíblia tentaram interpretar os vários nomes daqueles marcados para julgamento pelos profetas, rastreando os descendentes da linhagem real desses povos antigos. Essa abordagem é repleta de dificuldades e incertezas. Por exemplo, entre todos os nomes e povos marcados para o julgamento de Deus nenhum é mencionado mais do que Edom e os edomitas. No entanto, pela maioria dos relatos históricos e acadêmicos, os edomitas como povo desapareceram no primeiro século. Alguns professores de profecias, tentando provar o contrário argumentam que ainda existe uma medida diluída de sangue edomita nos palestinos modernos, ou mesmo nos judeus sefarditas de Israel. Isso pode ou não ser o caso, mas à luz das várias afirmações conflitantes da maioria dos historiadores e estudiosos, provar isso com alguma certeza é quase impossível e certamente além da capacidade do estudante comum das Escrituras. Muitos dos outros nomes usados também apontam para pessoas que migraram, se casaram ou simplesmente desapareceram. Como milhares de anos se passaram desde que as profecias foram feitas, rastrear a maioria das civilizações mencionadas pelos profetas pode ser bastante difícil, se não impossível, e os resultados de tais esforços raramente são convincentes. Existem alguns casos, no entanto, em que tal conexão ancestral é razoavelmente bem estabelecida e aceita pelos historiadores. Os descendentes de Ismael, por exemplo, podemos estar confiantes de que ainda são identificáveis como os povos árabes do Oriente Médio. Outros exemplos podem ser citados.

## EVITANDO O MÉTODO HIPERALEGÓRICO

Reconhecendo os perigos e problemas do método da migração ancestral, muitos estudiosos conservadores supercompensam em nome da cautela e afirmam que os vários nomes e povos mencionados pelos profetas são simplesmente referências aos inimigos gerais do povo de Deus. Essa é a abordagem hiperalegórica. Essa abordagem

alegoriza a multiplicidade de referências em todo o profeta a nomes como Moabe, Edom, Assíria, Líbia ou Líbano, para simplesmente significar toda nação em toda a terra ou qualquer inimigo do tempo do povo de Deus, em qualquer lugar. De acordo com esse pensamento, poderíamos literalmente apagar as palavras Edom, Moabe, Líbia - qualquer uma das dezenas de nomes do texto - e simplesmente substituí-las por “todas as nações dos confins da Terra” e isso não faria diferença alguma - de qualquer forma. Na minha opinião, essa abordagem é mais ousada do que qualquer significado literal das Escrituras, tornando os textos virtualmente sem sentido. Infelizmente, como se analisa o tratamento desses textos, mesmo nos comentários mais conservadores a abordagem hiperalegórica é o método mais comumente aplicado.

#### A ABORDAGEM PROFÉTICA LITERAL

Como uma alternativa aos excessos do método da migração ancestral ou à abordagem hiperalegórica, dado nosso espectro de escolhas eu ofereço que a abordagem mais razoável é enfatizar duas correlações entre os nomes antigos e seus povos com seu cumprimento nos últimos dias.

A primeira correlação é a mesma localização geográfica geral. Esse método identifica a localização da terra ou das pessoas no momento em que a profecia foi feita e depois olha para a nação ou para as pessoas que habitam essa região hoje. Gleason L. Archer, o erudito estudioso do Antigo Testamento e das línguas semíticas identifica o método de correlação geográfica como o melhor método interpretativo para entender os muitos nomes encontrados nas profecias do Antigo Testamento:

*Da mesma forma, os nomes antigos de países ou estados que ocupam a região onde o conflito final será realizado são usados na previsão, embora a maioria dessas unidades políticas não tenha mais esses nomes nos*

*últimos dias. Assim, Edom, Moabe, Amom, Assíria e Babilônia, mencionados em passagens escatológicas deixaram de existir há muito tempo como entidades políticas, tendo seus lugares sido ocupados por povos posteriores que ocupavam seus territórios.<sup>1</sup>*

Esse método nos permite evitar apontar arbitrariamente para nações que não têm absolutamente nenhuma conexão real com as pessoas ou regiões nomeadas pelos profetas ou que podem ser simplesmente o bicho-papão de qualquer época em particular. Nunca deixa de me surpreender e me entristecer quando leio um artigo ou livro alegando que Edom se refere à América, à Inglaterra, à Alemanha ou até ao povo judeu.

A segunda correlação a enfatizar é a persistente inimizade violenta contra o povo e a terra de Israel. Através dos Profetas essa é a base mais frequentemente repetida para julgamentos históricos contra os inimigos do povo de Deus. É também a base mais enfatizada para o julgamento do povo de Deus no Dia do Senhor. A ênfase do julgamento do Senhor contra o antissemitismo violento e o antissionismo é captada eloquentemente em Ezequiel 35:

*Porque vocês nutriam perpétua inimizade e entregavam o povo de Israel ao poder da espada no momento de sua calamidade, no momento de seu castigo final, portanto, como eu vivo, declara o Senhor Deus, eu prepararei você para o sangue e o sangue te perseguirá; porque você não odeia derramamento de sangue, portanto o sangue deve persegui-lo. Eu farei do Monte Seir um desperdício e uma desolação. (vv. 5-7)*

Ao enfatizar o acoplamento da geografia e da “inimizade perpétua” contra o povo de Deus, lemos as muitas profecias do Dia do Senhor como apontando para as nações hostis dos dias modernos que compartilham o mesmo local geral que as antigas nações

antisemitas equivalentes. Essa abordagem evita os excessos do método da migração ancestral, bem como os caprichos da alegorização excessiva, tão comuns entre os comentaristas. Esse parece ser o método mais razoável, sensato, conservador e literal de interpretar os muitos nomes, grupos de pessoas e nações especificados em todos os profetas como marcados para julgamento no contexto do Dia do Senhor.

### CONCLUSÃO

Concluindo, então, articulamos um método sólido para interpretar e entender as muitas passagens que discutimos. Todos eles apontam para o Oriente Médio e Norte da África como os principais destinatários do julgamento de Deus depois da volta de Jesus. As ramificações disso, é claro, são dramáticas. Mas, ao destacar os julgamentos que chegam às muitas nações do Oriente Médio e Norte da África estou afirmando que Deus irá julgar exclusivamente as nações muçulmanas e abençoar todas as nações ocidentais ou não-muçulmanas? Absolutamente não. Não tenho dúvidas de que haverá numerosas nações não mencionadas na Bíblia que serão julgadas por Jesus quando Ele retornar. Mas o propósito de nosso estudo até agora é tomar nota das nações específicas que são - e não são - mencionadas e destacadas na Bíblia como marcadas para o julgamento de Deus no final dos tempos. Simplesmente declarado, aquilo que a Bíblia enfatiza, devemos também enfatizar. Esta é a hermenêutica bíblica responsável. Mas, ao formularmos nossa cosmovisão profética, em que a Bíblia é silenciosa, devemos da mesma forma, permanecer em silêncio ou, no mínimo, usar extrema cautela. Eu acho que o pastor Chuck Smith resume bem meu pensamento: “É incrível o quanto os homens podem dizer sempre que a Bíblia está em silêncio sobre um assunto. E parece ser apenas um lugar de partida para os caras desenvolverem teorias e escreverem trabalhos temáticos ou dissertações doutrinárias em alguma área onde a Bíblia é silenciosa. Mas na melhor das hipóteses, quando a

Palavra de Deus é silenciosa, tudo o que podemos fazer é oferecer conjecturas e, na melhor das hipóteses, nossa conjectura é inútil”.<sup>2</sup> À medida que continuamos, examinamos o que vários outros textos-chave têm a dizer sobre as nações que compreenderão o vindouro império do Anticristo e permitir que nossa cosmovisão do fim dos tempos seja formada não pelas circunstâncias do mundo, mas pelo que a Bíblia repetidamente afirma de múltiplas maneiras.

## DANIEL 2: O SONHO DE NABUCODONOSOR DA ESTÁTUA METÁLICA

### A ÊNFASE DO LIVRO DE DANIEL

Não pode haver dúvida de que uma das partes mais importantes da Bíblia em relação ao fim dos tempos é o livro de Daniel. Seu foco principal e ênfase é o conflito final entre o Anticristo, seus seguidores e o povo de Deus que são finalmente libertados pela vinda do Messias, referidos como “filho do homem” (Dn 7:13). Praticamente todos os capítulos de Daniel tratam de algum elemento desse confronto final. Além disso, o livro aborda a localização geográfica da qual o império do Anticristo surgirá, o momento da emergência do Anticristo, a natureza das perseguições do Anticristo contra o povo de Deus, as motivações do Anticristo e até mesmo a teologia ou sistema de crenças do Anticristo. Naturalmente, Daniel também discute o caráter, a perseverança e a fé dos vencedores dentre o povo de Deus, bem como a vitória final do Messias sobre o Anticristo e o reino messiânico que se segue.

## OS QUATRO PILARES DA TEORIA DO FIM DOS TEMPOS ROMANO

O livro de Daniel contém três das quatro passagens que têm sido tradicionalmente usadas para apoiar a crença de que o Anticristo surgirá da base geográfica do Império Romano. Os quatro textos são:

1. **Daniel 2:** o sonho de Nabucodonosor de uma estátua metálica gigante
2. **Daniel 7:** a visão de Daniel das quatro bestas
3. **Daniel 9:26:** “o povo do príncipe que há de vir”
4. **Apocalipse 17:** a cidade dos sete montes

### DANIEL 2: O SONHO DE NABUCODONOSOR DA ESTÁTUA

Daniel 2 começa com Nabucodonosor, o rei do Império Babilônico, tendo um sonho que o perturba profundamente. De acordo com o profeta, o rei sonhava com uma estátua imponente que foi dividida em cinco seções distintas, cada uma composta de um metal diferente. Determinado a entender o significado do sonho, o rei reuniu todos os seus sábios, sacerdotes e astrólogos, mas nenhum deles foi capaz de oferecer ao rei qualquer compreensão ou conforto. Daniel, no entanto, foi capaz de fazer o que nenhum dos outros “sábios” poderia fazer. Depois de buscar o seu Deus em oração, Daniel dormiu, e o Senhor revelou-lhe o sonho de Nabucodonosor. É aqui que começamos nosso estudo do texto. Daniel disse ao rei Nabucodonosor exatamente o que ele havia visto em seu sonho:

*Você viu, ó rei, e eis uma grande imagem. Essa imagem, poderosa e de brilho excessivo, estava à sua frente e sua aparência era assustadora. A cabeça dessa imagem era de ouro fino, o peito e os braços de prata, o meio e as coxas de bronze, as pernas de ferro, os pés parcialmente de ferro e parte de barro.*

*Quando você olhou, uma pedra foi cortada por nenhuma mão humana, e atingiu a imagem em seus pés de ferro e barro, e quebrou-os em pedaços. Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, todos juntos, foram partidos e tornaram-se como a palha da eira de verão; e o vento os levou embora, para que nenhum vestígio deles fosse encontrado. Mas a pedra que atingiu a imagem tornou-se uma grande montanha e encheu toda a terra. (vv. 31-35)*

Daniel então explicou o significado das quatro seções metálicas da estátua para o rei. A primeira seção, a cabeça de ouro, representa o reino babilônico de Nabucodonosor: “Este foi o sonho. Agora vamos dizer ao rei sua interpretação. Tu, ó rei, rei dos reis, a quem o Deus do céu deu o reino, o poder, o poder e a glória [...] tu és a cabeça de ouro.” (vv. 36–38)

Mas as seções da estátua que se seguem representam três outros reinos que sucederia a Babilônia, cada qual possuindo seu antigo domínio. Quando alguém consulta quase qualquer comentário sobre este assunto, os três reinos a seguir são entendidos como Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Mas enquanto a Medo-Pérsia e a Grécia são mencionadas mais tarde pelo nome em Daniel (8: 20-21; 10:20), o quarto império nunca é nomeado. Apesar deste fato, muitas traduções da Bíblia, tão confiantes na identidade romana do quarto império, realmente adicionam o nome Roma nos subtítulos. No entanto, por mais surpreendente que essa afirmação possa chegar a muitos, como estamos prestes a ver, os vários critérios contidos no texto, bem como o claro testemunho da história tornam impossível identificar confiantemente o reino final como o Império Romano. Neste capítulo, examinaremos as evidências contra a identificação do quarto império de Daniel 2 como o Império Romano. Discutiremos também por que o califado islâmico histórico atende aos critérios das escrituras.

O califado islâmico é simplesmente o governo ou império islâmico histórico que começou com o Califado Rashidun em 632 dC,

logo após a morte de Maomé, o profeta do Islã, e culminou no Império Otomano, que chegou oficialmente ao fim em 1923. Sem dúvida, muitos que lerem isso acharão essa proposta altamente duvidosa. A ideia de que Roma é o quarto reino é uma posição tão amplamente aceita que muitos nem sequer sugerem qualquer contraponto. Isso é totalmente compreensível. Essa tem sido a posição majoritária em toda a história da Igreja. No entanto, existem várias dificuldades significativas, talvez até fatais, com essa interpretação.

#### O SURGIMENTO DO QUARTO REINO

O primeiro problema com a identificação romana do quarto reino é que o Império Romano não atende a todos os critérios específicos de Daniel 2:40. Esse versículo, falando da natureza do surgimento do quarto reino, diz que quando surgisse esmagaria os outros três reinos: “E o quarto reino será forte como o ferro [...] e como o ferro que esmaga, este reino quebrará em pedaços todos os outros”

Mais tarde em Daniel 7, falando deste mesmo império, vemos uma descrição bem similar: “Assim ele disse: ‘Quanto ao quarto animal, haverá um quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos, e ele devorará toda a terra, e a pisoteará e a quebrará em pedaços’”(V. 23).

Os outros três reinos que seriam esmagados e pisoteados, como já sabemos, são Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia. O texto é claro que o quarto reino iria “esmagar” ou conquistar todos esses três impérios. Os três impérios nunca coexistiram, é claro, e, portanto, devemos perguntar o que o texto quer dizer quando diz que o quarto império “esmagaria” todos os outros.

#### CONQUISTAR GEOGRAFICAMENTE

O primeiro significado da palavra esmagar refere-se simplesmente à geografia. Examinando os mapas no final deste capítulo fica claro que o Império Romano conquistou apenas cerca de um terço das regiões controladas pela Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia. Cerca de

dois terços das regiões controladas por esses impérios ficaram inteiramente intocados por Roma. De fato, o Império Romano nunca chegou às duas capitais persas de Ecbatana e Persépolis.

Considere a seguinte equivalência moderna: se uma nação invasora conquistasse Boston, mas nunca chegasse perto de chegar a Nova York ou a Washington, DC, dificilmente seria correto dizer que tal nação “esmagou” os Estados Unidos. Nem seria correto dizer que o Império Romano esmagou a totalidade dos impérios babilônico, medo-persa ou grego. No entanto, o texto é claro; para cumprir o critério de Daniel 2:40, um império precisaria esmagar, não um, mas todos os três. O Império Romano simplesmente não cumpre este requisito.

Alguns tentaram contornar esse problema afirmando que, como o Império Romano sucedeu a Grécia, que sucedeu a Medo-Pérsia, que sucedeu a Babilônia, o Império Romano esmagou todos os outros. Essa visão é articulada por Stephen R. Miller, professor de Antigo Testamento e hebraico no Seminário Teológico Batista Mid-America, em seu comentário sobre Daniel:

*O quarto império “esmagará e quebrará todos os outros”. Essa afirmação pode ser explicada pelo fato de que cada império anterior foi absorvido por seu conquistador. Portanto, quando Roma conquistou a Grécia, superou os impérios anteriormente derrotados e absorvidos pela Grécia.<sup>1</sup>*

Mas, embora essa visão seja comum ela não apenas se baseia em raciocínio falho; também não é simplesmente o que o texto diz. Para mostrar a natureza ilógica dessa abordagem vamos colocá-la em termos futebolísticos: se os New England Patriots vencessem os Ravens, que vencessem os Cowboys, vencessem os Colts, isso significaria que os Patriots venceram os Colts? Claro que não. É para isso que os *playoffs* e o *Super Bowl* servem! Mas, o que é ainda mais importante, o texto simplesmente não diz que um sucederia outro que sucederia outro, etc. Diz que o quarto reino esmagaria todos os

outros. Se quisermos ser fiéis ao texto, devemos nos ater ao que ele realmente afirma. Embora o Império Romano conquistasse partes das terras dos outros impérios, claramente não conquistou todos eles, nem mesmo a maioria deles. O Império Romano conquistou apenas cerca de um quinto das terras do Império Medo-Persa, cujas cidades capitais de Ecbatana e Persépolis permaneceram para sempre a centenas de quilômetros do alcance do Império Romano. Se formos honestos, dizer que o Império Romano cumpriu Daniel 2:40 seria um trecho na melhor das hipóteses. Por outro lado, o Califado islâmico histórico conquistou absolutamente, totalmente, todas as terras dos outros.

#### CONQUISTAR CULTURALMENTE E RELIGIOSAMENTE

Mas e se expandirmos a definição de “esmagamento” para incluir mais do que a simples geografia? E se o objetivo das descrições repetidas da besta esmagando e pisando em tudo o que está sob o seu intuito for mais do que apenas ganhar controle sobre uma região geográfica? E se eles também querem dizer que ela esmagará sua cultura, religião e idioma? Com essa definição expandida em mente, o que acontece quando comparamos o Império Romano ao califado islâmico?

Os comentaristas têm aplicado muita publicidade para o Império Romano como uma entidade esmagadora, muitas vezes referenciando a força do exército romano e sua grande capacidade de esmagar as rebeliões. Mas está colocando rebeldias suficientes para satisfazer as descrições dramáticas encontradas na profecia de Daniel? Quando consideramos a natureza do Império Romano, estava longe de ser uma influência puramente destrutiva para seus povos conquistados. De fato, Roma é bem conhecida por ser uma força de construção de nações do mundo antigo. Quando o Império Romano conquistou um povo, em vez de destruir a cultura, abolindo sua religião e impondo uma nova língua, geralmente tolerava essas coisas ao mesmo tempo em que agregava leis,

construía estradas e infraestrutura e criava ordem. As famosas estradas romanas alcançaram todos os cantos do Império Romano. Essas eram estradas bem construídas e cobertas de pedras, assentadas em sólidas fundações. Para controlar seus territórios os romanos precisavam de acesso fácil até mesmo às províncias mais remotas. As estradas também fizeram o comércio prosperar, o que trouxe mais impostos. Eventualmente, todas as cidades e cidades do império estavam conectadas por um elaborado sistema de estradas romanas. Isso levou à famosa frase “Todos os caminhos levam a Roma”. A lei de Roma e a proteção de seus militares também criaram uma paz e estabilidade que ficou conhecida como a *Pax Romana*. Em vez de ser uma força esmagadora, o Império Romano foi muitas vezes uma influência positiva para os povos conquistados. John F. Walvoord, em seu comentário sobre Daniel reconhece esse problema e luta com a contradição entre a natureza destrutiva do quarto império, conforme descrito pelo texto e a realidade construtiva do domínio romano. Walvoord acredita que “aparentemente há pouco que é construtivo deste império, apesar da lei romana e das estradas e civilizações romanas”.<sup>2</sup>

Além da infraestrutura, enquanto os romanos esperavam receber impostos e um reconhecimento de César, pelos padrões antigos eles eram um império muito tolerante. Durante os dias de Jesus o Templo Judeu ficou em destaque em Jerusalém sob a autoridade romana e os judeus praticaram sua religião livremente. A lei romana protegia o direito dos judeus de praticar sua religião. Embora houvesse exceções, como um breve período de perseguição sob o imperador Calígula durante a maior parte de seu reinado, o Império Romano era relativamente tolerante.

Quando refletimos sobre a ideia de ser uma entidade culturalmente destrutiva fica evidente que isso é um problema ao associar o Império Romano à quarta besta de Daniel. Considere, por exemplo, a relação do Império Romano com a cultura grega. Em vez de esmagar a cultura grega, grande parte do Império Romano foi esmagada pelos costumes gregos. Sob a hegemonia romana, durante os dias de

Jesus o grego era uma língua dominante em todo o Oriente Médio. Com relação à religião, grande parte da cultura romana adotou o panteão grego pagão dos deuses. Enquanto os nomes foram mudados, o panteão básico permaneceu o mesmo. Zeus tornou-se Júpiter, Artêmis tornou-se Diana, Afrodite tornou-se Vênus e assim por diante. Ao considerar o requisito de ser uma força culturalmente destrutiva, parece evidente que o Império Romano não era o poder esmagador mencionado em Daniel 2:40.

#### O CALIFADO ISLÂMICO

Em contraste com o Império Romano, o Califado Islâmico desde o seu início foi uma força supremacista árabe-islâmica que esmagou e apagou as culturas e religiões dos povos que conquistou. Isso se deve à ideologia singularmente abrangente do Islã, que inclui todas as facetas da vida. O Islã tem regras e mandamentos que pertencem a muito mais que apenas teologia. Ele também determina as leis, o governo, o idioma, as forças armadas e até mesmo as práticas sexuais e higiênicas daqueles sob sua autoridade. O próprio nome *Islã* significa “submissão” às leis de Alá, o deus dos muçulmanos, bem como às práticas de Maomé, seu profeta.

O Islã é o epítome de uma ideologia totalitária. Onde quer que o Islã se espalhe, traz consigo essa ideologia opressiva de submissão. O Islã conquistou todas as regiões dos antigos impérios babilônico, medo-persa e grego. Exportava e impunha a língua árabe para uma vasta proporção de seus povos conquistados. Hoje, na Jordânia, no Iraque, na Síria, no Líbano e em grande parte do norte da África, as pessoas falam árabe. Enquanto os persas e os turcos mantiveram suas próprias línguas, seus alfabetos eram ambos arabizados. Mais tarde, Mustafa Kemal Atatürk reforçou um novo alfabeto anglicizado na Turquia. Como uma força imperial, o Islã impôs a religião e a cultura árabes sobre todos os seus povos dominados, enquanto apagava as evidências de religiões anteriores e culturas não-islâmicas.

Enquanto um livro inteiro poderia ser escrito detalhando os infindáveis exemplos de imperialismo e supremacia árabe-islâmicos, por agora alguns casos breves deveriam bastar para demonstrar este ponto.

Hoje no antigo coração da igreja primitiva, a comunidade cristã é uma minoria que luta, muitas vezes, por sua própria sobrevivência. Enquanto as cidades de Antioquia, Alexandria e Jerusalém já foram capitais prósperas e fortalezas da Igreja, hoje, as comunidades cristãs nativas lá são uma sombra do que foram um dia.

O programa islâmico calculado e deliberado é negar qualquer conexão ou presença histórica judaica no Monte do Templo, o local singularmente mais central e sagrado da fé bíblica. Exemplos de “negação do Monte do Templo” muçulmano em contextos populares e acadêmicos são legiões. O ex-grão-mufti de Jerusalém, xeque Ikrima Sabri, afirmou em muitas ocasiões que a conexão judaica com o templo era um mito. Em 1998, Sabri declarou: “Os muçulmanos não têm conhecimento ou consciência de que o Monte do Templo tem alguma santidade para os judeus”.<sup>3</sup> Da mesma forma, o ex-presidente do Tribunal Religioso da Palestina e presidente do Conselho Islâmico-Cristão para Jerusalém e Lugares Santos, Xeque Taysir al-Tamimi, em 2009, declarou: “Os judeus não têm conexão com Jerusalém [...] Eu não sei de nenhum local sagrado judaico [...] Israel tem escavado desde 1967 em busca de restos de seu Templo ou de sua história judaica fictícia.”<sup>4</sup> E além da propaganda muçulmana negando qualquer conexão histórica judaica ao Monte do Templo, também está bem documentado que o Waqf Muçulmano destruiu sistematicamente milhares de antigos artefatos judaicos desenterrados abaixo do local do Templo. Nos últimos anos, esse vandalismo cultural islâmico combinado levou à formação de grupos como o “Comitê para a Prevenção da Destruição de Antiguidades no Monte do Templo” e a “Operação de Salvação de Antiguidades do Monte do Templo”, que se dedica a peneirar centenas de caminhões de solo removido do Monte do Templo pelo Waqf durante a construção de uma mesquita subterrânea no final dos anos 90. Comentando

as quantidades maciças de preciosos materiais arqueológicos sendo destruídos pelo Waqf, o arqueólogo mundialmente renomado Dr. Gavriel Barkai exclamou: “Eles deveriam estar usando uma escova de dentes, não um bulldôzer [...] Estes são atos criminosos que não têm lugar em um país culto!”<sup>5</sup>

Em Istambul fica a Hagia Sophia, que já foi a maior igreja cristã do mundo. Hoje é uma mesquita e um museu. Imediatamente após Mehmet, o Conquistador, tomar Constantinopla em 1453, a Hagia Sophia foi transformada em um local de culto muçulmano. Ícones e símbolos cristãos foram destruídos ou encobertos. Em seu lugar, há grandes placas cobertas de caligrafia árabe de folha de ouro exaltando os nomes de Alá, Maomé e Ali. Embora a Hagia Sophia seja hoje considerada um museu, os muçulmanos ainda podem orar por lá. Cristãos e grupos cristãos, por outro lado, são proibidos de orar abertamente no que já foi o coração do cristianismo oriental. Do lado de fora, onde a cruz uma vez coroou a vasta estrutura, agora há uma proeminente lua crescente.

No centro do Afeganistão, por mais de mil e quinhentos anos, estavam os antigos Budas Bamiyan, duas estátuas esculpidas nos sólidos penhascos de arenito. Denunciando essas estátuas como ídolos, em março de 2001, o líder do Talibã, o mulá Mohammed Omar, as destruiu completamente com dinamite. Nos últimos anos, o histórico bairro londrino de Tower Hamlets, tornando-se o lar de uma crescente população de imigrantes muçulmanos viu a eliminação sistemática de inúmeros locais históricos cristãos. O que uma vez foi o St. Mary’s Churchyard, um mosteiro histórico que remonta a 1122, é agora o Altab Ali Park. Em um canto do parque é o que é conhecido como o Shaheed Minar (“Monumento Mártir”), uma réplica de um monumento nacional em Dhaka, Bangladesh.

Mais uma vez, essa lista poderia literalmente preencher volumes. Onde quer que o Islã tenha se espalhado, a cultura conquistada é gradualmente apagada, os símbolos e evidências da antiga cultura destruída. A religião dos povos subjulgados é mais particularmente visada. Esta é a herança do Islã, o cumprimento

perfeito do critério de Daniel 2:40. O Islã é um poder esmagador, que “pisoteia o resíduo com seus pés”. Enquanto o califado islâmico preenche essa descrição bíblica é muito difícil forçar o Império Romano a essa descrição. A distinção entre esses dois impérios deve ser seriamente considerada à medida que tentamos discernir a identidade do quarto império.

#### A MORTE DO QUARTO REINO

O segundo problema para a identificação romana do quarto império é o critério de Daniel 2: 34-35. Desta vez, em vez da ascensão do quarto reino, esses versos falam de sua morte - o dia de sua destruição - e o retorno do Messias e Seu reino. O reino de Cristo é descrito como “uma rocha cortada, mas não com mãos humanas”. O reino messiânico destrói especificamente o reino final do Anticristo. Mas ao fazer isso, vemos que, em virtude da destruição do reino do Anticristo, Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia também estão todos destruídos “ao mesmo tempo”: “Enquanto você estava olhando, uma pedra foi cortada, mas não por mãos humanas. Ele atingiu a estátua em seus pés de ferro e argila e os esmagou. Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram quebrados em pedaços ao mesmo tempo e tornaram-se como palha em uma eira no verão. O vento varreu-os sem deixar vestígios.” Simplesmente declarado, se o Império Romano fosse totalmente revivido hoje até o ponto de sua maior extensão e Jesus retornasse e o destruísse completamente, Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia não seriam todos destruídos “ao mesmo tempo”.

Embora uma grande parte das terras desses impérios fosse destruída, cerca de dois terços de todos os três impérios seriam deixados intactos. Por outro lado, se o califado islâmico fosse totalmente revivido hoje, e Jesus retornasse e conquistasse esse império, Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia seriam todos completamente destruídos também. Mais uma vez, o califado islâmico cumpre os critérios e requisitos do texto, enquanto o Império Romano não.

## CONTEXTO, CONTEXTO, CONTEXTO

Mas, apesar das evidências que consideramos até agora, muitos ocidentais continuarão a lutar contra a ideia de que a profecia não fala do Império Romano. Os ocidentais não reconhecem que a interpretação babilônica através da interpretação romana é, em última análise, verdadeira apenas através da perspectiva e das lentes ocidentais da história. Como a cultura ocidental traça sua história e grande parte de sua cultura através dos impérios romano e grego, os ocidentais tendem a naturalmente supor que a Bíblia também vê a história de uma perspectiva ocidental. É essencial que os ocidentais saiam de sua visão de mundo centrada no Ocidente e considerem o contexto real da passagem. O contexto dessa passagem é um sonho que foi especificamente dado a Nabucodonosor, o rei do Império Neo-Babilônico. Embora o contexto final e foco de todas as profecias bíblicas seja Jerusalém e Israel, essa passagem foi revelada na Babilônia, para um rei da Babilônia, concernente aos reinos que lhe sucederiam. Isso é visto claramente no texto: “Você, ó rei, é um rei dos reis... Você é essa cabeça de ouro. Mas depois de você surgirá outro reino inferior ao seu; então outro, um terceiro reino de bronze... E o quarto reino será forte como o ferro”. (Daniel 2: 37-39)

O sonho não pretendia revelar o futuro da América ou da Europa. Em vez disso, o sonho estava simplesmente mostrando a Nabucodonosor aqueles reinos que lhe sucederiam. Vamos revisar brevemente a história da região para entender por que o Império Romano não foi incluído no sonho de Nabucodonosor.

## FUTURO DA BABILÔNIA

Exatamente como a profecia declarou, Babilônia caiu para o Império Medo-Persa. Mais tarde, o Império Medo-Persa também foi conquistado pelo Império Grego sob Alexandre, o Grande. A Medo-Pérsia e a Grécia eram muito semelhantes no âmbito e regiões que controlavam. Ambos claramente sucederam a Nabucodonosor. Mas no meio da conquista da região por Alexandre, esse

morreu prematuramente, deixando seu império dividido entre seus generais ou sucessores. Essa divisão quádrupla do Império Grego Alexandrino é discutida em grande detalhe em Daniel 8 e 11. A mais significativa dessas divisões era a dinastia selêucida, que veio a governar grande parte do Oriente Médio, desde a Turquia moderna até o Paquistão e Afeganistão. Mas eventualmente a dinastia selêucida também viu seu poder diminuir, sinalizando o declínio final do domínio helenístico grego sobre o Oriente Médio. Foi durante esse período que o povo parto chegou ao poder na região. Os partos eram uma tribo medo-persa do norte do Irã que passou a controlar grande parte do Oriente Médio por cerca de quinhentos anos. Depois do período parto, os sassânidas, outra dinastia persa, conseguiram consolidar o poder em toda a região, mantendo o controle por outros quatrocentos anos, até serem conquistados pelos muçulmanos árabes invasores. Tanto os governantes quanto os súditos e os sassânidas viam a si mesmos como medo-persas. O período de seu governo pode ser corretamente visto como uma extensão da vida do Império Persa muito diminuída, mas residual. Essa extensão diminuída é mencionada mais adiante em Daniel 7: “Quanto ao resto das bestas, seu domínio foi tirado, mas suas vidas foram prolongadas por uma estação e um tempo” (v. 12).

Por causa de sua etnia e identidade persas, os partos e os sassânidas não foram tratados como distintos impérios dentro do sonho de Nabucodonosor. Não foi até que o poderoso e bem organizado califado islâmico veio e conquistou absolutamente toda a região que o sonho descreve como próximo “reino”. Assim, as primeiras quatro divisões da estátua, como vamos considerar neste capítulo, são as seguintes:

1. Cabeça de ouro: Império Babilônico
2. Peito e braços de prata: Império Medo-Persa
3. Barriga e coxas de bronze: Império Grego
4. Pernas de ferro: califado islâmico

## PULANDO ROMA?

Ao sugerir esse entendimento do sonho de Nabucodonosor eu descobri que a maioria é cética sobre a ideia de que o Império Romano não está incluído na visão, mas ninguém nunca teve qualquer dificuldade com o fato de que os impérios Parta e Sassânida não estão incluídos. Isso se dá apesar do fato de que o Império Parta tenha governado a região por mais de cem anos antes do nascimento do Império Romano na Europa. Mas quando começamos por reconhecer o contexto babilônico do sonho, então a ausência de Roma faz sentido completo. Como já vimos, enquanto o califado islâmico conquistou completamente toda a região da antiga Babilônia, assim como todas as antigas terras da Medo-Pérsia e da Grécia, o Império Romano não conquistou todas essas regiões. Quando comparamos mapas da Medo-Pérsia ou da Grécia a um mapa do Império Romano fica claro que o domínio de Roma estava significativamente mais para o oeste. O Império Romano não se alinha com o contexto do sonho e, portanto, não foi incluído.

## A CAMPANHA ORIENTAL DO IMPERADOR TRAJANO

Para a esmagadora maioria de seus cerca de 1500 anos de existência, os limites do Império Romano estavam firmemente estabelecidos a cerca de 800 quilômetros a oeste da Babilônia. Houve, no entanto, um período muito breve, quando este não foi o caso. Em 116 dC, o imperador Trajano concentrou-se em estender o Império Romano para o leste. Atravessou o Eufrates, navegou pelo rio Tigre e estabeleceu um controle temporário sobre as antigas ruínas das cidades de Babilônia e Susa. Mas dentro de um curto espaço de meses, três coisas forçaram Roma a abandonar para sempre sua breve permanência na Babilônia. Primeiro, na Judéia, uma rebelião estourou entre os judeus. Isso exigiu um desdobramento significativo de tropas para responder aos rebeldes. Em segundo lugar, os Partos conquistados começaram a lutar contra a incursão romana em seus territórios. E terceiro, Trajano sofreu o que muitos historiadores acreditam ser

um derrame. Ele rapidamente se retirou da região e dentro de algumas semanas estava morto. Os romanos foram forçados a abandonar seu breve domínio sobre a Babilônia e a Mesopotâmia. O sucessor escolhido por Trajano, Adriano, prefeito das províncias romanas orientais, vendo a tolice dos esforços de Trajano para estender o Império a leste retirou as tropas romanas da Babilônia e da Armênia e formalmente declarou os limites do Império Romano para sempre para oeste além do Eufrates. Como o historiador Dean Merivale resume: “Não havia terra além do Eufrates em que as instituições romanas pudessem criar raízes, enquanto a despesa de mantê-las teria sido extremamente penosa”.<sup>6</sup>

Como o sonho de Nabucodonosor é uma profecia centrada na Babilônia que lida com um período de mais de dois mil e seiscientos anos, a breve passagem do Império Romano pela Mesopotâmia simplesmente não foi suficientemente significativa para ser incluída como uma das divisões metálicas. Os únicos impérios que foram incluídos são os três que de fato conquistaram e estabeleceram uma regra substancial sobre a Babilônia e a grande região circunvizinha.

#### OS PÉS MISTOS DE FERRO E BARRO

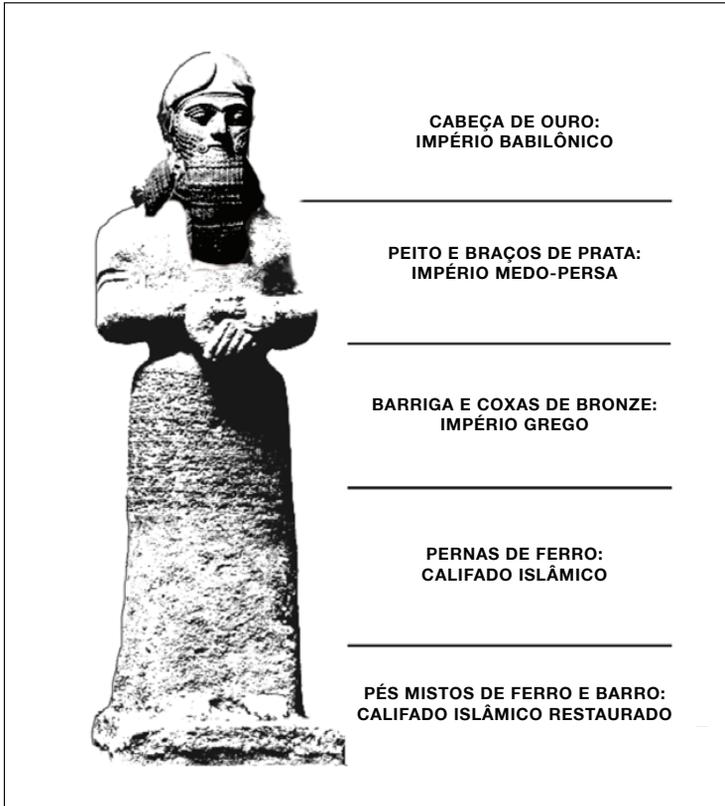
Depois de descrever as pernas de ferro, Daniel começa a descrever os pés, que são uma mistura de ferro e barro cozido. Embora a ênfase geral da profecia seja colocada no “quarto reino”, o último império antes de Jesus voltar não é tecnicamente as pernas de ferro, mas os pés de ferro e barro misturados. Ou talvez seja mais apropriado dizer que o quarto império consistirá em duas fases. A chave para ver este duplo império está na seguinte parte da passagem: “A cabeça dessa imagem era de ouro fino, seu peito e braços de prata, seu meio e coxas de bronze, suas pernas de ferro, seus pés parcialmente de ferro e em parte de barro” (Daniel 2: 32–33).

Uma tradução literal palavra por palavra do texto em aramaico original organizado em ordem nos fornece a seguinte divisão da estátua:

Cabeça: ouro fino;  
Peito, braços: prata;  
Barriga, coxas: bronze;  
Pernas: ferro;  
Pés: parte de ferro, parte de barro

Está claro que não há apenas quatro, mas cinco seções distintas da estátua. Há uma clara distinção entre as pernas, que são descritas “tão fortes quanto o ferro” (2:40) e os pés, que são descritos como “parcialmente fortes e parcialmente frágeis” (2:43). Há uma quarta e uma quinta divisão da imagem. No entanto, por causa da continuidade entre as pernas e os pés através do elemento ferro, bem como o fato de que em nenhum lugar Daniel se refere ao “quinto império”, há também razão para acreditar que esses dois últimos impérios são muito relacionados e devem ser entendidos simplesmente como fase um e segunda fase do quarto império. Esse duplo império foi reconhecido por muitos intérpretes modernos. Naturalmente, a maioria desses eruditos e professores de Bíblia entendeu que o quarto império era Roma e o quinto império era uma versão revivida dos últimos dias de Roma. No entanto, mais uma vez, o Império Romano não cumpre suficientemente os critérios do texto do quarto reino, enquanto o califado islâmico cumpre todos os critérios perfeitamente. Assim, na minha opinião, as duas fases distintas da estátua seriam o califado islâmico histórico (pernas de ferro) e uma versão revivida do califado islâmico (pés de ferro e argila misturados).

Em resumo, concluímos que os impérios do sonho de Nabucodonosor devem ser entendidos da seguinte maneira:



### UM REINO DIVIDIDO

Em Daniel 2:41 nos é dito que uma característica definidora do reino final é que ele seria “dividido”: “E como você viu os pés e dedos dos pés, em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, ele será um reino dividido.”

Muitos comentaristas tentaram aplicar essa descrição ao Império Romano, apontando para a divisão do Império Romano do Ocidente e do Oriente. Mas essa divisão certamente não define o Império Romano. O Império Romano do Ocidente foi fundado em 27 aC e desmoronou em 476. O Império Romano do Oriente foi fundado em 330 dC e colapsou em 1453. Assim, a histórica “divisão” do Império

Romano durou apenas 140 anos, menos de um décimo de sua existência total de 1.480 anos. Dessa forma, embora o Império Romano certamente tenha experimentado um período de divisão, “dividido” não é um termo apropriado para definir sua existência global.

Por outro lado, é um termo perfeito para descrever a comunidade islâmica. Pouco depois da morte de Maomé, eclodiu uma divisão entre os xiitas (a seita minoritária, cerca de 14% de todos os muçulmanos), que achava que a sucessão pertencia aos parentes de Maomé e aos sunitas (86% da população todos os muçulmanos), que sentiam que a sucessão pertencia aos companheiros de Maomé, ou ao Sahabah. Essa divisão definiu o Islã desde seus primeiros dias até os tempos modernos. Durante anos, quando a guerra no Iraque se desenrolou, recebemos relatos diários de “violência sectária” com os sunitas matando xiitas e vice-versa. Hoje esse termo é usado simplesmente como referência à violência intra-islâmica que tem sido tão comum em toda a história islâmica. Essa é mais uma prova de que o Império Islâmico atende perfeitamente ao padrão Daniel 2:41.

Ironicamente, dois conhecidos professores de profecia David Reagan e Jacob Prasch têm discordado especificamente da teoria do Anticristo Islâmico porque eles alegam que as nações que comporão o reino do Anticristo devem ser capazes de alcançar uma unidade que sempre iludiu o Islã. Mas essa crítica erroneamente assumiu que um califado islâmico necessita de completa unidade muçulmana. Reagan afirmou:

*Outro problema com a unidade muçulmana é que toda a ideia é contraditória a uma das promessas que Deus fez em Seu pacto com Ismael (Gênesis 16:10-12). Naquela aliança, na qual Deus prometeu que os descendentes de Ismael seriam grandemente multiplicados e receberiam toda a terra a leste de Israel, Deus também declarou que os povos árabes seriam como jumentos selvagens, pois eles estariam sempre em conflito uns com os outros. Como Jacob Prasch*

*apontou em seus escritos sobre este assunto, este aspecto da aliança com Ismael se manifestou através da história até hoje através das guerras internas entre os árabes. Eles lutaram entre si por séculos na Arábia pré-islâmica. Maomé acreditava que ele poderia uni-los através da defesa de uma religião monoteísta, mas ele falhou. Sunitas e xiitas odiaram e guerrearam entre si desde o século VIII [...] Prasch resume o problema da unidade árabe ao declarar: “A maldição do Gênesis impede a unidade islâmica de desenvolver um império unido que domina o Ocidente”.<sup>7</sup>*

Existem três problemas gritantes com essa crítica. Primeiro, o ponto de Reagan e Prasch sobre a divisão árabe e muçulmana apenas valida a teoria do Anticristo Islâmico, pois, como acabamos de ver em Daniel 2:41, o império final do Anticristo não será uma entidade unificada; em vez disso, será dividido.

Segundo, a própria passagem que Reagan e Prasch destacam como apontando para a natureza dividida do mundo árabe apenas apoia a noção de que o império dividido final do Anticristo poderia de fato ser um império árabe. Embora Gênesis 16:11–12 nos diga que o povo árabe estaria para sempre em conflito, as Escrituras também nos dizem que os povos que comporão o império do Anticristo serão divididos. E mesmo além disso, outras passagens também nos informam que mesmo na hora final, enquanto na terra de Israel, os soldados do Anticristo atacarão e matarão uns aos outros:

*Vou convocar uma espada contra Gogue em todas as minhas montanhas, declara o Senhor Deus. A espada de todo homem será contra o irmão dele. (Ezequiel 38:21)*

*Cada um tomará a mão de outro e a mão de um será levantada contra a mão do outro. (Zacarias 14:13)*

E terceiro, mas talvez o mais importante, tanto Reagan quanto Prashch não reconhecem a realidade histórica do califado islâmico que existiu em uma condição estável, embora etnicamente e religiosamente dividida, por aproximadamente treze séculos. Enquanto o mundo islâmico nas últimas décadas demonstrou o fato de ser incapaz de ser dominado por um poder externo, seja a Rússia ou os Estados Unidos, por aproximadamente mil e trezentos anos sua história demonstrou que eles são inteiramente capazes de serem dominados por um poder muçulmano. Os turcos, por exemplo, governaram toda a região por cerca de quinhentos anos. Essa realidade flui em perfeita harmonia com o que a Bíblia diz sobre o iminente império do Anticristo. Não será um império composto inteiramente de sujeitos ou nações dispostas. A única questão em torno da qual seu império parecerá unificado é o ódio mútuo aos judeus e o desejo de destruir Israel. Na avaliação final, a objeção de Reagan e Prashch serve apenas para demonstrar como a teoria do Anticristo islâmico está firmemente fundamentada tanto com as Escrituras quanto com os precedentes históricos.

Como um último pensamento sobre a divisão do quarto reino, muitos comentaristas olharam para as duas pernas de ferro da estátua como apontando para o Império Romano do Ocidente cuja capital era em Roma, e o Império Romano do Oriente cuja capital estava em Constantinopla. Existem alguns problemas com essa posição. Primeiro, como discutimos anteriormente, o Império do Ocidente foi fundado em 27 aC e entrou em colapso em 476 dC, mas o Império Romano do Oriente foi fundado em 330 dC e colapsou em 1453. John Walvoord concorda que é melhor não se ater muito ao fato de que existem duas pernas, citando o comentário exclusivo do comentarista britânico Geoffrey R. King sobre essa interpretação bastante comum:

*É aí que eu acho que tenho que entrar em questão com a interpretação comumente aceita. Ouvi dizer mais de uma vez ou duas vezes que as duas pernas da imagem*

*representam o Império Romano, porque em 364 d.C. o Império Romano se dividiu em dois. Havia o Império do Oriente com sua capital em Constantinopla e o Império do Oeste com sua capital em Roma. Duas pernas que você vê. Tudo certo. Mas espere um minuto! Para começar, a divisão ocorre antes de você chegar ao ferro! As duas pernas começam por baixo do cobre, a menos que essa imagem fosse uma aberração [...] Então você vê, você não pode fazer nada com essas duas pernas [...] Eu não acho que haja algum significado nas duas pernas. E, claro, se você quiser que duas partes do Império Romano sejam representadas pelas duas pernas, você está em uma dificuldade porque o Império Ocidental durou apenas algumas centenas de anos. O Império do Oriente durou até 1453. Você tem que fazer essa imagem ficar em uma perna a maior parte do tempo!<sup>8</sup>*

#### O REINO SERÁ “MISTURADO”

Outra dica muito interessante sobre a base étnica da fase final do quarto reino é encontrada em Daniel 2:43. Esse verso em particular é aquele que os intérpretes lutaram para entender, em grande parte devido à sua natureza bastante enigmática, como uma charada. Aqui está, em duas versões diferentes:

*Como você viu o ferro misturado com barro macio, eles se misturam em casamento, mas eles não se mantêm juntos, assim como o ferro não se mistura com o barro.*

*Como você viu ferro misturado com barro cerâmica, eles se misturam com a semente dos homens; mas eles não vão aderir um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro.*

Por duas vezes esse versículo usa a mesma palavra traduzida como “misturado” e “misturam”. É a palavra aramaica, *‘arab*. Minha reação inicial quando descobri isso foi desconsiderá-lo, considerando-o muito reminescente da erudição do “código da Bíblia”. Mas este não é um caso de encontrar uma palavra que signifique algo em nosso idioma e algo diferente no idioma original. Em aramaico, a palavra para “misturado” é simplesmente *‘arab*. No antigo Oriente Médio, os árabes eram vistos como os povos mistos do deserto. Em hebraico, a palavra é *‘ereb*. Porque os descendentes de Ismael e Esaú se casaram entre as várias tribos pagãs do deserto, eles essencialmente se tornaram conhecidos coletivamente como “os mistos”. A primeira referência aos povos do deserto oriental como os “mistos” é encontrada no livro de Neemias. Depois que o Livro da Lei foi redescoberto no Templo, todo o Israel se reuniu para ouvir o rolo ser lido publicamente: “Naquele dia eles leram do Livro de Moisés aos ouvidos do povo, e nele foi encontrado escrito que não Amonita ou moabita deve entrar na assembleia de Deus [...] Assim foi quando eles ouviram a Lei que eles separaram toda a multidão misturada [*ereb*] de Israel. (13: 1–3)

Depois de ler a Lei os judeus perceberam que era proibido que eles levassem esposas dos povos pagãos mistos do deserto. Especificamente mencionados são os amonitas e os moabitas, que viveram no que é hoje o Reino Hachemita da Jordânia. Essencialmente, o verso está dizendo que quando o povo ouviu essa lei, excluíram de Israel todos os que eram descendentes de “*arab*”. Mais uma vez, no antigo Oriente Próximo, as palavras *misturado* e “*arab*” eram sinônimos. O próprio nome *árabe* em suas origens etimológicas refere-se às pessoas mistas que viveram principalmente a leste de Israel. Uma tradução literal de Daniel 2:43, então, é “Como você viu o ferro misturado com barro cerâmica, eles serão árabes; e assim não permanecerão unidos, assim como o ferro não se mistura com o barro.”

A natureza enigmática desse verso, aparentemente apontando para os povos primários dos quais o quarto império surgiria, lembra muito outro episódio de Daniel 5, em que Daniel interpretou

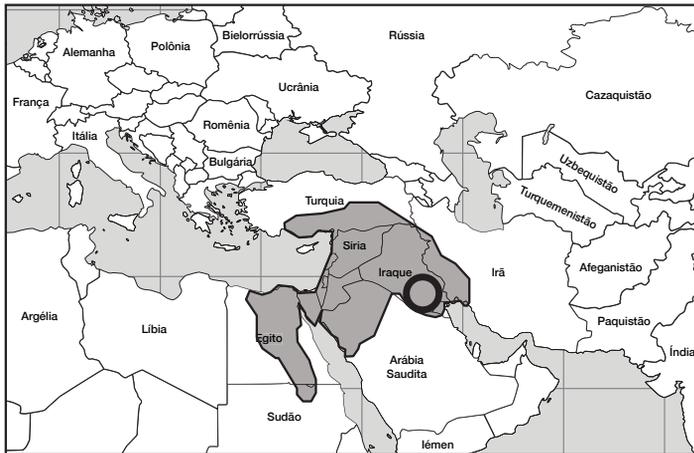
a escrita na parede como apontando para a queda do Império Babilônico para os medos e os persas: “Esta é a interpretação de cada palavra. MENE: Deus numerou seu reino e o terminou; TEKEL: Você tem sido pesado nos equilíbrios e achado em falta; PERES: O vosso reino foi dividido e dado aos medos e persas” (vs. 26-28).

No aramaico de Daniel 5:28, “dividido” (*peres*) foi interpretado para indicar que os povos “persas” (Paras) conquistariam o Império Babilônico. Da mesma forma, não é de todo irracional considerar que no Aramaico de Daniel 2:43, a palavra “mestiço” (*arab*) também poderia ser entendida como significando que os povos “árabes” seriam representantes primários do quarto e último reino.

## CONCLUSÃO

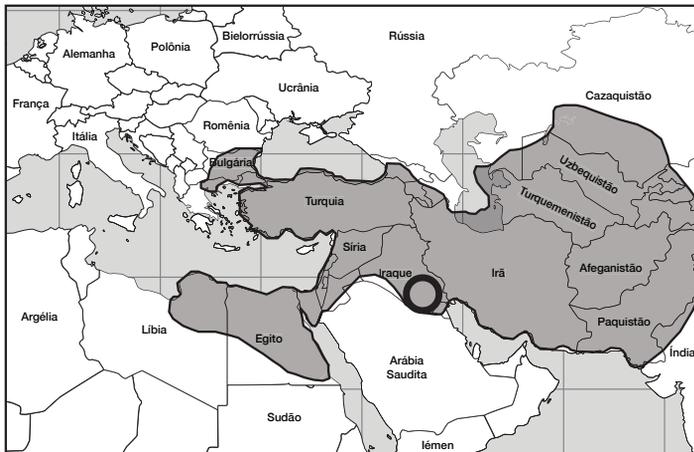
Até agora pesquisamos várias passagens proféticas do Antigo Testamento sobre o retorno do Messias, e agora examinamos o primeiro pilar de apoio da teoria do Anticristo Europeu. Apesar do fato de que a maior parte da história da Igreja tenha interpretado as pernas de ferro em Daniel 2 como o Império Romano, ao contrário, como vimos, um argumento muito mais sólido é feito para o califado islâmico como o cumprimento dessa passagem. Se as pernas de ferro são entendidas como sendo Roma, isso causa uma tensão significativa com numerosas outras passagens pelos Profetas. Mas se as pernas de ferro representam o califado islâmico, então a mensagem de Daniel 2 flui junto com todas as outras passagens dos profetas que falam de Jesus julgando as nações muçulmanas e os vizinhos de Israel no Dia do Senhor. À medida que passamos a examinar os principais textos bíblicos que falam do iminente império do Anticristo, veremos apenas esse padrão continuar. Apesar dos cenários complicados, multifacetados e complicados, confusos por muitos professores de profecias, o que veremos é que todos os profetas contaram a mesma história geral. Entender essa narrativa é muito mais fácil do que muitos fizeram. Enquanto os profetas tenham contado essa história através de diferentes meios e através de diferentes lentes, a mesma narrativa geral é repetida várias vezes.

O epicentro contextual do sonho de Nabucodonosor, a cidade da Babilônia, está marcado com o grande ponto preto. O raio do ponto se estende por aproximadamente 280 quilômetros em todas as direções da Babilônia.



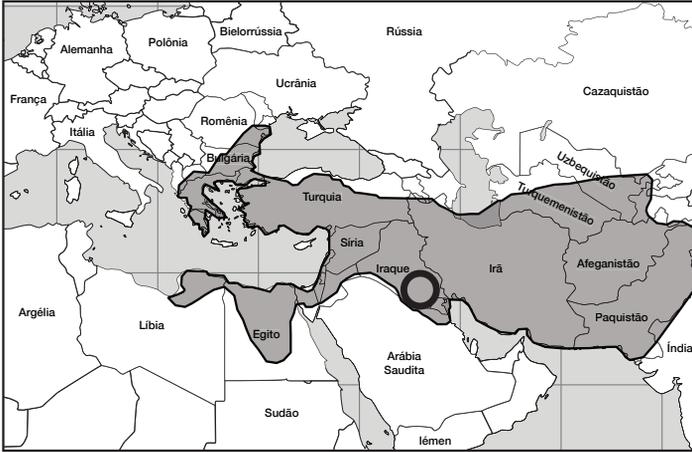
Império Babilônico (600 a.C.)<sup>9</sup>

O Império Medo-Persa aniquilou toda a região tanto da cidade quanto do Império da Babilônia.



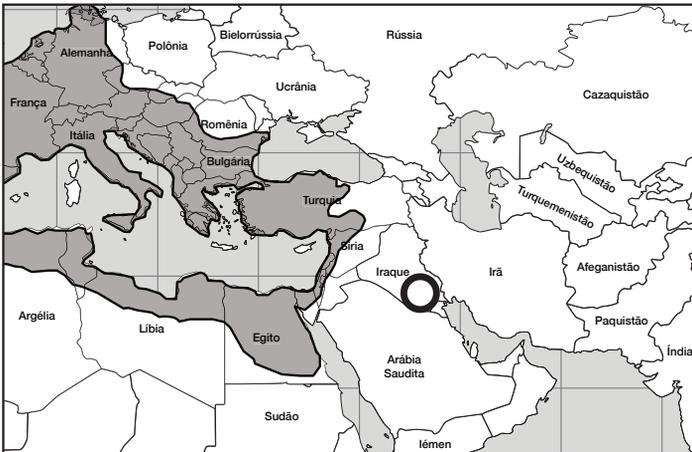
Império Medo-Persa (530 a.C.)<sup>10</sup>

Como o Império Medo-Persa antes dele, claramente o Império Grego Alexandrino também esmagou virtualmente toda a região da cidade e do império da Babilônia.



Império Grego Alexandrino<sup>11</sup>

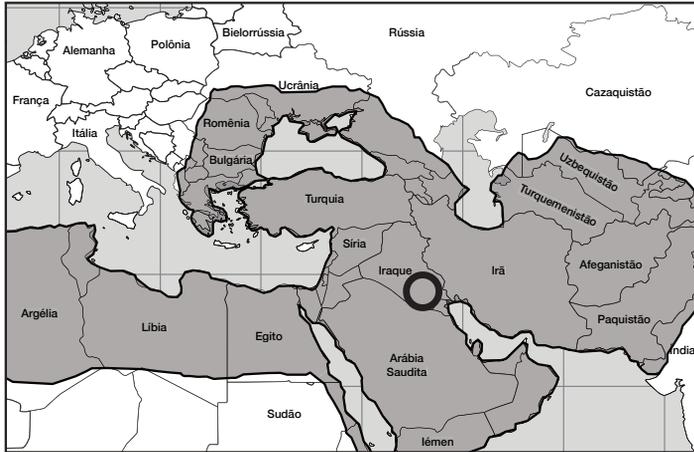
Além da breve excursão de Trajano a leste do final de 116-117 dC, o Império Romano permaneceu a oeste da Babilônia durante a maior parte de sua existência de mil e quinhentos anos. Também



Império Romano (54-70 d.C.)<sup>12</sup>

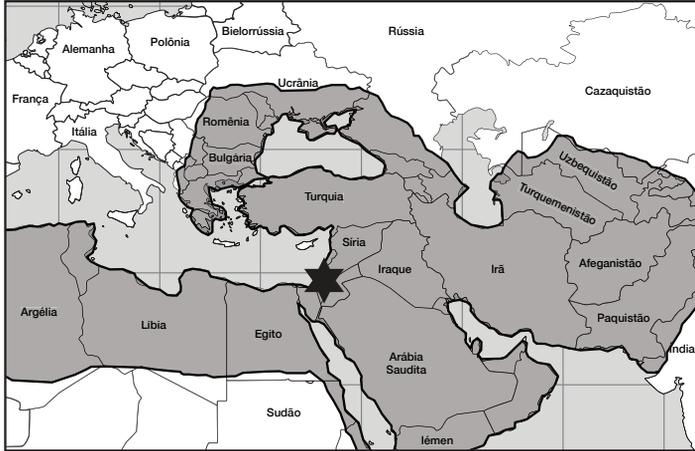
deixou mais de dois terços da Medo-Pérsia e dos Impérios Gregos inteiramente intactos, deixando de cumprir a exigência bíblica de esmagar “todos os outros”.

O Califado islâmico esmagou todos os Impérios Babilônico, Medo-Persa e Grego, além de conquistar seus territórios, na maioria dos casos também foi bem-sucedido em impor sua própria cultura (árabe), religião (islamismo) e língua (árabe) também.



Califado Islâmico (632-1258 d.C.)

Aqui a terra de Israel é marcada com uma estrela cercada pelas regiões que estiveram sob o controle do califado islâmico. Ao considerar a centralização de Israel da profecia bíblica, o que parece ser mais relevante para Israel e para o plano profético de Deus: a Europa ou o mundo islâmico?



A nação de Israel cercada por nações de maioria muçulmana



## DANIEL 7: A VISÃO DE DANIEL DAS QUATRO BESTAS

**N**O ÚLTIMO CAPÍTULO, examinamos Daniel 2 e o sonho de Nabucodonosor de uma estátua metálica. Determinamos que o sonho nos aponta para uma sucessão de quatro impérios históricos que culminam com uma versão reavivada do califado islâmico. Concluímos o capítulo discutindo o fato de que todos os profetas em toda a Bíblia contavam a mesma história básica. Embora todos eles tenham profetizado através dos eventos e circunstâncias de seu tempo, a imagem final que eles pintaram é a mesma. Eles frequentemente enfatizaram diferentes aspectos - ou usaram pincéis diferentes, se você assim preferir - mas ainda é a mesma imagem. Quando examinarmos Daniel 7 veremos esse padrão continuar. O mesmo quadro de quatro sucessivos impérios pagãos históricos, sucedidos por um império final dos últimos dias, foi pintado novamente. Desta vez, no entanto, em vez de usar a imagem de uma estátua metálica, a história é contada através do simbolismo de quatro bestas. O comentarista cristão do século IV Efrém, o sírio, acreditava que a visão que estamos prestes a discutir era simplesmente uma recapitulação do sonho de Nabucodonosor: “A presente visão de Daniel se encaixa perfeitamente no já mencionado sonho de Nabucodonosor, que viu uma estátua e uma única e mesma profecia com ela.”<sup>1</sup>

John Walvoord reitera o mesmo consenso entre os estudiosos hoje: “Os intérpretes do livro de Daniel, sejam liberais ou conservadores, geralmente concordaram que o capítulo 7 é, em algum sentido, uma recapitulação do capítulo 2 e abrange os mesmos quatro impérios”<sup>2</sup>

Enquanto a imagem de Daniel 2 tenha sido transmitida através de um sonho dado a Nabucodonosor, a imagem de Daniel 7 veio através de um sonho dado a Daniel: “No primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia, Daniel viu um sonho e visões de sua cabeça enquanto deitou em sua cama. Então ele escreveu o sonho e contou o resumo. Daniel declarou: “Vi em minha visão de noite e eis que os quatro ventos do céu agitavam o grande mar. E quatro grandes animais saíram do mar, diferentes uns dos outros” (vv. 1-3).

Embora Daniel fosse capaz de interpretar o sonho de Nabucodonosor, quando recebeu sua própria visão perguntou a um anjo por uma explicação mais completa: “Eu me aproximei de um dos que estavam ali e lhe perguntei a verdade sobre tudo isso. Então ele me disse e me fez saber a interpretação das coisas” (v. 16).

O anjo explicou: “Estes quatro grandes animais são quatro reis que se levantarão da terra” (v. 17).

Como no sonho de Daniel 2, os reis aqui também representam reinos. Hipólito de Roma, um dos teólogos cristãos mais importantes do terceiro século, discutiu o significado da profecia: “Como vários animais foram mostrados ao abençoado Daniel, e esses eram diferentes um do outro, devemos entender que a verdade da narrativa não lida com certas feras, mas, sob o tipo e a imagem de diferentes animais, exibe os reinos que surgiram neste mundo.”<sup>3</sup>

Quando as quatro bestas são reveladas, elas se comparam perfeitamente aos quatro reinos do sonho de Nabucodonosor.

## O LEÃO ALADO

O primeiro animal “era como um leão e tinha asas de águia. Então, quando olhei, “escreveu Daniel,” suas asas foram arrancadas, e ele foi

levantado do chão e colocado sobre dois pés como um homem, e a mente de um homem foi dada a ele “(Daniel 7: 4).

Muitos comentaristas veem o leão como um símbolo apropriado para a Babilônia. O próprio Nabucodonosor foi referido pelo profeta Jeremias como “leão dos matadouros do Jordão” (Jeremias 49:19). Mais de 120 leões, feitos de tijolos coloridos de cerâmica decoraram a “Via Processional” da antiga capital da Babilônia. A Via Processional era uma estrada murada que saía da cidade através do Portão de Ishtar. Ishtar, uma deusa mesopotâmica, adorada tanto pelos assírios como pelos babilônios era representada por um leão. O leão alado, então, corresponderia à cabeça de ouro em Daniel 2. O comentário “e o coração de um homem foi dado a ele” é frequentemente entendido como se referindo à humilhação do rei Nabucodonosor como relatado em Daniel 4.

#### O URSO TORTO

O próximo reino a emergir é retratado através do simbolismo de um urso torto: “E eis que outro animal, um segundo, como um urso. Foi levantado de um lado. Tinha três costelas na boca entre os dentes; e foi dito: “Levanta-te, devora muita carne” (Daniel 7: 5).

O urso torto representa o Império Medo-Persa, do qual a porção persa era muito mais forte que a porção Mediana. Os comentaristas antigos e modernos veem as três costelas na boca do urso como símbolo das três províncias da Mídia, da Pérsia e da Babilônia. Jerônimo, no final do século IV, escreveu: “Portanto, as três linhas na boca do reino persa dos babilônios, os medos e os persas, todos os quais foram reduzidos a um único reino.”<sup>4</sup>

#### O LEOPARDO DE QUATRO CABEÇAS

O terceiro animal a emergir é um leopardo de quatro cabeças: “Depois disso, olhei e eis outra, como um leopardo, com quatro asas de pássaro nas costas. E a besta tinha quatro cabeças, e foi

dado domínio a ela.” (Daniel 7: 6). Quase tão rapidamente quanto Alexandre, o Grande, conquistou o Oriente Médio sua vida chegou ao fim em 323 aC. Após sua morte, o vasto império de Alexandre foi dividido por seus generais, amigos e familiares. O que se seguiu foram cerca de cinquenta anos de guerras entre esses vários sucessores, conhecidos como Diadochi. No terceiro século, o reino de Alexandre era em grande parte controlado por quatro dinastias. Essas quatro divisões foram:

1. a dinastia ptolomaica governando o Egito;
2. a dinastia selêucida governando a região que se estende da atual Turquia ao Afeganistão e Paquistão;
3. a dinastia Lisimaqueana que governa a moderna região da Bulgária;
4. a dinastia Cassandriana governando a região da Macedônia ou a Grécia moderna.

#### A QUARTA BESTA

Esta quarta besta se correlaciona com o quarto reino de Daniel 2. Enquanto a besta aqui tem dentes de ferro, o quarto reino de Daniel 2 é representado por pernas de ferro. Em Daniel 2, a ênfase estava no poder esmagador do reino. Aqui também, o quarto reino é repetidamente enfatizado como aquele que iria esmagar, devorar e atropelar as pessoas e reinos que conquistou:

*Depois disso, vi nas visões noturnas, e eis que uma quarta besta, aterrorizante, terrível e extremamente forte. Tinha grandes dentes de ferro; ela devorou e quebrou em pedaços e atropelou o que restava com seus pés. (Daniel 7: 7)*

*Então desejei saber a verdade sobre o quarto animal, que era diferente de todos os outros, extremamente aterrorizante, com seus dentes de ferro e garras de*

*bronze, e que devorou e quebrou em pedaços e atropelou o que restava com seus pés. (v. 19)*

Embora a esmagadora maioria dos intérpretes ao longo da história da Igreja tenha acreditado que esse quarto animal representa o Império Romano, como discutimos no capítulo anterior, o Império Romano era, em muitos aspectos, tudo menos um império destrutivo. Em vez disso, foi bastante construtivo, muitas vezes acrescentando infraestrutura, ordem e lei às terras que conquistou. Por outro lado, o império do Islã, onde quer que tenha se espalhado, tem sido, na maioria das vezes, uma força destrutiva para aqueles que conquistou. Como mencionado no capítulo anterior, hoje, no antigo coração da antiga Igreja Cristã, as pequenas comunidades cristãs muitas vezes lutam, com muitos lutando pela própria sobrevivência. Enquanto Antioquia, Alexandria e Jerusalém já foram as prósperas capitais e fortalezas da Igreja, hoje as comunidades cristãs nativas lá são uma sombra de sua antiga glória. De modo alternativo, na cidade capital de Roma, a cidade inteira foi “cristianizada”. Enquanto o califado islâmico derrotou a Igreja Cristã, foi a Igreja Cristã que, em última análise, prevaleceu e conquistou o Império Romano. Como argumentamos a respeito de Daniel 2, as descrições do quarto reino aqui não correspondem ao Império Romano, mas se alinham perfeitamente com a descrição do califado islâmico.

#### OS DEZ CHIFRES REPRESENTAM UM REAVIVAMENTO DO QUARTO REINO

Da besta crescem dez chifres. Esses dez chifres representam o renascido califado islâmico e se correlacionam com os pés de ferro e barro em Daniel 2. Muitos comentaristas também veem os dez chifres como especificamente correlacionados com os dez dedos dos pés na estátua: “Ele devorou e quebrou em pedaços e carimbou o que era Deixou com os pés. Era diferente de todas as bestas que existiam antes e tinha dez chifres” (Daniel 7: 7).

Somos informados de que os dez chifres representam dez reis, ou reinos, que juntos comporão o império vindouro do Anticristo: “Quanto aos dez chifres, deste reino dez reis surgirão” (v. 24).

#### O PEQUENO CHIFRE É O ANTICRISTO

Então, dentre os dez chifres, Daniel viu outro chifre surgir. Esse décimo primeiro chifre parecia arrancar três outros chifres e depois assumir o controle total sobre todos os dez: “Considerarei os chifres, e eis que subiu entre eles outro chifre, um pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados pelas raízes. E eis que nesse chifre havia olhos como os olhos de um homem e uma boca que falava grandes coisas” (Daniel 7: 8).

Esta introdução do “chifre pequeno” é onde essa visão se estende além da informação revelada no sonho de Nabucodonosor. Enquanto Daniel 2 revelou os próximos quatro impérios, esta porção da revelação de Daniel nos introduz ao líder do reino final.

*Então desejei conhecer a verdade sobre o quarto animal, que era diferente de todos os outros, extremamente aterrorizante, com seus dentes de ferro e garras de bronze, e que devorou e quebrou em pedaços e atropelou o que restava a seus pés. E sobre os dez chifres que estavam em sua cabeça, e o outro chifre que surgiu e antes do qual três deles caíram, o chifre que tinha olhos e uma boca que falavam grandes coisas, e isso parecia maior que seus companheiros. Enquanto eu olhava, este chifre fez guerra com os santos e prevaleceu sobre eles, até que o Ancião dos Dias chegou, e o julgamento foi dado pelos santos do Altíssimo, e chegou a hora em que os santos possuíram o reino. (Daniel 7: 19-22)*

O chifre pequeno fala palavras pomposas e persegue o povo de Deus. Os cristãos chamam popularmente esse indivíduo de

anticristo. Como tem sido consistente ao longo do capítulo, a informação é reiterada:

*Quanto aos dez chifres, deste reinado se levantarão dez reis, e outro se levantará depois deles; ele será diferente dos anteriores e abaterá três reis. Ele falará palavras contra o Altíssimo e desgastará os santos do Altíssimo, e pensará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues em sua mão por um tempo, tempos e meio tempo. Mas o tribunal se assentará em juízo, e seu domínio será tirado, para ser consumido e destruído até o fim. (Daniel 7: 24-26)*

As ações do Anticristo que são mais enfatizadas são suas palavras arrogantes e blasfemas contra “o Altíssimo”, bem como sua perseguição ao povo de Deus.

Depois de observar e ponderar sobre o poder destrutivo do Anticristo e seu reino, Daniel ficou “muito perturbado”: “Aqui está o fim do assunto. Quanto a mim, Daniel, meus pensamentos me alarmaram muito, e minha cor mudou, mas guardei o assunto em meu coração”. (v. 28).

O comentarista Gleason Archer aborda a principal causa da profunda preocupação de Daniel:

*De todas as feras que Daniel viu, ele considerou a quarta besta com a maior curiosidade e pavor. (v. 19), porque não se assemelhava a nenhum animal conhecido pela experiência humana. Em particular, ele se perguntou sobre os dez chifres dos quais o pequeno chifre emergiu (v. 20) e que foi permitido superar o povo de Deus (v. 21). Daniel percebeu as implicações sinistras disso para o bem-estar político dos verdadeiros crentes e se encolheu com a perspectiva de serem esmagados por esse acusador contra Deus.<sup>5</sup>*

Este aspecto da profecia é particularmente importante para nós considerarmos. Como já discutimos anteriormente, no quadro maior, o Império Romano da história era relativamente tolerante. Claro, quando as legiões romanas estavam respondendo a uma rebelião, elas foram bastante brutais. Foi o Império Romano que destruiu Jerusalém e o templo em 70 dC, esmagando a revolta judaica e matando ou exilando multidões no processo. Mas, novamente, isso foi uma resposta a uma revolta iniciada pela nação judaica. Enquanto as províncias de Roma voluntariamente pagavam impostos e reconheciam César, elas não eram “esmagadas”. Durante a maior parte de seus dias sob a hegemonia romana, a nação judaica não vivia em um estado excessivamente oprimido e podia praticar o judaísmo livremente. Da mesma forma para a comunidade cristã, enquanto Roma certamente às vezes perseguia a igreja primitiva, no quadro maior, o cristianismo acabou infectando e conquistando o Império Romano com sua mensagem. Pode-se dizer com razão que, no final, a Igreja obteve vitória sobre o Império Romano. Não foi o contrário. Simplesmente não se pode dizer que Roma esmagou e devorou a Igreja até que até o resíduo foi pisoteado. Mais uma vez, embora seja possível olhar para períodos da história do Império Romano para encontrar tons de cumprimento dessa profecia, há também problemas significativos com essa interpretação.

Por outro lado, quando consideramos o império do Islã, se estamos falando das regiões de Babilônia, Medo-Pérsia ou Grécia; o povo judeu; ou a igreja cristã, todos eles foram esmagados, devorados e pisoteados. Mesmo como vimos em Daniel 2, também aqui o Império Romano apenas se alinha com as descrições no texto com grande dificuldade. O califado islâmico, no entanto, se encaixa nas descrições com precisão.

Concluindo, a identificação e correlação das quatro bestas é a seguinte:

| Daniel 2                  | Daniel 7     | Império                     |
|---------------------------|--------------|-----------------------------|
| Cabeça de ouro            | Leão         | Babilônia                   |
| Peito e braços de prata   | Urso         | Medo-Persa                  |
| Barriga e coxas de bronze | Leopardo     | Grécia                      |
| Pernas de ferro           | Quarta Besta | Califado Islâmico           |
| Pés de ferro e barro      | Dez Chifres  | Califado Islâmico Reavivado |

#### A POSIÇÃO JUDAICA

Apesar do fato de que grande parte da Igreja Cristã viu o reino final do Anticristo como um reino europeu, muitos dos rabinos e sábios judeus há muito entenderam que o reino final dos dez chifres era um reino árabe ou do Oriente Médio. De *Ezequiel, um comentário antologizado a partir de fontes talmúdicas, midrashicas e rabínicas*, lemos: “O Midrash comenta que esses dez chifres simbolizam dez reis do Quarto Reino, e o décimo primeiro chifre é o último rei a quem Israel confrontará. Todos esses reis, o Midrash enfatiza, devem ser descendentes de Esaú. A implicação é que o rei e o iniciador da campanha contra Israel será de Esaú-Edom”.<sup>6</sup>

#### A EXTENSÃO DA VIDA EXPLICADA

Apesar da relativa clareza com que Daniel 7 parece fazer paralelo a Daniel 2, há muitos intérpretes que veem esses quatro animais como algo totalmente diferente dos quatro reinos de Daniel 2. A base para essa tendência de separar essa visão do sonho de Nabucodonosor são os seguintes dois versos: “Eu olhei então por causa do som das grandes palavras que o chifre estava falando. E quando olhei, a besta

foi morta e seu corpo destruído e entregue para ser queimado com fogo. Quanto ao resto dos animais, seu domínio foi tirado, mas suas vidas se prolongaram por uma estação e por um tempo.” (v. 11-12).

Muitos entenderam que essa passagem significa que após a destruição do império final - o império do Anticristo - os outros três reinos viverão por um tempo. Acredita-se que a passagem infere que os quatro “reinos da besta” são contemporâneos, todos existindo ao mesmo tempo. Algumas identificações comuns dos animais foram o leão como a América ou a Inglaterra, o urso como a Alemanha ou a Rússia, o leopardo como o Islã e, novamente, a quarta besta como o Império Romano.

O problema com essa noção, é claro, é que ela se baseia em um equívoco sobre o que esses versículos estão dizendo. Eles não estão dizendo que os outros três reinos seriam contemporâneos do império final anticristão. O ponto é simplesmente contrastar a natureza da destruição do império final, que será súbita, total e completa, com a destruição dos impérios anteriores, que, embora conquistados, muitas vezes viveram até certo ponto no império que os subjuguou. Em outras palavras, enquanto o Império Grego foi conquistado pelos romanos, viveu muito no Império Romano. Como discutimos brevemente no último capítulo, o grego era uma língua comum em todo o Oriente Médio sob a hegemonia romana. Os romanos, na verdade, abraçaram o panteão grego dos deuses como se fossem deles, mudando seus nomes, mas continuando a dar vida às velas do culto grego. Enquanto o reino do Anticristo seria destruído pelo reino do Messias, os outros reinos não sofreriam uma destruição tão imediata e absoluta. E além de justapor a completa e total destruição do império do Anticristo aos impérios anteriores, o propósito desta passagem é também contrastá-la com o vindouro reino messiânico, que nunca será destruído:

*Vi nas visões noturnas, e eis que, com as nuvens do céu, veio um como filho do homem, e ele veio ao Ancião dos Dias e foi apresentado diante dele. E a ele*

*foi dado domínio e glória e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e seu reino um que não será destruído. (Daniel 7: 13-14)*

A natureza eterna do reino messiânico é reiterada em todo o capítulo:

*Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e possuirão o reino para sempre, para todo o sempre. (Daniel 7:18)*

*E o reino, o domínio e a grandeza dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o reino deles será um reino eterno, e todos os domínios servirão e obedecerão a eles. (Daniel 7:27)*

Este é o significado desta passagem. Não há razão para vê-lo como prova de que esses outros impérios coexistem como contemporâneos.



## DANIEL 9.26: O POVO DO PRÍNCIPE QUE VIRÁ

**A** TRAVÉS DOS ÚLTIMOS ANOS, enquanto eu tentava articular e explicar a base escritural para a teoria do Anticristo Islâmico, eu tive a oportunidade de discutir essas coisas com muitos professores de profecia proeminentes e conhecidos internacionalmente, que apoiam a teoria do Anticristo Europeu. Universalmente, a passagem que todo professor citou como base para rejeitar a teoria do Anticristo Islâmico é Daniel 9:26, que fala do “povo do príncipe que há de vir”. Embora esse seja apenas um verso, o peso que carrega nas mentes de muitos é profundo. A segunda razão que muitos não consideram a teoria do Anticristo Islâmico é por causa da tradição. Eu realmente respeito o ceticismo, já que não estou entre aqueles que olham negativamente para a tradição. O trabalho dos cristãos fiéis é passar para a próxima geração as doutrinas e práticas corretas que eles receberam de seus pais na fé. A tradição destina-se a preservar a verdade e a se proteger contra o erro insidioso. Desviar-se da tradição, mesmo que de maneira pequena, deve ser feito somente após uma consideração muito cuidadosa e em oração, com grande humildade. Mas, se tendo examinado uma tradição particular no espírito correto, na humildade e no temor do Senhor, se descobrir que uma tradição está em erro, então a verdade deve ser respeitada sobre a

tradição. Depois de ter examinado essa passagem por anos, consultado os comentários e opiniões de muitos outros homens fiéis e considerando todas as opções, posso dizer com confiança que a tradicional interpretação centrada em Roma de Daniel 9:26 está errada. Se você é alguém, como eu, que por muito tempo manteve a interpretação tradicional, mas é apaixonado pela verdade e está disposto a reconsiderar suas suposições anteriores, então este capítulo foi escrito para você.

#### QUEM É O POVO DO PRÍNCIPE QUE HÁ DE VIR?

Como mencionado anteriormente, ao longo dos anos, sempre que eu discuti publicamente o paradigma islâmico do fim dos tempos, quase do outro lado da linha encontrei uma referência quase reflexiva a Daniel 9:26. No comentário a seguir, o Dr. Ron Rhodes articula a objeção como ouvi de dezenas de outros estudantes de profecia: “As Escrituras são muito claras de que o império do Anticristo é de um Império Romano revivido. Quando olhamos para Daniel em seus escritos, ele fala muito especificamente sobre como o Anticristo viria das pessoas que invadiram Jerusalém e destruíram o Templo Judaico. Isso aconteceu em 70 dC. Não foram os muçulmanos que venceram Jerusalém.”<sup>1</sup>

Compreendo perfeitamente o raciocínio por trás desse pensamento, pois eu mesmo mantive essa posição por muitos anos. Mas não foi até que me comprometi a examinar a passagem de uma perspectiva histórico-gramatical que achei que a posição popular estava errada em ambos os casos. O primeiro erro está na incapacidade de examinar os dados históricos por trás dos eventos de 70 dC. O segundo erro está na falha em considerar a gramática, o texto hebreu real da passagem.

#### O ERRO HISTÓRICO

Aqui, em uma profecia de uma frase encontrada no nono capítulo do livro de Daniel, temos o único texto fonte mais significativo para a teoria do Anticristo Romano: “E o povo do príncipe que virá destruirá a cidade e o santuário.” (V. 26).

Embora tenham sido oferecidas interpretações variadas quanto ao significado exato dessa passagem, a posição majoritária sustenta que essa profecia está nos dizendo que as pessoas específicas (ou povos) que destruíram Jerusalém e o Templo em 70 dC são os ancestrais das pessoas que, nos últimos dias, seriam os principais seguidores do Anticristo (o príncipe ou governante que virá). Assim, de acordo com essa posição, o versículo deve ser entendido da seguinte maneira: “O povo - isto é, os principais seguidores - do príncipe (o Anticristo) que virá nos últimos dias, destruirá a cidade (Jerusalém) e o santuário (o templo judaico do primeiro século)”.

A maioria acredita que a destruição da “cidade e do santuário” é uma referência à destruição ocorrida em 70 dC, quando as legiões romanas sob o general Tito destruíram a capital judaica de Jerusalém e seu templo. Como tal, uma grande maioria dos professores e estudantes de profecias concluíram que o povo romano de 70 dC pode ser identificado como os ancestrais dos seguidores / povos vindouros do Anticristo. Como os soldados eram cidadãos romanos, muitos concluem que os principais seguidores do Anticristo nos últimos dias serão os europeus em geral ou os italianos especificamente. Essa noção, é claro, está enraizada no fato de que foram os comandantes romanos (cuja capital foi em Roma, na Itália) quem comandou os exércitos destruidores, mas também na crença equivocada de que a maioria dos soldados romanos eram italianos ou europeus. Digo “crença equivocada” porque tanto o testemunho histórico quanto o consenso da erudição moderna nos dizem que pouquíssimos soldados que destruíram o Templo e Jerusalém em 70 dC eram na verdade europeus. De fato, como veremos, os fatos históricos revelam um quadro dramaticamente diferente.

#### RECRUTAS NO EXÉRCITO ROMANO

Um pouco de história é necessário.

Antes do Império Romano se tornar um império, foi chamado de República Romana. Nos primeiros dias da República, à medida

que se desenvolvia no Império, a maioria dos soldados / legionários recrutados para servir nos exércitos / legiões romanas eram italianos de Roma e das regiões vizinhas. No entanto, à medida que o Império se expandia dramaticamente, tornou-se quase impossível governar todo o Império com soldados apenas da Itália. Não havia homens italianos suficientes para se espalhar por todo o vasto império romano, que incluía toda a Europa, o norte da África e uma grande faixa do Oriente Médio. Assim, no início do primeiro século, o imperador Augusto fez uma série de reformas radicais que levaram a mudanças dramáticas na composição étnica dos exércitos romanos. Após as reformas de Augusto em 15 dC, a única porção do exército romano que continuava consistindo em grande parte de italianos de Roma era a Guarda Pretoriana, uma unidade militar de elite cujo trabalho era proteger especificamente o imperador e as tendas dos generais. O restante do exército era cada vez mais composto de tudo menos soldados italianos. Em vez disso, eram conhecidos como “provincianos”, cidadãos que viviam nas províncias - as margens exteriores do Império, longe da capital de Roma. A “provincialização” do exército era verdadeira para todas as legiões romanas deste período de tempo, mas era mais clara e marcadamente o caso das legiões orientais que eram usadas para atacar Jerusalém. Tanto os registros históricos antigos quanto os estudos modernos confirmam isso claramente. Vamos examinar algumas das evidências.

#### PRIMEIRA TESTEMUNHA: PÚBLIO CORNÉLIO TÁCITO

Públio Cornélio Tácito foi senador e historiador do Império Romano, que escreveu extensamente sobre o período específico que estamos examinando agora. As partes sobreviventes de suas duas principais obras - os *Anais* e as *Histórias* - tornaram-se fontes vitais de informação desse período. Falando do ataque romano de Jerusalém, Tácito detalhou as legiões específicas e os povos que compunham principalmente o exército atacante: “Tito César [...] encontrou na Judéia três legiões, a quinta, a décima e a décima quinta [...] Para

estes, ele acrescentou a 12 da Síria, e alguns homens pertencentes à 18 e 3, a quem ele havia retirado de Alexandria. Essa força foi acompanhada [...] por um forte contingente de árabes, que odiavam os judeus com o ódio habitual dos vizinhos”.<sup>2</sup>

Existem várias informações importantes que podemos obter com essa referência. Primeiro, aprendemos que as legiões romanas estavam estacionadas na Judéia, na Síria e no Egito. Segundo, aprendemos que além das legiões romanas, “um forte contingente de árabes, que odiavam os judeus”, acompanhou os soldados. É triste dizer que pouco mudou desde o primeiro século em relação ao ódio regional geral do povo judeu. De fato, como veremos, foi precisamente esse antigo ódio que foi o fator determinante no desdobramento de eventos que levaram à destruição do Templo.

#### SEGUNDA TESTEMUNHA: TITO FLÁVIO JOSEFO

Tito Flávio Josefo, outro historiador insubstituível deste período, confirma o relato de Tácito: “Então Vespasiano enviou seu filho Tito [que], veio por terra para a Síria, onde reuniu as forças romanas, com um número considerável de auxiliares dos reis naquela vizinhança.”<sup>3</sup> Mais uma vez, Josefo revelou que as legiões romanas usadas para atacar Jerusalém estavam estacionadas na Síria. Esse é o lugar onde Tito os reuniu enquanto seguia em direção à capital judaica. “Um número considerável” de auxiliares, ou voluntários, da Síria e das regiões vizinhas também foram reunidos para o ataque. Mais tarde, Josefo também detalhou o número específico de soldados árabes que uniram forças com os exércitos invasores: “Malco também, o rei da Arábia, enviou mil cavaleiros, além de cinco mil homens de infantaria, a maior parte dos quais eram arqueiros; de modo que todo o exército, incluindo os auxiliares enviados pelos reis, assim como cavaleiros e soldados, quando todos estavam unidos, para sessenta mil.”<sup>4</sup>

Enquanto o número de homens que compunham uma legião fluuava, durante esse período uma legião continha aproximadamente cinco mil homens. Aqui vemos que Malco, o rei da Arábia,

enviou soldados auxiliares/voluntários suficientes para compor mais do que uma legião completa.

#### AS LEGIÕES ORIENTAIS

Agora vejamos as legiões específicas que foram usadas no ataque ao povo judeu, bem como as regiões onde elas foram estacionadas durante o período de tempo até o ano 70 dC, quando Jerusalém foi destruída. Das seis legiões, todas estavam estacionadas no Oriente Médio. Abaixo está uma lista das legiões e onde elas estavam estacionadas antes da queda de Jerusalém:

| Legião         | Região Estacionada |
|----------------|--------------------|
| V Macedonica   | Judeia             |
| X Fretensis    | Síria              |
| XV Apollinaris | Síria              |
| XVIII          | Egito              |
| III Gallica    | Síria              |
| XII Fulminata  | Ásia Menor / Síria |

Todas essas legiões tinham uma maioria de soldados orientais: árabes, sírios, egípcios, etc. No ano 70 dC, não apenas as legiões provincianas, mas literalmente todo o exército foi dominado pelos “provincianos”.

#### ESTUDIOSOS MODERNOS DA HISTÓRIA ROMANA

Estudiosos modernos romanos em todos os aspectos validam completamente a afirmação de que, no tempo da queda de Jerusalém, os soldados romanos eram quase exclusivamente povos não italianos. Lawrence JF Keppie, estudioso da história romana, confirmou isso: “[Depois de 68 dC] as legiões [...] consistiam quase exclusivamente

de provincianos.<sup>5</sup> Em outras palavras, depois do ano 68, os soldados nas legiões romanas quase exclusivamente não-italianos das províncias do perímetro oriental do Império. Keppie não está sozinho nessa questão. De fato, sua posição é apoiada pelo consenso dos estudiosos modernos do Império Romano. Antonio Santosuosso em *Storming the Heavens: Soldados, Imperadores e Civis no Império Romano* afirma que durante a primeira metade do primeiro século, aproximadamente 49% dos soldados eram italianos, mas em 70 dC esse número havia caído para cerca de um em cada cinco. Até o final do primeiro século, apenas 1% dos soldados eram italianos.<sup>6</sup> Sara Elise Phang, PhD, autora do *Serviço Militar Romano: Ideologias da Disciplina no final da República e Principado Primitivo*, indica que o número de italianos teria sido ainda mais magro: “O recrutamento sofreu grandes mudanças desde a Itália no início do primeiro século dC até as províncias fronteiriças no final do primeiro e segundo séculos.”<sup>7</sup> De fato, como Phang revela, os eruditos romanos estão agora de acordo que a esmagadora maioria dos soldados que atacaram Jerusalém eram recrutas provinciais orientais:

*Que os italianos foram cada vez mais substituídos nas legiões durante este período por provincianos já não é uma novidade entre os estudiosos [...] No Oriente, que é a Ásia Menor, Síria e Egito, parece claro que o recrutamento local estava bem encaminhado sob Augusto [d. 14 d.C.], de modo que, por sua morte, apenas um número muito pequeno de legionários derivou da Itália ou mesmo de qualquer das províncias ocidentais [...] Sob Nero [d. 68 d.C.], quando as legiões orientais precisaram de suplementação [...] foi na Capadócia e na Galácia que [Roma] procurou recrutas. Este foi, sem dúvida, um procedimento padrão. [As] legiões do Oriente consistiam em grande parte de “orientais” [do Oriente Médio].<sup>8</sup>*

E novamente Phang não deixa dúvidas quanto à composição étnica oriental das legiões em 70 dC:

*Para o público romano, o exército de 69-70 dC provavelmente parecia pouco diferente de sua contraparte sob Júlio César. Os legionários usavam equipamentos familiares e marcharam atrás da águia de prata, suas legiões com nomes e títulos que refletiam suas origens e as façanhas dos dias anteriores. Mas, na realidade, muita coisa havia mudado: o que havia sido um exército de italianos estava se tornando cada vez mais um exército de provincianos, sem nenhuma lealdade especial ou vínculo comum com o Senado ou as urbs romanas [...] Cada vez mais começaram a identificar seus interesses com os das províncias em que estavam estacionados [...] Por volta de 69 dC Gallica III, como outras legiões há muito tempo estacionadas no Oriente, continha uma proporção muito alta de homens nascidos nas províncias orientais.<sup>29</sup>*

Gallica III foi uma das legiões envolvidas na destruição de Jerusalém.

Em seu livro *Soldiers, Cities, and Civilians in Roman Syria [Soldados, Cidades e Civis na Síria Romana]*, Nigel Pollard, PhD, professor de história romana na Universidade de Oxford, examina detalhadamente a etnicidade dos soldados romanos das províncias orientais durante o primeiro século. Depois de rever o estudo mais atualizado sobre o assunto, Pollard detalha duas posições possíveis que revelam a etnia dos soldados que estamos tentando identificar. Ambas as posições confirmam que a esmagadora maioria dos soldados que destruíram o Templo eram principalmente sírios, árabes e povos orientais.

De acordo com Pollard, a primeira posição afirma que após o reinado do Imperador Nero (68 dC), os “legionários do nascimento provincial superavam os italianos em cerca de quatro ou cinco

para um”.<sup>10</sup> E isso é em relação a toda a região romana. Império, não apenas no Oriente. A segunda posição que Pollard examina sustenta que as legiões orientais eram feitas inteira e exclusivamente de provincianos do leste: “Legiões baseadas na Capadócia, na Síria e no Egito eram constituídas de recrutas da Ásia Menor, da Síria e do Egito”.<sup>11</sup> Restam-nos poucas dúvidas que a maioria esmagadora dos soldados que atacaram Jerusalém sob Tito eram povos do Oriente Médio e não europeus.

#### TRITURANDO OS NÚMEROS

Mas vamos realmente calcular o que toda essa informação significa em relação à composição étnica dos exércitos “romanos” que atacaram Jerusalém. Josefo nos diz que “todo o exército, incluindo os auxiliares enviados pelos reis, assim como cavaleiros e soldados, quando todos estavam reunidos, totalizava sessenta mil”.<sup>12</sup> Lembre-se de que uma legião continha cerca de 5.000 soldados. Havia quatro legiões completas e duas legiões parciais envolvidas no ataque. Isso significaria que havia aproximadamente 25.000 homens que eram legionários em tempo integral com os 35.000 homens restantes, que eram voluntários ou auxiliares. Os auxiliares eram cidadãos não-romanos criados à margem das províncias. Josefo confirma isso quando diz que os auxiliares foram “enviados pelos reis” da “vizinhança” da Síria, Ásia Menor e Arábia. Se as estimativas mais altas de Pollard estiverem corretas em relação à margem de cinco para um dos soldados orientais em relação aos ocidentais, isso significaria que não poderia haver mais de 5.000 soldados ocidentais em todo o exército invasor. Os 55.000 a 56.000 restantes eram todos orientais. E isso está permitindo as estimativas máximas dos soldados ocidentais. Isso significaria que não havia mais do que um soldado europeu ocidental para cada onze soldados do Oriente Médio. Onze para um! No entanto, com toda a probabilidade, a proporção foi muito maior.

## EVIDÊNCIA POSTERIOR

Concluindo a discussão, Pollard também oferece uma informação muito interessante: “Outra evidência de que as legiões sírias do período Flaviano eram caracteristicamente ‘sírias’ de alguma forma vem da referência de Tácito à Legião 3 Gallica saudando o sol nascente ‘de acordo com o costume da Síria’ [...] em 69 d.C.”<sup>13</sup>

A implicação é clara, obviamente os soldados daquela legião eram adoradores de alguma forma de divindade do sol. Isso era típico dos habitantes do Oriente Médio, que em toda a história antiga adoravam várias divindades astrais. Assim, esses soldados “romanos” orientais eram, de fato, os ancestrais físicos e, até certo ponto, espirituais daqueles que hoje se curvam a Alá, o deus que é mais frequentemente representado pela lua crescente.

Tudo dito, a evidência histórica é esmagadora. Josefo em outro lugar registrou que sob Nero, vários anos antes da Guerra Judaica, em Cesaréia Marítima, uma cidade costeira no norte de Israel, surgiu um conflito entre os judeus e os sírios que habitavam aquela cidade. Enquanto a batalha se desenrolava os soldados romanos enfrentaram os judeus e ajudaram os sírios porque, escreveu Josephus, os soldados romanos eram na verdade de etnia síria: “A maior parte da guarnição romana foi levantada da Síria; e estando assim relacionados com a parte síria, eles estavam prontos para ajudá-la”.<sup>14</sup>

## ARGUMENTOS CONCLUSIVOS

Depois de examinarmos uma ampla amostragem de evidências tanto de historiadores antigos quanto da mais moderna erudição moderna, podemos concluir muito confiantemente que os soldados “romanos” nas províncias orientais que destruíram Jerusalém e o Templo eram de fato os povos orientais - os habitantes da Ásia Menor, da Síria, da Arábia e do Egito. Mais uma vez, eles foram os ancestrais dos habitantes modernos do Oriente Médio. Certamente podemos entender como uma leitura precipitada ou superficial de Daniel 9:26 levaria alguém a concluir que os seguidores

do Anticristo seriam europeus, mas tendo agora feito a devida diligência, completado nosso dever de casa e examinado as evidências, é claro que a realidade é bem diferente do que tem sido comumente e popularmente entendido.

#### UMA OBJEÇÃO FINAL

Mas velhos hábitos - e paradigmas - muitas vezes morrem. Como tal, depois de ter trazido este argumento em nosso livro, *A Guerra de Deus ao Terror: Islã, Profecia e a Bíblia*, meu co-autor, Walid Shoebat e eu vimos nossas descobertas duramente desafiadas. Uma dessas críticas, apresentada no *The Christ in Prophecy Journal*, segue:

*Um bom exemplo da lógica tortuosa de Shoebat pode ser encontrado em sua tentativa de explicar o significado de Daniel 9:26. O significado claro desta passagem é que o Anticristo virá das pessoas que destruiram o Templo. Shoebat e Richardson argumentam que as legiões romanas que levaram a destruição de Jerusalém e do Templo em 70 d.C. foram compostas principalmente de árabes, principalmente sírios e turcos. Eles concluem, portanto, que o Anticristo surgirá dos sírios ou dos turcos e será muçulmano. Isso é realmente agarrar palhas ao vento! Não importa se as legiões eram ou não compostas de aborígenes australianos, foi o governo romano que decidiu destruir Jerusalém, foi o governo romano que deu as ordens, e foram os generais romanos que realizaram a destruição. Roma foi a vara do julgamento de Deus e é do povo romano que o Anticristo surgirá.<sup>15</sup>*

Compreendendo: este crítico está disposto a admitir que os soldados romanos podem ter sido povos orientais, mas isso é irrelevante porque eles estavam sob a autoridade de comandantes italianos, que não apenas desejavam, mas também comandavam a destruição

de Jerusalém e do Templo. Assim, o ônus da responsabilidade é colocado sobre as autoridades romanas. Existem dois problemas fatais com este argumento. O primeiro é que ele não considera a gramática atual da passagem. Vamos ver primeiro essa questão, pois é crucial.

#### O ERRO GRAMATICAL: O QUE A PROFECIA REALMENTE ESTABELECE?

Novamente, brevemente, o verso declara: “O povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário” (Daniel 9:26).

O que precisamos fazer é nos concentrarmos na palavra *povo*. Se procurarmos o significado dessa palavra (*am*) no hebraico, descobriremos que é uma denotação étnica. Não se refere ao reino ou império sob o qual as pessoas viviam, mas sim às próprias pessoas. O Léxico do Strong lista o significado de *am* como “povo, nação, pessoas, membros do povo, compatriotas, homens do campo, parentes”. Wilhelm Gesenius, o léxico simplista hebreu, lista o significado primário da palavra como “raças únicas”. ou tribos [...] raça ou família [...] os parentes. ”Não estamos olhando para um império, mas sim para uma corrida. Contudo, consistentemente, quando os escritores afirmam que essa profecia nos aponta para Roma ou para a Europa, uma compreensão inadequada da palavra *am* está sempre na raiz do erro. Considere o seguinte comentário de uma profecia de um blogueiro: “O anjo Gabriel foi explícito ao explicar a Daniel a nacionalidade do vindouro Anticristo. Isso não é teoria, é atualmente profecia não cumprida. Período. O Anticristo VIRÁ entre as pessoas que destruíram a cidade e o santuário em 79 dC [sic]. O Anticristo VIRÁ dos descendentes do povo de Roma. Ponto final.<sup>16</sup>

Embora a confiança total na confiabilidade das Escrituras seja admirável, essa certeza também deve estar de acordo com a gramática real da passagem. A posição popular perde este ponto mais essencial. O estudioso hebreu Arnold Fruchtenbaum resume com precisão o significado real desse versículo: “Estamos lidando aqui com uma linhagem e não um país.”<sup>17</sup> Essa distinção entre linhagem e

país é essencial e não pode ser perdida. Se o propósito do verso fosse destacar o reino mais amplo ou o império sob o qual o povo vivia, ele poderia ter usado as palavras hebraicas *mamlakah* (reino ou império) ou *goy* (nação). Mas isso simplesmente não é o que o versículo diz. Em vez disso, nos aponta para a identidade étnica da maioria dos povos que compunham as legiões romanas. A linguagem do verso não nos permite olhar para o império que tinha autoridade sobre o povo, mas sim, nos faz olhar para os próprios povos que realizaram a destruição. Se desejamos nos submeter à passagem, então devemos extrair seu verdadeiro significado (exegese) e nos submeter às nossas descobertas. Não podemos forçar a passagem a conformar-se com nossas posições (exegese), apesar do que ela realmente declara.

Outra maneira de destacar a importante distinção entre cidadania e etnia é olhar para o apóstolo Paulo. Paulo era um cidadão romano (seu *mamlakah* era Roma), mas isso de maneira alguma diminui o fato de que ele era etnicamente judeu (seus *am* eram os judeus) (Atos 21: 38–39; 22: 1–3).

Para colocarem uma luz mais clara, imagine que eu estava andando pela cidade de alguma cidade americana conhecida tarde da noite e seja roubado por três pessoas. Depois que a polícia chegou, eles me perguntaram se eu poderia identificar meus agressores. “Claro. Eu dei uma boa olhada em todos os três”, afirmo. “Bom”, responde o oficial. “Como eles se parecem? O que você pode nos falar sobre eles?”

“Bem, eles eram americanos”, eu respondo.

Agora, sabendo que os americanos vêm em todas as formas, tamanhos e etnicidades, o que exatamente eu disse à polícia? Nada. Como todos sabemos, a mera designação “americana” não nos diz virtualmente nada sobre a etnia de uma pessoa. Um poderia ser um anglo-americano, um asiático-americano, um afro-americano, um árabe-americano ou, talvez, uma centena de outros tipos de americanos hifenizados. Da mesma forma, o Império Romano do final do primeiro século talvez fosse ainda mais diversificado do que os Estados Unidos de hoje.

O Império Romano continha numerosos grupos de pessoas (*am*). Alguém poderia ser um cidadão “romano” de pleno direito, ainda que vindo de qualquer grupo de pessoas. Poderia ser germânico, judeu, gaulês, sírio, árabe, africano ou uma dúzia de outras etnias, e ainda ser totalmente “romano”. Para ser franco, qualquer afirmação de que a mera designação “romana” é suficiente para identificar a etnia. A identidade do povo em Daniel 9:26 é pura loucura. Essa visão historicamente míope não seria diferente de afirmar que a designação “americana” só poderia significar etnicamente anglo. A alegação popular de que Daniel 9:26 nos aponta apenas para aqueles de etnias italianas ou europeias ignora a formulação clara do texto e, portanto, distorce inteiramente seu significado.

#### A REALIDADE HISTÓRICA

Retornando ao argumento do *Christ in Prophecy Journal* de que a etnia do povo é irrelevante, encontramos outro problema. Desta vez, diz respeito ao registro histórico. Foi, de fato, o governo romano que decidiu destruir o templo judeu? Foi realmente “o governo romano que deu as ordens e os generais romanos que realizaram a destruição”? Mais uma vez, apenas um pouco de lição de casa revela exatamente o oposto é verdade. Os registros de Josefo deixam isso muito claro:

*E agora uma certa pessoa veio correndo para Tito e lhe contou sobre este incêndio [...] então levantou-se apressadamente e, como estava, correu para a casa sagrada, a fim de pôr um freio no fogo; depois dele seguiu todos os seus comandantes, e depois deles seguiram as várias legiões, com grande espanto; então houve um grande clamor e tumulto, como era natural no movimento desordenado de um exército tão grande. César fez o mesmo, chamando os soldados que estavam lutando com grande voz e, dando-lhes um sinal com a mão direita, ordenou que apagassem o fogo.<sup>18</sup>*

Quase se pode imaginar Titus, como o estereótipo clássico de um italiano, usando freneticamente a boca e as mãos para falar. Mas apesar do grande alarme de seu general, apesar de seus gritos frenéticos e mãos acenando, os soldados não obedeceram a Tito ou a nenhum de seus comandantes. Eles estavam absolutamente empenhados em lutar contra os judeus. A seguinte passagem da *Guerra dos Judeus* de Josefo revela exatamente por quê:

*Tito supondo que o fato era que a própria casa ainda poderia ser salva, ele veio às pressas e se esforçou para persuadir os soldados a apagar o fogo [...] mas as suas paixões eram muito duras pelos aspectos que tinham em relação a César, e o pavor que sentiam daquele que os proibia, assim como o ódio deles aos judeus, e uma certa inclinação veemente para combatê-los, também eram muito difíceis para eles [...] E assim a casa sagrada foi incendiada, sem a aprovação de César.<sup>19</sup>*

A imagem poderia ser mais clara? Para esses soldados orientais, a tentação e a oportunidade de matar judeus era simplesmente demais. Dada a escolha entre lealdade aos seus comandantes ou ódio dos judeus, eles se submetiam de todo coração à sua “inclinação veemente” para matar os judeus. Restrição era impossível. E finalmente, a última linha, “assim foi a casa sagrada incendiada, sem a aprovação de César”, não poderia ser mais condenatória para qualquer afirmação de que os líderes romanos desejassem ou comandassem a destruição do Templo. Não foi pelos comandos de Roma que o Templo foi queimado; Foi puro ódio antissemita que incendiou o Templo naquele dia.

#### ISAQUE E ISMAEL: O ÓDIO ANTIGO

Uma realidade antiga está surgindo aqui. A razão específica pela qual os soldados não obedeceram a seus comandantes foi por causa do forte ódio que eles possuíam pelos judeus. Então, como hoje, os vários

povos do Oriente Médio foram em grande parte possuídos por um ódio demoníaco pelo povo judeu. Mesmo que o ódio tenha sido o principal fator motivador por trás da destruição do Templo em 70 dC, também é ódio o sentimento primordial das nações islâmicas vizinhas hoje em relação aos judeus. E o ódio, sem dúvida, será o principal fator determinante quando os exércitos do Anticristo invadirem Israel. Esse ódio é visto talvez mais marcadamente em um episódio horripilante registrado por Josefo. Enquanto os exércitos romanos cercavam Jerusalém, muitos dos cidadãos escolhiam se render e abandonar a cidade. Enquanto o faziam, muitos engoliam qualquer moeda de ouro ou prata que possuísem, na esperança de serem capazes de recuperá-los depois de terem escapado da cidade com mais nada. Mas quando eles se renderam aos soldados romanos como suplicantes não-combatentes, encontraram um destino terrível. Os soldados sírios e árabes que compunham os exércitos romanos não teriam nada disso. Em vez disso, Josefo nos diz que os soldados mataram aqueles que desejavam render-se, na esperança de encontrar qualquer ouro ou prata que pudesse ter sido engolido: “A multidão dos árabes, juntamente com os sírios, cortou os que vinham como suplicantes, e procurou suas barrigas. Nem me parece que tenha havido qualquer infelicidade dos judeus que foi mais terrível do que isso, visto que em uma noite cerca de dois mil desses desertores foram dissecados”.<sup>20</sup> Observe novamente que entre os vários povos que sitiavam Jerusalém, foram os sírios, juntamente com os árabes que estavam mutilando aqueles judeus que tentaram escapar.

## CONCLUSÃO

A esmagadora evidência de historiadores antigos e estudiosos modernos aponta a identidade étnica dos povos “romanos” que destruíram Jerusalém e o Templo: eles eram os ancestrais dos povos muçulmanos que dominam toda a região hoje. Os povos do Oriente Médio serão os principais seguidores do Anticristo, “o príncipe que há de vir”. Esses são os “povos” de Daniel 9:26.

Como já observamos, a teoria do Anticristo Europeu encontra seu apoio mais significativo nesse único verso. E como vimos agora, a teoria do Anticristo Europeu é construída sobre uma base de vapor. No final, a passagem que a maioria considerou como o apoio mais forte a um Anticristo europeu, de fato, aponta para um Anticristo do Oriente Médio - assim como todas as outras passagens pelos Profetas.



## DANIEL 8: O PEQUENO CHIFRE

**A** GORA NOS VIRAMOS PARA DANIEL 8, um capítulo que começa com o surgimento do império Medo-Persa e termina com Antíoco IV Epifânio, o mais proeminente tipo de Anticristo na Escritura. Daniel 8 deveria ser entendido como uma expansão da mesma história que revela Daniel 2 e 7. Em Daniel 2, fomos informados sobre o califado islâmico destrutivo e conquistador, do qual viria uma versão revisada do califado islâmico nos últimos dias. Daniel 7 conta a mesma história, mas acrescenta novas informações sobre o Anticristo, chamado de “chifre pequeno”, que surgirá do antigo califado islâmico, inicialmente assumindo o controle de três reinos e, eventualmente, controlando dez. Em Daniel 8, a história é desenvolvida e desdobrada ainda mais, informando-nos de muitas das características e ações do vindouro Anticristo.

### DANIEL 8

Daniel 8 relata outra das fascinantes experiências visionárias de Daniel. Quando a visão ocorre, Daniel está na cidade de Susa, a capital de Elam no atual Irã, a cerca de trezentos quilômetros a leste da Babilônia. Enquanto alguns comentaristas especulam que Daniel estava realmente em Susa, talvez em uma missão diplomática, o texto da passagem parece indicar que ele estava lá, não fisicamente, mas

apenas em sua visão: “E eu vi na visão; e quando eu vi, eu estava na capital Susa, que fica na província de Elam. E vi na visão e estava no canal de Ulai” (v. 2).

## MEDO - PERSIA

A visão começa retratando a ascensão ao poder do Império Medo-Persa, que viria a conquistar o Império Babilônico. Em Daniel 7, o Império Medo-Persa foi retratado como um urso desequilibrado. Mas aqui, a Medo-Pérsia é retratada como um carneiro com dois chifres, um mais comprido que o outro:

*Levantei os olhos e vi, e eis que um carneiro estava na margem do canal. Tinha dois chifres, e os dois chifres eram altos, mas um era mais alto que o outro, e o mais alto aparecia por último. Eu vi o carneiro indo para o oeste, para o norte e para o sul. Nenhum animal poderia estar diante dele, e não havia ninguém que pudesse resgatar seu poder. Ele fez o que quis e ficou grande. (vv. 3-4)*

Os chifres irregulares se correlacionam claramente com a natureza desequilibrada do urso em Daniel 7. Como John Walvoord escreveu, “O retrato dos dois chifres representando dois aspectos principais do Império Medo-Persa, isto é, os Medos e os Persas, é muito preciso, como os persas chegando por último e representados pelo chifre superior também eram os mais proeminentes e poderosos.”<sup>1</sup>

A identificação do carneiro como o Império Medo-Persa é inquestionável, como é posteriormente identificado como tal pelo anjo Gabriel: “Quanto ao carneiro que viste com os dois chifres, esses são os reis da Média e da Pérsia” (v. 20).

Depois que o Império Medo-Persa subiu ao poder conquistou o oeste em direção à Turquia moderna, à Síria, ao Líbano e à Grécia; em direção ao norte, na direção do norte do Irã, da Chechênia, da Geórgia, da Armênia e do Azerbaijão; e para o sul em direção ao que hoje são Iraque, Israel e Egito.

## O IMPÉRIO GREGO ALEXANDRINO

Em seguida, a visão previa a transição do Império Medo-Persa para o Império Grego Alexandrino. Aqui, em Daniel 8, o Império Grego Alexandrino foi retratado como um bode desganhado com um grande chifre saindo de sua cabeça. Essa cabra corresponde ao leopardo de Daniel 7. O único chifre proeminente representa Alexandre, o Grande:

*Como eu estava considerando, eis que um bode veio do oeste através da face de toda a terra, sem tocar o chão. E o bode tinha um chifre notável entre os olhos. Ele veio ao carneiro com os dois chifres, que eu tinha visto em pé na margem do canal, e ele correu para ele em sua ira poderosa. Eu o vi aproximar-se do carneiro, e ele ficou furioso com ele e atingiu o carneiro e quebrou seus dois chifres. E o carneiro não tinha poder para ficar diante dele, mas ele lançou-o ao chão e pisoteou sobre ele. E não havia ninguém que pudesse resgatar o carneiro de seu poder. (vv. 5-7)*

Alexandre é visto destruindo totalmente o carneiro Medo-Persa, que é incapaz de oferecer uma defesa. Como afirma a passagem, “ninguém poderia resgatar” a Medo-Pérsia do poder militar de Alexandre, o Grande.

## O DIADOKHI

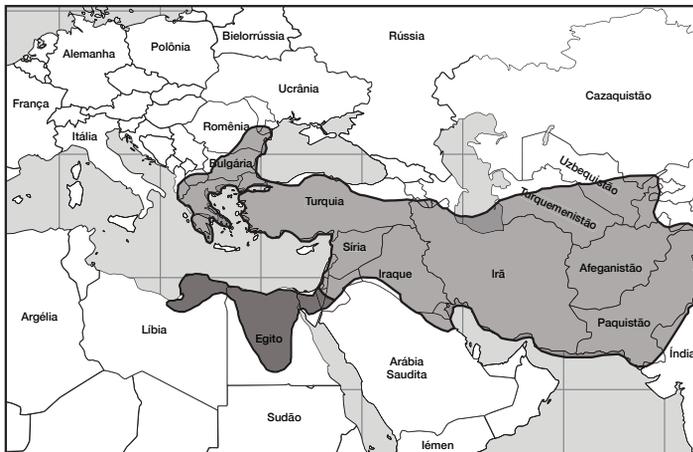
Em seguida, a morte de Alexandre é retratada quando o chifre singular do bode é “quebrado”. Em seu lugar, quatro chifres crescem, representando os quatro generais que sucederam a Alexandre. Esses generais são frequentemente chamados de Diadochi (sucessores): “Então o bode se tornou extraordinariamente grande, mas quando ele era forte, o grande chifre foi quebrado e, em lugar disso, surgiram quatro chifres visíveis em direção aos quatro ventos do céu” (v. 8).

Os quatro chifres também se correlacionam com as quatro asas do leopardo em Daniel 7. Tal como acontece com o Império Medo-

-Persa e seu carneiro representativo, o anjo Gabriel não deixa dúvidas quanto ao significado do bode e seus chifres: “E o bode é o rei da Grécia. E o grande chifre entre os olhos é o primeiro rei. Quanto ao chifre que foi quebrado, no lugar do qual outros quatro se levantaram, quatro reinos surgirão de sua nação, mas não com o seu poder” (vv. 21-22).

#### GUERRAS DO DIADOCHI

Pouco depois da morte de Alexandre em 323 aC, as guerras dos Diadochi começaram e eclodiram intermitentemente pelos próximos cinquenta anos. Após cerca de vinte anos de luta interdinástica, dois “reis”, ou dinastias, emergiram como os governantes dominantes sobre a maioria do antigo Império Grego Alexandrino. O maior dos dois impérios era o Império Selêucida no norte, que dominava as regiões da Turquia moderna, Síria, Líbano, Iraque, Irã, Afeganistão e Paquistão. No sul estava o Império Ptolomaico, que governava o Egito, a Líbia e o Sudão. Embora o tempo, as mortes e as guerras resultassem em um constante deslocamento das fronteiras desses dois impérios, a forma geral e as regiões permaneceram relativamente consistentes nos cem anos seguintes.



Impérios Selêucida e Ptolomaico (275 a.C.).<sup>2</sup>

## ANTÍOCO IV EPIFÂNIO

Então, em 175 aC, Antíoco IV Epifânio, filho do rei Antíoco III, tomou o trono do Império Selêucida. Antíoco é referido no texto como “um pequeno chifre”: “De um deles veio um chifre pequeno, que cresceu muito para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa” (v. 9).

Steven R. Miller, no *New American Commentary on Daniel*, confirma a identificação do “chifre pequeno” como Antíoco IV Epifânio: “O significado é que de uma das divisões do Império Grego emergiria um rei de significado incomum. Estudiosos concordam que este pequeno chifre representa o oitavo soberano do Império Grego Selêucida, Antíoco IV Epifânio (175-163 aC).”<sup>3</sup>

Cinco anos depois que ele assumiu o controle do Império Selêucida em 170 aC, um conflito eclodiu entre Antíoco e o rei Ptolomeu VI no sul. O rei Ptolomeu exigia o retorno do sul da Síria. Isso levou Antíoco a lançar um ataque preventivo contra Ptolomeu, conquistando todo o Egito, exceto a cidade de Alexandria. O rei Ptolomeu também foi capturado. Temendo uma resposta militar dos romanos Antíoco permitiu que Ptolomeu continuasse reinando, mas apenas como um rei fantoche. Dois anos depois, em 168 aC, Antíoco liderou um segundo ataque contra o reino do sul. Enquanto Antíoco estava no Egito, na terra de Israel, espalhou-se um boato de que ele havia sido morto. Seguiu-se uma rebelião, com o alto sacerdote deposto Jason reunindo uma força de mil soldados e fazendo um ataque surpresa à cidade de Jerusalém. Quando Antíoco voltou para o norte, no entanto, ao ouvir sobre a rebelião, ele atacou Jerusalém e executou cerca de quarenta mil judeus, vendendo muitos como escravos. Esses eventos são relatados nos Apócrifos:

*Quando esses acontecimentos foram relatados ao rei, ele pensou que a Judéia estava em revolta. Furioso como um animal selvagem, ele partiu do Egito e tomou Jerusalém de assalto. Ele ordenou a seus soldados que cortassem sem piedade aqueles que encontrassem e matassem aqueles que se refugiavam em*

*suas casas. Houve um massacre de jovens e idosos, um assassinato de mulheres e crianças, um massacre de virgens e crianças. No espaço de três dias, oitenta mil foram perdidos, quarenta mil encontrando uma morte violenta, e o mesmo número sendo vendido como escravo. (2 Macabeus 5: 11–14)*

Esses eventos levaram à revolta dos Macabeus, que por sua vez fez com que Antioquia respondesse ferozmente contra o povo judeu. Antíoco proibiu o judaísmo, aboliu os sacrifícios dos judeus diários e até sacrificou um porco no altar do Templo judaico, espalhando seus sucos pelo Templo como um meio de corrupção. Além disso, Antíoco substituiu as festas judaicas pelo banquete bêbado da Bacanal, forçando os judeus a adorar Baco, o deus do prazer e do vinho. Antíoco também proibiu qualquer um de ser circuncidado ou ler a Torá e qualquer uma das Escrituras Hebraicas. Quando uma mãe secretamente desafiou Antíoco e mandou circuncidar seus dois garotos o rei fez com que todos os três fossem jogados de cabeça para baixo sobre o muro mais alto de Jerusalém, sobre o duro pavimento de pedra abaixo. 2 Macabeus 7: 3-5 relata um exemplo em que Antíoco cortou a língua de sete filhos da mesma família e depois os assou todos vivos em um grande e chato ferro, enquanto sua mãe foi forçada a assistir. Só depois disso a mãe dos meninos foi finalmente assassinada. Teodoreto de Cyr, um bispo do século V na Igreja Oriental também comentou sobre as muitas grandes ofensas que Antíoco cometeu contra o templo judaico:

*Quando a revolta se tornou mais séria, Antíoco chegou e matou a maioria dos devotos e teve a audácia de entrar no recinto do templo; depois de entrar, ele saqueou todo o templo, apropriando-se dos tesouros, de todas as oferendas, das taças, das vasilhas e vasos, da mesa de ouro, do incensário de ouro, dos candelabros de ouro e, em suma, de todos os instrumentos do culto divino. Além disso, ele construiu um altar para*

*Zeus, encheu a cidade inteira com ídolos e obrigou a todos a se sacrificarem, enquanto ele mesmo sacrificava um porco no altar divino e batizava-o de Zeus do Olimpo.<sup>4</sup>*

Todas essas atrocidades são contadas à medida que a carreira do “chifre pequeno” se desdobra na visão de Daniel:

*Ele [o chifre pequeno, Antíoco] cresceu muito, até mesmo para o exército do céu. E alguns do hospedeiro e algumas das estrelas caíram no chão e pisotearam. Tornou-se grande, tão grande quanto o Príncipe do hospedeiro. E o holocausto contínuo lhe foi tirado eo lugar do seu santuário foi derribado. E um anfitrião será entregue a ele juntamente com o holocausto regular por causa da transgressão, e lançará a verdade ao chão, e agirá e prosperará. (Daniel 8: 10–12)*

#### ANTÍOCO COMO UM TIPO DO ANTICRISTO

Antíoco IV Epifânio é, sem dúvida, um dos maiores protótipos do Anticristo em toda a Bíblia. Essas profecias de Antíoco IV Epifânio, portanto, têm tanto um cumprimento histórico como futuro. Os eventos realizados por Antíoco, conforme detalhado em Daniel 8, serão espelhados até certo ponto pelo Anticristo nos últimos dias. Essa visão é mantida por uma ampla gama de estudiosos e comentaristas:

- John Walvoord declara: “Esta passagem, embora cumprida por Antíoco, também era típica da descrição do futuro papel do vindouro Anticristo, o homem do pecado, o ditador do mundo inteiro durante os últimos três anos e meio ano antes da Segunda Vinda.”<sup>5</sup>
- Tim Lahaye e Ed Hindson declaram: “A descrição de Antíoco IV Epifânio como o chifre pequeno de Daniel 8:9-13,

23-25 e a “pessoa desprezível” em Daniel 11: 21-35 o destacam como um tipo do chifre pequeno (o Anticristo) [...] as semelhanças compartilhadas por Antíoco e o Anticristo são impressionantes e estabelecem uma relação tipológica entre as duas figuras”.<sup>6</sup>

- HC Leupold, um renomado erudito do Antigo Testamento, da mesma forma vê Antíoco como um tipo do Anticristo, e as profecias do capítulo 8 têm um significado direto para o fim dos tempos: “O rei Antíoco é visto como uma espécie de anticristo no Antigo Testamento e também como o grande Anticristo; a derrubada e a contaminação do santuário corresponderão às experiências semelhantes da grande tribulação. Quando isso é levado em conta, o capítulo perde seu isolamento dos eventos atuais e é visto como típico em um sentido bem definido”.<sup>7</sup>
- Gleason L. Archer observa as semelhanças entre Antíoco em Daniel 8 e o Anticristo em Daniel 7: “Ele [Daniel 8] se assemelha um pouco a isto [Daniel 7] no assunto e na forma de apresentação, pois também retrata sucessivas impérios como bestas ferozes; e culmina em um tirano descrito como “um pequeno chifre”.<sup>8</sup>

#### O CONTEXTO DO FIM DOS TEMPOS

Há várias razões muito sólidas pelas quais os estudiosos viram nas ações de Antíoco IV Epifânio, conforme registrado em Daniel 8, uma clara previsão profética do vindouro Anticristo. A primeira, simplesmente, é que o anjo Gabriel informa diretamente a Daniel sobre o contexto final da visão no tempo do fim:

*E eu ouvi a voz de um homem entre as margens do Ulai, e ele chamou: “Gabriel, faça este homem entender a visão.” Então ele chegou perto de onde eu estava. E quando ele chegou, fiquei assustado e caí*

*de cara no chão. Mas ele disse-me: “Entende, ó filho do homem, que a visão é para o tempo do fim.” E quando ele falou comigo, caí num sono profundo com o meu rosto no chão. Mas ele me tocou e me fez ficar de pé. Ele disse: “Eis que te farei conhecer o que sucederá no fim da indignação, porque se refere ao tempo determinado do fim.” (Daniel 8:16-19)*

Referindo-se à frase específica “tempo do fim” (hebraico: èt-qetz), Lahaye e Hindson falam de seu significado final no tempo do fim:

*O termo “tempo do fim” (hebraico, èt-qetz) em Daniel (8:17, 19; 11:35; 12:4, 6, 9, 13), como no resto do Antigo Testamento, é distinto do termo “últimos dias” (hebraico, acharit hayamim) (2:28; 10:14). Ambas são expressões escatológicas, mas somente o ete-qetz refere-se exclusivamente ao período ou evento escatológico final [...] O foco no “fim dos tempos” e no “período final da indignação” revela que os eventos referentes à perseguição de Antíoco ao povo judeu e à profanação do Templo - e, portanto, contra Deus, “o Príncipe do Príncipe” - tenha seu cumprimento final com o antítipo, o anticristo durante a tribulação... O Anticristo fez muitas das coisas que o futuro anticristo faria, e assim estabeleceu um padrão profético para o que está por vir.<sup>9</sup>*

#### SIMILARIDADES ENTRE ANTÍOCO E O ANTICRISTO

Mas além do fato de que o anjo Gabriel afirma diretamente que o contexto final da visão é o fim dos tempos, os estudiosos também notaram numerosas semelhanças entre Antíoco e o vindouro Anticristo, estabelecendo ainda mais o contexto final do tempo final dessa visão. Considere as seguintes semelhanças impressionantes:

1. Tanto Antíoco quanto o Anticristo são mencionados usando o simbolismo de um “chifre pequeno”. Enquanto o Anticristo é referido como “outro chifre, um pequeno” (Daniel 7: 8), Antíoco é referido simplesmente como “Um chifre pequeno” (Daniel 8: 9).
2. Tanto Antíoco quanto o Anticristo são grandes perseguidores do povo de Deus. Enquanto o Anticristo “perseguiu os santos do Altíssimo”, que “for entregue em suas mãos” (Daniel 7:25), diz de Antíoco que ele “destruirá com temor e prosperaria e prosperaria; ele destruirá os poderosos e também os santos” (Daniel 8:24).
3. Tanto Antíoco quanto o Anticristo são retratados como “severos” (8.23) ou tendo um “olhar imponente” (7.20). Como Miller comenta: “Ambas as descrições implicam crueldade e dureza”.<sup>10</sup>
4. Tanto Antíoco quanto o Anticristo se exaltam. Enquanto Anticristo “fala palavras pomposas contra o Altíssimo” (Daniel 7:25), foi dito de Antíoco: “Ele se exaltará em seu coração [...] Ele se levantará contra o príncipe dos príncipes” (Daniel 8:25).
5. Tanto Antíoco quanto o Anticristo têm grande poder, que vem diretamente de Satanás. Do Anticristo, diz-se que “a vinda do iníquo está de acordo com a operação de Satanás, com todo o poder, sinais e maravilhas da mentira” (2 Tessalonicenses 2: 9). É dito especificamente que Satanás, o dragão, dará sua “autoridade à besta” (Apocalipse 13: 4), e o Anticristo “agirá contra as fortalezas mais fortes com um deus estranho” (Daniel 11:39). Concernente a Antíoco, foi dito: “Seu poder será poderoso, mas não por seu próprio poder” (Daniel 8:24).
6. Tanto Antíoco quanto o Anticristo seriam destruidores de homens. Do Anticristo é dito que ele fará com que “todos

os que não adorassem a imagem da besta fossem mortos” (Apocalipse 13:15). O apóstolo João, numa visão, viu “espíritos imundos como sapos saindo da boca do dragão, da boca da besta, que saem aos reis da terra e de todo o mundo, para reuni-los a batalha daquele grande dia do Deus Todo-Poderoso” (Apocalipse 13: 13–14). De Antíoco foi dito: “Ele destruirá os poderosos” (Daniel 8:24).

7. Tanto Antíoco quanto o Anticristo são grandes enganadores. O Anticristo diz que sua carreira será definida por “todo poder, sinais e maravilhas mentirosas” (2 Tessalonicenses 2: 9). Durante o reinado do Anticristo, “os que habitam na terra” serão enganados por falsos “sinais” (Apocalipse 13:14). De Antíoco foi dito que ele “entende os esquemas sinistros” (Daniel 8:23), e “pela sua astúcia causará engano prosperando sob o seu governo” (Daniel 8:25).
8. Tanto Antíoco quanto o Anticristo são definidos como orgulhosos e arrogantes. O Anticristo terá “uma boca que fala palavras pomposas”, especificamente “contra o Altíssimo” (Daniel 7: 8, 11, 25). De Antíoco é dito: “E ele se exaltará em seu coração” (Daniel 8:25).
9. Tanto Antíoco quanto o Anticristo usariam uma falsa paz para alcançar seus objetivos. Enquanto o Anticristo entrará em um falso acordo de paz com Israel (Daniel 9:26), de Antíoco foi escrito que ele “entraria pacificamente e obteria o reino com lisonjas” (Daniel 11:21, 24) e, “Ele destruirá muitos pela paz” (Daniel 8:25).

Outras semelhanças entre Antíoco IV Epifânio e o Anticristo certamente poderiam ser destacadas, e vários comentaristas o fizeram. Mas, apesar do óbvio prenúncio profético do Anticristo em Antíoco, e apesar do contexto declarado no final da passagem, muitos estudiosos e professores de profecia têm lutado para reconciliar o “chifre pequeno” de Daniel 8 com o “chifre pequeno” de Daniel 7.

Sua dificuldade surge por causa da suposição comum, mas falsa, de que o pequeno chifre / Anticristo de Daniel 7 emerge de fora do Império Romano, enquanto o chifre pequeno de Daniel 8 emerge do Oriente Médio. Steven Miller lutou com essa aparente contradição em seu comentário sobre Daniel: “A visão do duplo cumprimento em que tanto Antíoco quanto o Anticristo são profetizados tem dificuldades. Por exemplo, o Anticristo vem de Roma, não da Grécia, como faz Antíoco”.<sup>11</sup>

Mas enquanto Miller encontra uma dificuldade aqui, esse problema é inteiramente resolvido ao reconhecer que Daniel 2 e 7 não apontam para o Império Romano, mas para o califado islâmico. A região do califado islâmico e o consolidado Império Selêucida-Ptolemaico de Antíoco IV Epifânio são os mesmos. Quando se entende que ambos os capítulos se referem ao califado islâmico, então todas as visões de Daniel fluem juntas suavemente e as dificuldades históricas dos intérpretes são resolvidas. Sejam Daniel 2, 7 ou 8, todas as três passagens proféticas apontam para o reino anticristão final que surge do Oriente Médio.

## DANIEL 10-11: O REI DO NORTE

COMO TEMOS VISTO ATÉ AGORA através do livro de Daniel, embora toda profecia fale da vinda do Anticristo e de seu reino, cada profecia sucessivamente se constrói sobre a anterior, todas fluindo juntas, mas adicionando informações novas e importantes a cada passagem. Assim como Daniel 2 (a estátua de Nabucodonosor) foi quase perfeitamente semelhante a Daniel 7 (as quatro bestas), Daniel 11 também é uma profecia quase perfeitamente paralela a Daniel 8. Ambas as profecias traçam a queda do império medo-persa ao império grego alexandrino, sua divisão posterior aos quatro Diadochi e a ascensão de Antíoco IV Epifânio, o protótipo profético do Anticristo.

### DANIEL 10: O MENSAGEIRO ANGELICAL

A visão de Daniel 11 realmente começa em Daniel 10, em que nos é dito o encontro de Daniel com um ser angelical. Então, no capítulo 11, a visão é explicada. A revelação começa quando Daniel encontra o anjo pela primeira vez:

*Agora, no vigésimo quarto dia do primeiro mês, como eu estava ao lado do grande rio, isto é, o Tigre,*

*eu levantei os olhos e olhei, e eis que um certo homem vestido de linho, cuja cintura estava cingida com ouro de Ufaz! Seu corpo era como berilo, seu rosto era como a aparência de relâmpagos, seus olhos pareciam tochas de fogo, seus braços e pés pareciam cor de bronze polido e o som de suas palavras era como a voz de uma multidão. E eu, Daniel, sozinho, vi a visão. (Daniel 10: 4–7)*

No verso 14, o anjo revela a Daniel o contexto definitivo do tempo do fim da visão: “Ó Daniel, homem muito amado, entende as palavras que eu falo para você, e se mantém em pé, porque agora fui enviado a você [...] Agora eu vim para fazer você entender o que acontecerá com seu povo nos últimos dias, pois a visão se refere a muitos dias ainda por vir”. Esse ponto é essencial. Assim como Daniel 8, a profecia tem significado histórico e no tempo do fim. Praticamente todos os comentaristas futuristas reconhecem a interpretação de dupla camada:

- Jerônimo comentou que o significado último da profecia diz respeito ao *“que vai acontecer ao povo de Israel, não num futuro próximo, mas nos últimos dias, isto é, no fim do mundo”*.<sup>1</sup>
- Gleason L. Archer declarou: *“O anjo começa a explicar a Daniel o destino do povo hebreu até os últimos dias [...] A visão vai além de sua idade até o período final da história mundial, antes que o Filho do Homem venha em grande poder para estabelecer o Reino de Deus na terra.”*<sup>2</sup>
- LaHaye e Hindson escreveram: *“As profecias dos capítulos 11 tratam de eventos do futuro próximo (aqueles cumpridos historicamente) [...] e eventos do futuro distante (aqueles cumpridos escatologicamente) - a ascensão do chifre pequeno do quarto reino, o Anticristo.”*<sup>3</sup>

- John Walvoord escreveu: “*A expressão nos últimos dias é um importante termo cronológico relacionado ao programa profético que é revelado no livro de Daniel [...] estendendo-se e culminando na segunda vinda de Jesus Cristo à terra*”.<sup>4</sup>
- Steven R. Miller diz: “*No futuro’ é uma tradução do hebraico béahârît hayyāmîm, geralmente apresentada ‘nos últimos dias’. Normalmente, a frase descreve eventos que ocorrerão imediatamente antes e incluindo a vinda do reino de Deus sobre a terra [...] O clímax da antevisão histórica fornecida pelo anjo é o futuro reino de Deus*”.<sup>5</sup>

Tendo explicado o significado final e propósito da visão para Daniel, o anjo próximo começa a explicar os eventos relativos ao futuro imediato do Império Medo-Persa e sua queda para Alexandre, o Grande: “E agora eu vou lhe dizer a verdade: Eis mais três reis surgirão na Pérsia e o quarto será muito mais rico que todos eles [...] Então se levantará um poderoso rei que dominará com grande domínio e fará conforme a sua vontade” (Daniel 11: 2–3).

Como vimos anteriormente em Daniel 8, a morte prematura de Alexandre resultaria no desmantelamento de seu império entre seus quatro sucessores: “E quando ele se levantar, seu reino será quebrado e dividido em direção aos quatro ventos do céu, mas não entre seus posteridade nem de acordo com o seu domínio com o qual ele governou; porque o seu reino será arrancado, mesmo para outros além destes” (v. 4).

O que se segue nos versículos 5–20 é a interpretação muito detalhada dos confrontos históricos entre as duas dinastias mais significativas do antigo Império de Alexandre: o Império Selêucida no Norte e a Dinastia Ptolomaica no Sul. Dos versículos 5–20, o erudito do Antigo Testamento John C. Whitcomb diz: “Esta profecia extraordinariamente detalhada da luta de 150 anos entre os vários herdeiros do reino de Alexandre concentra-se em Ptolomeu I Soter (323–283 aC) e seus sucessores no Egito (isto é, os reis do

sul) e Seleuco I Nicator (312-281) e seus sucessores na Síria (isto é, os reis do norte).”<sup>6</sup>

Então, nos versículos 21–35, somos informados da carreira de Antíoco IV Epifânio, o “chifre pequeno” de Daniel 8, o oitavo soberano do Império Selêucida do norte: “E em seu lugar se erguerá uma pessoa vil, a quem não tinham dado a honra da realeza; mas ele virá em paz e tomará o reino por intrigas” (v. 21).

O contínuo choque histórico entre o Império Selêucida no norte e o Império Ptolemaico no sul continua a ser uma grande ênfase da história que se desdobra: “Ele incitará seu poder e sua coragem contra o rei do sul com um grande exército. E o rei do sul será levantado para a batalha com um grande e poderoso exército; mas ele não subsistirá, porque planejará planos contra ele” (v. 25).

Os versículos 33–35 concluem a discussão de Antíoco com algumas exortações ao povo judeu durante a perseguição de Antíoco. Eles prenunciam poderosamente a perseverança que será necessária nos últimos dias.

## O ANTICRISTO

A discussão sobre o choque entre os selêucidas liderados por Antíoco e o Império ptolemaico no sul termina com o verso 35. Enquanto alguns estudiosos discordam dessa visão, os estudiosos futuristas conservadores geralmente aceitam que os versos 35 e 36 marcam a transição entre Antíoco e seu antítipo dos últimos dias, o Anticristo:

- Jerônimo, falando no quarto século da interpretação judaica e cristã dessa passagem, escreveu: “*Os judeus acreditam que essa passagem se refere ao Anticristo [...] nós também entendemos essa passagem como uma referência ao Anticristo.*”<sup>7</sup>
- John Walvoord escreveu sobre a ruptura do tempo histórico até o final: “*Começando no versículo 36, uma quebra abrupta na profecia pode ser observada, introduzida pela*

*expressão o tempo do fim no versículo 35. Até esse ponto, a profecia que lida com os impérios persa e grego foi cumprida minuciosamente e com incrível precisão. Começando com o verso 36, no entanto, uma situação completamente diferente é obtida.*<sup>8</sup>

- Robert D. Culver, ex-professor de Antigo Testamento e hebraico no Seminário Teológico de Graça, em seu *Daniel e os Últimos Dias*, discute a transição de Antíoco para o Anticristo no versículo 36: *“Minha opinião pessoal (seguindo a maioria dos comentaristas Premilenares) é que a previsão se refere a Antíoco do verso 21 ao verso 35, mas aquele que começa com 36, o Anticristo, pela designação de ‘o rei que fará de acordo com sua vontade’, é o tema da profecia, até o fim do capítulo 11. Com a visão mencionada acima, Antíoco é descrito nos versículos 21-35, e que a história detalhada é típica da futura carreira do Anticristo.”*<sup>9</sup>
- O Dr. Thomas Ice também confirma a ampla aceitação deste ponto de vista: *“Virtualmente todos os futuristas acreditam que Daniel 11: 1-35 foi cumprido no passado, principalmente durante o segundo século a.C. O rei do norte e do sul, nos versículos 1 a 35, claramente se refere ao ‘conflito entre os ptolomeus e os selêucidas’.*<sup>10</sup>

Assim, os estudiosos concordam em geral que, entre os versos 35 e 36, ocorre uma mudança do tipo (Antíoco) para o antítipo (Anticristo). Aqui, vemos que o Anticristo fará o que quiser, ou de acordo com sua própria vontade. Como vimos em Daniel 8, ele é auto-exaltado e arrogante. Ele falará blasfêmias contra virtualmente todo deus e, mais especificamente, contra *Yahweh*, o único Deus verdadeiro (embora nos versículos seguintes, veremos que há um deus em particular que ele honra). E finalmente, vemos que ele prosperará em tudo o que ele faz até que “a indignação termine” quando

Jesus voltar para trazer suas blasfêmias a um fim rápido: “Então o rei fará o que bem entender, e ele exaltará e magnificará a si mesmo. acima de todo deus e falará coisas monstruosas contra o Deus dos deuses; e ele prosperará até que a indignação termine, pois o que for decretado será feito” (v. 36).

Os versículos 37–39 contêm informações essenciais sobre o caráter e o sistema de crenças do Anticristo. Vamos adiar a discussão desses versículos por enquanto e usar o próximo capítulo para discutir essa questão em detalhes. Por enquanto, nos concentraremos no versículo 40 para a conclusão da profecia. O verso 40 nos diz que o contexto desta porção final da profecia é o fim dos tempos: “No fim dos tempos o rei do sul colidirá com ele, e o rei do norte se levantará contra ele com carros, com cavaleiros e com muitos navios; e ele entrará em países, transbordará e atravessará.”

Embora os comentaristas estejam unificados em relação à identidade do rei do Norte (os reis selêucidas) nas seis referências anteriores, eles estão divididos sobre a identidade do rei do norte no versículo 40. Alguns, como eu, pensam que é claro que o rei do norte é o anticristo. Outros, no entanto, acreditam que ele é um inimigo do Anticristo e um aliado do rei do sul.

#### A VISÃO HISTÓRICA: O REI DO NORTE COMO ANTICRISTO

Entre aqueles que identificam o rei do norte com o anticristo incluem comentaristas da igreja primitiva e dos tempos modernos. Eu me refiro a isso como a visão histórica:

- Hipólito, um discípulo de Ireneu, em seu Tratado do Segundo século sobre Cristo e o Anticristo, identificou o rei do norte com o Anticristo.<sup>11</sup>
- Lactantius, no terceiro século, afirmou: “Um rei surgirá da Síria, nascido de um espírito maligno, o derrubador e destruidor da raça humana, que destruirá o que é deixado pelo

*mal anterior, junto com ele mesmo [...] ele tentará destruir o templo de Deus e perseguir o povo justo*”<sup>12</sup>

- Teodoreto de Ciro, no quarto século, também identificou o Anticristo como o rei do norte: *“O rei do sul empreenderá uma guerra contra este, que é chamado de rei do norte [...] Antióco, que por acaso era um tipo do Anticristo, também era chamado de rei do norte. Quando o rei do sul o envolver na luta, ele se manifestará contra ele com uma multidão e forças fortes, tanto na terra como no mar, e obterá a vitória*”<sup>13</sup>
- Gleason L. Archer, depois de considerar a posição alternativa, escreveu: *“Parece muito mais simples e mais convincente, no entanto, considerar o ‘rei do norte’ neste verso como sendo nada menos que o chifre dos últimos dias, o Anticristo*”<sup>14</sup>
- GH Lang, cujo comentário sobre Daniel recebeu o maior elogio e endosso no prefácio de FF Bruce, disse: *“Como o Anticristo deve se erguer da região da Síria, a profecia naturalmente nos leva àquele país (o rei do norte) e seu rival, o Egito (o rei do sul). Na época de Daniel, e muito depois, a Síria (o termo agora limitado ao pequeno país ao norte da Palestina) e o que hoje é chamado de Assíria era um reino da Síria, governando por algum tempo as fronteiras da Índia*”<sup>15</sup>
- Edward J. Young, ex-professor de Antigo Testamento do Seminário Teológico de Westminster, escreveu: *“As batalhas entre o sul e o norte evidentemente apontam para essa grande batalha no final dos tempos. Os dois oponentes são o Anticristo e o rei do sul que começa a batalha empurrando-o contra ele*”<sup>16</sup>
- Steven R. Miller concorda: *“Parece claro, pela descrição do ‘rei do norte’, que ele não é outro senão o Anticristo*”<sup>17</sup>

- O ministro e escritor britânico Geoffrey R. King escreveu: *“Eu acho que ele deve ser o Rei do Norte, o Assírio ... Ele é o equivalente da Besta do Apocalipse”*.<sup>18</sup>
- O teólogo alemão e hebraísta C. F. Keil argumenta que *“nos vv. 40–43 não lemos sobre a guerra do rei hostil (o anticristo) contra o rei do sul e o rei do norte”*.<sup>19</sup>
- Britt Gillette, uma blogueira de profecia popular, diz: *“O capítulo 11 de Daniel... liga claramente o Anticristo ao Reino do Norte do dividido Império Grego. Este reino foi governado por um dos generais de Alexandre, Seleuco, que governou as áreas da Síria, Mesopotâmia e Pérsia. Portanto, é razoável supor que o Anticristo estará, de alguma forma, ligado a essa área geográfica do Oriente Médio”*.<sup>20</sup>

#### A VISÃO POPULAR: TRÊS REIS

Em contraste com a visão histórica muitos hoje assumem a posição de que a passagem descreve três reis separados e que o rei do norte é um inimigo do Anticristo.

- Leon Wood, em seu comentário sobre Daniel, reconheceu o debate entre os estudiosos e concluiu que o rei do norte não é o Anticristo, mas sim um líder russo.<sup>21</sup>
- Tim Lahaye e Ed Hindson, em seu Comentário da Profecia Bíblica Popular, escreveram: *“A campanha do Anticristo se concentrará em Israel (Daniel 11:41), mas ele terá que superar um ataque em duas frentes do rei do sul. e o rei do Norte (versos 40–44) antes que ele possa alcançar seu objetivo (verso 45). Aparentemente, esses dois reis / nações formarão uma aliança contra o Anticristo e lançarão um ataque conjunto contra ele.”*<sup>22</sup>
- John C. Whitcomb, diz: *“O rei do sul deve, portanto, ser um futuro monarca egípcio, a julgar pelo uso prévio do termo*

*neste capítulo e também pelas declarações claras de 11: 42-43. Presumivelmente em aliança com um rei do norte (como a Rússia de hoje?), O governante egípcio escatológico lançará um impulso diversionário e “entrará em colisão com ele”, isto é, com “o rei que fará o que lhe agrada (o Anticristo)”.*<sup>23</sup>

- Robert Culver escreveu: “*Até esse ponto, a parte imediata do capítulo está lidando com o rei do sul (Egito), o rei (Antíoco) do norte (Síria), e seus conflitos uns com os outros, e com Israel. Aqui, no entanto, o rei voluntário é um terceiro, em conflito com os dois reis.*”<sup>24</sup>

#### PROBLEMAS COM A VISÃO POPULAR

De acordo com a visão popular, Daniel 11: 36–45 descreve três reis: (1) o anticristo, (2) o rei do norte e (3) o rei do sul. O rei do Norte e do Sul são vistos como aliados juntos contra o Anticristo. Essa visão não apenas está em conflito com as opiniões da igreja primitiva, mas também está em conflito com o fluxo claro e o contexto maior da passagem. Ao longo de Daniel 8 e 11, Antíoco IV Epifânio é claramente um tipo do Anticristo. Todos os estudiosos concordam com isso. Mas como o último rei histórico do Império Selêucida, Antíoco também foi o último rei do Norte. Quando os estudiosos examinam numerosas características, descrições, ações e títulos de Antíoco IV Epifânio, conforme registrado em Daniel 8 e 11, eles atribuem todos eles ao Anticristo. Estas incluem descrições de Antíoco como:

- o chifre pequeno (Daniel 7: 8; 8: 9)
- um destruidor e perseguidor do povo de Deus (Daniel 7:25; 8:24; Apocalipse 13: 13–15)
- aquele que recebe seu poder de Satanás (Daniel 8:24; 11:39; 2 Tessalonicenses 2: 9; Apocalipse 13: 4)

- um blasfemo (Daniel 8:25; 7: 8, 11, 25)
- arrogante e auto-exaltado (Daniel 7: 8, 11, 25, 8:25)
- uma pessoa vil (Daniel 11:21)
- um profanador do templo judaico
- severo rosto de feroz semblante (Daniel 7:20; 8:23)
- um manipulador que usa engano para ganhar poder (Daniel 8:23, 25; 2 Tessalonicenses 2: 9; Apocalipse 13:14)
- aquele que usa a falsa paz para obter a vitória (Daniel 8:25; 11:21, 24)

Todos esses são reconhecidos como descrevendo tanto Antíoco IV Epifânio como o Anticristo. Mas com relação a seu título como rei do Norte, governante do Império Selêucida, a visão popular de repente se divorcia do Anticristo a partir deste título. O resultado bizarro é que Antíoco IV Epifânio é visto como um tipo do Anticristo e o maior inimigo do Anticristo. Mas como ele pode ser os dois? Isso simplesmente não faz sentido. Além disso, os reis do Norte e do Sul, que são inimigos em toda a parte histórica da profecia são repentinamente escalados como aliados contra o Anticristo. Como Lahaye e Hindson afirmaram, “esses dois reis / nações formarão uma aliança contra o Anticristo e lançarão um ataque conjunto contra ele”.<sup>25</sup> Mesmo J. Paul Tanner, um defensor da popular teoria dos três reis, admite a problemática e natureza contraditória desta posição: “Uma possível fraqueza dessa visão é a leve inconsistência com a parte anterior do capítulo. A teoria dos três reis parece sugerir que o ‘rei do norte’ e o ‘rei do sul’ estão juntos em hostilidade contra o anticristo, enquanto a parte anterior do capítulo descreve os dois reis em conflito uns com os outros.”<sup>26</sup>

Tanner está absolutamente correto, e sua honestidade é refrescante. Essa visão literalmente distorce o tipo histórico (inimigos) em seu exato oposto (aliados). Onde está a justificativa para tal reviravolta completa de 180 graus? Apesar de sua popularidade generalizada,

essa posição é inconsistente e ausente em qualquer sentido claro. Deve ser rejeitado por estudantes cuidadosos das Escrituras. Mas qual é a base para essa posição? Como tantos excelentes intérpretes chegam a essa conclusão? A resposta é simples. Como a maioria dos intérpretes chega à passagem com a falsa presunção de um Anticristo romano ou europeu, quando Daniel 11 revela que o Anticristo vem da região da Turquia, Síria e Iraque (o Império Selêucida), eles são incapazes de reconciliar todos os textos. e, assim, forçar uma leitura não natural da profecia. Como tal, Leon Wood escreveu: “A designação de ‘rei do norte’ não é uma indicação apropriada do Anticristo, porque seu país, Roma, não está ao norte da Palestina. Um governante russo se encaixa bem, no entanto, desde que a Rússia está diretamente ao norte, com Moscou estando em uma linha norte-sul quase direta com Jerusalém”.<sup>27</sup>

Enquanto a totalidade de Daniel 11 fala de um império do Oriente Médio, de repente, sem qualquer justificativa além da direção vaga de “Norte”, Wood, Whitcomb e muitos outros optam por ver uma força militar russa. Este é um exemplo clássico de exegese especulativa pura. Aqui podemos ver como a falsa presunção de um anticristo romano leva a erros de composição, manchando a interpretação de uma passagem e de várias outras. Em vez disso, de acordo com a compreensão mais clara e simples do texto, de acordo com a igreja primitiva, bem como a ênfase esmagadora do Oriente Médio de todas as passagens proféticas anteriores, concluímos que o título de *Rei do Norte* é usado para descrever o Anticristo. Esse título é usado sete vezes em Daniel 11 (vv. 6, 7, 8, 11, 13, 15, 40). Nas primeiras seis vezes refere-se aos vários reis do Império Selêucida. Mas no versículo 40, o Anticristo, como nos últimos dias Antíoco IV Epifânio, é também referido como o rei do Norte que governará uma versão dos últimos dias do Império Selêucida. Esta posição é razoável, simples e clara, resolvendo as dificuldades, contradições e tensões que tem perseguido muitos intérpretes por anos.

## O INVASOR DO NORTE

Voltando ao texto, em seguida, somos informados de que o Anticristo invadirá Israel, referido como “a Terra Bonita” (NASB), assim como muitos outros países, mas Edom, Moabe e os filhos de Amon serão poupados de suas conquistas. O agrupamento dessas três nações antigas e sua correlação bastante direta com a Jordânia dos dias de hoje levou muitos comentaristas a acreditar que o Reino Hachemita da Jordânia não cairá nas conquistas do Anticristo: “Ele também entrará na Terra Bonita, e muitos países irão cair; mas estes serão resgatados da sua mão: Edom, Moabe e o principal dos filhos de Amom” (Daniel 11:41 nasb).

Depois de entrar em Israel, o Anticristo conquistará as três nações do Egito, Líbia e Cuxe, que se correlacionam com a moderna República Islâmica do Norte do Sudão. “Então ele estenderá a mão contra outros países e a terra do Egito não escapará. Mas ele ganhará controle sobre os tesouros escondidos do ouro e da prata e sobre todas as coisas preciosas do Egito; e os líbios e Cuxe [o norte do Sudão] seguirão seus passos” (vv. 42-43). Os cristãos antigos acreditavam que as três nações do Egito, Líbia e Sudão correspondem aos três chifres que seriam primeiro arrancados pelo Anticristo de acordo com Daniel 7: 8. Hipólito, em *seu Tratado sobre Cristo e o Anticristo*, escreveu: “E sob este significado não havia outro senão o Anticristo... Ele diz que três chifres são arrancados pela raiz por ele, isto é, os três reis do Egito, e a Líbia, e a Etiópia [Cuxe-Sudão], a quem ele corta na ordem da batalha”.<sup>28</sup>

Jerônimo também viu essas mesmas três nações como os três chifres para cair no Anticristo: “Nós explicamos o último capítulo dessa visão como relacionado ao anticristo e declarando que durante sua guerra contra os egípcios, líbios e etíopes [Cuxe-Sudão] no qual ele esmagará três dos dez chifres”.<sup>29</sup>

Então, em algum momento no meio das conquistas do Anticristo, “rumores” do Norte e do Oriente o aborreceram muito. Exatamente o que esses rumores são, só podemos especular. Mas nós assumiríamos que eles se referem aos movimentos de grandes

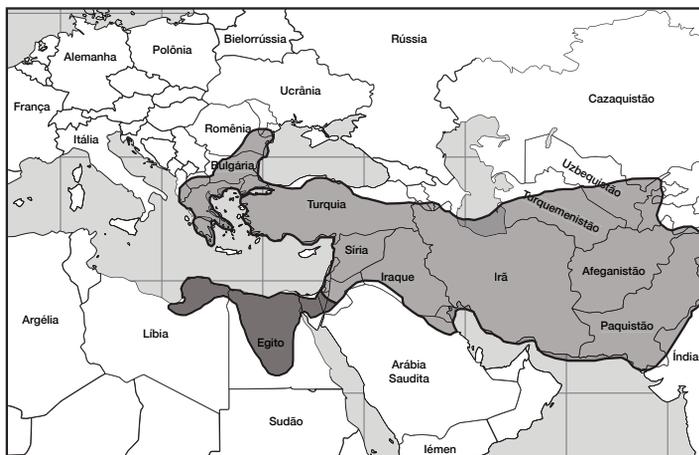
exércitos, talvez da Rússia no Norte e da China no Oriente: “Mas os rumores do Oriente e do Norte o perturbarão, e ele sairá com grande ira para destruir e aniquilar muitos” (Daniel 11:44).

Finalmente, o Anticristo é retratado como “lançando suas tendas reais” na terra de Israel, onde ele é simplesmente descrito como chegando “até o fim”: “Ele lançará as tendas de seu pavilhão real entre os mares e a linda Montanha Sagrada.; todavia ele chegará ao seu fim, e ninguém o ajudará” (v. 45).

#### IMPLICAÇÕES PROFÉTICAS FUTURAS

Em Daniel 8, Antíoco IV Epifânio é um tipo do Anticristo em relação ao seu caráter e ações contra o povo e a terra de Israel. Aqui em Daniel 11, Antíoco é mais uma vez tratado como um tipo do Anticristo. Dessa vez, é no que diz respeito às guerras em que ele se envolverá e à região da qual ele emergirá. Como vimos, essa era a visão dos primeiros cristãos. As implicações desta profecia em relação à chamada Primavera Árabe são profundas. Nos próximos dias e anos devemos esperar o surgimento de um líder do norte da região geral da Turquia, Síria ou Iraque; isto é, o Império Selêucida. Outro líder do sul surgirá no Egito. O líder do sul entrará em confronto com o líder do norte, o que levará a um confronto militar em larga escala. O Egito cairá para o líder do norte. A Líbia e o Sudão (Cuxe) se submeterão ao líder do norte. Depois disso, outras sete nações da região apoiarão voluntariamente o líder do norte / Anticristo e seu império emergente. Esse império revivido é aquele que foi profetizado em Daniel 2 como os pés de ferro e barro, em Daniel 7 como os dez chifres. Esse será o império final anticristão que esmagará o povo de Deus em toda a região e em grande parte da terra antes de ser completamente destruído por Jesus, o Messias.

A BESTA VEM DO ORIENTE MÉDIO



Reino Selúcida ao Norte e Reino Ptolemaico ao Sul (275 a.C.)<sup>30</sup>

## DANIEL 11: A TEOLOGIA DO ANTICRISTO – ELE CLAMARÁ SER DEUS?

**N**O ÚLTIMO CAPÍTULO examinamos a porção de Daniel 11 que destacava a região de onde o Anticristo viria, bem como seu título profético, “o rei do Norte”. Agora devemos retornar aos versículos 36–39 para entender o que a passagem diz sobre a religião ou teologia do Anticristo. No último capítulo discutimos o versículo 36, que retrata o Anticristo como alguém voluntarioso e auto-exaltado que se exalta acima de todos os deuses e, mais especificamente, blasfema de Yahweh, o único Deus verdadeiro. No entanto, nos versos que se seguem, embora fique claro que o Anticristo blasfema contra o Deus da Bíblia e rejeita virtualmente todos os outros deuses, há um deus em particular que o Anticristo honra: “Ele não mostrará consideração pelo deus de seus pais ou pelo desejo das mulheres, nem demonstrará respeito por qualquer outro deus; porque ele se engrandecerá acima de todos eles. Mas em vez disso ele honrará um deus de fortalezas, um deus que seus pais não conheciam; ele o honrará com ouro, prata, pedras e tesouros caros” (Daniel 11: 37–38).

Aqui estão algumas declarações muito importantes sobre as visões religiosas do Anticristo. Essa passagem levou alguns cristãos a

fazerem declarações dogmáticas sobre as crenças do Anticristo com base em uma parte isolada dessa passagem, ignorando outras partes. Por exemplo, eu ouvi a frase “Ele não mostrará consideração por nenhum outro deus” para apoiar a afirmação de que o Anticristo será ateu. Outros citaram: “Ele não mostrará consideração pelo desejo das mulheres” como prova de que ele será homossexual. Outros ainda citaram: “Ele não mostrará consideração pelo deus de seus pais” como prova de que ele será um judeu que se converteu a outra religião ou simplesmente rejeitou o judaísmo. Mas entender o quadro completo aqui pintado requer uma análise holística da passagem. Eu pessoalmente acredito que esses versículos contêm uma declaração quádrupla da fé de Anticristo. Os primeiros três elementos são negativos, definindo o que o Anticristo rejeita e nega. O quarto componente revela o que o Anticristo afirma:

- O Anticristo rejeita “o Deus de seus pais”.
- O Anticristo rejeita “o desejo das mulheres”.
- O Anticristo rejeita “todos os outros deuses”.
- O Anticristo afirma e honra “um deus de forças”.

Vamos analisar o que cada uma dessas declarações se refere.

#### O DEUS DE SEUS PAIS

A primeira entidade divina que o Anticristo rejeita é “o Deus de seus pais”. Muitos estudantes de profecias bíblicas leram essa frase para significar que o Anticristo simplesmente rejeitará a religião de sua juventude, a religião de seu pai ou avô. Outros argumentaram que a palavra hebraica específica aqui para “Deus” poderia ser facilmente usada para um “deus” pagão ou “deuses”. Mas nenhuma dessas sugestões está de acordo com o significado consistente e repetido da frase hebraica (*elohim ab*). Esta frase é usada frequentemente nas Escrituras. Toda vez que é usada, é uma referência ao Senhor (Yahweh). Isso levou muitos estudiosos a concluir que o Anticristo seria judeu.

Como A. C. Gaebelein declarou: “O rei Anticristo não deve considerar o Deus de seus pais. Aqui sua descendência judaica se torna evidente. É uma frase judaica “o deus de seus pais”.<sup>1</sup>

Assim, porque a referência é ao Senhor, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, Gaebelein e outros estudiosos acreditam que o Anticristo só poderia ser um judeu que tenha rejeitado sua religião ancestral. Eu acredito que Gaebelein está certo de que *elohim ab* é uma referência ao Deus dos judeus, mas isso não prova necessariamente que o Anticristo será judeu. O problema com esse raciocínio é encontrado na canção de uma igreja popular infantil: “Pai Abraão teve filhos homens, muitos filhos teve pai Abraão.” Em outras palavras, simplesmente porque o Anticristo rejeita o Deus de seu pai Abraão, de modo algum isso prova que ele é judeu. Ele poderia facilmente ser um ismaelita, um edomita ou um descendente de qualquer número de parentes dos filhos de Abraão que preenchem grande parte do Oriente Médio e estão dispersos por toda a Terra hoje. Devemos ter muito cuidado ao usar essa passagem para limitar a etnia do Anticristo de maneira excessivamente rígida. O ponto simples aqui é que o Anticristo “não mostrará consideração” pelo Senhor Deus dos patriarcas. De fato, embora muitos pais da Igreja e comentaristas modernos tenham afirmado que o Anticristo será judeu, o padrão bíblico prova o contrário. Todo tipo ou prefiguração do Anticristo em toda a Escritura tem sido um líder gentio não judeu. Faraó, Senaqueribe (o assírio), Nabucodonosor (rei da Babilônia), ou Antíoco IV Epifânio, todos eram líderes pagãos mundiais não judeus. Dessa forma, acredito que é muito mais provável que o Anticristo também seja um líder mundial não-judeu que rejeite o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Embora os apologistas muçulmanos afirmem que o Alá do Islã é, de fato, um e o mesmo que o Deus de Abraão, isso é meramente propaganda islâmica. O Alá do Islã tem muito mais em comum com Sin, o deus da lua que Abraão deixou no deserto, do que com o Deus Pai da Bíblia.

## O DESEJO DAS MULHERES

Segundo, o Anticristo rejeita “o desejo das mulheres”. Essa frase também foi interpretada de várias maneiras.

Alguns interpretam isso como um indicador de que o Anticristo será homossexual. Nathan Jones, do *Lamb and Lion Ministries*, por exemplo, considera esta passagem como significando que o Anticristo pode ser gay e, portanto, não poderia ser muçulmano: “Se o Anticristo não é para as mulheres e pode ser gay, os muçulmanos o querem morto, certo?”<sup>2</sup> O pastor John Hagee também foi criticado pela mídia liberal por afirmar da mesma forma que o Anticristo será “um blasfemo e um homossexual”<sup>3</sup>.

Outros viram neste verso uma referência a alguma deusa romana.

Mas essa opinião está fundamentada na visão liberal de que a passagem não está falando do Anticristo do tempo do fim, mas sim de uma figura histórica.

Outros ainda veem essa frase como uma referência messiânica a Jesus, o Messias.

Essa visão é sustentada por um corte transversal de estudiosos:

- Arno C. Gaebelein disse: *“Ainda mais interessante é a frase ‘ele não deve considerar o desejo das mulheres’. O Senhor Jesus Cristo está em vista aqui.”*<sup>4</sup>
- John Walvoord também declarou: *“Embora Daniel não seja específico, uma explicação plausível dessa passagem, à luz do passado judaico de Daniel, é que essa expressão, o desejo das mulheres, é o desejo natural das mulheres judias de se tornarem a mãe do prometido Messias, a semente da mulher prometida em Gênesis 3:15”*<sup>5</sup>
- Stephen R. Miller escreveu: *“Aquele que as mulheres desejam é aludido a Cristo porque as mulheres judias desejavam ser a mãe do Messias, e o contexto do versículo parece apoiar essa interpretação.”*<sup>6</sup>

- Phillip Mauro, um expositor preterista do início do século XX, escreveu: *“As palavras, ‘nem o desejo das mulheres’, são muito significativas. Quase não há dúvida de que eles se referem a Cristo e que Daniel os compreenderia”*.<sup>7</sup>

Em outras palavras, “o desejo das mulheres” é uma frase hebraica referenciando o Messias. Essa frase teria sido entendida por seus ouvintes originais como tal. Por fim, esse desejo das mulheres judias foi realizado e cumprido em Maria, que se alegrava em ser escolhida como a abençoada e gritava: “Minha alma magnifica o Senhor e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Pois Ele considerou o estado humilde de Sua serva; pois eis que daqui a diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada” (Lucas 1: 46-48).

#### O PAI E O FILHO

Até agora, vemos que o Anticristo rejeita (1) o Senhor (Yahweh), o Deus da Bíblia; e (2) Jesus o Messias. Esta dupla rejeição deve ser vista simplesmente como uma denúncia de Deus Pai e de Deus Filho. Suporte para essa visão é encontrado no Novo Testamento. Em 1 João 2: 22-23, o apóstolo João estava discutindo especificamente a teologia ou sistema de crenças do Anticristo. Considere sua ênfase na negação do Pai e do Filho pelo Anticristo: “Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Ele é o anticristo que nega o Pai e o Filho. Quem nega o Filho também não tem o Pai; aquele que reconhece o Filho também tem o Pai”.

Mas onde João recebeu essa informação? Porque as Escrituras de João consistiam no Antigo Testamento, o texto principal que ele teria procurado para entender a respeito da teologia do Anticristo teria sido Daniel 11: 36-39. É provável que este seja o próprio texto do qual João derivou seus comentários sobre a dupla negação do Anticristo. Essa negação do Pai e do Filho é também um tema recorrente entre outras passagens anticristãs. No Salmo 2, que repete o motivo comum da reunião do fim dos tempos das nações, especifica exatamente contra quem as nações gentias se reúnem: o Senhor e seu Messias:

*Por que as nações se enfurecem e o povo conspira uma coisa vã? Os reis da terra se levantam e os príncipes se reúnem contra o senhor e contra o seu Ungido, dizendo: “Quebremos as suas ataduras e joguemos fora as suas cordas de nós”. Aquele entronizado no céu ri; o Senhor zomba deles. Então ele os repreende em sua ira e os aterroriza em seu furor, dizendo: “Eu instalei meu Rei em Sião, meu santo monte. (vv. 1–4)*

Em outro lugar, Jesus também, falando da época em que os santos seriam mortos por causa de sua fé nEle, explicou: “Todo aquele que te matar pensará que ele oferece o serviço a Deus. E estas coisas lhes farão porque não conheceram o Pai nem eu” (João 16: 2–3).

Esta é uma passagem fascinante. Embora seu contexto inicial seja a perseguição da comunidade messiânica primitiva pela comunidade judaica não-messiânica, Jesus então estende o significado a uma época em que aqueles que mataram os crentes realmente acreditariam estar servindo a Deus. Essa é uma dificuldade para aqueles que veem o humanismo como a “religião” final do Anticristo. Se os humanistas estivessem em mente aqui, então Jesus teria dito que esses homens pensariam que matar era justificável, não que eles acreditassem que seus assassinatos satisfizessem um deus em quem eles não acreditam. Claramente, o que se entende aqui é um futuro em que os membros de uma religião real matariam os seguidores de Jesus e acreditariam que tais atos agradavam ao seu deus. Uma religião no mundo hoje se destaca como um provável candidato para cumprir essa profecia em escala global. De fato, em muitas partes do mundo hoje, os cristãos já são mortos regularmente por muçulmanos que acreditam que tais atos são agradáveis ao seu deus, Alá.

#### QUALQUER OUTRO DEUS

Terceiro, além de rejeitar o Pai e o Filho, o Anticristo rejeita qualquer outro deus globalmente. Mas precisamos ter cuidado em não

ler isso em um sentido absoluto, pois pelo que estamos prestes a ver, existe uma exceção para o desrespeito do Anticristo para todos os deuses – um deus que ele, de fato, honra grandemente.

#### UM DEUS DA GUERRA

Finalmente, em Daniel 11:38, chegamos àquilo que o Anticristo afirma: “Ele honrará o deus das fortalezas em vez destas. Um deus que seus pais não conheciam ele deve honrar com ouro e prata, com pedras preciosas e presentes caros.” A versão King James traduz como “o Deus das forças”. Mas o que isso significa?

John Walvoord escreveu: “A única confiança do governante final do mundo está no poder militar, personificado como um ‘deus da guerra’”.<sup>8</sup> As opiniões dos eruditos e dos comentaristas têm sido bastante conflitantes aqui. Alguns veem um deus específico aqui e tentaram identificá-lo com certos deuses da história. O estudioso hebreu Wilhelm Gesenius, por exemplo, vê aqui uma referência a Júpiter Capitolino. Outros viram uma referência a Marte, o deus da guerra. Ainda assim, outros tentaram lançar esse “deus” como nenhum deus, mas sim uma referência ao compromisso do Anticristo com a conquista militar. Lahaye e Hindson, por exemplo, declararam: “Esse rei é um pagão que reverencia apenas o poderio militar.”<sup>9</sup> Comentando essa passagem, Walvoord também disse que o Anticristo “é um materialista completo”.<sup>10</sup>

Mas ver o Anticristo como um materialista ateu apenas empenhado na conquista simplesmente não é a leitura natural da passagem. Este ponto essencial não deve ser esquecido. Se o Anticristo for um ateu, dedicado à conquista, não acreditando em nenhum outro poder além de si mesmo, então a adição da palavra “deus” aqui só serve para confundir o significado real da passagem. O mesmo acontece com o fato de o Anticristo oferecer presentes de “ouro, prata, pedras e tesouros caros”, como fazem os adoradores tradicionais. Este deus também é especificamente designado como “um deus estrangeiro”, apontando ainda para um deus específico adorado por

um povo “estrangeiro” sem nome. Ele não adora o Deus dos judeus. Depois de considerar todas as evidências, a leitura mais natural do texto é ver o Anticristo como um adorador de um deus específico da guerra. A história do Oriente Médio, é claro, é preenchida com o culto das divindades do astral e da guerra. Assim, vemos que o Anticristo, enquanto rejeita Deus Pai, Deus Filho e todos os outros vários deuses em toda a terra, adora um deus da guerra.

Quando o quadro completo é considerado, é justo dizer que essa descrição certamente poderia ser aplicada a um muçulmano. A doutrina islâmica rejeita Yahweh em troca do Alá do Alcorão. O Islã nega Jesus como o Filho de Deus e rejeita os deuses de todas as outras religiões. E certamente o Alá do Islã poderia ser entendido como o deus da guerra, ou jihad. Se o Islã é a religião do Anticristo, então a frase “um deus que seus pais não conheciam” poderia ser facilmente entendida como uma referência a Alá, o deus da guerra da lua e da Arábia.

Finalmente, somos informados de que, com a assistência desse “deus estrangeiro”, o Anticristo atacará as mais formidáveis fortalezas e recompensará aqueles que apoiarem seus esforços: “Ele lidará com as fortalezas mais fortes com a ajuda de um deus estrangeiro. Aqueles que o reconhecem, ele deve carregar com honra. Ele os fará soberanos sobre muitos e dividirão a terra por um preço” (Daniel 11:39). Exatamente o que Daniel tinha em mente como as “fortalezas mais fortes” que podemos apenas especular. Se estivermos entre aqueles que vivem para ver o dia do Anticristo, isso ficará claro.

#### IRÁ O ANTICRISTO DIZER QUE É DEUS?

Tendo discutido a teologia do Anticristo, é importante que nos voltemos agora para uma discussão muito importante e relacionada. Nos últimos anos, a objeção mais significativa levantada à teoria do Anticristo Islâmico foi a de que o Anticristo alegaria ser Deus, e os muçulmanos nunca seguiriam tal homem. No *Anticristo Islâmico*, reconheci essa dificuldade e discuti dois fatores

que poderiam resolver esse problema. A primeira foi a influência poderosamente sedutora e enganosa do Falso Profeta de Apocalipse 13. Prevê-se que este assistente de trabalho maravilhoso para o Anticristo realize poderosos pseudo-milagres para enganar os povos da terra: “E ele engana aqueles que a terra por aqueles sinais que lhe foi concedido fazer” (Apocalipse 13:14 nkjv).

O segundo fator que sugeri foi o momento da exigência do Anticristo de ser adorado. Isso seria literalmente anos depois de ele ter estabelecido uma significativa base global, lealdade e identidade como a esperada figura messiânica do mundo islâmico conhecida como Mahdi. Este cenário pode muito bem ser o caso, mas existem outras possibilidades também. Embora esteja claro que o Anticristo será um auto-promotor desavergonhado e exigirá lealdade, subserviência e submissão absolutas, há também a possibilidade de que ele pare na tentativa de se proclamar Deus Todo-Poderoso. Mas para realmente entender o que a Bíblia diz sobre suas crenças religiosas, devemos consultar todos os textos relevantes. Três passagens levaram a maioria a acreditar que o Anticristo realmente se proclamará como Deus. A primeira passagem, que examinamos anteriormente, é Daniel 11:36: “Ele se exaltará e se engrandecerá acima de todo deus, e falará coisas surpreendentes contra o Deus dos deuses.” Mas como já discutimos, essa afirmação não pode ser divorciada do contexto mais completo da passagem que mostra que o Anticristo honra e faz oferendas a um deus da guerra. Embora devamos ser cautelosos ao descartar qualquer coisa, é difícil ver o Anticristo honrando seu deus e também proclamando ser um deus.

#### ANTICRISTO SE ASSENTA NO TEMPLO DE DEUS

A segunda passagem parecia uma prova de que o Anticristo proclamará a si mesmo como sendo Deus está na segunda epístola de Paulo aos tessalonicenses: “Ninguém, por nenhum meio, vos engane; porque aquele Dia não virá a menos que a queda venha primeiro, e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição, que se opõe

e se exalta acima de tudo que é chamado de Deus ou que é adorado, de modo que ele se senta como Deus no templo de Deus, mostrando a si mesmo que ele é Deus” (2: 3–4 nkjv).

Esta passagem é consistente com várias outras passagens no livro de Daniel. Claramente, o Anticristo será um indivíduo arrogante e auto-exaltado, que blasfemarà abertamente contra o Senhor e tudo que é sagrado. Nós também vemos que ele realmente se sentará no Templo de Deus. Mas o que exatamente significa o texto quando diz que o Anticristo se mostrarà como Deus? Ele alegará ser o Senhor, o Deus do povo judeu? Não parece assim. Pelo contrário, o Anticristo irá:

- “falar blasfêmias contra o Deus dos deuses” (Daniel 11:36)
- “falar palavras pomposas contra o Altíssimo” (Daniel 7:25)
- verbalmente blasfemar contra Deus, Seu nome e Seu templo (Apocalipse 13: 6)

Tomados em conjunto, isso é prova suficiente de que o Anticristo não reivindicará ser o Senhor, o Deus da fé bíblica. Parece que o Anticristo sentado no Templo é um ato de desafio, escárnio e superioridade sobre o Deus do Templo. O Anticristo afirma então ser algum outro deus? Eu também sou cético em relação a essa noção, pois, como já vimos, o Anticristo cultua um deus de forças ou guerra. Como eu disse, parece improvável que o Anticristo adoraria um deus da guerra e também afirmaria ser um deus.

Como então pode ser dito que o Anticristo mostra “ele mesmo como sendo Deus”, como o texto declara? Esta pergunta é respondida destacando o fato de que, no pensamento hebraico ou bíblico, o Templo era visto como a localização terrena da qual a autoridade governamental de Deus era estendida à terra. Em outras palavras, o templo é o assento de Deus. Este conceito é visto em todas as Escrituras. Ezequiel, por exemplo, teve uma visão na qual Deus falou com Ele de um futuro Templo e declarou que seria seu trono: “Enquanto

o homem estava de pé ao meu lado, ouvi alguém falando comigo fora do templo e ele disse: eu, 'Filho do homem, este é o lugar do meu trono e o lugar das plantas dos pés, onde habitarei no meio do povo de Israel para sempre' "(Ezequiel 43: 6-7).

Falando do reino do Messias, Jeremias, o profeta, também se referiu ao Templo como o trono de Deus: "Naquele tempo, Jerusalém será chamada o trono do Senhor, e todas as nações se reunirão a ele, à presença do Senhor. em Jerusalém, e não mais teimosamente seguirão o seu mau coração" (Jeremias 3:17). O próprio Jesus também se referiu ao Templo como o lugar onde Seu trono permanecerá um dia: "Quando o Filho do Homem vier em sua glória e todos os anjos com ele, então se assentará em seu glorioso trono" (Mateus 25:31).

Ao entender como Deus vê o Templo, podemos entender que quando o Anticristo se senta na sede de Deus, ele se declara igual ou maior que Deus. Mas isso não significa necessariamente que ele declarará verbalmente ser Deus ou até mesmo um deus.

A terceira passagem que alguns usam para apoiar a noção de que o Anticristo se declarará como Deus é Apocalipse 13. Aqui nos é dito que Satanás, o dragão, autorizará a besta (o Anticristo e seu reino) a receber adoração: "E eles adoraram o dragão, pois ele tinha dado sua autoridade à besta, e eles adoraram a besta, dizendo: 'Quem é como a besta e quem pode lutar contra ela?'... e todos os que habitam na terra o adorarão, todo aquele cujo nome não tenha sido escrito antes da fundação do mundo, no livro da vida do Cordeiro que foi morto" (vv. 4, 8).

Atrás do Anticristo, estará Satanás, o dragão, que claramente deseja ser adorado (ver Mateus 4: 8-10). Mais tarde, nos é dito que o assistente do Anticristo, "o falso profeta", estabelecerá uma imagem, e todos os que não adorarem a besta serão mortos: "E foi permitido dar fôlego à imagem da besta, para que a imagem da besta falasse e fizesse com que aqueles que não adorassem a imagem da besta fossem mortos" (Apocalipse 13:15).

A maioria raciocina que, porque a besta recebe adoração, ele deve ser visto como um deus. Mas isso não é necessariamente assim.

A palavra usada aqui para “adoração” é a *proskyneō* grega, que pode significar qualquer um dos seguintes:

- beijar a mão, como um sinal de reverência,
- cair sobre os joelhos e tocar o chão com a testa como uma expressão de profunda reverência,
- ajoelhar-se ou prostrar-se para prestar homenagem (a um) ou fazer reverência, seja para expressar respeito ou para fazer um pedido, ou
- homenagear homens e seres de nível superior.

Então, enquanto *proskyneō* mais frequentemente se refere a “adoração”, como a Deus ou a um deus, isso não significa exclusivamente isso. O Dicionário Teológico do Novo Testamento define a compreensão judaica de *proskyneō* como: “o termo para várias palavras que significa ‘curvar’, ‘beijar’, ‘servir’ e ‘adorar’. ... A maioria das instâncias referem-se a veneração do Deus de Israel ou falsos deuses. [Mas também] pode ser dirigido aos anjos, aos justos, aos governantes e aos profetas”.<sup>11</sup>

Existem várias passagens no Novo Testamento nas quais o *proskyneō* é usado, onde o culto real não é intencional, mas simplesmente uma grande honra, respeito ou subserviência. Considere, por exemplo, uma parábola contada por Jesus de um servo e seu mestre. Nesta história, “o servo caiu diante dele, dizendo: ‘Mestre, tenha paciência comigo e eu pagarei a todos vocês’” (Mateus 18:26). Claramente, o servo não adorava seu mestre como se ele fosse Deus. Ele simplesmente se curvou diante dele em um ato de subserviência e apelo. Mas a palavra usada para esse ato é *proskyneō*, a mesma palavra usada com referência àquela que é oferecida à besta (o Anticristo e seu império).

Outro exemplo de *proskyneō* usado de uma maneira que claramente não significa adoração real é em Apocalipse 3: “Eis que farei com que os da sinagoga de Satanás que dizem que são judeus e não são, mas que mentiras - eis que eu fará que se aproximem e se curvem

diante dos seus pés e aprenderão que eu te amei ”(v. 9). Aqui Jesus estava falando para a igreja de Filadélfia sobre um grupo particular que estava perseguindo os crentes. Jesus prometeu que Ele faria esses falsos judeus virem e *proskyneō* antes dos crentes em um ato de arrependimento. Jesus não estava afirmando que um grupo de pessoas adoraria outro grupo de pessoas. Em resumo, então, à luz do alcance do significado de *proskyneō*, devemos ser cautelosos ao declarar dogmaticamente que o Anticristo será adorado como Deus ou como um deus. Esses versículos em Apocalipse 13, que afirmam que o Anticristo receberá adoração, poderiam simplesmente indicar que as pessoas da Terra apresentarão completa submissão a ele e seu império. Com isto em mente, considere o fato de que a teologia islâmica ensina que todo muçulmano é obrigado a fazer um penhor de fidelidade, conhecido como *bay'ah*, a qualquer califa (líder do mundo islâmico), cuja recusa é punível por morte. Um autor islâmico descreve a *bay'ah* assim:

“*Bay'ah* significa fazer um juramento de lealdade. Quem faz *bay'ah* concorda em submeter toda a sua vida ao líder... Ele não agirá contra o líder em assuntos acordados e será leal a ele em todas as ações, independentemente de seus gostos ou desgostos pessoais”.<sup>12</sup>

Em outra tradição islâmica referente à obediência a Maomé e ao califa, está escrito: “Maomé disse: Aqueles que me obedecem, obedecem a Alá o Todo-Poderoso. Aqueles que me desobedecem, desobedecem a Alá, o Todo-Poderoso. Aqueles que obedecem ao meu líder me obedecem e aqueles que desobedecem ao meu líder me desobedecem”.<sup>13</sup>

Se o Anticristo fosse simplesmente um califa muçulmano que zombasse do Deus dos judeus, exigindo obediência absoluta de seus seguidores, ao mesmo tempo exigindo que todos adorassem a Alá do Islã, de modo algum isso entraria em conflito com qualquer um dos textos relevantes que descrevem ações, palavras e exigências do Anticristo. Ele receberia absoluta subserviência, enquanto Satanás, o dragão, portador do título de Alá, receberia adoração.

## CONCLUSÃO

A crença popular de que o Anticristo declarará verbalmente ser Deus e exigirá adoração de todo o mundo é problemática independentemente de qual posição se toma. É difícil imaginar um Anticristo humanista, materialista e ateu zombando de Deus e rejeitando todos os outros deuses, por um lado, mas afirmando ser Deus do outro. Isso seria um oxímoro. Um ateu ou humanista deixaria de ser ateu ou humanista se se declarasse realmente como Deus. Da mesma forma, se alguém acredita que o Anticristo seja algum tipo de pluralista religioso, universalista, vamos nos deixar levar adiante, isso também é difícil, pois se diz que o Anticristo não apenas zomba do Deus da Bíblia, mas também consideração por qualquer outro deus. Os universalistas dão credibilidade e validade a todo deus. Os pluralistas religiosos dão igual credibilidade - não igual desrespeito - a todos os deuses. Mas, apesar do desafio apresentado por praticamente todas as posições que se possa considerar, curiosamente, tem sido a teoria do Anticristo Islâmico que tem visto mais ceticismo nos últimos anos. Ao considerar essa realidade, muitas vezes senti que é muito mais fácil para as pessoas acreditarem que a Bíblia prevê algo que só existe em suas imaginações do que acreditar que prediz algo que está bem na frente delas.

No final, independentemente da posição que se toma, devemos nos perguntar, se o Anticristo não é muçulmano, como ele irá persuadir os 1,6 bilhão (e crescentes) muçulmanos da terra a segui-lo? Muitos afirmaram que os muçulmanos não existirão mais até esse momento. Mas nenhum cenário ou mecanismo foi estabelecido que pudesse explicar satisfatoriamente um terremoto demográfico global tão grande. Como vimos, o império do Anticristo virá do Oriente Médio e do Norte da África, países nos quais os muçulmanos são a grande maioria. Como poderia um pluralista religioso humanista ou universalista influenciar a população muçulmana cada vez mais radicalizada do mundo a segui-lo? Aqueles que rejeitam a teoria do Anticristo Islâmico devem ser capazes de responder adequadamente a isso. Por enquanto, só podemos especular sobre esses assuntos. Como em todas as coisas, Deus sabe mais do que a gente.

## DANIEL 12: SELADO ATÉ O FIM DOS TEMPOS

**A**NTES DE CONCLUIRMOS nosso estudo em Daniel, existe mais uma passagem muito importante que precisa ser considerada. Quando Daniel chega à sua conclusão, seu narrador angelical deixa claro que o contexto final da passagem é o fim dos tempos: “Naquele tempo [...] Haverá um tempo de angústia, tal como nunca houve desde que houve uma nação até aquele tempo [...] e muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno” (12: 1–2).

Quando o anjo diz que essas coisas acontecerão no momento em que “os que dormem no pó da terra acordarem”, está claro que ele está se referindo ao tempo da ressurreição dos mortos. Obviamente isso ainda não aconteceu. Não pode haver dúvida de que essas revelações não são meramente históricas. Então vem o verso que devemos considerar. O anjo diz a Daniel que as revelações devem ser “seladas”: “Mas você, Daniel, cale as palavras e sele o livro até o tempo do fim. Muitos correrão de um lado para o outro e o conhecimento aumentará” (v. 4).

Isso é uma pílula difícil para Daniel engolir. Ele teve uma série de revelações que dizem respeito ao futuro e ele está naturalmente querendo entender melhor o significado das profecias. Como tal,

ele ainda pergunta sobre o anjo. Mas Daniel é informado mais uma vez que as palavras foram seladas e caladas até os últimos dias e a visão não é para ele entender; antes, é para a geração final: “Eu ouvi, mas não entendi. Então eu disse: “Ó meu senhor, qual será o resultado dessas coisas?” Ele disse: “Siga o seu caminho, Daniel, pois as palavras estão fechadas e seladas até o tempo do fim. Muitos se purificarão e se tornarão brancos e refinados, mas os ímpios agirão impiamente. E nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão” (vv. 9–10).

Há duas posições que os estudiosos e comentaristas têm sido incapazes de concordar quanto ao significado dessa passagem. Alguns afirmam que a profecia não é “calada” ou “selada”, mas apenas preservada ou mantida segura para todos. Outros afirmam que nos dias de Daniel, o livro seria selado, mas a compreensão gradualmente se tornaria cada vez mais disponível para aqueles crentes que diligentemente e coletivamente estudassem o livro, embora ele não fosse finalmente compreendido até o final dos tempos.

Agora, claramente, a visão mais amplamente aceita e mais tradicional da profecia de Daniel é a perspectiva romana, vendo muito do livro como se falasse de um vindouro Anticristo Romano. Já no quarto e quinto séculos, Jerônimo forneceu fortes evidências de que a perspectiva romana sobre a profecia de Daniel era a visão mais amplamente aceita do dia: “Devemos, portanto, concordar com a interpretação tradicional de todos os comentaristas da Igreja Cristã, que no fim do mundo, quando o Império Romano for destruído, haverá dez reis que dividirão o mundo romano entre si.”<sup>1</sup>

Mil anos depois, nada parece ter mudado. Durante a Reforma Protestante Martinho Lutero afirmou a opinião quase universal da Igreja na perspectiva romana das profecias de Daniel, quando disse: “Nesta interpretação e opinião, todo o mundo está de acordo e a história e abundantemente a estabelece.”<sup>2</sup>

Como a perspectiva romana da profecia de Daniel é mantida pela maioria de hoje e permaneceu relativamente inalterada desde a perspectiva de Jerônimo no quinto século, torna-se necessário que aqueles que sustentam essa visão reinterpretem o “selamento” como

algo diferente de selar. Ed Hindson e Tim Lahaye, por exemplo, escreveram: “Daniel é instruído a “esconder essas palavras e selar o livro até o fim dos tempos”. Os termos “ocultar” (hebraico, *satam*) e “selo” (hebraico, *chatam*) não significam que Daniel deve ocultar essas profecias, pelo contrário, como a profecia está completa agora ele deve “mantê-la intacta” e “preservar cuidadosamente” as profecias para as gerações futuras de seu povo.”<sup>3</sup>

Da mesma forma, Thomas Ice segue Stephen Miller, que argumenta que o “selamento” é meramente uma referência à revelação sendo “preservada”. Miller articulou essa visão em seu comentário sobre Daniel:

*No antigo Oriente Próximo, o costume era “selar” um importante documento, imprimindo nele as marcas de identificação das partes envolvidas e o escrivão de gravação. Um texto lacrado não deveria ser falsificado ou alterado. Em seguida, o documento original foi duplicado e colocado (“fechado”) em um local seguro onde poderia ser preservado. Uma excelente ilustração desse processo está registrada no Livro de Jeremias: “Então eu [Jeremias] comprei o campo em Anatote de meu primo Hanamel e pesei para ele dezessete shekels de prata. Eu assinei e selei (hâtâm) a escritura, se ela tivesse testemunhado, e pesasse a prata na balança. Tomei a escritura de compra - a cópia selada contendo os termos e condições, bem como a cópia não lacrada - e dei este ato a Baruque, filho de Nerias [o escriba]” (Jeremias 32: 9-12). O selamento da escritura de propriedade de Jeremias não foi feito para “esconder” o conteúdo ou para mantê-lo “secreto”, mas para preservar o documento. De fato, Jeremias realizou essa transação na presença de seu primo “e das testemunhas que assinaram a escritura e de todos os judeus sentados no pátio da guarda” (Jeremias 32:12). Havia também uma “cópia não lacrada” da escritura que presumivelmente*

*estava aberta para inspeção. Gabriel, portanto, estava instruindo Daniel a preservar “as palavras do pergaminho”, não apenas essa visão final, mas todo o livro para aqueles que viverão “no tempo do fim”, quando a mensagem for necessária.*<sup>4</sup>

Embora essa seja uma informação interessante, essa posição não reflete a redação real da passagem. Em nenhum lugar da profecia de Daniel há alguma referência a duas cópias - uma cópia selada e uma cópia não lacrada. Além disso, o anjo declarou: “Muitos correrão para lá e para cá, e o conhecimento aumentará”. Essa frase tem sido popularmente entendida como falando de um aumento de transporte e da facilidade de acesso à informação nos últimos dias. Mas praticamente todos os eruditos negam essa visão, vendo-a como uma referência à abertura gradual da profecia pelos diligentes. A corrida para lá e para cá envolve pesquisar o livro de um lado para o outro, examinando-o repetidamente até que, por fim, no final dos tempos, o livro é finalmente revelado e totalmente compreendido pela comunidade de crentes. Quando Daniel pede compreensão, o anjo diz que isso não é possível, porque a revelação está oculta - *wa · hã · tum* - e selada - *se · tòm*. Período *Wa · hã · tòm* significa “parar, calar-se, manter-se próximo ou secreto”. Essa palavra foi usada quando os irmãos de José estavam prestes a matá-lo, mas preferiram vendê-lo a alguns ismaelitas a caminho do Egito. Judá perguntou então: “Que proveito é se matarmos nosso irmão e dissimularmos seu sangue? (Gênesis 37:26). Certamente ninguém vai argumentar que o irmão de José estava pensando em “preservar” seu sangue. Claramente, eles estavam pensando em matá-lo e esconder o assunto. *Se · tòm* significa “selar, afixar um selo, trancar”. Essa palavra é usada quando alguém sela um rolo ou uma carta com cera. Embora o uso dessas duas palavras torne o significado das palavras do anjo muito claro, devido à sua natureza problemática para a visão tradicional, muitos comentaristas sentiram a necessidade de alterar o significado claro da passagem. Mas não podemos alterar o significado das palavras, nem a leitura clara e simples da passagem simplesmente porque

ela não apoia nossa posição. Felizmente, muitos outros professores e estudiosos rejeitam a reinterpretação dessa passagem:

- Chuck Smith diz: *“O livro deveria ser selado até o final do tempo. Em outras palavras, “Daniel, você não vai entender isso; será entendido no tempo do fim.”*<sup>5</sup>
- John Walvoord escreveu: *“No versículo 9, Daniel é novamente informado de que a revelação dada a ele não será totalmente compreendida até o tempo do fim... O objetivo principal da revelação, no entanto, era informar aqueles que viveriam no tempo do fim. A interpretação confirmadora da história e da profecia cumprida seria necessária antes que as profecias finais pudessem ser compreendidas.”*<sup>6</sup>
- Matthew Henry escreveu: *“Ele não deve esperar que o que foi dito a ele seja totalmente compreendido até que seja cumprido: As palavras estão fechadas e seladas, estão envolvidas em perplexidades, e provavelmente serão assim, até o tempo de o fim, até o fim destas coisas; não, até o fim de todas as coisas. Daniel foi ordenado a selar o livro até o tempo do fim.”*<sup>7</sup>
- G. H. Lang disse: *“As profecias de Daniel deveriam ser ‘seladas’, isto é, permanecer um livro fechado, mas pouco compreendido, ‘até o tempo do fim’”*<sup>8</sup>
- David Guzik escreveu: *“Pois as palavras estão fechadas e seladas até o tempo do fim: Daniel deve fazer um desvio mental de seu questionamento, porque a revelação dessas coisas não virá até o tempo do fim. Até lá, há um sentido em que essas profecias são fechadas e seladas.”*<sup>9</sup>
- O rabino David ibn Zimra, também conhecido como Mezudath David, comentou: *“Até o tempo da redenção, muitos correrão para lá e para cá; isto é, eles especularão sobre o significado das várias profecias que determinam o fim, mas não o entenderão até o fim, quando os olhos de todos serão abertos para entender as dicas.”*<sup>10</sup>

Antes de concluir, deixe-me dizer algumas coisas sobre o valor da tradição. De uma perspectiva cristã, o propósito da tradição é transmitir fielmente “a fé que uma vez foi entregue aos santos” (Judas 1: 3). É a tradição que, quando usada adequadamente, preservará a ortodoxia (crença correta) e a ortopraxia (prática certa) ao longo das gerações. Assim, ainda que frequentemente impugnada na sociedade pós-moderna de hoje, a tradição deve ser muito valorizada por todos os crentes cristãos. Como tal, entre os vários fatores que devem informar nossas próprias posições doutrinárias pessoais está a voz coletiva daqueles homens fiéis que vieram antes de nós. Dito isto, nunca devemos nos desviar levemente da tradição. Neste caso em particular, no entanto, porque o anjo disse claramente que o livro não seria totalmente aberto e compreendido até o fim dos tempos nós temos uma base sólida para realmente manter a posição tradicional suspeita e dar muito mais credibilidade do que o normal a visões contrárias. É claro que a interpretação centrada no Oriente Médio ou no Islã da profecia de Daniel sempre foi uma posição minoritária, embora hoje esteja ganhando rapidamente uma ampla aceitação entre a comunidade de crentes. Enquanto vários estudiosos e comentaristas judeus e cristãos primitivos ao longo da história viram muitas passagens apontando para o mundo islâmico, nunca na história a teoria do Anticristo Islâmico foi sistematicamente desenvolvida e tão completamente articulada como agora. Eu sugeriria que a razão para isso é simplesmente porque a interpretação do Oriente Médio ou Islâmica de Daniel como apresentada nos últimos capítulos faz sentido lógico, histórica e mais importante, bíblicamente. Além disso, como uma visão contrária, não exige que reinterpretemos o significado claro das palavras do anjo. E assim, se, de fato, a perspectiva do Oriente Médio ou Islâmica sobre as profecias de Daniel é precisa, então também é lógico que os “últimos dias”, como descritos em Daniel, estão se aproximando. Como o anjo informou a Daniel, o livro está sendo aberto e aberto à comunidade de crentes. Quão bem vamos dar ouvidos a suas palavras ainda está para ser descoberto.

## APOCALIPSE 12, 13, 17: A MULHER, O FILHO HOMEM E A BESTA

**T**ENDO CONCLUÍDO NOSSO ESTUDO EM DANIEL, iremos agora virar nossa atenção para alguns capítulos importantes no livro de Apocalipse. Como veremos, a história que é contada em Apocalipse é simplesmente mais um recorte da mesma história contada através dos profetas. Para nosso propósito começaremos em Apocalipse 12 e 13. É claro, como o resto de Apocalipse, esta história é contada usando uma forte dose de simbolismo, mas não deixe isso te assustar. Uma vez que o simbolismo é desvendado, a mensagem se tornará bem clara.

### APOCALIPSE 12: A MULHER E SEU FILHO

A passagem começa com uma mulher vestida de sol que não está apenas grávida, mas também em trabalho de parto: “E apareceu um grande sinal no céu: uma mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas. Ela estava grávida e estava chorando em dores de parto e na agonia de dar à luz” (vv. 1–2).

Um princípio básico que sempre deve ser lembrado quando se interpreta o livro do Apocalipse é que, ao contrário de qualquer outro

livro da Bíblia, ele é inteiramente fundado na multidão de passagens proféticas encontradas em todo o Antigo Testamento. Como discutido anteriormente, o Apocalipse é essencialmente a sinfonia profética, o grande crescendo e a conclusão de toda a Bíblia, baseando-se na miríade de passagens, poemas, profecias e revelações que a precedem. Ao entender esse princípio, identificar a mulher é realmente muito fácil. A primeira chave para desvendar sua identidade é encontrada em Gênesis. É no sonho de José que encontramos o simbolismo do sol, da lua e das doze estrelas (onze sem José) espelhadas:

*Então ele sonhou outro sonho e contou para seus irmãos e disse: “Eis que sonhei outro sonho. Eis que o sol, a lua e onze estrelas se inclinavam diante de mim.” Mas, quando ele contou isso a seu pai e a seus irmãos, seu pai o repreendeu e disse-lhe: “Que sonho é este que você sonhou? Devo eu e sua mãe e seus irmãos realmente se curvarem até o chão antes de você?” E seus irmãos ficaram com ciúmes dele, mas seu pai manteve a palavra em mente. (Gênesis 37: 9-11)*

Então, ao entender a história do sonho de José podemos identificar a mulher como a representação de Israel.

#### O FILHO HOMEM

Voltando ao Apocalipse 12, a criança do sexo masculino que a mulher está prestes a entregar, é claro, é Jesus o Messias. Ele é aquele sobre quem toda a Bíblia está focalizada. Ele é o Redentor. Através dessa criança Deus trará completa redenção ao mundo e restaurará o paraíso perdido, de volta ao jardim. Mas, como todos sabemos, Deus e Seu povo também têm um adversário. Satanás sempre desejou frustrar o plano de redenção de Deus para a criação. Voltando lá em Gênesis 3, o conflito entre Satanás (a serpente) e Jesus (a semente da mulher) tem estado em jogo. No final, Jesus, o Messias, esmagará totalmente a cabeça da antiga serpente, bem como seus

filhos ou descendência (ver João 8:44). Portanto, embora seja verdade que toda a Bíblia é centrada em Jesus, a história mais ampla que está sendo contada é sobre Jesus derrotar a morte e Satanás. Como tal, muitas vezes quando encontramos profecias sobre o Messias, Satanás está à espreita por dentro do texto. Essa passagem não é diferente. Assim, no verso seguinte, somos apresentados ao próximo personagem principal da história: Satanás, o dragão.

#### SATANÁS, O DRAGÃO: O ADVERSÁRIO DA MULHER E SEU FILHO

É simples assim: o que Deus ama, Satanás odeia. O que quer que Deus deseje redimir, Satanás quer corromper e devorar. Conforme a história se desenrola, Satanás é retratado como um dragão com sete cabeças e dez chifres. Ele está empoleirado diante da mulher, esperando para consumir a criança assim que nasce: “E apareceu outro sinal no céu: eis um grande dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres, e sobre suas cabeças sete diademas. Seu rabo varreu um terço das estrelas do céu e lançou-as à terra. E o dragão parou diante da mulher que estava prestes a dar à luz, para que, quando ela gerasse um filho ele pudesse devorá-lo” (Apocalipse 12: 3–4).

Mas o menino-filho Messias nasceu: “Ela deu à luz uma criança do sexo masculino, que deve governar todas as nações com uma vara de ferro [...]” E apesar dos esforços de Satanás (através de Herodes) para matar Jesus como um mero bebê, o Senhor falou com José em um sonho e disse-lhe para fugir para o Egito com sua família: “[...] mas seu filho foi arrebatado para Deus e ao seu trono” (Apocalipse 12: 5).

E assim, Jesus amadureceu até a idade adulta e, por vontade própria, escolheu depor sua vida na cruz. Claro, a história dele não acabou aí. Três dias depois Ele ressuscitou dos mortos e subiu ao céu, onde agora mora à direita do Pai.

Depois disso, somos apresentados ao próximo personagem principal da história: a Besta.

## A BESTA

Conforme a história se desenrola, uma besta entra em cena. E ela parece estranhamente semelhante ao dragão, Satanás: “E eu vi uma besta saindo do mar, com dez chifres e sete cabeças, com dez diademas em seus chifres e nomes blasfemos em suas cabeças. E a besta que eu vi era como um leopardo; seus pés eram como os de um urso e sua boca era como a boca de um leão. E o dragão deu seu poder e seu trono e grande autoridade” (Apocalipse 13: 1–2). Mais tarde, em Apocalipse 17: 3, também nos é dito que a besta é vermelha brilhante.

Na aparência, a besta parece ser uma imagem espelhada virtual de Satanás, o dragão, tanto na cor quanto no número de cabeças e coroas. E além disso, Satanás realmente confere seu poder, trono e “grande autoridade” à besta. Simplesmente declarado, essa é a besta de Satanás. Assim como Deus Pai enviou Seu Filho ao mundo como um reflexo perfeito de Si mesmo, a besta é a própria incorporação de Satanás na terra. Discutiremos a relevância mais profunda disso ao concluirmos este segmento de nosso estudo, mas primeiro precisamos entender os significados de quatro símbolos nesta passagem para tornar esses versículos claros.

## BESTA = REINO OU IMPÉRIO

Primeiro, entenda que este símbolo de uma “besta” representa um reino ou um império. A base para essa interpretação é encontrada em Daniel 7, em que Daniel viu quatro bestas, cada uma também surgindo do mar. Quando o profeta Daniel perguntou a um anjo o significado das bestas o anjo inicialmente explicou que as quatro bestas eram quatro “reis”, mas como ele continuou, o que se desenrolou foi que esses reis eram cada um representante de seus reinos (v. 23). E assim aqui, em Apocalipse como em Daniel 7, esta besta representa um reino ou um império.

## MAR = GENTIOS

Em segundo lugar, precisamos entender o significado do mar a partir do qual a besta emerge. Esse símbolo é claramente definido em Apocalipse 17, em que um anjo explica ao apóstolo João que o mar representa os seres humanos: “E o anjo disse-me: ‘As águas que viste, onde a prostituta está sentada, são povos e multidões e nações e línguas’” (Apocalipse 17:15).

Mas além de meramente se referir à humanidade, de acordo com o profeta Isaías, os mares representam especificamente os povos e nações gentios: “Então verás e serás radiante; o teu coração vibrará e exultará, porque a abundância do mar se converterá para ti; a riqueza das nações virá a ti” (Isaías 60: 5).

Então, quando começamos a interpretar o simbolismo, começamos com uma besta representando um império ou império satanicamente empoderado que surge do mar das nações gentias.

## SETE CABEÇAS = SETE IMPÉRIOS HISTÓRICOS

Mas o que significam as sete cabeças da besta? Felizmente, este símbolo também é especificamente mencionado em Apocalipse 17, onde a mesma besta é novamente retratada:

*Eu vi um animal escarlate cheio de nomes blasfemos e tinha sete cabeças e dez chifres... Mas o anjo me disse: “Por que você se maravilha? Eu vou te contar o mistério da besta com sete cabeças e dez chifres que a carrega As sete cabeças são sete montanhas [...] Eles também são sete reis, cinco dos quais caíram, um é, o outro ainda não chegou. (vv. 3, 7-10)*

Essas “montanhas”, no entanto, não são apenas massas de terra. Como o comentarista Robert Thomas declarou: “As sete cabeças e montanhas são sete impérios sucessivos, com sete reis do v. 10 como cabeças e personificações desses impérios.”<sup>1</sup>

O símbolo de uma montanha é comumente usado nas Escrituras para se referir a um reino (por exemplo, Salmos 30: 7; 68: 15-16; Isaías 2: 2; 41:15; Jeremias 51:25; Daniel 2:35 Habacuque 3: 6, 10; Zacarias 4:17). O livro do profeta Obadias, por exemplo, é inteiramente uma profecia relativa à “Montanha de Edom” em conflito com o “Monte Sião”. A profecia, é claro, não está falando literalmente de um conflito entre duas montanhas; antes, dois reinos: o reino de Moabe versus o reino de Israel. Da mesma forma, aqui em Apocalipse 17, essas montanhas não se referem a montanhas literais, mas a sete impérios históricos.

Uma vez entendido que as montanhas são reinos, o restante do versículo é fácil de entender: “As sete cabeças são sete montanhas [reinos] Eles também são sete reis”. Simplificando: reis e reinos caminham juntos, mas montanhas e reis não têm correspondência natural. Uma montanha literal também não pode ser um rei, mas um rei pode representar seu reino.

O ponto desta passagem, então, é mostrar que o principal método de Satanás de vir contra Deus, Seu povo e Seus propósitos na Terra, sempre foi o imperialismo pagão. É através de uma série de impérios pagãos do mundo que Satanás tem travado sua guerra contra Deus e Seu povo através dos tempos. Isso tem sido verdade desde os primeiros dias do povo hebreu, e ainda é verdade hoje. A besta de sete cabeças é a personificação da atividade de Satanás na Terra. Como a Igreja representa o corpo de Cristo, a besta representa o corpo de Satanás. É por isso que Satanás, o dragão, é visto dando à besta seu trono, poder e autoridade.

#### ROMA: A CIDADE DAS SETE MONTANHAS?

Historicamente, alguns viram esta passagem como se referindo a Roma, mas uma análise mais aprofundada revela que esta posição é problemática e, portanto, os intérpretes mais modernos rejeitaram essa ideia: John Walvoord, por exemplo, observa que a antiga cidade de Roma estava assentada em sete “colinas”. “A palavra usada nesta passagem não é a palavra grega para colinas (*bounos*), mas

para montanhas (*oros*). Se Roma fosse o assunto desta passagem, o autor teria usado a palavra para colinas. E, mesmo além disso, precisamos lembrar que esta é uma passagem do fim dos tempos. Não está falando de uma realidade antiga. A cidade de Roma hoje se encontra em dez colinas e não em sete montanhas. Apesar da popularidade desta interpretação ao longo dos anos, a ideia de que esta passagem está falando sobre a cidade de Roma é insustentável.

Então as sete “cabeças” representam sete reinos históricos. Como diz a passagem, “cinco foram, um é, e o outro ainda não chegou”. Embora a besta satânica seja primariamente um símbolo representando o império anticristão final, é também a manifestação final, a culminação de uma série. de sete reinos satanicamente capacitados. Mas de que reinos especificamente estamos falando? Na época em que João escreveu o livro de Apocalipse, cinco dos reinos haviam passado (“cinco foram”), mas o sexto reino estava atualmente no poder (“um é”). Este reino, claro, foi o Império Romano, a sexta “cabeça” da besta. Mas quais cinco impérios regionais precederam o Império Romano? Estes são os impérios que Satanás empenhou especificamente através da história na tentativa de destruir o povo judeu e assim frustrar o grande plano redentor de Deus. Ao longo da Bíblia, temos o registro de uma série de ataques contra Israel, o povo judeu e o jovem movimento cristão, por seis sucessivos e poderosos impérios do Oriente Médio:

1. Egito
2. Assíria
3. Babilônia
4. Medo-Pérsia
5. Grécia
6. Roma

Mas a passagem não conclui com o sexto império. Depois de Roma, outro império satânico emergiria. Quando consideramos qual império seguiu o padrão de impérios poderosos, pagãos,

anti-Yahwistas, antissemitas, antissionistas e, eventualmente, anticristãos, que controlavam o mundo bíblico maior - a região em torno da terra de Israel - apenas um império consistentemente. cumpre todos os critérios e segue o padrão daqueles que o precederam.

#### O SÉTIMO REINO: O IMPÉRIO ISLÂMICO

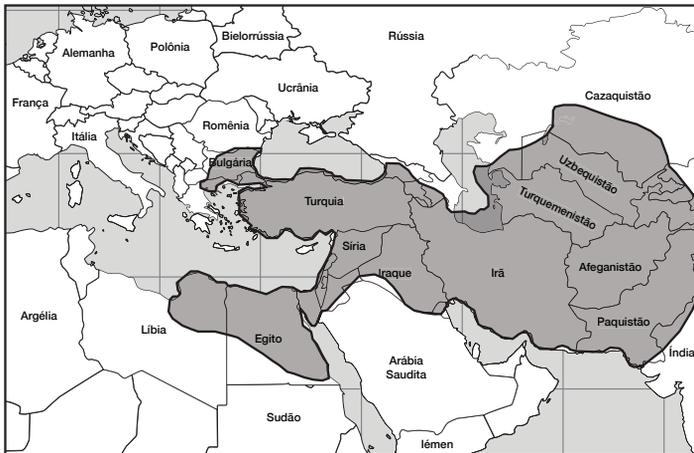
Seguindo os passos do longo e lento declínio do Império Romano do Ocidente no século VII, o Império Islâmico irrompeu da Arábia e rapidamente passou a dominar toda a região. Eventualmente, esse império também deu um golpe fatal no Império Romano do Oriente (Bizantino), quando em 1453, Mehmet, o Conquistador, subjugou Constantinopla pelo Islã e a renomeou como Istambul. Continuando o padrão dos antigos impérios besta, o Império Islâmico tem sido o veículo frequente de um espírito antiYahwista, antissemita, antissionista e anticristão. De fato, é inteiramente justo dizer que o Império Islâmico incorpora esses traços muito mais do que qualquer império anterior ao longo da história mundial. O Alcorão, o texto mais sagrado da religião islâmica, na verdade canonizou e sacralizou essas características, nomeando especificamente judeus e cristãos dentro de suas páginas e destacando-os como grandes blasfemos (cristãos) e maiores rebeldes da história e inimigos de Deus (judeus).

#### APOCALIPSE 13, 17: O ÚLTIMO IMPÉRIO DA BESTA

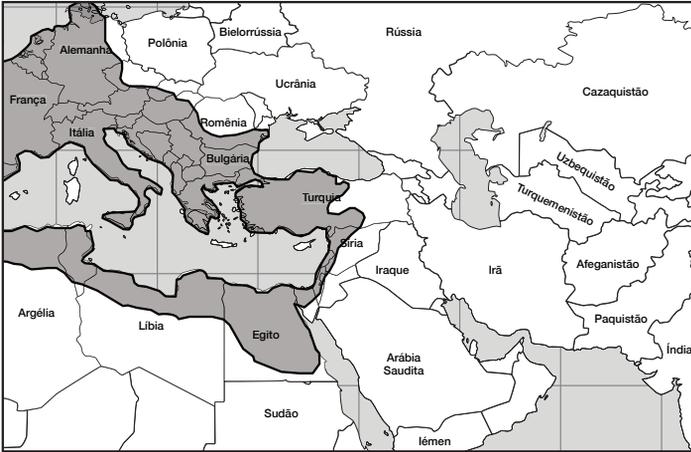
Como vimos até agora em nosso estudo, a identificação do Islã como o império final da besta da história mundial é consubstanciada várias vezes ao longo das Escrituras, literalmente em toda passagem profética significativa da Bíblia. Mesmo os versos que tradicionalmente foram vistos como textos de prova para um Anticristo Romano, após um reexame, apontam para um Anticristo do Oriente Médio. Assim, não é surpresa que quando chegamos a Apocalipse 13, a imagem simbólica do reino de Satanás, é revelado possuir um corpo que é parte leopardo, parte leão e parte urso: “E a besta que eu vi era como um leopardo ; seus pés eram como os de um urso e sua boca era como a boca de um leão ”(v. 2).

Como já vimos, em Daniel 7 esses mesmos três animais representam os três impérios da Babilônia, da Medo-Pérsia e da Grécia. A quarta besta da visão de Daniel é a mesma besta que estamos considerando aqui. Esta é uma combinação do leão (Babilônia), urso (Medo-Pérsia) e leopardo (Grécia). Seguindo o Império Grego, os únicos impérios que emergiram naquela parte do mundo foram o Império Parta, o Império Sassânida, o Império Romano e o Califado Islâmico. Nenhum outro império coesivo surgiu nesta região que possamos considerar como candidatos para o papel do terrível império da quarta besta.

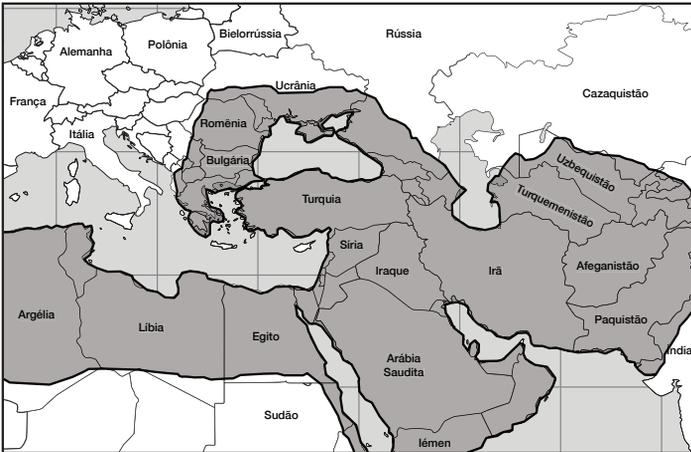
Os partos e os sassânidas, como discutimos anteriormente, deveriam ser vistos simplesmente como uma extensão viva do Império Persa. Eles não eram exclusivamente possuídos pelo espírito antisemita ou anticristão dos seis impérios anteriores. Os partos e os sassânidas nunca tentaram destruir o povo judeu, como fez cada império satânico anterior. Nem eles jamais controlaram diretamente Jerusalém ou a terra de Israel. Se fôssemos combinar os “corpos” geográficos da Grécia, Babilônia e Medo-Pérsia, que império teríamos? Será parecido com o Império Romano ou o Império Islâmico? A resposta é óbvia para qualquer pessoa com uma compreensão da geografia da região.



Um combinado dos impérios Babilônico, Medo-Persa e Grego



Império Romano: não se parece com uma combinação da Babilônia (leão), Medo-Pérsia (urso) e Grécia (leopardo)



Califado Islâmico: uma combinação da Babilônia (leão), Medo-Pérsia (urso) e Grécia (leopardo)

O Império Romano, com sua orientação exclusivamente ocidental / europeia, simplesmente não chega perto de se alinhar com a geografia de um império babilônico-persa-grego. Como vimos, para a esmagadora maioria de sua existência, as fronteiras

do Império Romano permaneceram a cerca de 800 quilômetros a oeste da Babilônia. O Império Islâmico, no entanto, como vimos, “esmagou” todas essas regiões de uma maneira absoluta e não qualificada. O califado islâmico passou a dominar todas as terras dos três impérios anteriores e muito mais. Então, mais uma vez, quando se considera uma combinação do Império Grego, Babilônico e Medo-Persa, o Império Romano não chega perto de cumprir essa descrição, mas o califado islâmico o cumpre perfeitamente.

#### A FERIDA MORTAL NA CABEÇA

De acordo com Apocalipse 13, o império final da besta sofre o que parece ser uma ferida mortal. O sétimo império aparentemente desapareceria, mas então, para o choque e horror de grande parte do mundo, ele experimentaria um reavivamento e retornaria à vida: “Uma de suas cabeças parecia ter uma ferida mortal, mas sua ferida mortal foi curada, e toda a terra se maravilhou ao seguir a besta” (v. 3).

A profecia sobre a cura da ferida na cabeça fatal também é repetida mais tarde em Apocalipse 17, onde a sétima cabeça da besta é vista ressuscitando:

*A besta que você viu era, e não é, e está prestes a se levantar do abismo e ir para a destruição. E os moradores da terra cujos nomes não foram escritos no livro da vida desde a fundação do mundo, maravilhar-se-ão em ver a besta, porque ela era e não é e está por vir ... Quanto à besta que era e não é, é um oitavo mas pertence aos sete e vai para a destruição.*  
(vv. 8, 11)

Nos últimos dias, aqueles que habitam na terra ficarão maravilhados quando testemunharem o renascimento de um império. O califado islâmico sofreu uma morte temporária ou aparente e vai reviver como o oitavo e último império. O reino satânico final é simplesmente uma versão revivida do califado islâmico. Aqueles que estão

vivendo nos últimos dias ficarão admirados quando virem o califado islâmico que uma vez governou o Oriente Médio voltar à vida.

Alguns argumentaram que a besta ressuscitada será um dos impérios anteriores, como o Império Assírio. Mas devemos lembrar que a história contada em Apocalipse 17 é simplesmente uma releitura da história contada em Daniel 2 e 7 (assim como 8, 9 e 11). Em Daniel 2, o império final anticristão é representado pelos pés da estátua, que saem do império anterior, simbolizado pelas duas pernas de ferro, que, como já vimos, referem-se ao califado islâmico histórico. Em Daniel 7, a mesma história é recontada usando o simbolismo de quatro bestas. Lá, a manifestação final do império satânico é simbolizada por dez chifres que brotam do quarto animal, que novamente é o califado islâmico histórico. E assim, depois de examinar as várias passagens relevantes, podemos identificar a seguinte sucessão histórica de oito impérios satanicamente empoderados:

1. Império Egípcio
2. Império Assírio
3. Império Babilônico
4. Império Medo-Persa
5. Império Grego
6. Império Romano
7. Califado Islâmico
8. Califado Islâmico Revivido

O que acrescenta muito peso à noção de que os dois impérios finais são, de fato, impérios islâmicos é a realidade histórica concernente à queda do califado islâmico. Pouco depois de Maomé, o fundador e profeta do Islã ter morrido, seus companheiros e familiares assumiram o papel de liderar os muçulmanos. O amigo e sogro de Maomé, Abu Bakr, tornou-se o primeiro califa. O período de governo

sob Abu Bakr e os próximos três califas é conhecido como o califado Rashidun. Seguindo o Rashidun estava o Califado Omíada, depois o Califado Abássida, e eventualmente o domínio de grande parte do mundo muçulmano caiu para os otomanos. Quando nos referimos genericamente ao “Império Islâmico” ou ao “califado islâmico” estamos incluindo as várias dinastias mencionadas, que juntas governaram o mundo islâmico por mais de mil e trezentos anos. Mas esse governo muçulmano pan-milenar foi, de fato, decapitado em 1924, quando o reformista secular turco Mustafa Kemal Atatürk aboliu o governo islâmico universal conhecido como o califado e o ofício do líder islâmico universal conhecido como califa. O antigo império unificado foi dividido em estados-nação modernos. Hoje, enquanto as potências ocidentais deixam o Oriente Médio, o poder dos otomanos está se regenerando. A ferida na cabeça está sendo curada e o Império Islâmico está revivendo. Mas esse é o assunto de outro livro.

#### IMPÉRIO ROMANO VERSUS IMPÉRIO ISLÂMICO

Se alguém mantiver a teoria do Anticristo Romano, Apocalipse 17 apresenta uma dificuldade significativa. Isso é visto na explicação de Reagan dos versículos 10–11:

*Nesta passagem, o apóstolo João é informado de que há sete reis ou impérios a serem considerados na história do mundo e que “cinco caíram, um é, o outro ainda não veio; e quando ele vem, deve permanecer por um tempo. E a besta que era e não é, é ele próprio também um oitavo, e é um dos sete, e ele vai para a destruição”. Naquele ponto da história, os cinco caídos teriam sido o Egito, a Assíria, a Babilônia, a Medo-Pérsia. e na Grécia. O único existente teria sido o romano. O que viria seria o renascimento do romano, do qual emergiria o oitavo e último império, o reino mundial do Anticristo.<sup>2</sup>*

Concordo plenamente com a identificação de Reagan dos cinco impérios caídos e do sexto império. Mas com o seu sétimo império, que ele identifica como o Império Romano revivido, eu discordo. Eu acredito que o califado islâmico é representado aqui. Na verdade, como acabamos de discutir, se não incluirmos o califado islâmico na sequência, é impossível conciliar essa passagem com as revelações anteriores de Daniel 2 e 7. Essa parece ser a tentativa de Reagan de fazer tudo se encaixar, depois da sétima cabeça, ele insere “o oitavo e último império, o reino mundial do Anticristo”. Mas onde está este império em Daniel 2 e 7? De acordo com o cenário de Reagan, as pernas de ferro em Daniel 2 representam o histórico Império Romano. Fora deste império, vêm os pés e, aparentemente, fora dos pés, outro, “império mundial”. Mas não há espaço para tal cenário no texto. Da mesma forma, de acordo com Reagan, a quarta besta de Daniel 7 representa o histórico Império Romano. Deste império emergem dez chifres, correlacionados com um Império Romano revivido. Mas então, de alguma forma, outro reino, um “reino mundial” emerge dos chifres. Novamente, isso simplesmente não é o que o texto diz. A teoria do Anticristo Romano força a pessoa a inserir um terceiro império onde simplesmente não existe.

Por outro lado, quando entendemos que as várias profecias estão nos apontando para o califado islâmico histórico, seja a sétima cabeça de Apocalipse 17, as pernas de ferro de Daniel 2 ou a quarta besta de Daniel 7, então todas as passagens fluem juntas perfeitamente. O califado islâmico histórico é a sétima cabeça da besta, e o califado islâmico revivido - o reino do Anticristo - será o oitavo. É muito simples.

Alguns perguntarão por que, se o Império Romano não foi incluído em Daniel 2 ou 7, ele está incluído na lista de impérios em Apocalipse 17. A resposta é simplesmente porque, enquanto Apocalipse 17 nos apresenta uma lista abrangente, detalhando a completa visão pan-bíblica de todos os impérios pagãos e satânicos da história, Daniel 2 e 7 não lista todos os impérios de Satanás. Nenhum dos capítulos inclui os impérios egípcio, assírio ou

romano. Como vimos, essas passagens simplesmente falam dos impérios que surgiriam depois de Nabucodonosor, na Babilônia, e o Império Romano, não incluído entre eles. Não é até chegarmos ao Apocalipse 12, 13 e 17 que a lista completa e pan-histórica dos impérios satânicos é dada.

| Império    | Daniel 2                  | Daniel 7                            | Apocalipse 17                                  |
|------------|---------------------------|-------------------------------------|--|
| Egípcio    | <i>não incluído</i>       | <i>não incluído</i>                 | 1ª cabeça                                      |
| Assírio    | <i>não incluído</i>       | <i>não incluído</i>                 | 2ª cabeça                                      |
| Babilônico | Cabeça de ouro            | Leão                                | 3ª cabeça                                      |
| Medo-Persa | Peito e braços de prata   | Leopardo                            | 4ª cabeça                                      |
| Grego      | Barriga e coxas de bronze | Urso                                | 5ª cabeça                                      |
| Romano     | <i>não incluído</i>       | <i>não incluído</i>                 | 6ª cabeça                                      |
| Islâmico   | Pernas de ferro           | Quarta Besta                        | 7ª cabeça: Combinação do Leão, Leopardo e Urso |
| Anticristo | Pés de ferro e barro      | Dez chifres crescem da Quarta Besta | Oitavo Rei: Cura a 7ª cabeça                   |
| Messiânico | A Rocha                   |                                     |  |

Em conclusão, mais uma vez, a teoria do Anticristo Romano parece ter vários problemas de alinhamento com as exigências do texto. E mais uma vez, a identificação do califado islâmico, seja retratado como um composto do leão (Babilônia), urso (Medo-Pérsia) e leopardo (Grécia) ou como a sétima cabeça da besta de sete cabeças, flui suavemente com todas as passagens proféticas anteriores. E assim, do Gênesis ao Apocalipse, podemos ver que a mesma imagem está sendo pintada, de várias maneiras diferentes, usando várias imagens e linguagem, repetidas vezes.



## EZEQUIEL 38-39: GOGUE DE MAGOGUE (PARTE 1)

**U**MA DAS PASSAGENS mais discutidas e debatidas da profecia bíblica é Ezequiel 38 e 39, mais frequentemente se referindo à “Batalha de Gogue e Magogue”. Essa passagem descreve um líder maligno dos últimos dias chamado “Gogue” e sua enorme coalizão de nações, que juntos invadem a terra de Israel apenas para ser dizimada sobrenaturalmente. Infelizmente, além de ser uma das profecias mais influentes das Escrituras é também uma das mais mal compreendidas. É imperativo, portanto, que os estudantes cuidadosos da Bíblia estudem essa passagem diligentemente, de modo a discernir legitimamente seu verdadeiro significado e mensagem.

### A VISÃO POPULAR

Nos tempos modernos, a interpretação mais popular dessa passagem é que Gogue e o Anticristo são dois indivíduos distintos. Essa visão sustenta que a invasão de Israel por parte de Gogue vem alguns anos antes da invasão de Israel pelo Anticristo. De acordo com essa perspectiva, o anticristo emerge da Europa algum tempo depois de Gogue e seus exércitos serão destruídos. Essa visão é bem articulada por John Walvoord, que também mantém a posição igualmente popular

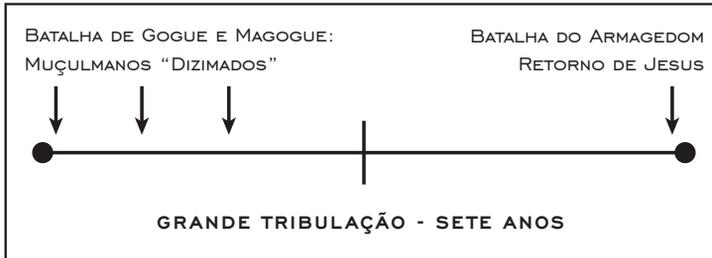
de que os exércitos invasores de Ezequiel serão liderados pela Rússia: “Com a Rússia fora do caminho, o chefe do Império Romano revivido no controle da área do Mediterrâneo no tempo poderá proclamar-se como um ditador de todo o mundo”.<sup>1</sup>

Grant Jeffrey, outro conhecido professor de profecia, tem uma visão semelhante:

*Quando esta aliança russo-árabe atacar Israel, o profeta declarou que Deus intervirá com terremotos sobrenaturais, granizo e pestilência para derrotar as forças combinadas dos exércitos russo e árabe... Esses eventos proféticos sobre a derrota da Rússia prepararão o caminho para o cumprimento das profecias do surgimento do Anticristo para governar a Terra e seu tratado de sete anos com Israel. Este tratado com o Anticristo começará uma contagem regressiva de sete anos para o retorno do Messias na Batalha do Armagedom.*<sup>2</sup>

De acordo com essa narrativa, muitos também acreditam que, após a destruição de Gogue e seus exércitos, o Islã, como religião, virtualmente secará e deixará de ser uma importante religião mundial. O professor de profecia David Reagan até acredita que a batalha descrita em Ezequiel 38 e 39 terminará com “a aniquilação de quase todos os exércitos das nações muçulmanas do Oriente Médio”: “A guerra do Salmo 83 seguida pela guerra de Ezequiel 38 resultará na aniquilação de quase todos os exércitos das nações muçulmanas do Oriente Médio. Assim, se o anticristo é um muçulmano que vai governar um império muçulmano no Oriente Médio durante a tribulação, então ele vai governar sobre um império que foi reduzido a cinzas!”<sup>3</sup> Mark Hitchcock diz: “A eliminação dessa aliança russo-islâmica e todas as suas tropas abrirão caminho para o anticristo se posicionar para conquistar o mundo... Eu sempre me perguntei se o Anticristo poderia até mesmo receber o crédito pela destruição do exército de Gogue, alegando que ele tem uma arma secreta de destruição em massa.”<sup>4</sup>

Da mesma forma, Nathan Jones afirma: “O Islã é apenas outro sistema que será eliminado antes que o Anticristo instale seu sistema”.



Visão popular do tempo de Gogue e Magogue

Como e por que esses professores chegam a essa posição? A resposta é encontrada em dois pressupostos trazidos ao texto por aqueles que sustentam a teoria do Anticristo Romano. A primeira pressuposição é que o Anticristo e seus exércitos virão da Europa. Como as forças de Gogue não são claramente europeias, deduz-se que Gogue deve ser alguém diferente do Anticristo. A segunda pressuposição é que o Anticristo será um humanista ou um universalista que exigirá ser adorado como Deus ou um deus. Certamente, é razoável, os muçulmanos da terra nunca apoiariam tal homem. Para aqueles que detêm essa posição, então, tornou-se necessário encontrar algum mecanismo para eliminar os 1,59 bilhões de muçulmanos da Terra de sua narrativa escatológica, abrindo caminho para o Anticristo trazer todas as religiões voluntariamente juntas sob seu controle. É em Ezequiel 38–39 que os teóricos do Anticristo Romano encontram seu mecanismo imaginário para remover os muçulmanos do quadro. Como tal, muitos ensinam que, como resultado das massivas baixas sofridas na Batalha de Gogue de Magogue, o Islã deixará de ser uma força relevante na Terra, ou desaparecerá completamente, abrindo assim o caminho para o surgimento da União Europeia anticristã, humanista ou universalista. E assim a interpretação popular de Ezequiel 38–39 nasceu não tanto de uma exegese cuidadosa do texto, mas de uma necessidade de torná-lo adequado a uma narrativa escatológica previamente mantida e bem desenvolvida.

## IMPLICAÇÕES DA VISÃO POPULAR

Deve ficar claro que a narrativa acima não é uma visão periférica. Por causa da interpretação popular de Ezequiel 38–39, multidões de cristãos realmente acreditam que antes de Jesus voltar, mais de um bilhão e meio de muçulmanos serão “exterminados”,<sup>6</sup> sofrerão “aniquilação”,<sup>7</sup> serão “reduzidos a cinzas”,<sup>8</sup> ou será convertido em outro sistema de crenças. A maioria acha que a Rússia também será dizimada. Em contraste com praticamente todos os modelos demográficos que indicam que dentro de poucas décadas, o Islã surgirá como a maior religião do mundo, essa visão radicalmente oposta é surpreendente. Mas e se esse cenário não for mais do que uma fantasia nascida da má interpretação de algumas passagens escatológicas fundamentais? Hoje, grandes segmentos da Igreja abraçaram uma visão sobre o futuro do Islã que não é apenas falsa, mas também altamente fatalista. As implicações potencialmente devastadoras dessa visão para o evangelismo, as missões e a intercessão são alarmantes. Enquanto escrevia este livro, alguns estudiosos altamente respeitados me sugeriram que o debate entre as posições do Anticristo Romano e do Anticristo Islâmico é irrelevante. Eu discordo fundamentalmente. As visões populares da profecia bíblica impactam genuinamente as práticas de um grande número de cristãos. A aparição emergente do Islã como a maior religião do mundo e o maior desafio global da Igreja e é totalmente o oposto de seu desaparecimento da Terra. Simplesmente não há meio termo entre essas visões. Esta não é uma questão que a Igreja pode se dar ao luxo de ficar tão errada. Embora seja imperativo que os estudiosos das Escrituras se dediquem diligentemente a entender corretamente os textos proféticos da Bíblia, isso é particularmente verdadeiro com relação a Ezequiel 38–39.

## A POSIÇÃO JUDAICA

Em contraste com a posição cristã popular, a visão rabínica judaica identifica Gogue como o inimigo final do povo de Deus. Além disso, ele e seus exércitos são os mesmos invasores descritos por todos

os outros profetas. Em *Ezequiel, Um Comentário Antologizado a partir de Fontes Talmúdicas, Midrasicas e Rabínicas*, somos informados: “A guerra final quando Gogue realmente invadirá Jerusalém, é descrita em Zacarias 14. As referências às guerras de Gogue e Magogue abundam nas Escrituras, abertamente nos profetas ... Os relatos mais longos, mais detalhados e mais específicos estão contidos nos livros de Ezequiel, Zacarias, Joel e Daniel.”<sup>9</sup>

Enquanto os judeus se referem ao ditador final como Gogue, o Novo Testamento o chama por títulos como o Anticristo (1 João 2:22), o filho da destruição (2 Tessalonicenses 2: 3), o iníquo (2 Tessalonicenses 2: 8), a Besta (Apocalipse 11: 7), e outros títulos. Da mesma forma, no Talmude, lemos:

*Eis que um rei subirá da terra de Magogue no fim dos dias. Ele reunirá reis usando coroas e tenentes usando armaduras, e todas as nações o obedecerão. Eles ordenarão batalha na terra de Israel contra os filhos da Dispersão, mas o Senhor estará pronto para eles queimando o sopro da vida deles com a chama de fogo que sai debaixo do trono da glória. Os cadáveres deles cairão nas montanhas da terra de Israel, e as feras do campo e as aves do céu virão e consumirão. Depois disso, todos os mortos de Israel ressuscitarão e gozarão das coisas boas que foram reservadas secretamente para eles desde o princípio, e receberão a recompensa de seu trabalho.*<sup>10</sup>

E novamente: “No final, no fim dos dias, Gogue, Magogue e seus exércitos subirão contra Jerusalém, mas cairão pela mão do Rei Messias. Durante sete anos completos, os filhos de Israel usarão suas armas de guerra para acender, sem precisar entrar na floresta para derrubar as árvores.”<sup>11</sup>

## GOGUE COMO ANTICRISTO

Com tudo isso em mente, agora procuraremos mostrar que Gogue é o Anticristo e que as nações da aliança de Gogue estarão entre os principais seguidores do Anticristo. Mostraremos que a invasão de Ezequiel 38–39 é simplesmente mais uma releitura da mesma história que todos os profetas disseram. Embora vários detalhes adicionais possam ser adicionados, essa história básica é resumida da seguinte maneira:

- Um grupo de nações lideradas por Gogue/Anticristo atacam Israel e perseguem cristãos globalmente.
- Como resultado, durante um período de três anos e meio, a nação de Israel experimenta uma devastação final e completa, com muitos sendo capturados.
- Através do Messias, o Senhor intervém para resgatar os sobreviventes e entregar os cativos.
- As nações gentias se voltam para o Senhor.
- Israel retorna ao Senhor para sempre.
- O Messias governa de Jerusalém.

Como veremos, a história contada por Ezequiel é a mesma história contada por todos os outros profetas em toda a Bíblia. Ao usar um simbolismo diferente e enfatizar diferentes aspectos dessa história, todos os profetas estão apontando para a mesma série de eventos.

## O TEMPO E O PERÍODO DE EZEQUIEL 38 - 39

Muitos que adotam a visão popular a veem como uma sucessão muito sucinta de eventos. Essa visão é bem articulada pelo professor da Bíblia Mark Hitchcock em *The Coming Islamic Invasion of Israel [A Invasão Islâmica Vindoura em Israel]*: “Ezequiel 38–39 descreve o que poderíamos chamar de ‘Guerra de Um Dia’ - ou mesmo a ‘Uma Hora

de Guerra' - porque Deus aniquilará rapidamente e completamente os invasores islâmicos da face da Terra por meios sobrenaturais".<sup>12</sup>

Assim, entre os intérpretes que sustentam esse ponto de vista, há uma tentativa de localizar o momento da batalha em algum local muito estreito na linha do tempo do fim dos tempos. O autor Ron Rhodes, em seu livro *Northern Storm Rising [Tempestade Surgindo ao Norte]*, lista o que ele vê como as seis únicas opções:

- Antes do arrebatamento e da tribulação.
- Depois do arrebatamento, mas antes da tribulação.
- Na primeira metade ou no meio da tribulação.
- No final da tribulação.
- No início do milênio.
- No final do milênio.<sup>13</sup>

Mas essa visão que tenta limitar a profecia de Ezequiel a apenas um desses períodos de tempo muito estreitos falha em reconhecer uma característica muito comum das profecias bíblicas: elas frequentemente falam de uma ampla série de eventos de uma maneira muito sucinta e limitada.<sup>14</sup> Um exemplo perfeito disso é visto em Apocalipse 12: 5, que descreve a mulher Sião, que dá à luz a Jesus, o filho varão: "Ela deu à luz um menino [Jesus], aquele que governará todas as nações com uma vara de ferro, mas o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono".

Se fôssemos ler esse verso como se fosse uma descrição abrangente, seríamos forçados a acreditar que Jesus seria arrebatado ao trono de Deus quase imediatamente após o seu nascimento. O que a passagem não menciona são os trinta e três anos da vida terrena de Jesus que ocorreram entre o Seu nascimento e Sua ascensão. Mas, embora a passagem não discuta, ou sequer mencione, essas três décadas, isso não as impede. Com a vantagem da retrospectiva, sabemos que Jesus viveu na terra por trinta e três anos. Padrões

semelhantes podem ser observados em numerosas profecias messiânicas. Outro exemplo disso está em Isaías:

*Surgirá um rebento do tronco de Jessé, e um ramo de suas raízes frutificará. E o Espírito do Senhor repousará sobre ele, o Espírito de sabedoria e entendimento, o Espírito de conselho e poder, o Espírito de conhecimento e o temor do Senhor. E seu deleite será no temor do senhor. Ele não julgará pelo que seus olhos veem, nem decidirá as disputas pelo que seus ouvidos ouvirem, mas com retidão ele julgará os pobres e decidirá com equidade os mansos da terra; e ferirá a terra com a vara da sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará os iníquos. Justiça será o cinturão da sua cintura, e fidelidade o cinturão dos seus lombos. O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito e o bezerro e o leão e o bezerro de cativo juntos; e uma criancinha os guiará. (11: 1–7)*

De acordo com essa passagem, os atos do Messias fluem sem cessar de Sua vinda como o rebento de Jessé, para atingir a terra e matar os iníquos. Em nenhum lugar do texto encontramos qualquer indício de um intervalo de dois mil anos entre a vinda inicial de Jesus e Seu retorno para a vitória final. Obviamente, inúmeros detalhes não estão incluídos nesta ampla visão profética do ministério do Messias. Novamente, muitos exemplos similares poderiam ser citados, porque este é um padrão frequentemente seguido de passagens proféticas através das Escrituras.

Esse mesmo princípio está em ação em Ezequiel 38–39. Embora numerosos detalhes não sejam mencionados na passagem, de modo algum isso significa que é apenas uma simples e sucinta “Guerra de uma hora”. Ler essa profecia como tal é não entender essa característica muito comum da profecia bíblica. Essa profecia não deve ser vista como um evento singular, restrito e breve, nem deve ser vista como

contendo uma descrição abrangente de todos os detalhes que esse episódio trará consigo. Pelo contrário, é um resumo profético/poético muito geral do período final de sete anos que leva ao retorno de Jesus, visto da perspectiva particular de Ezequiel. A perspectiva ampla da passagem é vista em que ela começa com uma descrição de Deus atraindo Gogue para vir contra Israel, e culmina com o retorno do Messias e com o estabelecimento do reino Messiânico. Como resultados diretos da destruição de Gogue e seus exércitos:

- O nome de Deus nunca mais será blasfemado.
- As nações sobreviventes chegarão a um conhecimento salvador de Deus.
- Os cativos de Israel serão entregues.
- Deus derramará o Seu Espírito sobre Israel.
- Os sobreviventes de Israel virão a conhecer o Senhor para todo o sempre.
- Israel habitará com segurança em sua terra para sempre.
- O próprio Senhor residirá na terra de Israel.

Como essas são descrições que só podem ser aplicadas ao tempo do retorno de Jesus e ao estabelecimento de Seu reino messiânico, é impossível que Gogue e seus exércitos sejam outra coisa senão o Anticristo e seus exércitos. Esta, então, será nossa primeira ordem, considerar vários textos de tempo que mostram que a passagem termina com o retorno e reinado de Messias.

#### O NOME DE DEUS NÃO É MAIS BLASFEMADO

Várias vezes no livro de Daniel nos é dito que ao longo de sua carreira, o Anticristo repetidamente blasfemarà ao Senhor. Em Daniel 11:36 vemos que o Anticristo “se exaltará” e “falará coisas surpreendentes contra o Deus dos deuses”. Em Daniel 7:25, nos é dito que o

Anticristo blasfemar “o Altíssimo”. Além de ser um blasfemo o Anticristo também reunirá um grupo global daqueles que, sem dúvida, irão imitar seu exemplo. O movimento religioso global inspirado e liderado pelo Anticristo será o maior e mais significativo movimento de blasfêmia que o mundo já conheceu. No entanto, em Ezequiel, vemos que após a derrota de Gogue e seus exércitos, o nome de Deus nunca mais será blasfemado: “Então mostrarei minha grandeza e minha santidade e me tornarei conhecido aos olhos de muitas nações. Então eles saberão que eu sou o Senhor. E meu santo nome farei conhecido no meio do meu povo Israel, e não deixarei mais o meu santo nome ser profanado” (38:23; 39: 7).

Isso representa um problema importante, se não insuperável, para aqueles que acreditam que a derrota de Gogue precede a vinda do Anticristo. Como se pode dizer que o nome de Deus nunca mais será blasfemado, imediatamente antes do surgimento do mais proeminente blasfemo da história, que abertamente amaldiçoará a Deus por três anos e meio? Isso é simplesmente impossível. A única maneira pela qual essa passagem pode ser reconciliada com o contexto maior da profecia do fim dos tempos é se entendermos que Gogue é o Anticristo. Quando Gogue for destruído, junto com seus exércitos, somente então as bocas dos blasfemadores serão para sempre fechadas.

#### OS GENTIOS CONHECEM A DEUS

Isaías, o profeta, nos informa que após o retorno de Jesus, o “conhecimento de Deus” encherá toda a terra: “Eles não se ferirão nem destruirão em todo o meu santo monte; porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Isaías 11: 9). Como resultado, durante o reinado milenar de Jesus, até mesmo as nações gentias adorarão o Deus de Israel: “Todos os fins da terra se lembrarão e se converterão ao Senhor, e todas as famílias das nações o adorarão diante de ti” (Salmo 22:27).

Isaías também descreveu as crianças de entre os antigos inimigos de Israel que vinham a ela para expressar arrependimento e adoração: “Os filhos daqueles que te afligiram virão se abaixar para ti, e todos

os que te desprezaram se prostrarão aos teus pés; eles te chamarão a Cidade do Senhor, a Sião do Santo de Israel” (Isaías 60:14).

De acordo com esse tema encontrado nas Escrituras, vemos que depois que Deus julga Gogue e seus exércitos, todas as nações vêm a conhecer o Senhor: “Enviarei fogo a Magogue e àqueles que habitam em segurança nas regiões costeiras, e eles saberão que eu sou o Senhor... E as nações saberão que eu sou o Senhor, o Santo em Israel” (Ezequiel 39: 6–7). Mais uma vez, essa passagem é uma dificuldade significativa para aqueles que colocariam esses eventos vários anos antes do retorno de Jesus. Alguns tentaram diminuir o significado dessa declaração, tratando-a como um reconhecimento intelectual superficial do Deus de Israel. Mas isso não faz justiça à declaração. Como se pode dizer que as nações vêm a conhecer e reconhecer que o Senhor Deus, o Santo em Israel, é o único Deus verdadeiro, em um momento antes de todos se unirem para blasfemarem Seu nome, invadirem Sua terra e atacarem? O seu povo? Mais uma vez, isso simplesmente não faz sentido. Como diz o comentarista Ralph Alexander, “Ezequiel 39: 7, 22 declara que o nome do Senhor nunca mais será profanado — fato que dificilmente é possível com a tribulação vindoura. Além disso, o conceito das nações “conhecendo o Senhor” reconhecendo sua soberania se encaixa melhor no momento da segunda vinda, e não antes da tribulação”.<sup>15</sup> Outros comentaristas concordam. James Burton Coffman escreveu: “Isso também se encaixa na cena do Julgamento Final. . . Trinta segundos depois do início do Dia do Julgamento Eterno, não permanecerá mais no mundo inteiro, seja um agnóstico ou um infiel.”<sup>16</sup>

A única maneira de fazer justiça a esta passagem é vê-la como uma referência para as nações realmente conhecerem e adorarem a Deus, exatamente como descrito por Isaías quando toda a terra estiver cheia do conhecimento - ou, mais apropriadamente, do conhecimento - de Deus. E isso simplesmente não acontece até depois da volta de Jesus.

## OS CATIVOS JUDEUS SÃO LIBERTOS

Entre as muitas calamidades terríveis que acontecerão ao povo judeu durante a sua subjugação vindoura pelo Anticristo e seus exércitos, muitos serão considerados cativos pelas nações vizinhas. O Senhor, por intermédio do profeta Amós, falando deste dia, disse: “Pois eis que darei ordens e sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, como se sacode com uma peneira, mas nenhum seixo cairá sobre a terra” (Amós 9: 9). Jesus também falou bastante diretamente sobre os muitos prisioneiros judeus que serão levados para as nações vizinhas durante o ataque do Anticristo: “Eles cairão pelo fio da espada e serão levados cativos entre todas as nações, e Jerusalém será pisoteada pelos os gentios até que os tempos dos gentios se cumpram” (Lucas 21:24).

Mas enquanto várias passagens falam desta grande calamidade, outras enfatizam a libertação dos cativos pela mão do Senhor através do Messias. O rei Davi profetizou a respeito da libertação dos cativos judeus e dos dias gloriosos que se seguiriam:

*Você surgirá e terá pena de Sião; é a hora de favorecerê-la; a hora marcada chegou [...] As nações temerão o nome do senhor, e todos os reis da terra temerão a sua glória. Porque o senhor edifica Sião; ele aparece em sua glória; que ele olhou para baixo de sua altura sagrada; dos céus o senhor olhou para a terra, para ouvir os gemidos dos presos, para libertar os que estavam condenados a morrer, para que em nome de seu povo declarassem em Sião, e em Jerusalém o seu louvor, quando os povos se reunissem, e reinos, para adorar o senhor. (Salmo 102: 13–16, 19–21)*

Isaías também conectou a libertação dos cativos judeus ao dia da vingança do Senhor: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o senhor me ungiu para trazer boas novas aos pobres; ele me enviou para amarrar os quebrantados de coração, proclamar

liberdade aos cativos e a abertura da prisão àqueles que estão presos; proclamar o ano do favor do senhor e o dia da vingança do nosso Deus” (Isaías 61: 1–3). Zacarias conectou a libertação dos cativos à era do governo do Messias: “Seu governo será de mar a mar, e do rio até os confins da terra. Quanto a você também, por causa do sangue do meu pacto com você, eu libertarei seus prisioneiros do poço sem água. Volte para a sua fortaleza, ó prisioneiros da esperança; hoje declaro que te restaurarei em dobro” (Zacarias 9: 10-12).

Joel também profetizou a respeito dessas coisas: “Pois eis que naqueles dias e naquele tempo, quando trouxe de volta os cativos de Judá e de Jerusalém...” (Joel 3: 1 nkjv).

Sofonias falou da mesma forma: “Para o senhor, o seu Deus intervirá por eles e retornará seus cativos” (Sofonias 2: 7).

Os testemunhos de todos esses profetas se harmonizam precisamente com o que Ezequiel descreve que ocorrerá especificamente como resultado da destruição de Gogue e seus exércitos:

*Portanto, assim diz o Senhor Deus: “Agora trarei de volta os cativos de Jacó e terei compaixão de toda a casa de Israel; e ficarei com ciúmes do meu santo nome - depois de terem suportado a vergonha deles, e toda a infidelidade deles em que me foram infiéis, quando viveram em segurança na sua própria terra e ninguém os assustou. Quando os trouxer de volta dos povos, e os tiver recolhido das terras dos seus inimigos, e for santificado neles à vista de muitas nações, então saberão que eu sou o Senhor, o seu Deus, que as enviou ao cativo. as nações, mas também os trouxeram de volta à sua terra, e não deixaram mais nenhum cativo.” (Ezequiel 39: 25–28 nkjv)*

Alguns pontos devem ser enfatizados. Primeiro, os cativos de Israel são entregues especificamente e como resultado direto da destruição de Gogue e Seus exércitos. Mas isso não é apenas uma libertação geral; em vez disso, a passagem afirma que nenhum dos cativos

permanecerá cativo “por mais tempo”. É um livramento completo e final que só pode ser associado à era messiânica. Ao colocar este evento vários anos antes da vinda do Anticristo, como a posição popular faz, torna-se altamente contraditório a muitas outras passagens que nos informam que os exércitos do Anticristo levarão muitos judeus cativos (por exemplo, Lucas 21:24). A única maneira que essa porção da profecia pode ser reconciliada com todos os outros profetas é se Gogue e o Anticristo são um e o mesmo.

#### ISRAEL CONHECE O SENHOR PARA SEMPRE

Mesmo que as nações gentias venham a conhecer e seguir o Senhor durante o reino messiânico, os sobreviventes de Israel também o conhecerão. O tema do remanescente, ou os sobreviventes de Israel, todos conhecendo o Senhor depois de um poderoso livramento é comumente repetido em todos os profetas. Isaías falou dessas coisas: “Naquele dia o remanescente de Israel e os sobreviventes da casa de Jacó [...] Se inclinará sobre o Senhor, o Santo de Israel, na verdade” (Isaías 10:20).

Em outro lugar, Isaías falou de maneira semelhante ao rei Ezequias: “E o remanescente sobrevivente da casa de Judá deverá novamente lançar raízes e frutificar para cima. Porque de Jerusalém irá um remanescente, e do monte Sião um bando de sobreviventes. O zelo do Senhor fará isso” (2 Reis 19: 30–31). O profeta Joel também falou deste dia: “E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Pois no monte Sião e em Jerusalém haverá aqueles que escaparam, como o Senhor disse, e entre os sobreviventes estarão aqueles a quem o senhor chamar” (Joel 2:32). Miquéias também escreveu: “Farei o remanescente e aqueles que foram expulsos, uma nação forte; e o Senhor reinará sobre eles no Monte Sião, desde agora e para sempre” (Mq 4: 7).

Falando sobre esse remanescente, Jeremias profetizou sobre o dia em que todos iriam “conhecer o Senhor”: “E não mais cada um ensinará seu vizinho e cada um seu irmão, dizendo: ‘Conhece

o Senhor’, porque todos eles saberão. Eu, desde o menor deles até o maior, declara o senhor. Porque perdoarei a sua iniquidade e não me lembrarei mais do seu pecado” (Jeremias 31:34).

Mais tarde, percebendo aquilo que os profetas antes dele falavam, o apóstolo Paulo se dirigiu ao dia em que o remanescente de Israel chegaria a um conhecimento salvador de Deus: “E Isaías clama a respeito de Israel: ‘Embora o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, somente um remanescente deles será salvo, pois o Senhor cumprirá sua sentença sobre a Terra completamente e sem demora’”(Romanos 9: 27–28).

E finalmente, o apóstolo João reflete o profeta Jeremias ao falar sobre o que significa “conhecer” a Deus: “E esta é a vida eterna, que eles conhecem a você o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo a quem você enviou” (João 17: 3). Mas é em Ezequiel que os dois temas do remanescente sobrevivente e sua vinda para “conhecer” a Deus são totalmente reunidos. Nesta passagem, nos é dito que depois que os exércitos de Gogue forem destruídos, todos os sobreviventes de Israel virão a conhecê-lo a partir daquele ponto: “A casa de Israel saberá que eu sou o senhor seu Deus desde aquele dia em diante” (39:22). Não poderia ser mais claro. Este não é meramente um avivamento em que muitos judeus se tornam mais devotos; antes, toda a casa de Israel vem a conhecer

“O Senhor seu Deus”. Essa poderosa salvação nacional foi descrita em detalhes anteriormente em Ezequiel 20. Nessa passagem, o Senhor conecta os seguintes detalhes essenciais:

- O Senhor se torna rei sobre Israel.
- O Senhor entra em julgamento com Israel.
- O Senhor entra em um pacto eterno com Israel.
- Os rebeldes são “expurgados” de Israel.
- O Senhor remove os judeus dispersos dentre as nações.
- Todo Israel vem conhecer o Senhor.

Considere a seguinte passagem e, ao fazer isso, pergunte a si mesmo como isso pode estar se referindo a algo que não seja a plenitude da salvação nacional de Israel. No entanto, é precisamente o que Ezequiel descreve como tendo ocorrido como resultado de Gogue e seus exércitos terem sido aniquilados:

*Vivo eu, diz o Senhor Deus, certamente, com mão forte e braço estendido, e com indignação derramada, reinarei sobre ti. Eu te tirarei dos povos e os congregarei dos países onde estais dispersos, com mão forte e braço estendido, e com ira derramada... Eu vou entrar em juízo com você face a face [...] Eu vou trazê-lo para o vínculo da aliança. Eu expurgarei os rebeldes dentre vós, e os que transgredirem contra mim [...] Então você saberá que eu sou o Senhor [...] Pois no meu santo monte, a altura da montanha de Israel, declara o Senhor Deus, ali tudo a casa de Israel, todos eles, me servirá na terra. Ali os aceitarei [...] E sabereis que eu sou o senhor, quando eu te introduzir na terra de Israel, a terra que jurei dar a vossos pais. (Ezequiel 20: 33–42)*

#### ISRAEL HABITA SEGURAMENTE EM SUA TERRA

Como resultado de Israel se arrepender de sua desobediência e de virem a conhecê-lo, todo último judeu habitará firmemente na terra para sempre: “Esquecerão sua vergonha e toda a traição que praticaram contra mim, quando viverem em segurança em terra com nenhum para fazê-los com medo [...] Não deixarei mais deles entre as nações” (Ezequiel 39:26, 28).

Desta passagem, C. F. Keil escreveu: “Daquele tempo em diante o povo de Deus não terá mais que temer um inimigo que possa perturbar sua paz e sua bem-aventurança na posse eterna da herança dada a ele pelo Senhor”.<sup>17</sup>

Ainda mais vigorosamente, Daniel Block comentou: “A declaração de Ezequiel de que nem um único indivíduo será deixado para

trás quando Yahweh restaura seu povo não tem paralelo no AT. A restauração de Yahweh não é apenas total, é permanente. Ele promete nunca mais esconder seu rosto de seu povo”.<sup>18</sup>

É claro que pouco precisa ser dito sobre a impossibilidade de Israel experimentar segurança genuína antes que o Anticristo seja destruído. Israel só verdadeiramente estará em segurança depois que todos os seus inimigos tiverem sido destruídos, Jesus, o Messias, estiver presente, e o Senhor derramar Seu Espírito sobre todo o Israel.

#### DEUS DERRAMA O SEU ESPÍRITO EM ISRAEL

Em um dos testemunhos proféticos mais poderosos das Escrituras, o profeta Zacarias fala de um dia em que, depois de destruir as nações que cercam Jerusalém, o Senhor derramará Seu espírito sobre o povo judeu sobrevivente.

*E nesse dia procurarei destruir todas as nações que vêm contra Jerusalém. E derramarei sobre a casa de Davi e os habitantes de Jerusalém um espírito de graça e pedidos de misericórdia, para que, quando eles olharem para mim, aquele a quem eles trespassaram, que pranteiem por ele como um só chora por um filho único, e chora amargamente sobre ele, como se chora sobre um primogênito. Naquele dia o luto em Jerusalém será tão grande quanto o luto por Hadad-Rimom na planície de Megido. (Zacarias 12: 9-11)*

De acordo com essa passagem, há três eventos que coincidem: (1) o Senhor destrói as nações invasoras; (2) o povo judeu vem a reconhecer que Jesus, aquele a quem eles (e todos nós) perfuramos, é de fato o Messias; e (3) o Senhor derrama o Seu Espírito sobre o povo judeu. Isaías o profeta descreveu precisamente o mesmo dia:

*“E um Redentor virá a Sião aos que em Jacó se desviaram da transgressão”, declara o senhor. “E quanto*

*a mim, este é o meu pacto com eles”, diz o senhor: “O meu Espírito que está sobre você e as minhas palavras que eu coloquei na sua boca não sairão da sua boca nem da sua boca da tua descendência, ou da boca da descendência das vossas crianças”, diz o Senhor, “desde agora e para sempre.” (Isaías 59: 20–21)*

Assim, se a descrição anterior em Ezequiel de Israel vindo a conhecer o Senhor “daquele dia em diante” não foi suficiente para estabelecer a natureza conclusiva deste evento, então certamente a próxima descrição de Ezequiel selará seu significado: “E eu não esconderei minha face deles, quando derramar o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o Senhor Deus” (Ezequiel 39:29).

Muitos tentam restringir isso a um reavivamento espiritual muito limitado em Israel que ocorre vários anos antes da vinda de Jesus. O professor da Bíblia, David Reagan, por exemplo, fala sobre esses eventos: “Muitos [judeus] abrem seus corações para o Senhor. Na verdade, esse evento pode marcar a ocasião em que os 144.000 judeus de Apocalipse 7: 1–8 aceitam Yeshua como seu Messias e são selados pelo Senhor para um serviço especial durante o período de sete anos da Tribulação”.<sup>19</sup>

Mas é claro que este evento envolve muito mais do que um avivamento da época que ele acontecia nas tendas que varre a cidade. Não só o Senhor disse que nem um único judeu seria deixado entre as nações (39:28), e todo o Israel O conheceria “daquele dia em diante” (39:22), mas Ele também disse que Ele derramaria Seu espírito sobre eles e nunca mais esconderia seu rosto deles (v. 29). À luz dessa evidência inegável, a maioria dos comentaristas responsáveis concorda que essa passagem representa a volta final e completa do povo judeu ao Senhor para sempre.

- Daniel Block afirmou corretamente: *“Isso marca o início de uma nova era, que será caracterizada pelo reconhecimento de Israel a Javé, ou seja, a plena realização do relacionamento de aliança”*.<sup>20</sup>

- C. F. Keil disse que este verso marca o ponto decisivo na profecia de Ezequiel, em que *“Israel saberá que o Senhor é e continuará sendo seu Deus”*.<sup>21</sup>
- Leslie C. Allen na Palavra Comentário Bíblico diz: *“Pelos eventos de ‘aquele dia’ a relação de aliança entre eles e Yahweh seria completa e finalmente endossada”*.<sup>22</sup>
- Robert W. Jenson, em *The Brazos Theological Commentary on the Bible*, diz: *“Além disso, ‘daquele dia em diante,’ desde o dia em que o Senhor demonstra abertamente sua divindade, também a casa de Israel reconhecerá ‘que eu sou seu Aqui, este resultado do ato do Senhor é declarado com intensidade especial, pois o evento que forçará esse conhecimento é a revelação da própria divindade de Deus: Israel - como as nações - conhecerá Deus precisamente como Deus”*.<sup>23</sup>
- Iain M. Duguid em *The NIV Application Commentary* diz que após a destruição de Gogue, *“isto trará uma mudança radical nos corações de seu povo e na segurança de sua presença com eles, de tal forma que ele nunca mais esconderá seu rosto deles”*.<sup>24</sup>
- Matthew Henry, ao falar desta passagem, disse: *“A habitação do Espírito é uma promessa infalível da continuação do favor de Deus. Não mais esconderá o rosto daqueles sobre os quais derramou o seu Espírito”*.<sup>25</sup>

## O MESSIAS ESTÁ PRESENTE

Como prova final de que Gogue é o Anticristo, Ezequiel revela que na conclusão da destruição de Gogue, Jesus, o Messias, está fisicamente presente no solo, na terra: *“Pois no meu zelo e na minha ira ardente eu declaro, naquele dia haverá um grande terremoto na terra de Israel. O peixe do mar e as aves do céu e os animais do campo e todas as coisas que rastejam no chão, e todo o povo que está sobre a face da terra irá tremer na minha presença”* (38:19-20).

O Senhor diz que por toda a terra, tanto as pessoas quanto os animais “tremarão [na] presença”. A palavra usada para a presença é a palavra hebraica *panim*. *Panim* é uma referência ao rosto ou presença real de uma pessoa. Quando Deus diz que as pessoas da terra vão tremer em seu *panim*, Ele está dizendo que eles ficarão aterrorizados por causa de Sua presença real. Com relação à palavra *panim*, o *Dicionário Bíblico de New Unger* diz: “A presença (rosto) de Jeová é Jeová em sua presença pessoal.”<sup>26</sup> A Nova Enciclopédia Internacional das Palavras da Bíblia diz: “No AT, estar na presença de Deus ou de outra pessoa é indicado por uma preposição (l) prefixada à palavra hebraica *panim* (‘face’). O pensamento é estar “diante da face da pessoa”.<sup>27</sup>

*Panim* é usado em todo o Antigo Testamento para se referir à presença real de Deus. Jacó, por exemplo, depois de lutar com o Anjo do Senhor, referiu-se a ver Deus face a face: “Então Jacó chamou o nome do lugar de Peniel, dizendo: ‘Porque tenho visto Deus enfrentar [o *panim*] para enfrentar [*panim*], e ainda a minha vida foi entregue’” (Gênesis 32:30).

Também é interessante notar que no lugar do hebraico *panim*, a Septuaginta usou a palavra grega *prosopon*. O *prosopon* é uma das duas palavras comumente usadas no Novo Testamento para se referir à presença real. A outra palavra é *parousia*, que é comumente associada à Segunda Vinda. Entre *parousia* e *prosopon*, *prosopon* é o termo mais poderoso. *Parousia* implica vir, mas *prosopon* implica presença real cara-a-cara. Quando Jesus está vindo sobre as nuvens, esta é Sua *parousia*, mas uma vez que Ele realmente chegou, então a palavra *prosopon* é usada. Um excelente exemplo do uso do *prosopon* no Novo Testamento é uma cena em que os justos estão realmente olhando para a face de Deus na cidade eterna: “Não haverá mais nada maldito, mas o trono de Deus e do Cordeiro estará em e seus servos o adorarão. Verão o seu rosto [*prosopon*] e o seu nome estará na testa deles” (Apocalipse 22: 4).

A descrição de Ezequiel das pessoas que tremem de medo do rosto de Deus revela que, na conclusão da Batalha de Gogue e Magogue,

Jesus, o Messias, Deus encarnado, está fisicamente presente na terra, na terra de Israel.

#### O SANTO EM ISRAEL

Mais evidência para a presença física de Jesus na conclusão desta batalha é vista em Ezequiel 39:7: “E meu santo nome eu tornarei conhecido no meio do meu povo Israel, e não deixarei mais o meu santo nome ser profanado. E as nações saberão que eu sou o senhor, o Santo em Israel.

Essa é a única vez que a frase “o Santo em Israel” é usada na Bíblia. É o hebraico *qadowsh qadowsh baYisra’el*. Uma frase similar, “o Santo de Israel” (*qadowsh qadowsh Yisra’el*), é usada trinta e uma vezes nas Escrituras (por exemplo, Isaías 12:6; 43:3; 55:5; 60:9). Mas aqui, o Senhor não é meramente o Santo de Israel; Ele está realmente presente na terra e no chão! Embora a posição popular sustente que essa passagem conclui vários anos antes do retorno de Jesus, esse versículo torna isso uma impossibilidade absoluta.

#### DEUS DECLARA DIRETAMENTE QUE GOGUE É O ANTICRISTO

Mas além de todas as evidências que vimos até agora, talvez a prova mais clara e direta de que Gogue seja o Anticristo é simplesmente porque Deus assim o diz. Primeiro, o Senhor chama a invasão de Gogue e a subsequente destruição “no dia em que eu falei”: “Eis que vem e acontecerá, declara o Senhor Deus. Esse é o dia do qual eu tenho falado” (Ezequiel 39: 8).

É claro que “o dia” do qual o Senhor está continuamente falando em todos os profetas, o dia que é o ponto focal de toda a história da redenção, é o Dia do Senhor. Então o Senhor informa a Gogue que ele é aquele sobre o qual o Senhor falou por todos os profetas: “Isto é o que diz o Senhor dos Soberanos: Você não é aquele de quem eu falei nos tempos antigos pelos meus servos, os profetas de Israel? Naquele tempo eles defenderam por anos que eu os colocaria contra eles” (Ezequiel 38:17 nvi).

A Septuaginta expressa a passagem não como uma pergunta retórica, mas como uma declaração: “Assim diz o Senhor Deus a Gogue; tu estás preocupado com quem eu falei nos tempos antigos, pela mão de meus servos, os profetas de Israel, naqueles dias e anos, que eu te traria contra eles” (LXX).

Enquanto numerosas passagens proféticas escritas antes de Ezequiel fazem referência a um invasor que viria contra Israel nos últimos dias, estas são passagens anticristãs dentro do contexto do Dia do Senhor. Mais uma vez, este versículo é profundamente problemático para aqueles que argumentam que Gogue não é o Anticristo ou que ele é da Rússia. Pode-se pesquisar e pesquisar, mas em todos os profetas, não há nenhum profeta pré-Ezequiel que faça referência a uma invasão russa de Israel.

#### RESUMO

Em resumo, então, como resultado direto da destruição de Gogue e seus exércitos, as seguintes coisas acontecem:

- O nome de Deus nunca mais será blasfemado.
- As nações sobreviventes chegarão a um conhecimento salvador Dele.
- Os cativos de Israel serão entregues.
- Deus derramará o Seu Espírito sobre Israel.
- Israel virá para conhecer o Senhor para sempre.
- Israel habitará com segurança em sua terra eternamente.

E além destas coisas, Jesus o Messias estará presente na terra de Israel. Enquanto muitos intérpretes tentam separar esses eventos da destruição de Gogue por vários anos, ou diminuir seu significado alegando que eles não se referem à era do Messias, nenhuma exegese verdadeiramente razoável dessa passagem pode chegar a tal posição.

Está bem claro que essas coisas acontecem durante a era do Messias e como resultado direto da destruição de Gogue e seus exércitos. Tudo sobre os eventos e linguagem nesta passagem indica que essa “batalha” não é meramente o ato de abertura da Grande Tribulação, mas sim a grande conclusão desse período.



## EZEQUIEL 38-39: GOGUE DE MAGOGUE (PARTE 2)

**A**TÉ AGORA EM NOSSO ESTUDO de Ezequiel 38-39, vimos que a passagem conclui com vários eventos que só podem ser entendidos como ocorrendo após o retorno de Jesus. Também vimos que o texto afirma diretamente que Jesus - o Santo de Israel - está fisicamente presente na terra. E mesmo além disso, vimos que o próprio Deus afirmou diretamente que Gogue é o Anticristo, referindo-se a ele como aquele de quem os profetas anteriores falaram. Mas, mesmo além disso, ainda existem inúmeras razões muito sólidas para ver Gogue e o Anticristo como uma e a mesma pessoa. Neste capítulo, vamos considerar algumas das semelhanças compartilhadas pela profecia de Ezequiel e várias outras profecias anticristãs. Também consideraremos alguns problemas com a posição popular e, por último, responderemos a alguns argumentos comuns frequentemente apresentados pelos proponentes da posição popular.

### O BANQUETE DE DEUS

A primeira e mais óbvia comunhão compartilhada pela Batalha de Gogue de Magogue e Armagedom é que, na conclusão de ambos,

um chamado apela às aves do ar e às feras do campo para que participem da carne dos soldados caídos. Mas essa parte da profecia de Ezequiel também é citada no livro do Apocalipse e aplicada à Batalha do Armagedom do Anticristo. Considere a seguinte comparação lado-a-lado das duas passagens:

| Batalha de Gogue e Magogue<br>Ezequiel 39. 17-20  | Batalha do Armagedom<br>Apocalipse 19.17-18   |
|---|---|
| Ajuntai-vos e vinde;<br>ajuntai-vos de todos os lados...  | Vinde, ajuntai-vos...   |
| para o meu sacrifício, que eu faço<br>por vós, sacrifício grande sobre<br>os montes de Israel...  | para a grande ceia de Deus...   |
| Comereis as carnes dos poderosos<br>e bebereis o sangue dos príncipes<br>da terra... E vos fartareis de cavalos<br>e de cavaleiros, de valentes e de<br>todos os guerreiros à minha mesa,<br>diz o SENHOR Deus. | para comerdes a carne de reis,<br>de comandantes, de poderosos, de<br>cavalos e de seus cavaleiros, sim,<br>a carne de todos os homens, livres e<br>escravos, pequenos e grandes. |

Como vemos, Apocalipse leva a descrição deste incomparável “banquete” diretamente da profecia de Ezequiel. Isto não é uma mera semelhança, mas uma citação direta. Considere as implicações disso. Em Apocalipse 19, temos o que é sem dúvida a passagem mais conhecida sobre o retorno de Jesus através das Escrituras. Jesus é visto saindo do céu para destruir os exércitos do Anticristo. Então o clamor vai para os pássaros e animais para se reunirem para devorar os soldados inimigos. Mas esse chamado é tirado diretamente da porção da profecia de Ezequiel, onde o conquistado Gogue e seus exércitos são a fonte do banquete. Ambas as profecias descrevem os mesmos eventos, embora o Apocalipse de João acrescente muitas informações adicionais sobre o fato de que é o próprio Messias que traz a destruição real aos exércitos de Gogue.

Pesquisando vários livros de profecias populares que rejeitam qualquer conexão entre Gogue e o Anticristo, descobri que há um silêncio atordoante sobre o uso de Ezequiel por João aqui. A suposição óbvia do material de Ezequiel pelo Apocalipse é simplesmente ignorada. Este não é o caso, no entanto, entre numerosos outros comentários cristãos.

- Charles L. Feinberg diz em *The Prophecy of Ezekiel*, “*Aliás, a figura dá uma pista sobre o tempo de configuração de toda a passagem. É a mesma cena de Apocalipse 19, a grande ceia de Deus, e a cronologia é clara. Os eventos irão transcorrer no final da tribulação e pouco antes do reinado milenar do Messias de Israel*”.<sup>1</sup>
- GK Beale e Sean McDonough, no *Comentário sobre o Novo Testamento, uso do Antigo Testamento*, também observam a clara conexão entre as duas passagens: “*O anjo anuncia a destruição vindoura da besta, falso profeta e suas tropas através de a mesma imagem pela qual a derrota de Gogue e Magogue foi anunciada ... Apocalipse 19: 17-18 continua esse retrato profético e reafirma que isso certamente ocorrerá*”.<sup>2</sup>
- Robert Jensen observa o uso que João faz das imagens ezequielianas: “*Quando no apocalipse cristão a guerra do ‘Logos de Deus’ contra ‘a besta’ atinge seu clímax, Ezequiel é reprisado*”.<sup>3</sup>
- Daniel Block observa a clara conexão entre as duas passagens, vendo a besta (Anticristo) do Apocalipse e o Gogue de Ezequiel como um e o mesmo: “*A cena dos pássaros reunidos para a grande ceia de Deus em [Apocalipse] 19:17–21 é claramente emprestado do último quadro de Ezequiel (39: 17-20)... Embora essa passagem nunca mencione Gogue pelo nome, a besta certamente o representa. Na profecia, João preenche vários detalhes da profecia*

*de Ezequiel... O uso de João do oráculo de Ezequiel contra Gogue representa uma adaptação notável de uma tradição do AT para um tema cristão. Um evento cujo tempo na profecia original é vagamente definido nos “últimos dias” é agora o penúltimo evento na história humana; a imagem da paz e tranquilidade nacionais é transformada num retrato da paz universal; o inimigo estrangeiro torna-se uma força satânica e diabólica; a vitória divina é colocada nas mãos do Messias. A mensagem que havia sido originalmente apresentada aos exilados judeus para reforçar suas esperanças foi transformada em uma mensagem de esperança para todos os cristãos”.*<sup>4</sup>

- Grant R. Osborne observa: *“Haverá dois grandes banquetes messiânicos no escanon: a festa do Cordeiro para os santos e a festa dos pecadores para os carneiros. Os santos participarão do grande banquete e o pecador será o banquete! Esta imagem [de Apocalipse 19] é tirada de Ezequiel. 39: 17-20, onde o julgamento contra Gogue é pontuado por um convite aos pássaros e animais selvagens para “se unirem” para “o grande sacrifício nas montanhas de Israel”.*<sup>5</sup>

Para aqueles que rejeitam a noção de que Gogue e a Besta / Anticristo do Apocalipse são um e o mesmo, que não veem nenhuma conexão genuína entre Apocalipse 19 e Ezequiel 39, uma pergunta deve ser feita: por que o Senhor usaria uma passagem que descreve a destruição de Gogue e aplicá-lo-ia para a destruição do Anticristo? Se os dois não são os mesmos, isso seria terrivelmente confuso, se não completamente enganoso. A única maneira pela qual o uso que João faz das imagens de Ezequiel aqui pode ser razoavelmente entendido é ver a profecia de João como uma nova versão do oráculo de Ezequiel.

## AMBOS SÃO DESTRUÍDOS ATRAVÉS DE UM GRANDE TERREMOTO

Mas o empréstimo de material de Ezequiel por João não se limita ao grande banquete. Apocalipse toma emprestado de outras partes do oráculo de Ezequiel contra Gogue também. Considere os seguintes paralelos adicionais

| Batalha de Gogue e Magogue<br>Ezequiel 38. 19-22  | Batalha do Armagedom<br>Apocalipse 16.18-20  |
|---|--|
| Na terra de Israel  | Aquele lugar que em hebraico é chamado Armagedom   |
| Naquele dia terá um grande terremoto  | houve também um grande terremoto, tão forte como nunca havia ocorrido desde que o homem existe sobre a terra   |
| E todos os muros desabarão  | E as cidades das nações caíram   |
| E os montes serão deitados abaixo   | Todas as ilhas fugiram, e os montes desapareceram  |
| Farei cair chuva torrencial, granizo, fogo e enxofre sobre ele, as suas tropas e os muitos povos que estão com ele. | E do céu caiu sobre os homens um pesado granizo; as pedras pesavam quase um talento;* e os homens blasfemaram contra Deus por causa da praga de granizo, pois sua praga era destruidora. |

Então, como resultado do Senhor ter julgado tanto Gogue quanto o Anticristo, “as montanhas” caem, como pragas e pedras de granizo massivas são derramadas sobre os inimigos de Deus. Mas se todas as montanhas forem derrubadas quando Gogue for destruído, como todas elas podem ser derrubadas novamente apenas alguns anos depois? Obviamente, isso não faria sentido a menos que as duas passagens contassem a mesma história.

## AMBOS SÃO ATINGIDOS COM PRAGAS

Em uma das passagens mais raramente discutidas, mas mais poderosamente visuais que retratam o retorno de Jesus no Antigo Testamento, Habacuque descreve o Messias emergindo da Arábia, executando o julgamento de seus inimigos. Dentro deste texto, encontramos muitos dos mesmos temas encontrados no oráculo de Ezequiel:

*Deus veio de Teman [Arábia] e o Santo do Monte Parã. Seu esplendor cobriu os céus e a terra estava cheia de seu louvor. Seu brilho era como a luz; raios brilhavam de sua mão; e lá ele velou seu poder. Antes dele foi pestilência, e praga seguiu em seus calcandoures. Ele se levantou e mediu a terra; ele olhou e abalou as nações; então as montanhas eternas foram espalhadas; as colinas eternas se afundaram.*  
(Habacuque 3: 3–6)

Novamente, o tema da queda das montanhas é repetido. Mas um novo tema aqui é o do Messias enviando “praga” e “pestilência” aos seus inimigos. Em outra profecia anticristã bem conhecida, o profeta Zacarias também falou da “praga” que se abaterá sobre os exércitos do Anticristo: “E esta será a praga com a qual o Senhor atacará todos os povos que empreendem guerra contra Jerusalém; a carne apodrecerá enquanto ainda estão de pé, os seus olhos apodrecerão nas suas órbitas e as suas línguas apodrecerão nas suas bocas” (Zacarias 14:12).

É apropriado, então, que esse tema também seja visto na profecia messiânica de Ezequiel: “Com pestilência e derramamento de sangue, entrarei em juízo com ele” (Ezequiel 38:22). Assim como Jesus enviará pragas sobre os exércitos do Anticristo, o Senhor declarou que Ele os derramaria pessoalmente sobre Gogue e seus exércitos. As semelhanças são facilmente explicáveis ao se reconhecer que Gogue e o Anticristo são a mesma pessoa.

## AMBOS OS EXÉRCITOS SE ATACAM ENTRE SI

Como discutimos anteriormente em nosso exame de Daniel 2, o reino final do Anticristo é especificamente definido como sendo “dividido”: “E como você viu os pés e dedos dos pés, em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, ele será dividido. reino, mas parte da firmeza do ferro estará nele, assim como você viu ferro misturado com a argila macia” (v. 41).

É claro que essa é uma descrição perfeita da comunidade islâmica global, que desde o início foi dividida entre as duas seitas de muçulmanos sunitas e xiitas. É também um perfeito cumprimento da antiga profecia declarada sobre Ismael, o pai dos povos árabes, que sempre estaria em conflito com outros homens e até mesmo com seus próprios irmãos: “Ele será um jumento selvagem de homem, com a mão contra a mão de todos e de todos contra ele, e ele habitará contra todos os seus parentes” (Gênesis 16:12).

Não é de surpreender, portanto, que os exércitos do Anticristo, enquanto na terra de Israel até o último momento sejam vistos atacando um ao outro, cumprindo o conhecido provérbio. Apesar de poderem suspender temporariamente suas infundáveis lutas internas com o propósito de se unirem para atacar Israel, uma vez na terra, eles são incapazes de conter sua antiga inimizade sectária: “Cada homem agarrará a mão de outro e atacará uns aos outros” (Zacarias 14:13). Não surpreendentemente, então, Ezequiel descreve precisamente a mesma dinâmica que ocorre entre os exércitos de Gogue: “Vou invocar uma espada contra Gogue em todas as minhas montanhas, declara o Senhor Deus. A espada de todo homem será contra o seu irmão” (Ezequiel 38:21).

Assim, mesmo que os exércitos do Anticristo estejam matando uns aos outros enquanto estão na terra de Israel, também os exércitos de Gogue estão se matando. E mais uma vez, os traços e ações comuns dos exércitos do Anticristo e Gogue são facilmente explicados, pois ambas as passagens descrevem os mesmos eventos.

## AS COALIZAÇÕES CONSISTEM NAS MESMAS NAÇÕES

Em Daniel 11, depois de conquistar o Egito, somos informados de que as duas nações da Líbia e do Sudão (Cuxe) se submeterão ao Anticristo: “Ele se tornará governante dos tesouros de ouro e de prata, e todas as coisas preciosas do Egito, e os líbios e os cuxitas seguirão o seu caminho” (v. 43).

Mas em Ezequiel 38, lemos que essas mesmas duas nações farão parte da coalizão militar de Gogue: “Cuxe [o Sudão] e a Líbia com eles; todos eles com escudo e capacete” (v. 5). Este é um problema significativo para a posição popular, que separa Gogue do Anticristo. Se Gogue e seus exércitos, incluindo a Líbia e o Sudão, forem totalmente destruídos, como é que essas mesmas duas nações serão ressuscitadas apenas alguns anos depois, para se juntarem aos exércitos do Anticristo? Logicamente, isso seria impossível. Mais uma vez, a posição popular entra em conflito com o senso comum. De acordo com essa visão, devemos acreditar que essas duas nações islâmicas radicais se submeterão voluntariamente a um líder russo, e depois de serem totalmente aniquiladas, apenas alguns anos depois, estarão prontas para se submeterem a um ditador humanista europeu. Mais uma vez, é muito mais razoável simplesmente concluir que Gogue e o Anticristo são um e o mesmo.

## AMBOS INVADEM ISRAEL PARA SAQUEAR

De acordo com Isaías, uma das principais motivações do Anticristo para invadir a terra de Israel é a apreensão de saque: “Ah, a Assíria, a vara da minha ira; o pessoal em suas mãos é minha fúria! Contra uma nação ímpia, eu mando-o, e contra o povo da minha ira, ordeno-lhe que leve o despojo, agarre-o e os pise como a lama das ruas” (Isaías 10: 5–6).

Da mesma forma, Zacarias descreve o saque pelo Anticristo e suas forças: “Eis que o dia do Senhor está chegando, e seu despojo será dividido em seu meio. Porque ajuntarei todas as nações para pelejar contra Jerusalém; A cidade será tomada, as casas fuziladas

e as mulheres violadas. Metade da cidade irá para o cativeiro, mas o remanescente do povo não será extirpado da cidade” (14: 1–2).

Daniel também nos informa que Antíoco IV Epifânio, o tipo individual mais poderoso do Anticristo nas Escrituras, também fez o mesmo: “Quando as províncias mais ricas [Israel] se sentirem seguras, ele as invadirá e alcançará o que nem seus pais nem seus antepassados fizeram. Ele distribuirá a pilhagem, a pilhagem e a riqueza entre seus seguidores” (11:24).

Finalmente, no oráculo de Ezequiel, nos é dito que as motivações de Gogue também serão roubar:

*Assim diz o Senhor Deus: Naquele dia, pensamentos virão à sua mente, e você planejará um plano maligno e dirá: “Subirei contra a terra de vilarejos sem muros, para apoderar-me de despojos e de saques; vira a tua mão contra os lugares desolados que agora são habitados, e as pessoas que foram recolhidas das nações, que adquiriram gado e bens, que habitam no centro da terra. Reuniste os teus exércitos para levar a pilhagem, para levar embora. prata e ouro, para tirar o gado e os bens, para tomar grande despojo?”*  
(38: 10–13)

Mesmo que uma das motivações do Anticristo para invadir Israel seja roubar o espólio, a motivação específica de Gogue é a mesma - porque ele e o Anticristo são os mesmos.

#### AMBOS VÊM DO NORTE

Um dos temas mais comuns em todos os profetas é a invasão do exército maligno do Norte. Enquanto algumas dessas profecias diziam respeito a invasões históricas, todas elas acabaram prenunciando a invasão final do Anticristo nos últimos dias. O profeta Joel falou da invasão do fim dos tempos do norte: “Mas removerei o exército do norte para longe de você, e o conduzirei a uma terra seca e desolada,

e sua vanguarda no mar oriental e sua retaguarda. no mar ocidental. e seu fedor surgirá e seu mau cheiro subirá, pois fez grandes coisas” (Joel 2:20).

O exército invasor do Norte também era um tema comum dentro das profecias de Jeremias: “Então o Senhor me disse: ‘Do Norte o mal irromperá sobre todos os habitantes da terra’” (Jeremias 1:14). E: “Assim diz o Senhor: ‘Eis que um povo vem da terra do norte, uma grande nação está se movendo das partes mais distantes da terra’” (Jeremias 6:22).

Assim, quando Ezequiel começou a falar de uma invasão do grande exército do norte, seus ouvintes já estavam bastante familiarizados com esse tema e teriam compreendido que ele era uma referência à invasão final e maligna do fim dos tempos:

*Naquele dia em que meu povo Israel estiver em segurança, você não saberá? Você virá do seu lugar para fora das extremidades do norte, você e muitos povos com você... Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe chefe de Meseque e Tubal. E eu te farei virar e te conduzirá para frente, e te levarei das extremidades do norte, e te levarei contra as montanhas de Israel. (Ezequiel 38: 14–16; 39: 1–3)*

Mesmo que as descrições dos outros profetas da invasão dos últimos dias do Anticristo fossem tipificadas por sua vinda do norte, ou com o “exército do norte”, Gogue também segue o mesmo padrão e usa exatamente o mesmo imaginário.

#### AMBAS INVADEM ISRAEL QUANDO SE SENTE SEGURA

Segundo Daniel, o Anticristo fará um tratado de paz com a nação de Israel (9:27). Isaías nos informa que o povo judeu realmente vai confiar e até mesmo contar (em hebraico: sha`an) com as falsas abordagens do Anticristo (10:20). Paulo, o apóstolo, advertiu sobre a natureza enganosa dessa falsa segurança: “Vocês mesmos

estão cientes de que o dia do Senhor virá como um ladrão à noite. Enquanto as pessoas estão dizendo: “Há paz e segurança”, então a destruição repentina virá sobre eles como dores de parto se deparar com uma mulher grávida, e eles não vão escapar “(1 Tessalonicenses 5: 2-3). Por meio da prefiguração de Antíoco IV Epifânio, Daniel também nos alerta sobre o Anticristo: “Ele fará com que o engano prospere e ele se considerará superior. Quando eles se sentirem seguros, ele destruirá muitos e tomará sua posição contra o Príncipe dos Príncipes. No entanto, ele será destruído, mas não pelo poder humano” (8:25 nvi).

E mais tarde, Daniel adverte novamente: “Quando as províncias mais ricas se sentirem seguras, ele as invadirá” (11,24). E assim, mais uma vez, não ficamos surpresos ao descobrir que Ezequiel descreve exatamente os mesmos planos que emanam de Gogue, que diz em seu coração: “Eu invadirei uma terra de aldeias sem muros; vou atacar um povo pacífico e desavisado - todos eles vivendo sem muros e sem portões e grades” (38: 12-13).

A razão pela qual a metodologia de Gogue de criar e usar a falsa paz para destruir seus inimigos é exatamente a mesma que a do Anticristo simplesmente porque os dois são um.

#### RESUMO DAS COINCIDÊNCIAS ENTRE GOGUE E O ANTICRISTO

1. Ambos são devorados no grande banquete de Deus por pássaros e animais (Ezequiel 39: 17-20; Apocalipse 19: 17-18).
2. Ambos são destruídos pelo maior terremoto já descrito nas Escrituras (Ezequiel 38: 19-20; Apocalipse 16: 18-20).
3. Ambos são atacados com pragas (Ezequiel 38:22; Zacarias 14:12; Habacuque 3: 3-6).
4. Ambos os exércitos atacam um ao outro (Ezequiel 38:21; Zacarias 14:13; Daniel 2:41; Gênesis 16:12).

5. Ambos consistem das mesmas nações (Ezequiel 38: 5; Daniel 11:43).
6. Ambos vêm para o despojo (Ezequiel 38: 10–13; Zacarias 14: 1–2; Isaías 10: 5–6; Daniel 11:24).
7. Ambos vêm do Norte (Ezequiel 38: 14–16; 39: 1–3; Joel 2:20; Jeremias 1:14; 6:22).
8. Ambos vêm da mesma região (Ezequiel 38: 1–6; Daniel 11:40; Isaías 7:17; 10:12; Miquéias 5: 6).
9. Ambos usam falsa paz e invadem quando Israel se sente seguro (Ezequiel 38: 12–13; Daniel 8:25; 9:27; 11:24; Isaías 10:20; 1 Tessalonicenses 5: 2–3).
10. Ambos morrem da “espada” do Senhor (Ezequiel 38:21; Apocalipse 19:15, 21).
11. Ambos caem na terra de Israel (Ezequiel 36: 1–6; 38: 9; 39: 5).
12. Ambos morrem em Israel (Ezequiel 39: 5; Daniel 7:11; 9:27; 11:45; 2 Tessalonicenses 2: 8).
13. Ambos estão enterrados (Ezequiel 39:11; Isaías 14: 13-20).
14. Depois de ambas as mortes, o nome de Deus nunca mais será blasfemado (Ezequiel 38:23; 39: 7; Apocalipse 20: 2; 21: 8).
15. Após as duas mortes, as nações sobreviventes chegarão a um conhecimento salvador de Deus (Ezequiel 39: 6–7; Isaías 11: 9; 60:14; Salmo 22:27).
16. Depois de ambas as mortes, os cativos de Israel serão libertados (Ezequiel 39: 25–28; Sofonias 2: 7; Joel 3: 1; Zacarias 9: 10–12; Isaías 61: 1–3; Salmo 102: 13–16, 19–21).
17. Depois de ambas as mortes, Deus derramará o Seu Espírito sobre Israel (Ezequiel 39:29; Isaías 59: 20–21; Zacarias 12: 9–11).

18. Depois de ambas as mortes, os sobreviventes de Israel virão a conhecer o Senhor para sempre (Ezequiel 20: 33–42; 39:22; 2 Reis 19: 30–31; Joel 2:32; Miquéias 4: 7; Jeremias 31:34, Isaías 10:20, João 17: 3, Romanos 9: 27-28).
19. Depois de ambas as mortes, Israel permanecerá em segurança na terra por toda a eternidade (Ezequiel 39:26, 28; Miquéias 5; Isaías 60-66).
20. Depois de ambas as mortes, Jesus está presente em Israel (Ezequiel 38: 19-20; 39: 7; Apocalipse 19–21).

Outras semelhanças certamente poderiam ser citadas. Mas apesar das numerosas características compartilhadas por Ezequiel 38–39 e outras passagens anticristãs, muitos se recusam a reconhecer a abundância de evidências que acabamos de examinar. Resumindo uma série de trinta partes sobre Ezequiel 38–39, Thomas Ice explicou por que ele acredita que não devemos ver esses capítulos descrevendo o mesmo evento em Apocalipse 19: “Existem algumas semelhanças gerais entre as duas batalhas, no entanto, são as diferenças que se mostram decisivas quando se trata de avaliar se são a mesma batalha”.<sup>6</sup> Mas, como acabamos de ver, há mais do que “algumas semelhanças gerais” aqui. As semelhanças são totalmente esmagadoras. Agora, no restante deste capítulo, examinaremos algumas dessas alegadas diferenças para mostrar que, na verdade, elas nem existem.

#### ARGUMENTOS DO SILÊNCIO

Ao tentar mostrar que existem diferenças entre Ezequiel 38–39 e outras profecias anticristãs, muitos olham principalmente para argumentos do silêncio. Por exemplo, Fruchtenbaum declarou: “Na invasão de Ezequiel, há um protesto contra a invasão; na Campanha do Armagedom, não há protesto”.<sup>7</sup> Em outras palavras, porque uma passagem contém informações que a outra não, isso prova que são dois eventos diferentes. Mas este argumento assume que toda passagem é totalmente abrangente em sua descrição. Se essa mesma

lógica fosse aplicada aos Evangelhos, poder-se-ia concluir que são todas histórias diferentes. Digamos, por exemplo, que uma conta do evangelho continha um detalhe que outra conta não continha; portanto, são dois eventos diferentes. No entanto, sabemos que qualquer sugestão desse tipo é tola. Através dos profetas, numerosas profecias messiânicas apresentam ao leitor retratos extremamente resumidos da obra do Messias. Nenhuma dessas profecias contém uma descrição abrangente da vida do Messias. Simplesmente porque um profeta nos informa sobre certos detalhes relativos a um evento futuro e outro não nos indica, de modo algum, que os dois estavam descrevendo eventos diferentes. Argumentos do silêncio são falaciosos e não devem ter peso algum com os estudiosos cuidadosos e ponderados das Escrituras.

#### AMBOS SÃO DESTRUÍDOS NAS “MONTANHAS DE ISRAEL”

Na tentativa de mostrar diferenças entre a invasão de Gogue e o Anticristo, Fruchtenbaum escreveu: “A invasão de Ezequiel é destruída nas montanhas de Israel; a Campanha do Armagedom é destruída na área entre Petra e Jerusalém.”<sup>8</sup> Embora esse argumento seja feito com muita seriedade genuína, com todo o respeito ao Dr. Fruchtenbaum, e outros que repetiram sua reivindicação, é simplesmente um argumento bobo que não foi pensado. Primeiro, Fruchtenbaum parece ignorar o igualmente proeminente verso 39: 5, onde Deus informa a Gogue: “Você cairá no campo aberto, pois falei, declara o Senhor Deus”. Da mesma forma, em 38: 9, Gogue é dito, “Você avançará, vindo como uma tempestade. Você será como uma nuvem cobrindo a terra, você e todas as suas hordas.” Portanto, não é mesmo verdade que os exércitos de Gogue estejam de alguma forma limitados às montanhas de Israel. Seus exércitos cobrem toda a terra e ele próprio morre em um campo aberto. Mas o mais importante, o argumento é simplesmente bobo, porque “as montanhas de Israel” é simplesmente uma sinédoque para toda a terra de Israel. Isto é claramente visto apenas

dois capítulos antes, onde Deus chama Ezequiel para profetizar especificamente “as montanhas de Israel”, mas depois inclui “as colinas, as ravinas e os vales, os ermos desolados e as cidades desertas”:

*Filho do homem, profetiza contra os montes de Israel e diz: “Montes de Israel... Assim diz o Senhor Deus às montanhas e aos montes, às ravinas e vales, aos ermos desolados e às cidades desertas, que se tornaram em presa e escárnio para o resto das nações por toda parte. . . Por isso, profetiza acerca da terra de Israel, e dize aos montes e colinas, às ravinas e vales: Assim diz o Senhor Deus: Eis que falei na minha ira zelosa, porque sofreste o opróbrio das nações. (Ezequiel 36: 1-6)*

Quando Deus se referiu às “montanhas de Israel”, ele quis dizer toda a terra de Israel. Isso seria semelhante à frase “em todas as planícies frutíferas” como uma referência aos Estados Unidos da América. “As planícies frutíferas” é simplesmente uma alusão à vasta extensão dos Estados Unidos. Da mesma forma, “montanhas de Israel” refere-se claramente a toda a terra de Israel.

#### QUEIMANDO AS ARMAS

Outro argumento frequentemente feito contra a batalha de Gogue, concluindo no retorno de Jesus, é que o povo judeu vitorioso queima as armas dos exércitos caídos por sete meses, o que seria desnecessário durante o Milênio. Nathan Jones disse, por exemplo: “Com Jesus então presente para prover as necessidades de todos, a maldição parcialmente levantada e a Terra reformada por terremotos, não haveria necessidade de Israel ter que queimar qualquer arma para combustível.”<sup>9</sup>

Mas essa afirmação entende fundamentalmente a verdadeira natureza da era vindoura. Durante o Milênio, para milhões de pessoas, uma vida muito terrena continuará. O Senhor não destrói a terra; Ele a restaura. Existe uma clara continuidade entre esta era e a

próxima. Zacarias, por exemplo, descreve sobreviventes antes incrédulos dentre as nações que viverão como crentes durante o Milênio: “Então todos que sobreviverem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão ano após ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, a celebrar a festa dos tabernáculos (14:16).

Mais tarde, em Ezequiel, lemos sobre uma florescente indústria pesqueira durante a era messiânica: “Os pescadores ficarão ao lado do mar. De Engedi a Eneglaim, será um lugar para a disseminação de redes. Seu peixe será de muitos tipos, como o peixe do Grande Mar” (47:10).

O profeta Amós descreveu o povo de Israel reconstruindo cidades e plantando vinhas e jardins durante o reinado milenar de Jesus: “Eu restaurarei as fortunas do meu povo Israel, e eles reconstruirão as cidades arruinadas e as habitarão; plantarão vinhas e beberão os seus vinhos; farão hortas e comerão os seus frutos” (9:14).

Mesmo que coisas como a pesca e a agricultura não acabem, a necessidade de combustível para cozinhar ou para luz não cessará. Só porque Jesus estará presente nestes dias não significa que todas as coisas serão feitas magicamente. Durante o Milênio, os profetas Isaías e Miquéias notoriamente predisseram, as pessoas da terra transformam suas espadas em arados (Isaías 2:4; Miquéias 4:3). Essa descrição poético-profética da conversão de armas militares em implementos agrícolas é virtualmente idêntica à descrição de Ezequiel de armas queimadas como combustível. Em cada uma dessas descrições, as armas são transformadas em ferramentas para fins domésticos ou agrícolas. Qualquer alegação de que a queima de armas é incompatível com a natureza do Milênio nasce de um mal-entendido do Milênio, conforme descrito em todas as Escrituras.<sup>10</sup>

#### A INVASÃO DE GOGUE É LIMITADA, EMBORA O ARMAGEDOM INCLUA TODAS AS NAÇÕES

Alguns afirmam que na Batalha do Armagedom, todas as nações estão envolvidas, enquanto a coalizão de Gogue envolve um número limitado de nações. Mas esta distinção não está de acordo com as Escrituras.

No capítulo 3, vimos que a coalizão do Anticristo é composta principalmente por dez nações, e muitas outras se juntam mais tarde. Assim, nem toda nação do mundo estará alinhada com o Anticristo. Se o Anticristo governasse todas as nações da Terra, teríamos paz global - *Pax Antichristus*. No entanto, Daniel 9:27 revela que o Anticristo está em guerra até o fim. Em termos simples, a guerra exige forças militares e governos resistentes. Daniel 11 fala de nações que estarão em guerra contra o Anticristo, e outras que “escaparão de suas mãos”. Qualquer afirmação de que cada nação no mundo acompanhará a coalizão de Anticristo contra Jerusalém ignora essa e outras passagens relevantes. Em segundo lugar, os esforços para limitar a coalizão de Gogue às nações nomeadas especificamente em Ezequiel 38–39 ignoram a afirmação correta na passagem que diz que “muitas” outras nações se unirão àquelas já listadas.

#### SOBRE O ENTERRO DO GOGUE/ANTICRISTO

Outro argumento contra equiparar Gogue ao Anticristo é a alegação de que Gogue recebe um enterro, enquanto o Anticristo não o faz. Primeiro, é correto dizer que o corpo de Gogue receberá um enterro: “Naquele dia darei a Gogue um lugar para sepultura em Israel, o Vale dos Viajantes, a leste do mar. Isso bloqueará os viajantes, pois Gogue e toda a sua multidão serão enterrados. Será chamado Vale de Hamon-Gogue” (Ezequiel 39:11). Com relação ao Anticristo, muitos interpretaram mal partes de Isaías 14 e concluíram que ele nunca recebe um enterro. Isaías 14 é uma poesia profética contra o rei da Babilônia, um tipo profético do Anticristo. O rei / Anticristo primeiro afirma que ele faria seu trono no “monte da assembleia ... nos confins do norte”. Esta é uma referência ao Monte do Templo em Jerusalém, a localização do trono de Deus: “Você disse no teu coração, subirei ao céu; acima das estrelas de Deus, porei o meu trono no alto; Eu me sentarei no monte da assembleia nos confins do norte; Subirei acima das alturas das nuvens; Farei de mim mesmo como o Altíssimo” (vv. 13-14).

Mas, em vez disso, Deus declara que o Anticristo se encontrará na cova do inferno: “Mas você é levado até o Seol, até os confins do abismo” (v. 15). Este lugar de descanso final no inferno é onde a alma dele descerá, mas o corpo físico dele também será enterrado de um modo completamente vergonhoso. Nos tempos antigos, famílias ricas e reis dividiam uma tumba familiar ou sepulcro. Estas eram sepulturas parecidas com cavernas, onde os corpos recebiam seus próprios lugares individuais em compartimentos ao longo dos lados do túmulo, bem como os mausoléus modernos. Nesta passagem, a vergonha está sendo lançada sobre o Anticristo porque, ao contrário dos outros reis e nobres da terra, ele não será enterrado em sua família ou sepultura real, mas em um simples buraco, e sua única vestimenta serão outros cadáveres:

*Todos os reis das nações jazem em glória, cada um no seu próprio túmulo; mas tu és lançado da tua sepultura, como um ramo abatido, vestido de mortos, os que transpassam a espada, e descem às pedras da cova, como cadáver pisoteado. Você não será unido com eles [os reis da terra] no enterro, porque você destruiu sua terra, você matou seu povo. “Que os descendentes dos malfeitores nunca mais sejam chamados!”.* (Vv. 18–20)

A passagem não diz que o Anticristo nunca será enterrado. Em vez disso, é simplesmente mostrar a natureza de sua morte e sepultamento vergonhosos. Como J. Alec Motyer, em seu comentário excepcional sobre Isaías, escreveu: “Despojado de suas vestes reais, o rei não tem nada para vesti-lo, a não ser os corpos daqueles que morreram na batalha, amontoados ignominiosamente [...] Seu túmulo não é marcado e, portanto, inconscientemente pisoteado. Não há ninguém preocupado em garantir um enterro digno para o rei. Seus antepassados foram levados para o mausoléu da família, mas ele não se juntará a eles”.<sup>11</sup>

Em vez de morrer como a realeza - como ele disse em seu coração que ele será como o Altíssimo - ele será tratado como esterco com o restante daqueles que foram mortos. Ele está enterrado, não em um túmulo real, mas em um buraco comum, uma vala comum. A alegação de que Gogue e o Anticristo devem ser dois indivíduos diferentes, porque um é enterrado e o outro não, é baseado em uma leitura superficial dos textos.

#### SOBRE A MORTE DE GOGUE/ANTICRISTO

Outro argumento semelhante contra equiparar Gogue ao Anticristo é a alegação de que Gogue será morto e enterrado, enquanto o Anticristo é “lançado vivo no lago de fogo que arde com enxofre” (Apocalipse 19:20). Assim, argumenta-se que os dois não podem ser a mesma entidade. Mas esse argumento falha em considerar outras passagens relevantes que falam sobre a morte física do Anticristo. O apóstolo Paulo nos diz que o Anticristo será, de fato, morto por Jesus: “E então o iníquo será revelado, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e reduzirá a nada pela aparência de sua vinda.” (2 Tessalonicenses 2: 8).

Daniel também nos diz que o Anticristo será destruído e seu corpo jogado no lago de fogo: “Eu olhei então por causa do som das grandes palavras que o chifre estava falando. E quando olhei, a besta foi morta e seu corpo destruído e entregue para ser queimado com fogo” (7:11).

Mais tarde, Daniel nos diz que o Anticristo chegará a seu fim na terra de Israel: “E ele armará suas tendas palacianas entre o mar e a gloriosa montanha sagrada. No entanto, ele chegará ao seu fim, sem ninguém para ajudá-lo” (11:45).

Está claro, então, que o Anticristo morrerá como qualquer outro homem. Isso não entra em conflito com o fato de ele ser jogado “vivo” no inferno (em grego: *Hades* ou hebraico: *Sheol*). Como Motyer escreveu sobre “vida” após a morte no inferno: “Primeiro, os mortos estão vivos - no *Sheol*. Na Bíblia, “morte” nunca é “término”, mas uma mudança de lugar e de estado com a continuidade da identidade pessoal. *Sheol* é o “lugar” onde todos os mortos vivem.”<sup>12</sup>

Simplificando, enquanto o corpo do Anticristo será morto por Jesus, sua alma será enviada ao inferno “viva”, por assim dizer, para experimentar a consciência do tormento eterno: “E o diabo que os havia enganado foi jogado no lago de fogo e enxofre, onde a besta e o falso profeta estavam, e eles serão atormentados dia e noite para todo o sempre” (Apocalipse 20:10).

A alegação de que Gogue não pode ser o Anticristo com base nessas passagens é imprecisa e simplesmente o resultado de um estudo inadequado.

#### PROBLEMAS COM A POSIÇÃO POPULAR: O PROBLEMA DEMOGRÁFICO

Além de tudo o que examinamos até agora, há também alguns problemas gritantes com a interpretação popular de Ezequiel 38–39 que poucos consideraram. Esse problema é simplesmente demográfico. Muitos ocidentais acreditam que a maioria dos muçulmanos do mundo vive no Oriente Médio. A verdade, no entanto, é que quase metade de todos os muçulmanos no mundo vive nos quatro países da Indonésia, Paquistão, Índia e Bangladesh. (A Indonésia tem uma população muçulmana de 202 milhões, o Paquistão 175 milhões, a Índia 161 milhões e Bangladesh 145 milhões). A profecia de Ezequiel não inclui nenhuma dessas nações. A maioria dos muçulmanos, de fato, vive fora do Oriente Médio. Hoje há mais muçulmanos na França (3,5 milhões) ou na Alemanha (4 milhões) do que no Líbano (2,5 milhões). De acordo com a interpretação popular, as nações especificadas na profecia de Ezequiel incluem a Rússia e várias nações do Oriente Médio, Ásia Central e Norte da África. No entanto, mesmo se incluíssemos todas as nações que já foram sugeridas até mesmo na interpretação mais ampla, isso ainda representaria apenas menos de um terço da população mundial muçulmana total. Se cada soldado em cada uma dessas nações fosse destruído, hoje isso representaria menos de 2% do total de 1,6 bilhão de muçulmanos do mundo. Mesmo se cada uma dessas nações fosse completa e completamente destruída - algo que ninguém está sugerindo irá ocorrer - ainda haveria bem mais

de um bilhão de muçulmanos em todo o mundo. O Islã continuaria a ser uma força vasta e vibrante em todo o mundo. Qualquer sugestão de que o Islã desaparecerá da Terra vários anos antes do retorno de Jesus é simplesmente uma ilusão. Considere as seguintes estatísticas:<sup>13</sup>

| Nações                 | Porcentagem da População Muçulmana | Número Total de Militares em Atividade |
|------------------------|------------------------------------|--|
| Turcomenistão          | 0,3                                | 22.000                                 |
| Uzbequistão            | 1,7                                | 87.000                                 |
| Quirguistão            | 0,3                                | 20.400                                 |
| Tajiquistão            | 0,4                                | 16.300                                 |
| Azerbaijão             | 0,6                                | 382.000                                |
| Turquia                | 4,7                                | 1.151.200                              |
| Líbano                 | 0,2                                | 175.000                                |
| Palestina              | 0,1                                | 56.000                                 |
| Síria                  | 1,3                                | 747.000                                |
| Iraque                 | 2                                  | 578.270                                |
| Irã                    | 4,7                                | 3.833.000                              |
| Jordânia               | 0,4                                | 175.500                                |
| Arábia Saudita         | 2                                  | 250.000                                |
| Kuwait                 | 0,2                                | 46.300                                 |
| Bahrein                | 0,1                                | 19.460                                 |
| Omã                    | 0,2                                | 47.000                                 |
| Emirados Árabes Unidos | 0,2                                | 51.000                                 |
| Egito                  | 5                                  | 1.345.000                              |
| Líbia                  | 0,4                                | 116.000                                |
| Sudão                  | 1,9                                | 211.800                                |
| <b>Total</b>           | <b>29,6%</b>                       | <b>9.330.230</b>                       |

## CONCUSÃO

Ao considerar todos os textos relevantes, tornou-se abundante, se não dolorosamente claro, que o Anticristo e Gogue são um e o mesmo. Os vários argumentos usados contra essa visão falham. Como foi discutido ao longo deste livro, Ezequiel 38–39 é simplesmente mais uma releitura da mesma história que todos os profetas contam:

- Um grupo de nações, liderado por Gogue/Anticristo, ataca Israel e persegue os cristãos.
- Como resultado, ao longo de um período de três anos e meio, a nação de Israel experimenta uma devastação total com muitos sendo levados cativos.
- Através do Messias, o Senhor intervém para resgatar os sobreviventes e entregar os cativos.
- As nações gentias se voltam para o Senhor.
- Israel retorna ao Senhor para sempre.
- O Messias governa de Jerusalém.

Como Miller afirma corretamente: “A batalha descrita a partir de diferentes perspectivas em Ezequiel 38–39 e a de Daniel 11: 40–45 é melhor construída como ocorrendo imediatamente antes da vinda do Senhor e pode ser referida como a Batalha de Armagedom.”<sup>14</sup>

E finalmente, devemos reconhecer que até o retorno de Cristo, o Islã simplesmente não está indo embora. Apesar dos grandes esforços, e talvez até do grande desejo, de alguns intérpretes, essa noção é simplesmente uma ilusão. Quanto mais cedo a Igreja reconhecer que o Islã está aqui por um longo tempo - representando o desafio final e maior que jamais enfrentará -, mais cedo poderá enfrentar o desafio missionário, em vez de se sentar e aguardar uma destruição pré-messiânica do Islã que as Escrituras em nenhum lugar falam. Agora é o momento para a Igreja se entregar de todo coração em intercessão, evangelismo e missões ao mundo islâmico!

## EZEQUIEL 38-39: GOGUE DE MAGOGUE (PARTE 3)

### QUAIS NAÇÕES ESTÃO ENVOLVIDAS?

Tendo identificado a invasão de Ezequiel 38–39 como apenas mais uma releitura das muitas profecias que falam sobre o Anticristo e seu ataque dos últimos dias contra Israel, devemos agora nos voltar para identificar quais nações a passagem diz que estarão envolvidas. Embora a posição mais popular interprete esses dois capítulos como apontando para uma invasão islâmica liderada pela Rússia, como veremos, um caso muito mais sólido pode ser feito para uma invasão islâmica liderada pela Turquia. Este debate entre a Turquia e a Rússia entre os estudiosos não é novidade. Já em 1706, Matthew Henry, em seu clássico comentário bíblico, reconheceu a diferença de opinião entre os estudiosos: “Alguns pensam que os encontram [Gogue e Magogue] de longe, na Cítia, na Tartária e na Rússia. Outros acham que os encontram mais perto da terra de Israel, na Síria, e na Ásia Menor [Turquia].<sup>1</sup>

O propósito deste capítulo é abordar o debate de maneira justa, razoável e responsável, identificando as nações envolvidas nesta terrível invasão de Israel nos últimos dias e demonstrando quão claramente a profecia de Ezequiel se correlaciona e flui com as outras profecias das Escrituras.

## DEFINIÇÃO DO NOSSO MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO

É importante que, antes de começarmos, definamos claramente nosso método de identificar as nações da profecia de Ezequiel. Existem alguns fatores importantes a serem considerados. Primeiro, como já discutimos anteriormente, existem dois métodos distintos comumente usados pelos analistas de profecia para identificar o significado dos povos e lugares antigos dentro de várias profecias. O primeiro método, o método de correlação geográfica, simplesmente tenta identificar a localização do povo ou local antigo no tempo do profeta e corresponde a essa localização às nações modernas que agora ocupam esse território. O método da migração-ancestral, por outro lado, busca traçar os descendentes, suas migrações e sua mistura com outros povos, em última análise, para os povos modernos. Um método enfatiza a identificação do contexto histórico original e a compreensão do profeta, e outro esforço para realizar a árdua tarefa de traçar linhagens até os tempos modernos. Como discutimos anteriormente, o método da migração ancestral está repleto de dificuldades, perigos e inconsistências e deve ser evitado por todos os que procuram interpretar com responsabilidade a profecia bíblica. Usando o método da migração ancestral, cinco pesquisadores diferentes podem, e na maioria das vezes chegam a cinco conclusões diferentes. É triste dizer que uma pesquisa de muitos esforços para interpretar Ezequiel 38–39 revela que muitos acadêmicos e professores excelentes usam esse método. Mesmo Wilhelm Gesenius, o reverenciado estudioso hebreu, tenta identificar o povo *Rosh*, não determinando onde ele viveu especificamente durante o dia de Ezequiel, mas tentando determinar onde alguns de seus descendentes acabaram morando mais de mil e seiscentos anos depois! Considere a definição de Gesenius de “*Rosh*” em seu clássico léxico hebreu e inglês: “Rosh: de uma nação do norte mencionada junto com Tubal e Meseque, Ex. 38: 2-3; 39: 1 provavelmente ... os russos, que são descritos pelos escritores bizantinos do século X como habitando a parte norte de Touro; e também por Ibn Fozlan, um escritor árabe do mesmo período ... habitando o rio Volga.”<sup>2</sup>

Assim, para Gesenius, porque os escritores bizantinos do século X identificaram alguns supostos descendentes do povo de *Rosh* na atual Rússia, devemos entender a profecia de Ezequiel para se referir à Rússia! Mas, como veremos mais adiante, a erudição moderna mostrou que o povo de *Rosh* também viveu em várias partes diferentes do mundo, longe da Rússia. Como ascendência e migração estavam entre os padrões primários de Gesenius para interpretar a profecia de Ezequiel, se ele estivesse vivo hoje, ele teria que modificar significativamente sua posição. Esta é simplesmente uma das razões pelas quais esse método deve ser inteiramente evitado. Em última análise, se a profecia de Ezequiel deve ser entendida adequadamente, essa metodologia profundamente falha, ainda que amplamente utilizada, deve ser rejeitada. Qualquer esforço responsável para entender a profecia de Ezequiel deve usar o método histórico-gramatical, que busca descobrir o significado original e a compreensão do texto do autor bíblico, e não uma busca histórica que tenta estabelecer laços de sangue com pessoas que viveram mais de três mil anos atrás.

Outro fator importante que deve orientar nossa compreensão e interpretação dessas nações são outras pistas encontradas tanto no contexto da própria profecia imediata. Conforme examinamos em detalhes no último capítulo, o próprio Deus falou diretamente a Gogue e disse claramente que ele é aquele de quem muitos dos profetas bíblicos anteriores falaram. Por anos, eu perguntei e até desafiei inúmeros professores de profecia que defendem a posição Rússia-Gogue para me mostrar um único versículo de qualquer um dos profetas anteriores, onde eles falaram de uma invasão liderada por russos nos últimos dias em Israel. Até hoje, nem um único versículo foi oferecido. Este ponto não pode ser perdido. Em nossos esforços para identificar as nações de Ezequiel 38–39, nossas conclusões não podem se limitar apenas à pesquisa histórica, mas também devem considerar o contexto mais amplo da passagem. Porque Deus deixou claro que a invasão de Gogue foi falada pelos antigos profetas bíblicos, se os proponentes da popular teoria russo-Gogue

não podem mostrar um único verso por qualquer um dos profetas anteriores que fala de uma invasão liderada pela Rússia, então simplesmente afirmo que eles interpretaram mal a passagem.

E, finalmente, é importante que não apenas tentemos identificar as nações individualmente, mas também o grupo de nações como um todo. Porque a frase “Gogue de Magogue, o príncipe, chefe de Meseque e Tubal” identifica Magogue, como a região de onde o líder Gogue vem, o verso também requer que identifiquemos as regiões de Meseque e Tubal. Eles estão todos obviamente relacionados. A redação da frase exige que ela seja interpretada como um todo e não apenas de acordo com cada nação individualmente.

E assim, em resumo, este capítulo identificará responsabilmente as nações da profecia de Ezequiel levando em consideração o contexto original e o maior contexto da passagem.

#### IDENTIFICANDO OS JOGADORES

Nos seis primeiros versos de Ezequiel 38, há oito (ou nove) nomes antigos dados para identificar a coalizão invasora de Ezequiel. O líder da invasão é chamado Gogue:

*Filho do homem, dirige o teu rosto para Gogue, da terra de Magogue, príncipe-chefe de Meseque e Tubal, e profetiza contra ele, dizendo: Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe Meseque e Tubal. E te farei virar e meterás ganchos nas tuas mandíbulas, e eu te farei sair, e todo o teu exército, cavalos e cavaleiros, todos vestidos de armadura completa, um grande exército, todos eles com escudo e escudo, empunhando espadas. Pérsia, Cuxe e Pute estão com eles, todos eles com escudo e capacete; Gômer e todas as suas hordas; Be-te-Togarma das partes mais remotas do norte com todas as suas hordas - muitos povos estão com você. (Ezequiel 38: 2-6)*

O líder da coalizão, novamente, é chamado Gogue, da terra de Magogue. Os povos ou nações de sua coalizão são Meseque, Tubal, Pérsia, Cuxe, Pute, Gômer e Bete-Togarma. Alguns estudiosos também acreditam que a palavra traduzida como “chefe” deve ser traduzida como “rosh”, referindo-se a um povo antigo. Vamos examinar este debate mais adiante.

## GOGUE

Tentativas de acadêmicos em identificar o significado da palavra Gogue são muito variadas. Começando com Franz Delizsch, um teólogo alemão do século XIX e hebraísta, a maioria dos estudiosos acredita que “Gogue” é uma referência a um rei que governou Lydia, um reino que atravessou a metade ocidental da Turquia durante o dia de Ezequiel. Os assírios chamavam-no *Gugu* e os gregos chamavam-no de *Gyges*. Alguns estudiosos dizem que a evidência é inconclusiva. Independentemente disso, todos concordam que Gogue é de Magogue e é o príncipe de “Meseque e Tubal”, embora alguns adicionem “Rosh” a esta lista. Assim identificando Magogue, Meseque, Tubal (e talvez Rosh) farão muito para revelar de onde o líder desta coalizão surgirá. Vamos começar considerando a localização do Magogue no dia de Ezequiel.

## MAGOGUE SE REFERE À RÚSSIA?

Desde o lançamento da Bíblia de Referência de C. I. Scofield, numerosos professores de profecias populares identificam hoje Magogue com a Rússia ou as antigas nações da Ásia Central Soviética (Cazaquistão, Turcomenistão, Uzbequistão, Tajiquistão e Quirguistão). O principal suporte para essa posição é encontrado em um comentário feito por Flávio Josefo, um historiador judeu do primeiro século. O que Josefo disse que influenciou tanto um segmento tão grande de professores e estudiosos da profecia cristã?

## FLAVIO JOSEFO

Ao discutir os vários descendentes de Jafé, o filho de Noé, Josefo escreveu: “Magogue fundou aqueles que dele eram chamados magoguitas, mas que são chamados gregos pelos Citas.”<sup>3</sup> Mas há alguns problemas fatais em confiar em Josefo para identificar o Magogue de Ezequiel como a Rússia. Primeiro, como escreveu o historiador K. Kristianson, os citas “não eram um povo específico”, mas sim uma variedade de povos, “referidos em uma variedade de épocas da história e em vários lugares, nenhum dos quais era sua pátria original.”<sup>4</sup> Em outras palavras, referir-se a “citas” como se todos fossem um só povo é simplesmente impreciso. Todos os historiadores de hoje reconhecem que o termo “cita” era um termo genérico usado para se referir a um vasto grupo de povos tribais, frequentemente relacionados por culturas semelhantes, mas não geneticamente. Igualar o Magogue a todos os chamados povos citas, como dezenas e dezenas de livros de profecias continuam a fazer, não é diferente de dizer que todos os “índios” da América Primitiva eram as mesmas pessoas. Qualquer esforço para conectar o Magogue a todos os citas de uma maneira não qualificada, sem identificar uma tribo específica ou grupo de tribos, será rejeitado categoricamente. Da mesma forma, embora também seja agora cada vez mais comum associar Magogue com as nações da Ásia central, além desta falaciosa e ampla equação “Magogue = Cita”, não há base para essa afirmação.

O segundo problema com os comentários de Josefo é que eles foram feitos no primeiro século. Ezequiel viveu quase setecentos anos antes de Josefo. Nas identificações de Josefo dos vários descendentes de Noé, ele repetidamente falou daqueles “que agora são chamados pelos gregos” assim e assim. Em outras palavras, seus comentários não nos dizem nada sobre como Ezequiel teria entendido o termo Magogue. Por essas e outras razões, como veremos, a grande maioria dos estudiosos de hoje rejeita a posição russo-magogue e coloca Magogue na Turquia moderna.

## FILO DE ALEXANDRIA

Alguns estudiosos estão tão determinados a provar que Magogue é a Rússia que eles até confiam em evidências que não existem. Números livros e artigos sobre profecias populares alegam que a conexão russo-Magogue é apoiada por Filo de Alexandria.<sup>5</sup> Mas em todas as obras de Filo, tal referência não existe. Ele nunca sequer mencionou Magogue.

## HERÓDOTO

Como Josefo, Heródoto também é frequentemente citado em apoio à teoria russo-magogue. Mas como Philo, Heródoto também nunca mencionou Magogue. Ele só falou longamente sobre os citas. Mas mesmo que as pessoas que Heródoto conhecia como os citas estivessem relacionadas com Magogue, isso ainda não apoiaria a posição russo-magogue. Depois de citar três teorias conflitantes sobre as origens dos citas, Heródoto expressou sua crença preferida, não de origem russa, mas de origem turca: “Há também outra história diferente, agora a ser relatada, na qual estou mais inclinado a acreditar do que em qualquer outra. É que os citas errantes moravam na Ásia [Turquia]”<sup>6</sup> (Os gregos se referiam à Ásia Menor simplesmente como “Ásia.”) Mas até alguns deles migraram depois. De acordo com o Dr. Michael Kulikowski, historiador e professor da Universidade do Estado da Pensilvânia, os citas a quem Heródoto frequentemente se referia “eram encontrados em um pouco da moderna Bulgária e Romênia, e através dos campos da Moldávia e Ucrânia”, mas não em Rússia.<sup>7</sup> Assim, embora amplamente citado por aqueles que procuravam estabelecer uma conexão russo-magogue, Heródoto não forneceu tal evidência. Em vez disso, ele alegou que os citas se originaram na Turquia, e alguns acabaram na Europa Oriental e na Ucrânia. Mas ele nunca falou de seus citas como habitando a Rússia.

## MAGOGUE SE REFERE À TURQUIA?

Ao conduzir a pesquisa para este capítulo consultei diversos atlas, enciclopédias, dicionários e comentários bíblicos de renome e os comparei com uma grande amostra de livros populares sobre profecias bíblicas. As discrepâncias entre essas referências e os livros da profecia eram chocantes. Enquanto praticamente todo livro de profecia popular ou tratamento de Ezequiel coloca Magogue na Rússia, esta posição quase nunca é dada credibilidade séria nos trabalhos de referência mais eruditos. Enquanto alguns dizem que não é possível saber a localização de Magogue com certeza, a esmagadora maioria diz que Magogue provavelmente se refere à Turquia moderna. Considere a seguinte amostragem de obras de referência e estudiosos que apoiam a posição turca-magogue. Ao fazê-lo, pergunte-se por que essa visão é totalmente ignorada em praticamente todos os livros sobre profecias populares sobre esse assunto:

- O erudito do Antigo Testamento Daniel I. Block, no *New International Commentary on Ezekiel*, diz: “Parece melhor interpretar Magogue como uma contração de um original *mât Gūgi*, ‘terra de Gogue’, e ver aqui uma referência ao território da Lídia na Anatólia ocidental [Turquia].”<sup>8</sup>
- O Dicionário Bíblico Ilustrado Zondervan declara: “Magogue, possivelmente significando ‘a terra de Gogue’, era sem dúvida na Ásia Menor [Turquia] e pode se referir a Lídia.”<sup>9</sup>
- O Comentário Bíblico do IVP lista Magogue, Mecaque, Tubal e Togarma como “seções ou povos na Ásia Menor” [Turquia].<sup>10</sup>
- O Novo Dicionário Bíblico do Unger, sob a entrada de “Magogue”, declara: “Está claro que Lydia [Turquia] é entendida, e que por ‘Magogue’, devemos entender, ‘a terra de Gogue’.”<sup>11</sup>

- O Comentário Bíblico Ilustrado de Zondervan coloca o Magogue na Anatólia, ou a Turquia moderna.<sup>12</sup>
- A Enciclopédia Católica declara: *“Parece mais provável que... Magogue seja identificado com Lydia [Turquia]. Por outro lado, como Mosoque e Tubal eram nações pertencentes à Ásia Menor, parece do texto de Ezequiel que Magogue deve estar naquela parte do mundo. Finalmente, outros com Josefo identificam Magogue com Cítia, mas na antiguidade esse nome foi usado para designar vagamente qualquer população do norte”*.<sup>13</sup>
- O Atlas Bíblico Holman coloca Magogue na Turquia.<sup>14</sup>
- O Novo Atlas Moody da Bíblia também coloca Magogue na Turquia.<sup>15</sup>
- O Atlas Zondervan da Bíblia coloca Magogue na Turquia.<sup>16</sup>
- O Atlas de História da Bíblia do IVP coloca Magogue na Turquia.<sup>17</sup>

Agora, vamos considerar algumas das fontes históricas que suportam essa posição:

#### MAIMÔNIDES

Maimônides, também conhecido como Rambam, o reverenciado sábio judeu, em Hichot Terumot, identificou Magogue como estando na Síria, na fronteira da Turquia.<sup>18</sup>

#### PLÍNIO, O VELHO

Plínio, o Velho, foi um comandante militar romano do século I, autor, naturalista e filósofo. Ele falou de uma cidade chamada “Bambice, também chamada de Hierápolis; mas dos sírios, Magogue.”<sup>19</sup>

A antiga Hierápolis ficava na fronteira entre a Turquia moderna e a Síria; assim, de acordo com Plínio, Magogue também estava. Os comentários de Plínio são facilmente tão significativos quanto os de Josefo. No entanto, onde os comentários de Josefo foram citados dezenas e dezenas de vezes para apoiar a identificação do Magogue com a Rússia, os comentários de Plínio não são citados em parte alguma. A visão de Plínio também é apoiada por Sir Walter Raleigh em sua História do Mundo:

*Não se pode negar, no entanto, que os citas nos tempos antigos, vindos do nordeste, desperdiçaram a maior parte da Ásia Menor, e possuíram Cele-Síria, onde construíram tanto Citópolis e Hierápolis, que os sírios chamam de Magogue. E que a este Magogue Ezequiel tinha referência, é muito claro; para esta cidade Hierápolis, ou Magogue, fica ao norte da Judéia, de acordo com as palavras de Ezequiel, que dos bairros do norte essas nações devem chegar.<sup>20</sup>*

#### HIPÓLITO DE ROMA

Hipólito de Roma, um teólogo cristão primitivo, em seu *Chronicon*, escrito no início do terceiro século, rejeitou a identificação de Magogue por Josefo com os citas, ligando-os, em vez disso, aos gálatas na Ásia Menor, a Turquia moderna.<sup>21</sup>

Por que nenhuma dessas fontes históricas é mencionada na maioria dos livros de profecia populares de hoje?

#### MAGOGUE: CONCLUSÃO

Depois que todas as fontes históricas foram consideradas, e depois de considerar as opiniões variadas da erudição moderna, as origens do Magogue parecem ter estado na fronteira entre a Síria e a Turquia. Depois de plantar a automeada cidade de Magogue, também chamada de Hierápolis na Síria, perto da fronteira da Turquia,

alguns povos Magogue migraram para a Turquia central e ocidental e plantaram o reino de Lydia, que ocupou toda a metade ocidental da Turquia, e prosperou durante os dias de Ezequiel como mencionado anteriormente, Lydia era o território cujo rei era conhecido como *Gugu* pelos assírios e *Gyges* pelos gregos, e que muitos estudiosos da Bíblia identificam com o Gogue de Ezequiel. Perto do dia de Ezequiel, alguns de Magogue provavelmente migraram para o norte do Mar Negro para a Moldávia, a Ucrânia e a Rússia. Essas tribos do norte poderiam ter sido aquelas as quais Josefo e Heródoto se referiam como os “citas”. Mas enquanto alguns de Magogue provavelmente moravam ao norte do Mar Negro durante os dias de Ezequiel, muitos outros de Magogue também mantiveram uma forte presença em sua pátria histórica da Ásia Menor (Turquia). Como tal, muito mais estudiosos hoje identificam Magogue como a região da Turquia e não a Rússia.

Em última análise, no entanto, como dissemos, determinar como Ezequiel teria entendido o termo Magogue não pode ser feito analisando o termo singular “Magogue”, mas sim, a frase completa, “Gogue de Magogue, o príncipe, chefe de Meseque e Tubal. Porque Gogue é de Magogue e é o príncipe destes dois outros principados, é importante que continuemos a estudar a localização desses outros grupos de pessoas durante os dias de Ezequiel, para entender a frase como um todo.

## ROSH

Antes de prosseguir, devemos discutir a controversa palavra *rosh*. Conflito maciço dentro da comunidade acadêmica envolve essa palavra. Alguns tradutores sentem que a palavra deve ser entendida como o “chefe” adjunto, enquanto outros acham que deve ser entendido como o nome próprio “*Rosh*”. Mas além de argumentar que *Rosh* é um nome próprio, muitos professores de profecias populares também tentam para estabelecer uma conexão com a Rússia moderna. Para apoiar esta posição, quatro pontos devem ser provados; os

dois primeiros pontos são gramaticais e os segundos dois são históricos: (1) a palavra *rosh* deve ser traduzida como um substantivo e não um adjetivo; (2) como substantivo, *rosh* deve ser traduzido como o nome próprio “*Rosh*”; (3) *Rosh* era um povo bem conhecido de Ezequiel; e (4) como um povo, *Rosh* era mais conhecido por Ezequiel para se referir àqueles da região que é agora a Rússia. Para estabelecer este argumento, os mesmos quatro estudiosos foram repetidamente citados: Wilhelm Gesenius, Carl Friedrich Keil, James Price e Clyde Billington. Mas, apesar dos muitos pontos impressionantes trazidos por esses estudiosos, quando consideramos a totalidade de seus argumentos, o caso da profecia de Ezequiel referindo-se à Rússia falha completamente. Vamos considerar os argumentos e onde eles estão aquém.

#### WILHELM GESENIUS

Wilhelm Gesenius é de longe o estudioso mais referenciado em apoio à posição russa-Rosh. Embora seus argumentos gramaticais devam ser considerados, como vimos anteriormente, seu esforço para ligar *Rosh* à Rússia depende quase inteiramente do testemunho de escritores bizantinos e árabes que viveram quase mil e seiscentos anos após o dia de Ezequiel. A clara dependência de Gesenius do método da migração ancestral deveria ser rejeitada por qualquer estudioso que procurasse interpretar responsavelmente o texto através do método histórico-gramatical.

#### CARL FREDERICH KEIL

O próximo estudioso que muitas vezes procurou em apoio à posição russa-Rosh é Carl Friedrich Keil. Mas em termos gramaticais, Keil é muito menos dogmático que Gesenius, admitindo que a tradução de *rosh* como nome próprio é apenas “provável”. Curiosamente, oito anos após o lançamento do comentário de Keil sobre Ezequiel, o instrutor de Keil em hebraico, Ernest W. Hengstenberg, divulgou seu próprio comentário sobre Ezequiel e discordou diretamente de seu aluno:

*Gogue é o príncipe sobre Magogue, além de príncipe-chefe, rei dos reis sobre Meseque e Tubal, os Mosqui e os Tibareni (cap. 13: 23,28,26), que tinham seus próprios reis, mas aparecem aqui como vassalos de Gogue. Muitos expositores prestam, em vez do príncipe principal, o príncipe de Rosh, Meseque e Tubal. Mas os pobres russos têm estado aqui injustamente dispostos entre os inimigos do povo de Deus. Rosh, como o nome de um povo, não ocorre em todo o Antigo Testamento.*<sup>22</sup>

Por motivos históricos, Keil, só segue Gesenius, baseando seus argumentos maiores no testemunho daqueles escritores bizantinos e árabes do século X: “Os escritores bizantinos e árabes frequentemente mencionam um povo chamado Rûs, morando no país de Touro, e entre as tribos citas, também não há razão para questionar a existência de um povo chamado Rosh”<sup>23</sup>

Além disso, a respeito de sua identificação de *Rosh* como a Rússia, Frederick Delitzsch, outro hebraísta alemão e erudito que foi coautor do Comentário sobre o Antigo Testamento com Keil, também discordou dele, colocando Magogue não na Rússia, mas na Turquia.<sup>24</sup>

É claro que, em todos os muitos livros sobre profecias que tomam a posição russa-Rosh, nenhum deles menciona Delitzsch ou Hengstenberg.

#### JAMES PRICE

James Price é outra autoridade frequentemente citada por aqueles que assumem a posição russa-rosh. Price, um erudito hebreu, em seu artigo “*Rosh*: Uma Terra Antiga Conhecida por Ezequiel”, argumenta, como Gesenius e Keil antes dele, em favor da interpretação de *Rosh* como um nome de lugar. Novamente, os argumentos gramaticais de Price devem ser considerados. Price também afirma que *Rosh* teria sido conhecido nos dias de Ezequiel. Mas isso é tudo o

que ele alega. Em nenhum lugar Price jamais tenta identificar onde o povo de *Rosh* vivia naquele tempo. De fato, ao longo de seu artigo, ele repetidamente citou outros estudiosos que colocam pessoas de *Rosh* em outras terras além da Rússia. No início de seu artigo, por exemplo, Price citou J. Simmons, que coloca *Rosh* diretamente na Ásia Menor (Turquia): “Que em um ou mais desses textos um povo daquele nome cuja casa era na Ásia Menor, é de fato mencionado, não é totalmente refutado, mas é, de qualquer modo, improvável pelo fato de que o mesmo nome só pode ser discernido com muita dúvida em outros documentos [assírios]”.<sup>25</sup>

Outras fontes citadas por Price colocam *Rosh* no Iraque ou no Irã, mas nenhuma na Rússia.

#### CLYDE BILLINGTON

Clyde Billington é o quarto estudioso frequentemente citado em apoio à posição russa-Rosh. Dos quatro, Billington é o único que realmente tenta abordar os aspectos históricos do argumento. Ao pesquisar essa questão, pude consultar pessoalmente o Dr. Billington. Embora ele seja claramente um fervoroso defensor da popular posição russo-rosh, ele também admite que nos dias de Ezequiel, os habitantes de *Rosh* eram um grupo diverso e vasto de povos, que viviam em nações tão distantes quanto a atual Rússia, Ásia Central, Índia, Iraque e Turquia:

*É provável que o grupo Ras / Ros / Rosh / Rish / Resh fosse um grupo muito grande de pessoas localizado em uma área ampla ao norte das montanhas do Cáucaso. Alguns membros desse grupo - o “Ris” [-] se mudaram para o sul e conquistaram a Índia em 1600 aC onde eles formaram a classe dominante lá. Outros membros deste grupo conquistaram e governaram o norte da Mesopotâmia - o Reino de Mitanni - por cerca de 200 anos, 1580–1350 a.C. Quando o reino de Mitanni foi destruído pelos hititas em 1350*

*a.C., alguns povos de Ros / Resh / Ras juntaram-se aos filisteus no ataque a Israel. Alguns também se mudaram para a Turquia, onde provavelmente alguns se juntaram aos filisteus. Os egípcios chamavam esses aliados dos filisteus de “Teresh”. Em outras palavras, o povo de Rosh estava muito disperso.<sup>26</sup>*

Billington chegou a mencionar alguns povos “*Rosh*” durante os dias de Ezequiel que viviam na China: “Alguns povos *rosh* penetraram tão ao leste quanto as fronteiras do nordeste da China em 500 aC, onde os loiros foram encontrados enterrados no solo permanentemente congelado.”<sup>27</sup>

Mas há outro fator importante que faz com que a identificação do povo de *Rosh* se estenda muito além da China e da Índia. De acordo com Billington (e muitos outros que o seguiram nesse ponto), a palavra “*Rosh*” é simplesmente uma variante de “Tirás”: “O nome *Rosh* é provavelmente derivado do nome Tirás em Gênesis 10:2. Tanto Tirás quanto *Rosh*, e variações desses dois nomes, foram usados durante séculos para o povo de *Rosh*.<sup>28</sup>

No entanto, durante o dia de Ezequiel, os povos Tiras-Rosh viviam em regiões distantes da Rússia. Em Antiquidades dos Judeus de Josefo, apenas algumas linhas além do comentário bem citado sobre Magogue e os citas, ele também disse: “Thiras [Tirás] chamou aqueles que ele governou sobre os tiricoses; mas os gregos mudaram o nome para trácio.”<sup>29</sup>

A Trácia estava localizada na Turquia moderna, na Bulgária e na Grécia. Diz-se também que Tiras fundou uma colônia chamada Mileto no oeste da Turquia no sexto século aC.<sup>30</sup>

Outras evidências históricas indicam que os descendentes de Tiras foram os etruscos (chamados pelos gregos “Tyrsenoi”) da Ásia Menor, que mais tarde vieram a ocupar a Itália. Por essa razão, tanto o Atlas Bíblico Macmillan quanto o Atlas Zondervano da Bíblia colocam Tirás na Grécia ou na Itália. Curiosamente, os antigos etruscos chamavam a si mesmos de Ras-enna. Billington acredita que isso se deve a uma clara conexão com os povos Ras / Ros / Rosh.

Em outras palavras, (1) mesmo que aceitemos a tradução de *Rosh* como um substantivo e (2) entendamos que seja um nome de lugar, (3) de maneira alguma isso aponta apenas para a Rússia. Na verdade, a maioria das obras acadêmicas coloca Tiras na costa oeste da Turquia ou na região maior do Mar Egeu, na costa oeste da Turquia.

Como vários povos *Rosh* viveram em vários locais durante o dia de Ezequiel, qualquer esforço para identificar *Rosh* apenas com a Rússia, ignorando os outros povos *Rosh* da Turquia, Iraque, Itália, Índia ou China, simplesmente não é uma abordagem honesta. Quando os professores escolhem os dados históricos para apoiar suas posições proféticas, eles fazem um grande desserviço aos seus alunos. Ainda assim, infelizmente, considerando a maioria dos livros de profecias populares hoje, isso é precisamente o que muitos professores fazem em seu esforço contínuo para apontar para a Rússia como o líder da invasão dos últimos dias profetizada por Ezequiel.

#### ELES “TODOS” REALMENTE CONCORDAM?

Os autores dos principais livros de profecia de hoje que apoiam a posição russa-Rosh frequentemente usam superlativos para criar a impressão de que nenhum estudioso legítimo rejeitaria a tradução de *rosh* como um nome de local e sua identificação com a Rússia. No que diz respeito ao fato de que a Rússia vai liderar uma aliança contra Israel, “todos concordam”, diz Scofield. Mas a imagem que alguns desses autores pintam às vezes beira a desonestidade. Considere a seguinte amostragem de outros acadêmicos igualmente qualificados que, de fato, discordam da posição russa-Rosh:

- Daniel I. Block argumenta que *“a identificação popular de Rosh com a Rússia é impossivelmente anacrônica, e baseada em uma etimologia defeituosa, as semelhanças entre Rosh e Rússia sendo puramente coincidentes... O ponto de Ezequiel é que Gogue não é apenas uma das muitas figuras principescas da Anatólia [da região da Turquia moderna], mas o líder de vários grupos tribais / nacionais.”*<sup>231</sup>

- Charles Ryrie, em sua Bíblia de Estudo Ryrie, discorda da interpretação russa-rosh e afirma que “o príncipe de Rosh” deveria ser traduzido como “o príncipe principal”.<sup>32</sup>
- Dr. Merrill F. Unger, admite que “*evidências lingüísticas para a equação [Rosh como a Rússia] são confessadamente apenas presuntivas*”.<sup>33</sup>
- Edwin Yaumauchi argumenta que a palavra rosh “*não pode ter nada a ver com a moderna Rússia. Isso seria um grosseiro anacronismo, pois o nome moderno é baseado no nome Rus, que foi trazido para a região a partir de Kiev, ao norte do país. Mar Negro, pelos vikings apenas na Idade Média.*” Yaumauchi prossegue afirmando que associar o rosh de Ezequiel com a Rússia a ser “infundado”, e ter “*infelizmente ganhou ampla circulação no mundo evangélico através de muitos canais*”.<sup>34</sup>
- R. R. Millard endossa as afirmações de Yaumauchi: “*Alguns comentaristas tentaram interpretar as profecias como aplicadas literalmente à Rússia. Embora esses pontos de vista tenham se difundido amplamente e convencido muitos, Yaumauchi mostra por que eles estão errados e devem ser evitados por estudantes da Bíblia cuidadosos*”.<sup>35</sup>
- Ralph H. Alexander no *Comentário Bíblico dos Expositores de Ezequiel sobre Rosh*, “*O sistema acentual e a construção sintática da língua hebraica indicam fortemente uma relação aposicional entre as palavras ‘príncipe’ e ‘chefe’. Ambos os termos estão relacionados igualmente, então, para as duas palavras geográficas Meseque e Tubal. Gramaticalmente, pareceria melhor dar a frase “o príncipe, o chefe, de Meseque e Tubal*”.<sup>36</sup>
- A. B. Davidson, em seu comentário *O Livro do Profeta Ezequiel*, escreveu: “*Naturalmente, qualquer conexão entre o nome [rosh] e a Rússia deve ser rejeitada*”.<sup>37</sup>

- J. W. Weavers, em *The New Century Bible Commentary*, sobre Ezequiel, diz: “A palavra para cabeça é mal-entendida como um nome próprio, [Ros] levando a uma identificação bizarra pelos desinformados com a Rússia!”<sup>38</sup>
- Walther Zimmerli, em Um Comentário sobre o Livro do Profeta Ezequiel, capítulos 25–48, declara: “Certamente Rosh ‘Chefe’ deve ser conectado com ‘Príncipe’ e não deve ser interpretado como uma indicação geográfica.”<sup>39</sup>
- Charles Feinberg, autor de A Profecia de Ezequiel: A Glória do Senhor, escreveu: “Muitos escritores ligaram o nome Rosh aos russos, mas isso geralmente não é aceito hoje.”<sup>40</sup>
- D. R. W. Wood, no *The New Bible Dictionary*, disse: “A identificação popular de Rosh com a Rússia... não tem nada que recomendá-lo do ponto de vista da hermenêutica.”<sup>41</sup>
- John Bright, autor de *O Reino de Deus*, disse: “Em Ezequiel 38–39, temos uma profecia que alguns (erroneamente!) acreditam que será cumprida pela atual Rússia Soviética.”<sup>42</sup>

Portanto, é claro que, apesar das muitas declarações em contrário, muitos eruditos muito bem qualificados rejeitam a popular posição russa-rosh.

#### AVALIANDO O ARGUMENTO

Agora vamos revisar os dois primeiros elementos do argumento russo-Rosh para avaliar se esses dois pontos resistem ao escrutínio. Como mencionado anteriormente, os dois primeiros pontos são gramaticais: (1) a palavra rosh deve ser traduzida como um substantivo, não um adjetivo; e (2) como substantivo, rosh deve ser traduzido como o nome próprio “Rosh”.

Nossa breve revisão da divisão entre os estudiosos sobre esta questão mostra que ambos os lados levantam pontos legítimos. Um

lado argumenta que a construção da frase exige que o rosh seja interpretado como um substantivo. O outro lado argumenta que (1) rosh como um nome é usado em nenhum lugar nas Escrituras, e (2) sua relação com as outras palavras na passagem exige que ele seja traduzido como simplesmente “cabeça” ou “chefe”. Durante anos, os dois lados não conseguiram resolver este conflito. Mas em anos mais recentes, tendo a vantagem de poder considerar todos os lados deste debate centenário, bem como os avanços modernos na erudição, Daniel I. Block, tem muito habilmente oferecido uma solução, satisfazendo as questões levantadas por ambos lados. Block reconhece a necessidade de traduzir rosh como um substantivo, mas também reconhece que ele deve ser traduzido de acordo com seu uso normal em toda a Bíblia como uma referência a “chefe”, bem como sua relação aposicional com os outros nomes no texto. A tradução de Block é a seguinte: “Põe o teu rosto para com Gogue, da terra de Magogue, o príncipe, chefe de Meseque e Tubal” (Ezequiel 38: 3). Para obter uma explicação técnica mais completa da tradução de Block, consulte o comentário de Block sobre Ezequiel<sup>43</sup> referido por *The Commentary and Reference Survey: Um Guia Abrangente de Recursos Bíblicos e Teológicos* como “o melhor comentário sobre qualquer livro do Antigo Testamento”.<sup>44</sup>

E assim, dos dois primeiros argumentos gramaticais, vemos que enquanto o primeiro ponto parece ser válido (rosh deve ser traduzido aqui como um substantivo), como Block demonstra, não se segue que ele deva ser traduzido como um nome próprio. Embora a tradução de Block seja agora amplamente aceita por uma grande maioria de estudiosos, a maioria dos professores de profecias não está ciente disso e ainda se apegam à visão ultrapassada.

Mas e os dois argumentos históricos necessários para provar a posição russa-rosh? Destes dois, o primeiro ponto, que Rosh era um povo bem conhecido de Ezequiel, parece ter sido provado razoavelmente substancialmente por Billington e outros historiadores. No último ponto, no entanto - a saber, que Rosh era mais conhecido por Ezequiel como um povo da região da Rússia moderna

- Billington e todos os outros não conseguem estabelecer o caso. Devido à ampla gama de povos Rosh (e todas as suas variantes) que eram bem conhecidos pelos reis e cidadãos da região naqueles dias, qualquer esforço para apontar apenas para a Rússia é fútil.

#### ROSH: CONCLUSÃO

No final, então, dois dos quatro pontos necessários para mostrar que o rosh de Ezequiel é uma referência para a Rússia ter sucesso, e dois fracassam. Depois de ter considerado todas as informações - mesmo que Ezequiel entendesse que Rosh era um nome próprio -, há muito mais razões para ver Rosh apontando para a Turquia do que para a Rússia. Até mesmo Billington, que é o principal defensor da posição russa-Rosh, admite: “Há estudiosos que associam Rosh, Meseque, Tubal com a Ásia Menor, e certamente todos os três povos estavam lá nos dias de Ezequiel.”<sup>45</sup> Mas mais uma vez, porque nossos esforços são para entender como Ezequiel teria compreendido holisticamente a frase completa “Gogue de Magogue, o príncipe, chefe de Meseque e Tubal”, devemos continuar em nosso estudo para determinar a localização das duas últimas áreas (Meseque e Tubal). . Felizmente, identificar esses dois nomes é muito mais simples que o Magogue ou o Rosh.

#### MESEQUE E TUBAL

De acordo com sua interpretação centrada na Rússia de Ezequiel 38, a Bíblia de Estudo Scofield identifica Meseque como a cidade de Moscou, e Tubal como Tobolsk, uma cidade na Rússia central. Esta posição foi seguida por numerosos livros de profecia por muitos anos, mas devido à completa falta de qualquer suporte histórico para esta posição, hoje ela foi abandonada por virtualmente todos. A seguir, uma lista parcial de obras de referência que colocam Meseque e Tubal na região da Turquia moderna:

- Holman Bible Atlas<sup>46</sup>
- Oxford Bible Atlas<sup>47</sup>
- IVP Nova Bíblia Atlas<sup>48</sup>
- O Atlas IVP da História da Bíblia<sup>49</sup>
- Novo Atlas Moody da Bíblia<sup>50</sup>
- Atlas Zondervano da Bíblia<sup>51</sup>
- Zondervan Illustrated Backgrounds of the Bible Commentary<sup>52</sup>
- O Atlas da Bíblia Macmillan<sup>53</sup>
- Baker Bible Atlas<sup>54</sup>

É importante notar que, hoje, quase todos os acadêmicos identificam tanto Meseque quanto Tubal como se relacionando com a Turquia moderna. Como declaramos ao longo de nosso estudo, para identificar adequadamente Magogue, a terra natal de Gogue, devemos primeiro identificar Meseque e Tubal. Como essas duas áreas teriam sido compreendidas por Ezequiel na região da Turquia moderna, também podemos deduzir que Magogue é também uma referência à Turquia. Simplesmente declarado, se Magogue refere-se à Rússia, então o texto da frase simplesmente não faz sentido. Como poderia Gogue, um líder da Rússia, ser referido como o príncipe ou líder da Turquia (Meseque e Tubal)? A posição russo-gogue compreende a afirmação de Ezequiel dizendo, “Gogue de Magogue [Rússia], príncipe de Rosh [Rússia], Meseque [Turquia] e Tubal [Turquia]”. Isso seria semelhante a dizer algo como “Obama da América, presidente de Washington, Moscou e Pequim.” Isso simplesmente não faria sentido. Ezequiel 38: 3 também não é entendido da posição russo-gogue. Mas se simplesmente seguirmos a inclinação da maioria dos estudiosos, que colocam Magogue na Turquia, então faz todo sentido gramaticalmente e geograficamente que Gogue seja o príncipe de Meseque e Tubal, que também estão na Turquia. Como Daniel I. Block escreveu: “A ordem da tríade de

nomes de Ezequiel reflete uma consciência das realidades políticas geográficas e recentes na Anatólia. Gogue (Lídia), situada mais ao oeste, está à frente de uma aliança com Meseque na sua fronteira oriental e Tubal a leste de Meseque.”<sup>55</sup>

Além de dar sentido à passagem gramaticalmente e geograficamente, a posição turca-gogue também flui harmoniosamente com todas as outras profecias que examinamos anteriormente. Como foi discutido no início deste capítulo, um dos principais fatores que devem determinar nossa compreensão dessa passagem é a declaração de Deus a Gogue de que ele e suas hordas são aqueles que foram repetidamente referenciados nas Escrituras proféticas anteriores. Embora essa declaração de Deus tenha sido um problema insuperável para aqueles que procuram pintar essa passagem como uma invasão russa, ela serve apenas para estabelecer a defesa de uma invasão islâmica de Israel liderada pelos turcos. Quer sejamos falando do exército invasor do profeta Joel vindo do norte, da invasão de Zacarias a Israel, do desolador “rei do norte” de Daniel ou de vários outros textos-chave do tempo do fim, Ezequiel 38–39 é simplesmente mais uma recontagem da história.

#### PÉRSIA, CUXE E PUTE

Antes de concluir nossa discussão, é importante identificarmos as cinco nações finais envolvidas na invasão de Gogue. Estudiosos, historiadores e até mesmo livros de profecias mais populares geralmente concordam com as identidades da Pérsia, Cuxe e Pute. Pérsia se refere ao Irã moderno. O antigo Cuxe, muitas vezes traduzido como Etiópia, é na verdade uma referência à região imediatamente ao sul do Egito: o norte do Sudão. Pute refere-se à Líbia e poderia incluir outras porções do norte da África.

#### GÔMER E TOGARMA

As duas últimas nações, Gômer e Togarma, mais uma vez se referem à Turquia moderna. Na primeira parte do século passado, era comum

professores de profecias ligarem Gômer à Alemanha. Mas hoje, essa visão foi rejeitada por virtualmente todos os estudiosos da Bíblia respeitáveis e professores de profecia. Quase todo atlas da Bíblia colocará ambos Gômer na Turquia e Togarma no leste da Turquia, entre eles:

- Holman Bible Atlas<sup>56</sup>
- Atlas da Bíblia de Oxford<sup>57</sup>
- O Atlas IVP da História da Bíblia<sup>58</sup>
- Novo Atlas da Bíblia<sup>59</sup>
- O Atlas da Bíblia Macmillan<sup>60</sup>
- Atlas Zondervano da Bíblia<sup>61</sup>
- Zondervan Illustrated Backgrounds of the Bible Commentary<sup>62</sup>
- Novo Atlas Moody da Bíblia<sup>63</sup>
- Baker Bible Atlas<sup>64</sup>

#### AS PARTES REMOTAS DO NORTE

É importante discutir brevemente um argumento frequentemente usado pelos teóricos russo-gogue sobre a frase “as partes mais remotas do norte”.

Ezequiel 38: 14–15 diz: “Portanto, filho do homem, profetiza e dize a Gogue: Assim diz o Senhor Deus: No dia em que o meu povo Israel habitar em segurança, não o saberás? Você virá do seu lugar para fora das extremidades do norte.” Como se diz que Gogue vem das “regiões mais remotas do norte” (hebraico: *yerekah yerekah tsaphown*), muitos dizem que isso só pode significar a Rússia. O professor de profecia David Reagan, por exemplo, escreveu: “Ezequiel 38 afirma claramente que a invasão será liderada pelo Príncipe de Rosh vindo de ‘partes remotas do norte’ (Ezequiel 38:15). Não há como a Turquia ser considerada uma nação localizada nas ‘partes remotas do norte’.”<sup>65</sup>

Clyde Billington também argumenta que essa frase não pode estar se referindo à Turquia: “Note novamente que Ezequiel se refere a essa coalizão como proveniente de ‘as partes mais remotas do norte’. Esta não pode ser a Ásia Menor”.<sup>66</sup>

Joel C. Rosenberg segue a mesma linha de raciocínio, tirando algumas conclusões dramáticas: “Ezequiel 38:15 diz que Gogue ‘virá do seu lugar para fora das partes remotas do norte’... O país que está mais ao norte em relação a Israel é a Rússia. Assim, podemos determinar que um ditador russo construirá uma coalizão diplomática e militar para cercar e atacar o Estado de Israel no fim dos tempos”.<sup>67</sup>

Mas esse argumento não é pensado, pois dentro do mesmo capítulo em Ezequiel, a mesma frase (hebraico: *yerekah yerekah tsaphown*) é usada em Togarma (v. 6), e virtualmente todos os estudiosos concordam que Togarma estava localizada no leste da Turquia ou na vizinha Armênia. Como tal, qualquer argumento que diga: “Não há como a Turquia ser considerada uma nação localizada em ‘partes remotas do norte’” cai de cara no chão. Se Togarma na Turquia é referido como estando nas “partes remotas do norte”, então não há absolutamente nenhuma base para usar precisamente a mesma frase para defender uma identificação russa de Gogue. De fato, porque sabemos que a frase “partes remotas do norte” é usada em outros lugares em Ezequiel para se referir à Turquia, também seria razoável argumentar que a mesma frase aplicada a Gogue o estabeleceria como vindo da Turquia. Em uma explicação um pouco mais técnica da fraqueza desse argumento, J. Paul Tanner explicou:

*Aqueles que frequentemente igualam a passagem de Ezequiel com a Rússia apontam que Gogue e seus aliados não vêm simplesmente do “norte”, mas das “partes remotas do norte” (Ezequiel 38: 6, 15; 39: 2). De fato, a NASB lê “a parte mais remota do norte” em Ezequiel 39: 2. No NT, no entanto, as três frases são essencialmente as mesmas: yrky spwn. Portanto,*

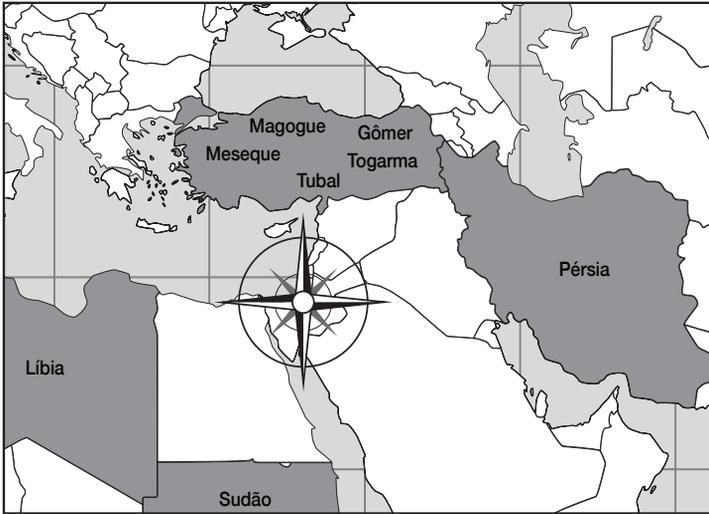
não há razão para traduzir Ezequiel 39: 2 de maneira diferente das duas referências anteriores. O substantivo *yrkh* tem a ideia básica de “porção extrema”, “extremidade”. Mas outras ocorrências da palavra quando usadas geograficamente revelam que o termo não precisa significar o ponto mais distante. A expressão *myrkty-rs* (“das partes remotas da terra”) ocorre quatro vezes em Jeremias. Em Jeremias 6:22 lemos: “Eis que um povo vem da terra do norte, e uma grande nação será levantada das partes remotas da terra”. Existe um consenso geral de que isso se refere à Babilônia nesse contexto. Jeremias 50:41 diz: “Eis que um povo vem do norte, e uma grande nação e muitos reis serão despertados das partes remotas da Terra.” O contexto está lidando com o julgamento de Deus sobre Babilônia e os inimigos que ele trará sobre a Babilônia. Embora os invasores não sejam claramente especificados, há menção aos “reis dos medos” no contexto geral (51:11; cf. 51:27, 28). Em dois outros versículos (25:32; 31: 8) Deus é descrito como agitando nações das partes remotas da terra, mas a referência é bastante vaga. Fora de Ezequiel, 38-39 anos é usado em um sentido geográfico de nações do Oriente Médio, demonstrando assim que a expressão não precisa ser tomada como significando o ponto mais distante possível.<sup>68</sup>

#### CONCLUSÃO CONCERNENTE ÀS NAÇÕES ENVOLVIDAS

Concluindo, então, depois de considerar todos os muitos argumentos sobre a identidade de Gogue e sua coalizão, podemos dizer com segurança que a coalizão invasora de Ezequiel 38–39 se refere às seguintes nações:

| Nome Antigo             | Nações Modernas |
|-------------------------|-----------------|
| Magogue                 | Turquia         |
| Rosh (se for uma nação) | Turquia         |
| Meseque                 | Turquia         |
| Tubal                   | Turquia         |
| Pérsia                  | Irã             |
| Cuxe                    | Sudão           |
| Pute                    | Líbia           |
| Gômer                   | Turquia         |
| Togarma                 | Armênia         |

Claro, essa lista não é exaustiva. Muitos estudiosos veem a lista de Ezequiel como detalhando apenas uma nação importante de cada canto da bússola, indicando que a lista de Ezequiel é um resumo não abrangente. De fato, o texto diz especificamente que muitas outras nações serão incluídas nesta invasão (Ezequiel 38: 6). É possível que a Rússia participe da invasão dos últimos dias? Sim, mas em nenhum lugar isso é expressamente profetizado nas Escrituras. Discutir essa possibilidade seria nada mais que especulação. Como dissemos desde o começo deste livro, como estudantes das Escrituras, nossa perspectiva do fim dos tempos deve enfatizar aquilo que as Escrituras enfatizam, e onde eles estão em silêncio, devemos permanecer em silêncio ou usar extrema cautela. Como essa profecia enfatiza tão claramente a Turquia como a cabeça da invasão vindoura do Anticristo a Israel, parece bastante razoável que os estudantes da Bíblia observem a Turquia com muito cuidado. É claro que, à luz do grande debate e ampla gama de opiniões que tem circulado por milhares de anos, em nossa vigilância, devemos também permanecer humildes e cautelosos. Como sempre, é Deus quem sabe.



Distribuição das nações na coalizão de Gogue, de acordo com Ezequiel<sup>69</sup>



## SALMO 83

O PROPÓSITO DESSE CAPÍTULO é abordar o que nos últimos anos se tornou uma teoria muito difundida sobre o Salmo 83. Essa teoria, popularizada por Bill Salus em seu livro *Israelestine*, sustenta que a Bíblia prevê pelo menos três futuras invasões específicas da nação de Israel. A primeira dessas invasões, ensina-se, é descrita no Salmo 83. A segunda invasão é mais comumente referida como “a Batalha de Gogue de Magogue”. Já lidamos com essa invasão em grande detalhe. Depois dessas duas invasões, alguns acreditam que veremos ainda uma terceira invasão maciça de Israel, liderada pelo Anticristo e seus exércitos. Esta última das três invasões mais se refere como a Batalha do Armagedom. Então, em resumo, esta crescente teoria popular sustenta que três invasões distintas de Israel ocorrerão na seguinte ordem:

1. A invasão do Salmo 83 de Israel
2. A invasão de Israel a Gogue de Magogue (Ezequiel 38–39)
3. A invasão do Anticristo a Israel (Apocalipse 16, 19)

Mas há pelo menos seis problemas fatais com essa teoria popular emergente. A primeira é que a maioria dos eruditos rejeita a

ideia de que o Salmo 83 é mesmo uma profecia real, mas é simplesmente “uma oração nacional de lamento”. Segundo, essa interpretação aborda a profecia bíblica a partir de uma mistura da abordagem historicista e uma abordagem futurista consistente. Vamos elaborar sobre o que isso significa. Terceiro, o raciocínio principal por trás da teoria está enraizado na lógica e no raciocínio fracos. Quarto, mesmo se o Salmo 83 for considerado uma profecia, os proponentes dessa teoria falharam drasticamente em identificar adequadamente todas as nações e povos envolvidos. Quinto, os defensores desta teoria ignoram as numerosas semelhanças entre Ezequiel 38–39 e o Salmo 83 contidas nessas passagens. E em sexto lugar, a Bíblia é clara que várias das nações no Salmo 83 são julgadas, não vários anos antes, mas especificamente na Batalha do Armagedom e no Dia do Senhor. Vamos discutir cada um desses problemas em ordem.

#### **PROBLEMA 1: O SALMO 83 NÃO É UMA PROFECIA SOBRE UMA INVASÃO**

O primeiro problema com o Salmo 83, a teoria da invasão múltipla, é que os estudiosos mais conservadores rejeitam a ideia de que este capítulo contenha uma profecia sobre uma invasão. Em vez disso, como afirma Marvin Tate, “O salmo 83 é geralmente aceito como um lamento nacional, manifestando várias características dessa forma”.<sup>1</sup> O Dr. Thomas Ice tem ressaltado a teologia popular com a crescente opinião popular de que o Salmo 83 está prevendo a invasão de Israel num futuro próximo. O Dr. Ice está correto ao dizer que a maioria das nações mencionadas no Salmo 83 são especificamente reveladas como sendo julgadas no Dia do Senhor:

*Não há absolutamente nenhuma dúvida de que o Salmo 83 é 100% inspirado por Deus, assim como todo o restante das Escrituras. No entanto, não há profecia neste Salmo, simplesmente uma petição a Deus por Asefe para julgar os inimigos que são contra Israel. Eu desafio qualquer um a me mostrar uma*

*porção profética ou declaração no Salmo 83! O Salmo é um pedido detalhado de Asafe para julgar os inimigos que cercam Israel. Deus não responde Asafe no Salmo 83. Eu creio que Deus um dia julgará esses inimigos mencionados no Salmo 83, mas eu não acredito que baseado neste Salmo.<sup>2</sup>*

O autor e professor Mark Hitchcock concorda com Ice:

*Temos que lembrar que os Salmos foram escritos muito antes de os profetas começarem a escrever profecias específicas sobre as nações. Os profetas são onde procuramos profecias específicas sobre as nações e os eventos do tempo final. Certamente há profecias messiânicas nos Salmos, mas não tenho conhecimento de outras profecias específicas nos Salmos referentes às nações gentias no fim dos tempos. Pode ser que a construção de uma guerra separada para o tempo do fim do Salmo 83 esteja lendo muito em um texto que está simplesmente dizendo que Israel foi e sempre será cercado por inimigos e que algum dia o Senhor finalmente lidará com eles. Pode ser que esse lamento nacional durante o reinado davídico esteja levantando a questão onipresente de Israel - por que todo mundo nos odeia? Quando isso vai acabar? A resposta tranquilizadora de Deus é: “não se preocupe; Eu virei algum dia para destruí-los e corrigir isso”. Deus está encorajando a nação, no começo da realeza davídica, de que Ele acabará prevalecendo sobre Seus inimigos e protegerá seu povo da extinção.<sup>3</sup>*

Embora seja certamente possível que o Salmo 83 contenha sombras de uma profecia dos últimos dias, Ice e Hitchcock estão corretos quando enfatizam que ele deve ser visto em uma natureza geral e não como apontando para alguma “guerra do Salmo 83”

específica e distinta, como diriam muitos estudantes de profecia. Em vez disso, conforme discutiremos mais adiante, todas as nações listadas no Salmo 83 serão julgadas na Batalha do Armagedom e no Dia do Senhor.

## PROBLEMA 2: METODOLOGIA INCONSISTENTE

O primeiro princípio que eu acho que muitos que defendem a teoria da múltipla invasão é o fato de que toda a profecia bíblica é, em última instância, centrada no Messias e no Dia do Senhor. O foco principal e o fardo profético de todos os profetas é o retorno do Messias e os eventos que cercam a Sua vinda. Em termos fáceis de entender, todos os profetas bíblicos, embora cada um deles falasse sobre as diversas circunstâncias e eventos de seus dias, estavam finalmente profetizando e apontando-nos para o Dia do Senhor e o reino messiânico que se segue. Essa crença é uma característica central do que é conhecido como o método *futurista* de interpretação. Por outro lado, a abordagem que se refere à Bíblia como um manual de referência da profecia pan-histórica é chamada de *historicismo*. Mas esta não é a natureza da profecia bíblica. Enquanto alguns podem olhar para a Bíblia para encontrar coisas como o assassinato do presidente Kennedy ou os ataques do World Trade Center, essas coisas não são o foco dos profetas. Muitos leem a Bíblia da mesma forma que leem as profecias de Nostradamus. Este método historicista de interpretação é hoje rejeitado pelos mais conservadores estudantes de profecia. O problema com a visão que coloca o Salmo 83 antes do início da tribulação final de sete anos é que ele representa uma mistura inconsistente das posições historicista e futurista. O Dr. Thomas Ice articulou bem este problema:

*Outra evidência de um retrocesso futurista em direção ao historicismo em alguns círculos futuristas pode ser vista por aqueles que insistem que o Salmo 83 é uma guerra que ocorrerá antes do arrebatamento, durante a atual era da igreja e não em associação*

*com a tribulação. Os historiadores acreditam que as passagens proféticas do Antigo Testamento podem ser cumpridas durante a atual era da igreja. Futuristas consistentes acreditam que a futura profecia do Antigo Testamento começará a ser cumprida após o arrebatamento da Igreja, exceto a profecia do próprio arrebatamento. Bill Salus defende essa visão em seu livro intitulado Israelestine [...] Salus ensina que antes da tribulação, antes da Batalha de Gogue e Magogue, que ocorrerá antes da tribulação, e mesmo antes do arrebatamento, no final da era da igreja atual Israel será invadido por todas as nações que o cercam [...] Minha opinião é que Salus, que se consideraria um futurista, apresentou uma abordagem interpretativa historicista do Salmo 83, junto com outros erros exegéticos. Salus afirma que o Salmo 83 ensina uma guerra israelense com seus vizinhos antes que o arrebatamento aconteça, que preparará o palco para os eventos pós-arrebatamento, como a guerra de Gogue e Magogue e a tribulação. Acredito que tal visão é simplesmente um produto da imaginação fértil de Salus e não tem base no texto bíblico (1 Tm 1: 4; 2Tm 4: 3-5) [...] Tal visão é um historicismo gritante, que foi provado defeituoso pelo menos cento e cinquenta anos atrás.<sup>4</sup>*

### **PROBLEMA 3: RACIOCÍNIO FALHO**

A razão mais significativa que muitos acreditam nesta teoria é que cada uma dessas várias passagens contém certos detalhes que as outras passagens não contêm. Por exemplo, entre as nações invasoras, o Salmo 83 lista algumas que não são mencionadas em Ezequiel 38–39. Assim, é razoável, estas duas passagens devem estar falando de duas invasões separadas.

Na minha opinião, o raciocínio que forma a base dessa teoria é profundamente falho. Considere, por exemplo, se esse método de

interpretação foi aplicado aos quatro evangelhos, onde várias versões dos mesmos eventos frequentemente contêm detalhes diferentes, e às vezes até aparentemente contraditórios. É claro que os detalhes não são genuinamente contraditórios, mas em alguns casos, na superfície, podem parecer ser assim. Se aplicássemos o mesmo raciocínio usado pelos proponentes da teoria da “guerra do Salmo 83” aos evangelhos, nossa compreensão do ministério de Jesus seria um puro caos. Alunos ponderados das Escrituras devem rejeitar a ideia de que só porque uma passagem profética contém alguma informação que outra não, isso prova que estamos lidando com duas batalhas distintas.

#### **PROBLEMA 4: IDENTIFICAÇÃO IMPRÓPRIA DAS NAÇÕES DO SALMO 83**

O quarto problema com a teoria da invasão múltipla é que ela não identifica adequadamente as nações envolvidas. Vejamos as nações reais delineadas no Salmo 83: “Porque conspiram unanimemente; contra ti fizeram um pacto - as tendas de Edom e dos ismaelitas, Moabe e os agarenos, Gebal, Amom e Amaleque, Filistia com os habitantes de Tiro; Assíria também se juntou a eles; eles são o braço forte dos filhos de Ló” (vv. 5–8).

De acordo com Bill Salus, autor de *Israelestine*,

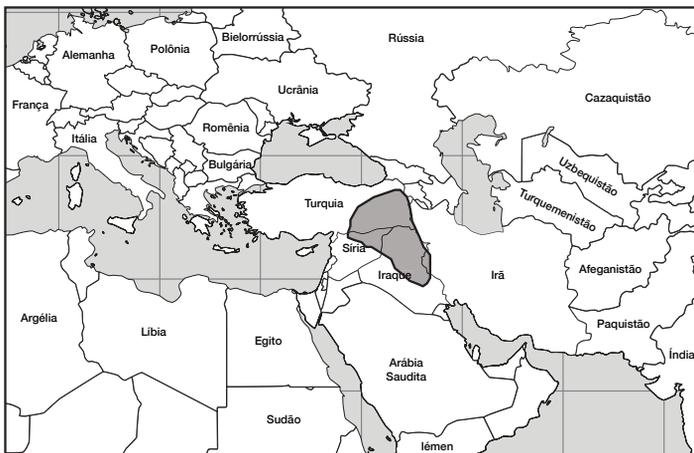
*Os equivalentes modernos dos confederados do Salmo 83 são: tendas de Edom (refugiados palestinos e jordanianos do sul), ismaelitas (árabes sauditas), Moabe (refugiados palestinos e jordanianos centrais), agarenos (egípcios), Gebal (norte do Líbano), Amon (refugiados palestinos e norte da Jordânia), Amaleque (árabes do sul de Israel), Filistia (Refugiados palestinos e Hamas da Faixa de Gaza), habitantes de Tiro (Hezbollah e libaneses do Sul), Assíria (sírios) e talvez os iraquianos do norte), e os filhos de Ló (Moabe e Amon acima).<sup>5</sup>*

Eu concordaria em grande parte com a maioria das identificações de Salus, no entanto, eu acrescentaria que além dessas nações e grupos, alguns outros também estão incluídos.

## ASSÍRIA

Enquanto Salus afirma que a menção da Assíria aponta apenas para a Síria e o Iraque dos dias de hoje, tal identificação é muito restritiva. A capital da antiga Assíria era Nínive, que fica no atual norte do Iraque, perto da cidade de Mosul, mas longe de falar apenas na região do norte do Iraque, a Assíria incluía uma região muito maior. Como a erudição conservadora moderna afirma que o Salmo 83 foi escrito por volta de 950 aC durante o reinado do Rei Davi, devemos considerar toda a região que fazia parte do Império Assírio durante esse período. Durante todo esse período, além do Iraque e da Síria, a Assíria também incluiu uma parte substancial do que hoje é a nação da Turquia. Como tal, a Turquia deve ser incluída na lista de nações do Salmo 83.

Veja o seguinte mapa da Assíria:



O Império Assírio (950 a.C. durante o reinado do Rei Davi).<sup>6</sup>

## OS ISMAELITAS

Além da Assíria, há outro nome muito importante listado entre os invasores: os ismaelitas. Como os ismaelitas, como povo, permaneceram bastante consistentes ao longo dos séculos, se o Salmo 83 deve ser entendido profeticamente, então entenderíamos que o uso do termo “ismaelitas” é uma referência geral aos povos árabes maiores. Esse vasto crescimento e dispersão dos ismaelitas foi profetizado em várias passagens de Gênesis:

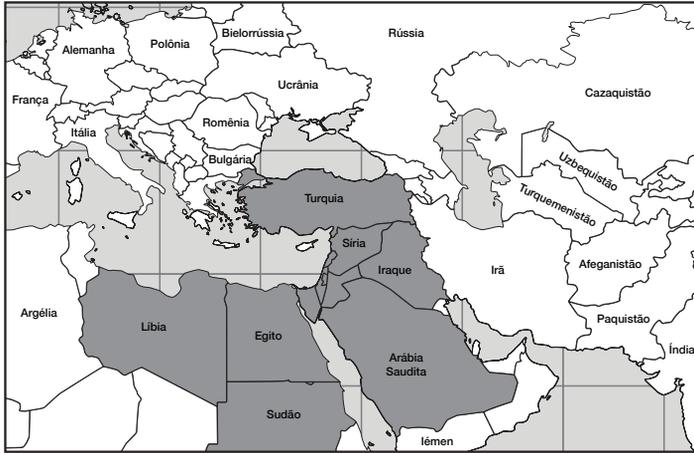
*O anjo do Senhor também lhe disse: “Certamente multiplicarei a tua descendência, para que não sejam contados em número.” (16:10)*

*Quanto a Ismael, eu te ouvi; eis que o abençoei e o farei frutificar e multiplicá-lo grandemente. Ele será pai de doze príncipes e eu o farei uma grande nação. (17:20)*

*Acima! Erguei o menino e segura-o com a mão, porque eu o farei uma grande nação. (21:18)*

Quando o Salmo 83 foi escrito, os ismaelitas teriam vivido em toda a região maior da Península Arábica e partes do Egito, Jordânia e Iraque. Hoje, é claro, isso seria expandido para incluir o Líbano, a Síria e a maior parte do norte da África.

A questão é que, se considerarmos essa interpretação ampliada da Assíria e dos ismaelitas, as nações e os povos mencionados no Salmo 83 nos apontam para uma região muito mais substancial do que os países que imediatamente cercam Israel. Em vez disso, estaríamos olhando para os países modernos mostrados no mapa a seguir:



As nações especificadas em Salmo 83

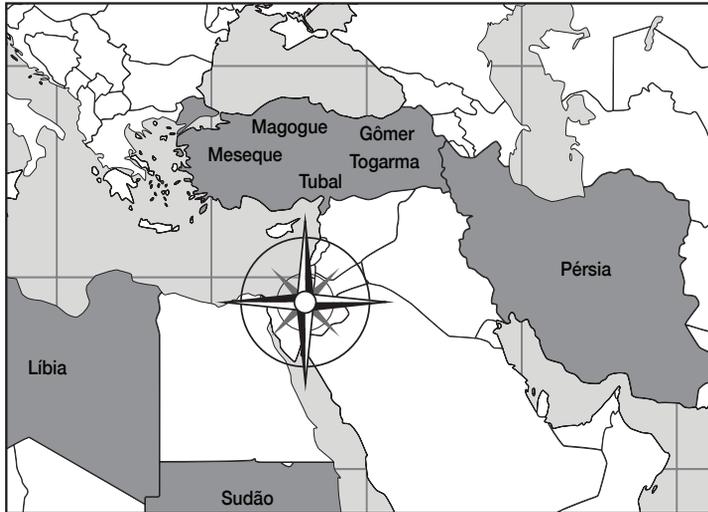
**PROBLEMA #5:** FALHA EM RECONHECER AS SIMILARIDADES ENTRE EZEQUIEL 38-39 E O SALMO 83

Embora o Salmo 83 e Ezequiel 38–39 contenham diferenças, eles também contêm algumas semelhanças dramáticas. Embora uma passagem possa enfatizar algumas nações em detrimento de outras, na análise final, ambas as passagens falam da mesma região geral. Várias nações não estão incluídas em ambas as profecias, mas mais delas são. Além disso, a frase aberta em Ezequiel “e muitas nações com você” deixa a porta aberta para o envolvimento de qualquer uma das nações mencionadas no Salmo 83.

| Ezequiel 38-39            | Salmo 83        |
|---------------------------|-----------------|
| Turquia                   | Turquia         |
| Síria                     | Síria           |
| Líbia e Norte do Sudão    | Norte da África |
| Irã                       | Arábia          |
| “e muitas nações contigo” | Jordânia        |
|                           | Egito           |

| Ezequiel 38-39 | Salmo 83                       |
|----------------|--------------------------------|
|                | Iraque                         |
|                | Árabes do Oriente Médio e Gaza |

Em última análise, as distinções entre as duas passagens são facilmente explicadas pela ênfase diferente de cada passagem. Enquanto o Salmo 83 enfatiza uma lista de nações que imediatamente cercam Israel, como já vimos, Ezequiel apenas lista o líder da invasão, bem como uma nação de cada um dos quatro cantos da bússola. Ao destacar uma única nação de cada canto da bússola, Ezequiel estava enfatizando que além das nações mencionadas, outras nações de todos os cantos da bússola estariam envolvidas. Veja o seguinte mapa da invasão de Ezequiel.



Ezequiel 38-39: o ataque liderado pela Turquia pelos quatro cantos da bússola

Como a base primária para a teoria da múltipla invasão é baseada nas alegadas diferenças drásticas entre essas duas passagens, depois de ter examinado essas passagens em mais detalhes, acredito que é impreciso afirmar que elas apontam para nações drasticamente distintas.

Se, de fato, o Salmo 83 é mesmo uma profecia, então faria muito mais sentido simplesmente vê-lo como outro relato da mesma invasão descrita em Ezequiel 38–39.

**PROBLEMA 6: AS NAÇÕES DO SALMO 83 SÃO JULGADAS NO DIA DO SENHOR**

A última e talvez mais fatal falha na teoria da múltipla invasão do Salmo 83 é que várias das nações especificadas no salmo são especificamente mencionadas em numerosas outras passagens como sendo reservadas para julgamento no Dia do Senhor e na Batalha do Armagedom. Abordamos algumas dessas passagens no capítulo 2. Vimos que a maioria das nações e povos listados no Salmo 83 serão especificamente julgados no Dia do Senhor. Estes incluem Edom (Números 24, Obadias, Ezequiel 25, Isaías 34, 63), Moabe (Números 24, Isaías 25), Egito (Habacuque 3, Sofonias 2, Isaías 19), Arábia (Ezequiel 25,30), Filistia (Joel 3, Sofonias 2, Ezequiel 25), Líbano (Joel 3), e Assíria (Miquéias 5, Sofonias 2).

Com relação à destruição de Edom, o profeta Obadias estava claro que acontecerá no contexto do Dia do Senhor. No entanto, Salus usa a frase “O Dia do Senhor está próximo” para argumentar que isso acontece bem antes do verdadeiro Dia do Senhor. Mas isso representa um mal-entendido fundamental dessa expressão comumente usada. Quando um profeta declara que o Dia do Senhor está próximo, é um chamado para se arrepender à luz dos julgamentos iminentes daquele dia. Assim, quando Obadias escreveu: “O Dia do Senhor está próximo”, ele estava advertindo seus leitores a se arrependerem à luz dos julgamentos que ocorrerão naquele dia, incluindo a destruição de Edom. Como o Dr. Ice observa:

*Quando a profecia de Obadias será cumprida? O versículo 15 diz: “Porque o dia do Senhor se aproxima de todas as nações. Como você fez, isso será feito para você. Suas negociações retornarão por sua própria cabeça.” A passagem diz claramente que será*

*cumprida quando “o dia do Senhor se aproximar de todas as nações”. Tal evento está claramente programado para ocorrer ao mesmo tempo em que Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós e outros indicam que as nações serão julgadas no final da tribulação, durante a Campanha do Armagedom.<sup>7</sup>*

Dr. Ice está absolutamente correto. Mas, é claro, suas observações poderiam ser igualmente aplicadas às muitas outras nações islâmicas que compõem a aliança Ezequiel 38–39. Todo o mundo islâmico que vem contra Israel será julgado no Dia do Senhor e na Batalha do Armagedom.

#### PERIGOS DA TEORIA DA GUERRA DO SALMO 83

De uma perspectiva pastoral, acredito que “a teoria da guerra do Salmo 83” representa um grande perigo para o corpo de Cristo. Porque esta teoria sustenta que depois que a confederação do Salmo 83 é derrotada, Israel como uma nação irá literalmente ocupar todas as nações que agora a cercam, ela adere a um certo triunfalismo israelense que simplesmente não é ensinado nas Escrituras. Como Salus explicou, “Devido a essa conquista israelense sobre o círculo interno do núcleo em torno das populações árabes de palestinos, sírios, sauditas, egípcios, libaneses e jordanianos, as fronteiras de Israel são ampliadas, a prosperidade aumenta e a estatura nacional é aumentada”.<sup>8</sup> Depois que Israel derrotou as nações que a cercam, Salus afirmou que Israel experimentará

*uma condição de superioridade regional, que permite que ela habite com segurança em um bairro inseguro. Os judeus ainda dispersos pelo mundo naquela época fluirão de volta para seu porto seguro de Israel. Com esse influxo de população judaica, os judeus explorarão os recursos dos territórios árabes conquistados e o povo será colocado para experimentar a*

*“restauração de suas fortunas”. Naquela época, Israel se tornaria uma das nações mais ricas do mundo, talvez o mais rico deles todos.”<sup>9</sup>*

Minha preocupação pessoal com tal visão, em primeiro lugar, é que ela está em conflito direto com o que a Bíblia diz que está à frente de Israel. O que Salus fez foi levar as muitas promessas de Deus a Israel que serão cumpridas durante o reino milenar do Messias e colocá-las em um futuro muito próximo, antes do retorno de Jesus. Ele conquistou a vitória que será realizada por Jesus e dará crédito às Forças de Defesa de Israel. Mas quando alguém analisa as muitas profecias ao longo das Escrituras sobre Israel, é óbvio que dias muito sombrios estão por vir. A Igreja deve estar preparada para ficar com Israel e o povo judeu durante estes tempos. Em uma nota pessoal, gostaria de dizer que considero Bill Salus um bom irmão que sempre foi um cavalheiro e representou bem a Jesus. Meu desejo e propósito aqui não é criticar pessoalmente Bill. No entanto, acredito genuinamente que a teoria da múltipla invasão do Salmo 83 é comprovadamente antibíblica, e em vez de preparar os crentes para os próximos dias, ela tem o potencial de inspirar passividade e colocar muitos para uma grande decepção e grande desilusão.



## ISAÍAS E MIQUÉIAS 5: O ASSÍRIO

**O**UTRO MOTIVO BÍBLICO ESSENCIAL relacionado ao Anticristo é “o Assírio”. O tema do Assírio é encontrado primariamente nos livros de Isaías e Miquéias. Ambos profetas profetizaram em grande detalhe tanto sobre Jesus o Messias quanto sobre o Anticristo. Como vamos ver, o tema que corre pelas profecias de Isaías e Miquéias é o conflito final entre Jesus o Messias e o Anticristo, que nessas profecias é referido vez por vez como “o Assírio”.

### O CONTEXTO DO LIVRO DE ISAÍAS

Resumidamente, o contexto histórico de Isaías refere-se ao conflito no dia do profeta entre os dois reinos hebreus: o Reino do Norte, muitas vezes referido como Israel ou Efraim, e o Reino do Sul, referido como Judá. Israel aliara-se a Aram-Damasco contra a ameaça iminente da Assíria. A ameaça de uma invasão assíria foi sempre urgente. O chamado de Deus ao seu povo era confiar nele, em vez de alianças militares com reinos pagãos circunvizinhos. A promessa de Deus era que um líder militar nascesse da linhagem de Davi que libertaria todo o povo de Deus do “assírio”. O problema, no entanto,

é que isso nunca ocorreu na história. Os assírios dizimaram o reino do norte de Israel e levaram a maioria de seus habitantes para o exílio. Mas quanto ao prometido Messias que derrotaria o assírio em uma batalha militar, isso é inteiramente profético; ainda está por vir. Muitos estudiosos da Bíblia concluíram que o termo “o assírio”, enquanto usado historicamente para se referir aos vários reis da Assíria, é também uma referência clara ao Anticristo, que será derrotado por Jesus quando Ele retornar. Então, em Isaías 13–23, depois de profetizarmos o julgamento vindouro contra o Anticristo, recebemos uma lista de muitas das nações que serão destruídas ou julgadas com ele quando o Messias vier para trazer a prometida vitória a Seu povo. Este, então, é o pano de fundo e o contexto do livro de Isaías, que examinaremos neste capítulo.

#### O ASSÍRIO E ISAÍAS

Muitos ficam surpresos ao descobrir que o contexto mais completo de algumas das mais famosas profecias messiânicas em todas as Escrituras gira em torno do tema do conflito entre Jesus e o Anticristo. Considere, por exemplo, a seguinte passagem em Isaías. Incontáveis milhares de cartões de Natal, peças de teatro, sermões e narrativas centraram-se em torno desse versículo: “Portanto, o próprio Senhor lhe dará um sinal. Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel” (Isaías 7:14).

Mas raramente alguém continua lendo a passagem para descobrir seu contexto original. Se o fizessem, eles logo descobririam que essa profecia realmente se refere a um evento que ocorreu no dia de Isaías, quando uma menina gerou um filho e o nomeou Emanuel. Esta criança seria um sinal profético sobre a iminente invasão do reino setentrional de Israel pelos exércitos assírios. Claro, essa profecia na verdade tem dois cumprimentos; uma no dia de Isaías e outra através de Maria e Jesus. Você vê, a palavra usada nessa profecia que é mais frequentemente traduzida como “virgem” nem sempre significa necessariamente uma donzela que nunca teve relações sexuais.

Pelo contrário, a palavra hebraica usada aqui (*alma*) refere-se mais literalmente a uma menina muito jovem que na maioria das vezes ainda não era casada e era, portanto, uma virgem. No caso de Maria, é claro, ela era verdadeiramente virgem, mas no caso da primeira *alma*, ela concebeu e deu à luz através de meios inteiramente naturais. Depois que esta jovem deu à luz seu Emanuel, Isaías explicou que sinais seguiriam:

*Ele comerá coalhada e mel quando souber recusar o mal e escolher o bem. Pois antes que o menino saiba recusar o mal e escolher o bem, a terra cujos dois reis você teme ficará deserta. O Senhor trará sobre ti, e sobre o teu povo e sobre a casa de teu pai, dias que não vieram desde o dia em que Efraim partiu de Judá - o rei da Assíria. Naquele dia o senhor assobiará pela mosca que está no fim dos rios do Egito e pela abelha que está na terra da Assíria. E todos eles virão e se estabelecerão nas ravinas íngremes, nas fendas das rochas, em todos os espinheiros e em todas as pastagens. Naquele dia o Senhor raspará com uma navalha alugada para além do Rio - com o rei da Assíria - a cabeça e o pêlo dos pés, e também varrerá a barba. (Isaías 7: 15-20)*

Isaías diz que antes da criança crescer, o rei da Assíria invadiria o reino do norte de Israel. As descrições gráficas do raspar da cabeça, da barba e das pernas dos israelitas são uma indicação do abatimento, da completa humilhação e, finalmente, da escravidão que Deus estava trazendo às tribos do norte através dos assírios. O ponto em citar esta passagem é mostrar que assim que a famosa profecia messiânica de Emanuel é introduzida, o assírio, ou o rei da Assíria, também é trazido à cena. Novamente, os eventos descritos nesta passagem referem-se a eventos históricos reais que ocorreram nos dias de Isaías. No entanto, o rei histórico da Assíria era apenas um tipo do Anticristo - o derradeiro invasor profético de Israel.

Ao longo da profecia de Isaías, veremos esse mesmo tema Messias *versus* Assírio repetido várias vezes. Quase todo o capítulo 8 gira em torno da próxima invasão de Israel pela Assíria: “O Senhor está levantando contra eles as águas do Rio, poderosos e numerosos, o rei da Assíria e toda a sua glória. E ela se elevará sobre todos os seus canais e percorrerá todas as suas margens, e ela penetrará em Judá, transbordará e passará, alcançando até o pescoço, e suas asas abertas encherão a largura de sua terra” (vv 7-8).

Mas, no capítulo 9, mais uma vez, somos informados da solução final de Deus. Lá Isaías nos deu o que é indiscutivelmente a mais famosa profecia messiânica do Antigo Testamento:

*Mas não haverá tristeza para ela que estava angustiada. No tempo anterior ele desdenhou a terra de Zebulom e a terra de Naftali, mas no último tempo fez glorioso o caminho do mar, a terra além do Jordão, a Galileia das nações. As pessoas que andaram na escuridão viram uma grande luz; aqueles que habitaram em uma terra de profunda escuridão, neles brilhou luz [...] Porque tu quebraste o jugo da sua carga e o bordão do seu ombro, que é o cetro do seu opressor, como no dia de Midiã. Para cada bota do guerreiro vagando em tumulto de batalha e cada peça enrolada em sangue será queimada como combustível para o fogo. Para nós uma criança nasce, a nós um filho é dado; e o governo estará sobre os seus ombros, e seu nome será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento do seu governo e da paz não haverá fim, no trono de Davi e sobre o seu reino, para estabelecê-lo e defendê-lo com justiça e com retidão a partir de agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso. (vv. 1-7)*

Esta passagem declara que o Messias libertará Israel da Assíria da mesma maneira que Gideão, em Juízes 8, libertou Israel

dos exércitos midianitas. Há uma conexão fascinante aqui com os exércitos islâmicos dos últimos dias. Um pouco de história é necessário. Depois de derrotar os midianitas, os homens de Gideão imploraram que ele governasse sobre eles. Mas Gideão recusou essa posição, pois pertence somente ao Senhor. Então Gideão fez um pedido de sua autoria. Ele pediu aos israelitas que lhe dessem as joias de ouro pertencentes aos exércitos derrotados: “E Gideão lhes disse: ‘Deixe-me fazer um pedido de vocês: cada um de vocês me dê os brincos de seu despojo.’ Porque eles tinham brincos de ouro porque eram ismaelitas” (Juízes 8: 22–24).

Mas o que é tão fascinante é que os “ornamentos” desses ismaelitas e seus camelos (v. 21) tinham a forma de luas crescentes:

*E eles responderam: “De bom grado daremos a eles”.  
E eles espalharam um manto, e cada homem jogou nele os brincos de seu despojo. E o peso dos brincos de ouro que ele pedia era de 1.700 siclos de ouro, além dos ornamentos em crescente, dos pingentes e das vestes púrpuras usadas pelos reis de Midiã, e além das golas que estavam ao redor do pescoço de seus camelos. (vv. 25-26)*

Assim, somos informados de que a vitória final do Messias sobre os assírios seria semelhante à vitória histórica de Gideão sobre os ismaelitas. Então, quando examinamos essa vitória, vemos que Gideão, um tipo do Messias, é visto desnudando ornamentos de lua crescente dos reis. A lua crescente, é claro, é o símbolo do Islã, que aparece com destaque na maioria das bandeiras muçulmanas, bem como em praticamente todas as mesquitas da Terra. Quando Jesus voltar e derrotar os exércitos islâmicos invasores e perseguidores do Anticristo, Ele removerá os símbolos do Islã e da idolatria entre as nações.

Uma segunda conexão interessante aqui é vista na palavra usada para ornamentos em formato de lua crescente, o hebraico *śá · hā · ro · nīm*. Esta palavra está intimamente relacionada com Sarash, que é usada mais tarde em Isaías 14, uma passagem em que o Senhor se

refere a Satanás como Lúcifer, filho da estrela da manhã (sará) (v. 13). Então, apenas alguns versos depois, vemos que Ele “esmagará o assírio na minha terra; nas minhas montanhas eu vou pisotear ele”. Essa também é exatamente a mesma imagem pintada no livro do Apocalipse, onde Jesus é retratado como o esmagamento do Anticristo e seus exércitos fora de Jerusalém, também conhecido como “o grande lagar de a ira de Deus” (Apocalipse 14:19, 19:15). Em outras palavras, o quadro pintado é de Deus reunindo os exércitos dos assírios em um local, onde Ele os esmagará como uvas.

Assim, apesar das numerosas referências ao longo de Isaías ao Messias, destruindo o rei da Assíria na terra de Israel, historicamente esta libertação nunca ocorreu. Em vez disso, Senaqueribe, o rei da Assíria, tomou numerosas cidades em Judá e sitiou Jerusalém. De acordo com 2 Reis 18–19 e passagens paralelas em 2 Crônicas 32: 1–23, o anjo do Senhor matou um grande número de soldados assírios, mas não pode ser aquilo de que tão freqüentemente Isaías falou, porque: 1) Senaqueribe, o “rei da Assíria” não foi morto na terra; (2) a vitória não foi realizada pelo Messias; e (3) finalmente, a destruição da Assíria de Israel e Judá foi eventualmente seguida por Nabucodonosor, que deixou Judá praticamente desolado. Nos dias de Senaqueribe, o libertador profetizado não veio; o “jugo” não foi quebrado. E assim, os estudiosos concordam que o tema de Isaías da vinda do Messias que destruiria o assírio é uma referência ao futuro, quando Jesus, o Messias, libertará os israelitas dos exércitos invasores do “Assírio”.

#### A CONFIANÇA PERDIDA DE ISRAEL

Ao longo da profecia de Isaías, Deus está repetidamente pedindo ao Seu povo que não coloque sua confiança em alianças políticas naturais, mas simplesmente confie nEle. Como o antigo Israel, o Israel do futuro também contará com alianças políticas, tratados e falsas promessas de paz. Ela aceitará o pacto feito com o Anticristo: “E ele fará um pacto forte com muitos por uma semana e, pela metade da

semana porá fim ao sacrificio e à oferta. E nas asas de abominações virá alguém que faz desolado, até o fim decretado é derramado sobre o desolador” (Daniel 9:27).

Mas então o Anticristo renegará seus acordos e invadirá a terra “que se recuperou da guerra, cujo povo foi reunido de muitas nações para as montanhas de Israel” (Ezequiel 38: 8). O Senhor, através de Isaías, repreende Israel gravemente por ter feito esse tratado, que Ele chama de “aliança com a morte”. Em vez de confiar no Messias, “a pedra angular testada”, Israel irá confiar no acordo de paz. O resultado será ser invadido e espancado pelos assírios:

*Portanto ouve a palavra do Senhor, escarnecedores que governam este povo em Jerusalém. Porque você disse: “Fizemos um pacto com a morte e com o Sheol temos um acordo, quando o chicote esmagador passar, não chegará a nós, porque fizemos da mentira o nosso refúgio e, na falsidade, nos abrigamos.”; Portanto, assim diz o Senhor Deus: “Eis que eu sou aquele que estabeleceu como fundamento em Sião uma pedra, uma pedra testada, uma pedra angular preciosa, de alicerce seguro: ‘Aquele que crê não será às pressas’ [...] Então o seu pacto com a morte será anulado, e o seu acordo com o Sheol não ficará de pé; quando o esmagador flagelo passar, sereis abatidos por ele.” (Isaías 28: 14–18)*

Então, depois que o Senhor terminar sua obra redentora de castigo para com Seu povo, Ele castigará o assírio: “Quando o Senhor tiver terminado toda a sua obra contra o monte Sião e Jerusalém, dirá: ‘Castigarei o rei de Assíria pelo orgulho obstinado de seu coração e a altivez em seus olhos’” (Isaías 10:12).

Depois que este trabalho for concluído, e o remanescente de Israel retornar ao Senhor e se arrepender de sua confiança no Anticristo e em suas falsas promessas, “o remanescente de Israel, os sobreviventes da casa de Jacó, não mais confiarão nele quem os der-

rotou, mas confiarão verdadeiramente no Senhor, o Santo de Israel. Um remanescente retornará, um remanescente de Jacó retornará ao Deus Poderoso. Embora o teu povo, ó Israel, seja como a areia junto ao mar, só um remanescente voltará” (v. 20-22).

Em conclusão, então, como vimos, seja a profecia de Emanuel (Deus conosco) a vir em Isaías 7, ou o Príncipe da Paz em Isaías 9, em ambas as passagens, o contexto mais completo é a vinda de o Messias para quebrar o assírio. Mas, apesar desse tema claro e repetido por todo Isaías, em nenhum lugar o conflito entre Jesus e o assírio é descrito mais claramente e mais concisamente do que na profecia de Miquéias.

#### MIQUÉIAS 5

Agora vamos considerar as profecias concernentes à vinda do Messias como encontradas em Miquéias 5. O seguinte versículo começa com outra famosa profecia messiânica, concernente ao local de nascimento do Messias: “Mas tu, ó Belém Efrata, que és muito pequeno para estar entre os de Judá, de vós, sairão de mim quem há de governar em Israel, cuja vinda é antiga, desde os tempos antigos” (v. 2).

Os Evangelhos registram que os principais sacerdotes e escribas consultaram este mesmo versículo quando o rei Herodes os reuniu para indagar sobre onde o Messias deveria nascer. Sua resposta foi inequívoca; Ele nasceria em Belém da Judéia (Mateus 2: 4–5). Por que os judeus dos dias de Jesus esperavam ansiosamente por essa passagem? Portanto, ele os entregará até o momento em que a que estiver em parto tiver dado à luz; então o resto de seus irmãos retornará ao povo de Israel” (Miqueias 5: 3). Esse Messias vindouro deveria ser um sinal para os israelitas de que uma época terminara. Não seriam mais abandonados por Deus. Eles viveriam com segurança sob a liderança do Messias: “E ele permanecerá e apascentará o seu rebanho na força do Senhor, na majestade do nome do seu Senhor seu Deus. E habitarão seguros, porque ele será grande até os confins da terra” (Mq 5: 4).

O texto é claro. Israel não precisaria mais temer seus inimigos. A grandeza deste Messias alcançaria até os confins da terra. Mas é o próximo verso que é tão essencial considerar, pois nos é dito que este mesmo Messias libertará Israel do Anticristo invasor, a quem a passagem se refere como “o assírio”: “E ele será a sua paz. Quando o assírio entrar em nossa terra e pisar em nossos palácios, levantaremos contra ele sete pastores e oito príncipes de homens; eles pastorearão a terra da Assíria com a espada e a terra de Ninrode em suas entradas; e ele nos livrará da Assíria quando entrar em nossa terra e pisar em nosso território” (vv. 5–6).

Quando o “assírio” invadissem a terra de Israel, então seria o Messias quem seria sua paz, proteção e libertação. Os estudiosos veem essa passagem como se referindo ao dia em que Jesus libertaria Israel da invasão das forças “assírias” imperiais:

- Frederich Delitzsch escreveu: “O Messias é chamado o Príncipe da paz em Isa. 9: 5 [...] Mas de que maneira? Ao defender Israel contra os ataques do poder imperial. O Messias provará ser Ele mesmo a paz para o Seu povo [...] pelo fato de protegê-lo e salvá-lo dos ataques do poder imperial representado por Assur.”<sup>1</sup>
- Leslie C. Allen escreveu: “A vinda deste herói real é apresentada como o eventual antídoto contra a ameaça e o fato da invasão assíria. Eventual, porque este nascimento ainda está no futuro e, portanto, sua atividade salvadora será ainda mais tarde. Não haverá um fim imediato para a dominação assíria. O imperialista atacante terá permissão para lutar por algum tempo, mas está condenado a encontrar sua partida na pessoa do rei vitorioso de Israel. Nesse aspecto, Miquéias concorda com esse rei prometido como a resposta à ameaça da Assíria.”<sup>2</sup>
- D. A. Carson escreveu: “Miquéias refere-se a futuros ataques contra o reino do Messias como sendo realizados pe-

los assírios, que foram destruídos em 612 aC, séculos antes do advento de Cristo. Os profetas não viam os séculos que os separavam do cumprimento de suas previsões, mas viam acontecimentos futuros como eventos iminentes em um quadro plano”<sup>3</sup>

- E além dos estudiosos modernos, a igreja primitiva também entendeu o termo “o assírio” como uma referência ao Anticristo: Hipólito de Roma (c.170-c. 236), um dos teólogos mais importantes da igreja primitiva, disse no segundo século: “Que estas coisas, então, não sejam ditas de mais ninguém senão daquele tirano, e desavergonhado, e adversário de Deus, nós mostraremos o que segue. Mas Isaías também fala assim: ‘E acontecerá que, quando o Senhor tiver realizado toda a Sua obra no Monte Sião e em Jerusalém, Ele castigará (visitará) a mente forte, o rei da Assíria e a grandeza (altura) da glória de seus olhos’.”<sup>4</sup> Em outro lugar, ao se referir às muitas profecias sobre o “assírio” encontradas em Miquéias e Isaías, Hipólito afirmou muito diretamente que “o assírio é outro nome para o Anticristo”<sup>5</sup>
- Victorinus, bispo de Pettau (c. 280), que foi martirizado por sua fé em Cristo, no que é o mais antigo comentário completo sobre o livro de Apocalipse em nossa posse, afirmou que “o assírio” mencionado em Miquéias 5:5 é o Anticristo: “Haverá paz para nossa terra ... e eles cercarão a Assíria - isto é, o anticristo”<sup>6</sup>
- Lactâncio (c. 307), outro escritor da igreja primitiva do terceiro século, declarou que o Anticristo viria precisamente da mesma região: “Um rei surgirá da Síria, nascido de um espírito maligno, o arremessador e destruidor da raça humana, que destruirá o que é deixado pelo mal anterior, junto com ele mesmo [...] Mas aquele rei não só será o mais vergonhoso em si mesmo, mas também será

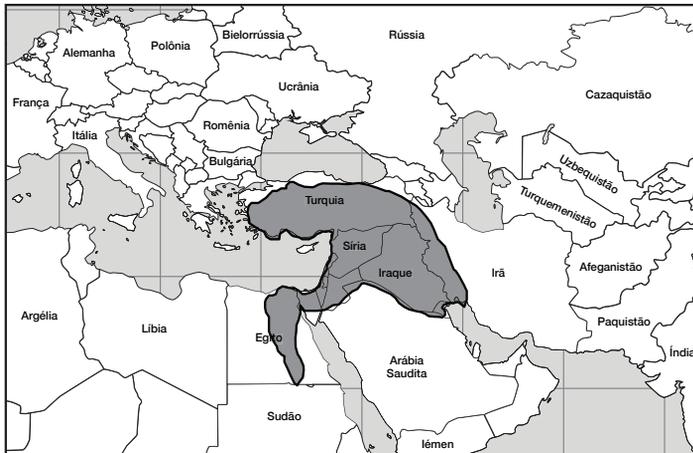
um profeta de mentiras [...] e lhe será dado poder para fazer sinais e maravilhas, pela qual ele pode atrair homens para adorá-lo [...] Então ele tentará destruir o templo de Deus e perseguir o povo justo”.<sup>7</sup>

Agora, embora não deva ser dito, a Assíria não está na Europa. No entanto, o Anticristo é claramente referido como “o assírio”. Ele invadirá uma “terra” com “fronteiras”. Essa não é uma passagem que possa ser espiritualizada ou alegorizada. O Messias libertará a nação de Israel da invasão do “assírio”, após o que Israel governará a terra da Assíria. Obviamente, isso nunca aconteceu na história. Como tal, esta passagem é impossível para os preteristas (aqueles que veem a maioria ou todas as profecias bíblicas como passado) para explicar de qualquer forma que é mesmo ligeiramente satisfatório. Nesta passagem, estamos claramente olhando para um evento ainda futuro, quando um líder da antiga região do Império Assírio invadirá a terra de Israel.

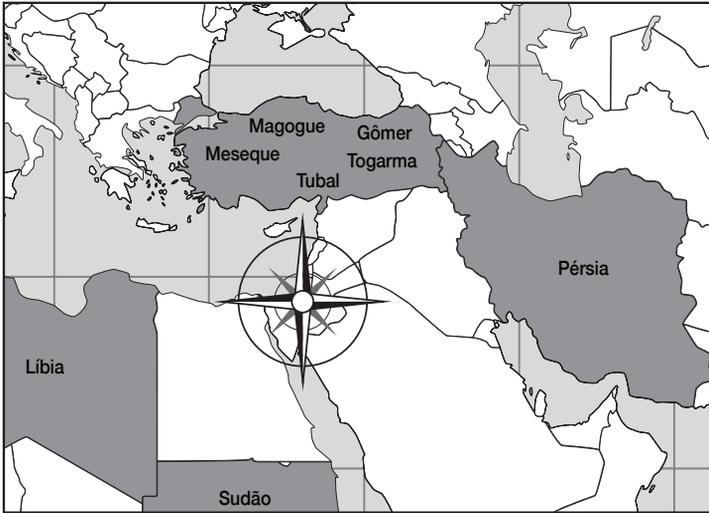
## ASSÍRIA

Concluindo, vemos que, mais uma vez, as Escrituras usam um rei histórico do antigo Império Assírio como um tipo do vindouro Anticristo. Isto não é insignificante, como qualquer nação pode apontar para dentro do antigo Império Assírio, hoje eles são todos maioria muçulmana. Além disso, vemos também que o título do Anticristo, “o assírio”, confirma as localizações gerais que vimos repetidas em passagens anteriores. O “Gogue” de Ezequiel era um governante da região da Turquia e da Síria. O “assírio” de Isaías controlava grande parte do leste da Turquia, bem como partes da Síria e do Iraque. Da mesma forma, o “rei do norte” de Daniel governou o território do antigo Império Selêucida, que também incluía a Turquia, a Síria e o Iraque. Seja “Gogue”, de Ezequiel, “Assírio” de Isaías, ou “rei do norte” de Daniel, todos esses diferentes termos apontam para o mesmo homem, da mesma região, com as mesmas motivações. Todas essas

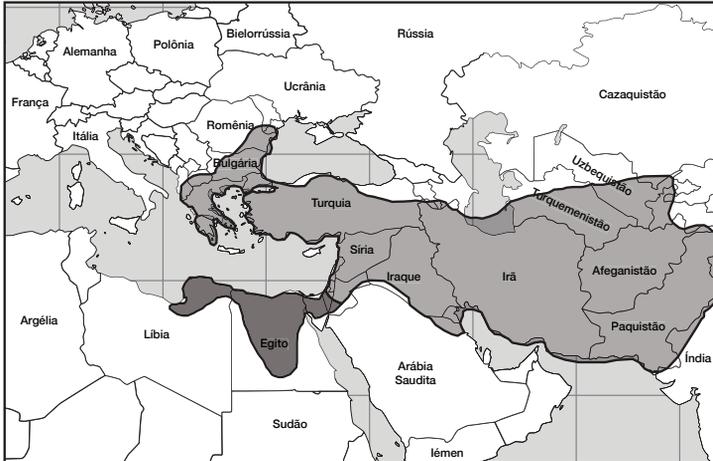
são referências ao Anticristo. Com uma ênfase tão repetida e clara nessas áreas geográficas, então, como tantos podem continuar a procurar a Europa para o próximo ditador do fim dos tempos? Mais uma vez, todos os profetas estavam recontando a mesma história. Pela graça de Deus, através de sua ênfase repetida na mesma porção do mundo, na mesma história recontada repetidas vezes, Seu povo receberá a mensagem.



Mapa da Antiga Assíria (650 a.C.). Região de onde o Anticristo virá.<sup>8</sup>



Nações invasoras segundo Ezequiel 38-39



Região do domínio do Anticristo de acordo com Daniel 11



## AMANDO MUÇULMANOS

**E**SCREVENDO ESSE LIVRO, estou bem ciente do perigo de que alguns que o leiam usem a informação para solidificar sua visão de que os muçulmanos são “inimigos”, que deveriam ser odiados ou temidos. Claro, isso é precisamente a resposta oposta que Jesus faria com seus seguidores. E assim, é imperativo que este capítulo nos ajude a ver os muçulmanos através dos Seus olhos, de tal maneira que encoraje e capacite o evangelismo.

Em última análise, o desdobramento do antigo conflito entre muçulmanos, judeus e cristãos começou com a história de Abrão e Sarai, a quem o Senhor mais tarde renomeou Abraão e Sara. E assim é no livro de Gênesis que encontramos a origem desse embate histórico. O Senhor havia prometido Abrão e Sarai que chegaria o dia em que eles teriam um filho, através do qual todas as nações da terra seriam abençoadas. Mas a promessa demorou a chegar, e ambos ficaram impacientes e começaram a tomar as coisas em suas próprias mãos. A terrível ideia de Sarai está contida no início do capítulo 16:

*Agora Sarai, a esposa de Abrão, não lhe deu filhos. Ela tinha uma criada egípcia cujo nome era Agar. E Sarai disse a Abrão: “Eis que agora o senhor me impediu de ter filhos. Vá para o meu servo; pode ser que*

*eu obtenha filhos dela.” E Abrão ouviu a voz de Sarai. Assim, depois que Abrão viveu dez anos na terra de Canaã, Sarai, a esposa de Abrão, tomou Agar, a egípcia, sua serva, e a deu a Abrão, seu marido, como esposa. E ele foi para Agar. (vv. 1–4)*

Lamentavelmente, a terrível ideia de Sarai de ter seu marido dormindo com sua criada foi de encontro ao acordo igualmente tolo de Abrão em fazê-lo. E não surpreendentemente, nós imediatamente começamos a ver o efeito de bola de neve de suas escolhas ruins: “[...] e ela concebeu. E quando ela viu que ela tinha concebido, ela olhou com desprezo para sua amante. E Sarai disse a Abrão: “Que o mal feito para mim esteja em você! Dei minha serva ao seu abraço, e quando ela viu que ela havia concebido, ela olhou para mim com desprezo. Que o Senhor julgue entre você e eu!” (Vv. 4–5).

A resposta de Abrão foi evitar qualquer responsabilidade por suas próprias ações. Em vez disso, ele deu permissão a Sarai para fazer o que ela desejasse para Agar: “Mas Abrão disse a Sarai: ‘Eis que sua serva está em seu poder; faça a ela como quiser.’” Então Sarai lidou com ela duramente, e ela fugiu dela” (v. 6).

Agar acabou no deserto e lá foi encontrada pelo Senhor, que lhe prometeu que sua descendência seria tão grandemente multiplicada que eles estariam além da contagem:

*O anjo do Senhor a encontrou junto a uma fonte de água no deserto, a fonte a caminho de Sur. E ele disse: “Agar, serva de Sarai, de onde vieste e para onde vais?” Ela disse: “Estou a fugir da minha senhora Sarai.” O anjo do Senhor disse-lhe: “Regressa à tua senhora. e submeta-se a ela.” O anjo do Senhor também lhe disse: “Certamente multiplicarei a tua descendência, para que não sejam numerados em número.” (vv. 7–10)*

Então veio um dos momentos cruciais da história. O próprio Deus chamou o filho de Agar: “E o anjo do Senhor disse-lhe: “Eis que

você está grávida e dará à luz um filho. Você deve chamar seu nome de Ismael, porque o Senhor ouviu sua aflição. Ele será um jumento selvagem de homem, com a mão contra a mão de todos e de todos contra ele, e ele habitará sobre todos os seus parentes” (vv. 11–12).

Alguns pontos importantes devem ser considerados aqui. Primeiro, o nome Ismael significa “Deus ouve”. Há muito poucas pessoas nas Escrituras que foram nomeadas por Deus antes do nascimento, mas Ismael é uma delas. O Senhor concedeu uma promessa profética a Ismael através do seu nome: Deus o ouviria. Segundo, vemos que Ismael seria um “jumento selvagem” que estaria em guerra com todos, e todos também estariam em conflito com ele. Hoje, os muçulmanos árabes, muitos dos quais rastreiam sua ascendência até Ismael, muitas vezes olham para esse versículo e acusam os judeus de terem, há muito tempo, inserido essa profecia nas Escrituras para insultar o povo árabe.

O capítulo termina com Agar retornando ao acampamento.

*Então ela chamou o nome do Senhor que lhe falou: “Você é um Deus que vê”, pois ela disse: “Verdadeiramente aqui vi aquele que cuida de mim”. Portanto, o poço era chamado Beer-lahai-roi; fica entre Kadesh e Bered. E Agar deu à luz um filho a Abrão; e Abrão chamou o nome de seu filho, que Agar gerou: Ismael. Abrão tinha oitenta e seis anos quando Agar levou Ismael a Abrão. (vv. 13-16)*

Agora, avançamos quatorze anos para o capítulo 21. Abrão e Sarai são agora Abraão e Sara. Aqui, a promessa do Senhor de um filho nascido para eles finalmente acontece:

*O Senhor visitou Sara como ele havia dito, e o senhor fez a Sara como havia prometido. E Sara concebeu e deu a Abraão um filho em sua velhice na época em que Deus havia falado com ele. Abraão chamou o nome de seu filho que nasceu para ele, a quem Sara*

*lhe deu Isaque. E Abraão circuncidou seu filho Isaque quando ele tinha oito dias de idade, como Deus havia ordenado a ele. Abraão tinha cem anos quando seu filho Isaque nasceu para ele. E Sara disse: “Deus fez rir por mim; todo aquele que ouve rirá de mim.” E ela disse: “Quem teria dito a Abraão que Sara cuidaria de crianças? Contudo lhe dei um filho na sua velhice.” (Vv. 1-7)*

Agora, é triste dizer, nós vemos o ciclo do pecado e más escolhas continuam a voltar a morder Abraão e Sara: “E o menino cresceu e foi desmamado. E fez Abraão uma grande festa no dia em que Isaque foi desmamado. Mas Sara viu o filho de Agar, a egípcia que ela dera a Abraão rindo. Então ela disse a Abraão: “Lança essa escrava com seu filho, porque o filho dessa escrava não será herdeiro com meu filho Isaque” (vv. 8-10).

Note que quando Sarai quis dar Agar a Abrão, ela se referiu a ela como sua “esposa”, mas agora em sua amargura, ela se referiu a Agar como “aquela escrava”. Sara exigiu que Abraão expulsasse Agar e Ismael do acampamento, fora da família, para o deserto.

Compreensivelmente, Abraão ficou muito chateado: “E a coisa foi muito desagradável para Abraão por causa de seu filho. Mas Deus disse a Abraão: “Não fique descontente por causa do menino e por causa de sua escrava. O que quer que Sara lhe diga, faça o que ela lhe disser, pois através de Isaque sua descendência será nomeada. E farei também uma nação do filho da escrava, porque ele é a sua descendência” (vv. 11-13).

Este mandamento do Senhor de expulsar Ismael parece difícil para muitos. Mas essencialmente o que Deus estava dizendo é que seria através da linhagem de Isaque que o grande plano de redenção do Senhor seria realizado. A salvação de toda a criação de Deus estava em jogo. E por mais difícil que pareça, a felicidade de Ismael precisaria ser sacrificada pelo bem maior. Por fim, foi a recusa de Abraão em confiar na promessa do Senhor que agora estava dando seu doloroso fruto.

*Então Abraão levantou-se de madrugada e tomou pão e uma camada de água e deu a Agar, colocando-a no ombro dela, junto com a criança, e a mandou embora. E ela partiu e vagou no deserto de Berseba. Quando a água da pele se foi, ela colocou a criança debaixo de um dos arbustos. Então ela foi e sentou-se à sua frente um bom caminho, sobre a distância de um tiro de flecha, pois ela disse: “Deixe-me não olhar sobre a morte da criança.” E como ela se sentou em frente a ele, ela levantou a voz e chorou. (vv. 14-16)*

Então, em um único dia, Ismael perdeu sua casa, seu pai e sua família. E se isso não bastasse, agora até sua mãe o abandonara, deixando-o morrer de desidratação.

Então o Senhor interveio.

#### DEUS OUVI O CLAMOR DE ISMAEL

O que aconteceu depois é um belo exemplo do caráter e natureza do Deus da Bíblia. Suas ações amorosas cumpriram o nome profético que Ele mesmo deu a Ismael: “E Deus ouviu a voz do menino, e o anjo de Deus chamou a Agar do céu e lhe disse: ‘O que incomoda você, Agar? Não temais, porque Deus ouviu a voz do menino onde ele está. Acima! Levanta o menino e segura-o com a mão, porque eu o farei uma grande nação’ (Gênesis 21: 17–18).

Mais uma vez, o Senhor prometeu que faria Ismael uma grande nação. A passagem conclui com o Senhor providenciando para Ismael: “Então Deus abriu os olhos dela, e ela viu uma fonte de água. E ela foi e encheu a pele com água e deu uma bebida ao menino. E Deus estava com o menino e ele cresceu. Ele viveu no deserto e se tornou um especialista com o arco. Ele morava no deserto de Parã, e sua mãe tomou uma esposa para ele da terra do Egito” (vv. 19–21).

Agora, é fácil ouvir tais histórias e passá-las casualmente como simples contos da Escola Dominical. Mas o fato é que esta é uma história verdadeira. Este evento muito traumático realmente

aconteceu com um garoto de quatorze anos de idade. Tente imaginar o choque que Ismael passou. Em um único dia, ele deixou de ser uma criança feliz, com uma família, uma mãe, um pai e uma herança, para ficar sozinho no deserto, sem família, sem pai, sem herança e até abandonado por sua mãe, para morrer. Ele estava totalmente sozinho. Enquanto isso, na mente de Ismael, seu irmãozinho era culpado; Isaque roubara tudo. Ele havia usurpado seu pai, sua casa, seu direito de primogenitura - sua própria vida!

### O NASCIMENTO DO ISLÃ

Eu não posso dizer que entendo completamente o poder dos padrões geracionais de pecado e escravidão. Eu sei que a presença ou ausência de uma benção do pai na vida de uma criança é um fator poderoso em seu bem-estar geral. Mas se eu fosse adivinhar quão profundamente essas coisas impactam uma pessoa, eu tenderia a pensar que elas afetam apenas algumas gerações. Mas aqui na história de Ismael e seus descendentes temos um incrível exemplo de quão profundas as feridas, o trauma e o quebrantamento de um homem podem ir. Por aproximadamente dois mil e seiscentos anos após a vida e a morte de Ismael, um descendente direto dele, chamado Maomé, se tornou o “profeta” de uma nova religião chamada Islã. E o que a religião do Islã declara? Entre suas doutrinas mais centrais estão as seguintes:

- Deus não é um pai!
- Deus não tem filho!
- Ismael, não Isaque, é o herdeiro das promessas abraâmicas!

É fácil ver a amargura geracional de Ismael sendo canalizada através dos ensinamentos de Maomé. Não é de surpreender que o próprio Maomé também fosse órfão, tendo perdido alguns de seus cuidadores mais próximos durante sua criação. Assim, em Maomé, o ressentimento de Ismael encontrou um consenso perfeito. A partir

de um sentido espiritual, então, podemos ver o Islã como o grito quebrado e amargo de Ismael, o órfão, lembrado e canonizado como religião - a maior religião anticristã que o mundo já conheceu.

AS DOCTRINAS DO ISLÃ:  
AS DOCTRINAS DO ANTICRISTO

Eu entendo que esta é uma afirmação muito forte a fazer, referir-se a outra religião como defendendo “as doutrinas do Anticristo”. Mas, da definição bíblica desse termo, isso é inteiramente correto. João, o apóstolo, definiu o espírito do Anticristo da seguinte maneira: “Quem é o mentiroso? É o homem que nega que Jesus é o Cristo. Tal homem é o anticristo - ele nega o Pai e o Filho. Ninguém que nega o Filho tem o Pai; quem reconhece o Filho também tem o Pai” (1 João 2: 22–23).

Agora, algumas pessoas podem dizer que o Islã não nega que Jesus é o Messias / Cristo, mas essa objeção não leva em conta. Enquanto o Islã aplica o título do Messias (em árabe: Masih) a Jesus (o Alcorão erroneamente o chama de “Isa”), ele retira esse termo de todo o seu significado bíblico. De acordo com a crença islâmica, o termo Messias simplesmente se refere a um em uma longa linha de profetas. O único fator que distingue Isa de outros profetas muçulmanos é que ele nasceu de uma virgem. Mas, quanto ao papel messiânico como o libertador divino, Rei e Salvador de todos os que depositam sua fé nele, o Islã nega absolutamente todas essas coisas. Como o missiologista Jeff Morton diz: “Palavras são caixas que contêm significados”. Simplesmente porque o Islã dá a Jesus o título de Messias não significa que ele O afirma como o Messias de acordo com seu significado bíblico e preciso. Portanto, é inteiramente apropriado dizer que, no sentido mais verdadeiro, o Islã nega que Jesus é o Messias. Mas além disso, o Islã também nega claramente tanto o Pai quanto o Filho. Vamos considerar brevemente o que isso significa.

## O ISLÃ NEGA A PATERNIDADE DE DEUS

De acordo com a doutrina islâmica, se Alá é comparado a qualquer coisa na terra, isso o deprecia. Como tal, o Alcorão ensina que Alá não é um pai (aquele que gera) e certamente não é um filho (aquele que é gerado): “Diga: Ele é Alá, o Uno! Alá, o eternamente pedido de todos! Ele não gera nem foi gerado. E não há nenhum semelhante a ele” (Sura 112: 1-4).

O Islã realmente interpreta mal os termos pai e filho com relação à doutrina cristã. A Bíblia não usa o termo gerado, pai ou filho de uma maneira que infere a reprodução sexual; em vez disso, cada um sugere um relacionamento especial. Assim, quando o apóstolo João falou de Jesus como “o unigênito do Pai” (João 1:14), ele estava transmitindo a única divindade de Jesus. Da mesma forma, quando o apóstolo Paulo se referiu a Jesus como “o primogênito sobre toda a criação” (Colossenses 1:15), ele estava enfatizando a preeminência do Messias ou posição primordial como o Criador de todas as coisas. Embora o Islã compreenda mal o que a Bíblia realmente ensina sobre a paternidade de Deus e a filiação de Jesus, ao negar essas coisas, o Islã nega as doutrinas mais fundamentais da fé cristã e confirma o que João, o apóstolo, chama de doutrinas do Anticristo. Este fato é inegável. Mas além de negar a paternidade de Deus, o Islã também muito diretamente, e muito agressivamente, nega que Jesus, o Messias, seja o Filho de Deus.

## O ISLÃ NEGA A FILIAÇÃO DE JESUS O MESSIAS

A seguir, duas passagens do Alcorão que negam especificamente a condição de filho de Jesus. Nesta primeira passagem, os cristãos são atacados como blasfemos: “Eles disseram: ‘O Mais Gracioso gerou um filho!’ Você proferiu uma blasfêmia grosseira! Os céus estão prestes a se despedaçar, a terra está prestes a rasgar e as montanhas estão prestes a desmoronar porque afirmam que o Mais Gracioso gerou um filho. Não é apropriado ao mais gracioso que Ele tenha um filho!” (Sura 19: 88–92).

Em seguida, somos equiparados aos pagãos, sobre os quais repousa a maldição de Alá: “Os cristãos chamam a Cristo filho de Alá. Isso é um ditado da boca deles; Nisto eles imitam o que os incrédulos do passado costumavam dizer. A maldição de Alá esteja neles: como eles estão iludidos longe da Verdade!” (Sura 9:30).

Não poderia ser mais claro. O Alcorão ataca diretamente as doutrinas mais fundamentais e essenciais da fé bíblica. De fato, é justo dizer que o credo do Islã, conhecido como *shahada*, é o credo mais anticristão conhecido pela humanidade.

#### A SHAHADA: O CREDO DO ANTICRISTO

Se alguém deseja se converter ao Islã, ele recita a *shahada*. Em todo o mundo islâmico, a *shahada*, ou crença do Islã, é declarada regularmente entre os muçulmanos. É também o primeiro pronunciamento que todo bebê muçulmano ouve quando o pai sussurra essas palavras nos ouvidos de seus filhos. Em árabe, a *Shahada* é transliterada como “La ilah ha il Allah, Muhammadan Rasul-Alá”. A tradução é “Não há deus senão Alá, e Maomé é seu mensageiro final”. O primeiro componente do credo afirma que o Alá do Islã é o Único e Verdadeiro Deus Supremo. Não Yahweh, o nome que todo profeta em toda a Bíblia conhecia e usava, mas Alá, o deus do Islã. O segundo componente é que Maomé, não Jesus, é o mensageiro final, ou enviado de Alá. Assim, em uma declaração muito sucinta, o Islã conseguiu formular uma perfeita confissão anticristã.

#### O ISLÃ PROÍBE A ADOÇÃO

No meio da manifestação perfeita do Islã da amargura de Ismael, seu espírito anticristão, também não é surpreendente que o Islã proíba a adoção. Os muçulmanos podem criar o filho de outro; na verdade, eles são encorajados a fazê-lo se alguém perdeu seus pais, mas o Alcorão proíbe especificamente os muçulmanos de adotarem qualquer criança. Enquanto os muçulmanos podem ter outra criança sob o seu teto, a criança pode nunca assumir o nome da família.

A proibição do Alcorão contra a adoção diz: “Ele também não fez de seus filhos adotivos seus filhos [biológicos]. Essa é apenas a maneira de falar pelas suas bocas. Mas Alá diz a verdade e mostra o caminho certo. Chame-os por [os nomes de] seus pais; isso é justo à vista de Alá. Mas se você não souber os nomes de seus pais, chame-os de seus irmãos com fé ou de seus tutores” (Sura 33: 4–5).

De acordo com a doutrina islâmica uma criança que é levada para um lar pode mais tarde crescer para se casar com as outras crianças da casa, mas nunca compartilharia o nome da família ou a herança.

### O EVANGELHO É ADOÇÃO

Esta questão é particularmente importante para mim pessoalmente, pois minha esposa e eu estamos profundamente comprometidos com a causa da adoção. No ano passado, adotamos um filho e, no momento em que esse livro está sendo escrito, estamos adotando outro filho. A experiência tem sido verdadeiramente milagrosa e está entre as maiores bênçãos de nossas vidas. No imenso amor que sentimos por nosso filho também pudemos vislumbrar o amor do Pai por nós. Mas a beleza do meu relacionamento pessoal com Deus, que conheço como Pai, também me entristece quando considero que os muçulmanos só olham para Alá como um escravo olha para um mestre. A distinção é captada eloquentemente pelo apóstolo Paulo: “Pois você não recebeu o espírito de escravidão para cair no medo, mas recebeu o Espírito de adoção como filhos, por quem clamamos: ‘Abba! Pai!’” (Romanos 8:15).

Antes de Jesus ascender ao Pai, Ele prometeu aos Seus discípulos que Ele sempre estaria com eles através do Espírito Santo, e não os deixaria como órfãos: “E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Ajudador, para estar com para sempre, até mesmo o Espírito da verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Você o conhece, porque ele mora com você e estará em você. Eu não vou deixar você como órfão; eu irei a você” (João 14: 16–18).

O ponto aqui é essencial para entender. Em toda a terra existem mais de 18,3 milhões de órfãos. Quando vejo imagens de órfãos

sentados na beira da estrada, digamos, em Uganda ou no Sudão, penso no meu filho. Eu penso em seu sorriso gigante e sua personalidade hilária e de alta energia. Imagino como me sentiria se meu filho estivesse sozinho, talvez com dois ou três anos de idade, sem ninguém no mundo para ir em busca de conforto, ninguém a quem recorrer, ninguém para defender sua causa. Se meu filho estivesse nessa posição, eu separaria o mundo para alcançá-lo e resgatá-lo. Eu não me importo o quanto dinheiro isso fosse me custar. Eu daria tudo que possuo para resgatá-lo. E se eu não pudesse chegar até ele, eu diria a todos os meus amigos que se eles fossem realmente meus amigos, eles iriam em meu lugar imediatamente. E, no entanto, sei que isso é apenas uma sombra do tipo de amor que o Pai tem para cada único órfão da terra; todos os 18 milhões. O Pai está queimando de compaixão, suplicando ao Seu povo por toda a terra que vá e salve o máximo que pudermos. É claro que pregar esta mensagem à Igreja é fácil, porque envolve inocentes crianças indefesas e bebês adoráveis. É fácil para as pessoas serem movidas pela compaixão por esses pequenos perdidos. Mas tanto quanto o Senhor está chamando o Seu povo para ir salvar os órfãos físicos da terra, Ele também está queimando para que Seu povo vá salvar os muçulmanos, que de muitas formas são órfãos espirituais da Terra. Os muçulmanos são em grande parte pessoas que buscam a Deus. Mas a eles foi vendido uma falsa mercadoria. Seu deus inventado é um mestre de escravos distante e ausente que exige tudo, mas nada dá em troca, a não ser uma eternidade no inferno. Os muçulmanos são “caçadores de deus”, mas estão totalmente perdidos. Eles negam o Filho e não têm o Pai. E acima de tudo isso, os muçulmanos são o maior e mais inacessível grupo de pessoas do mundo. O Senhor está chamando o Seu povo para desistir de tudo para salvar os filhos perdidos de Ismael.

#### NOSSO DEVER CRISTÃO EM RELAÇÃO AOS MUÇULMANOS

À luz do entendimento que obtivemos ao analisar parte da história de Ismael, quero listar brevemente algumas coisas que os fiéis devem fazer em seus esforços para alcançar os muçulmanos. A primeira

é falar a verdade com ousadia. Tudo neste mundo está levando os crentes a manter suas opiniões para si mesmos, calar a boca. Mas se o Islã resulta na perda de milhões de muçulmanos para o fogo do inferno, então ele deve ser para sempre nosso inimigo. Sim, Deus tem um filho. Seu nome é Jesus e “bem-aventurados todos os que nele se refugiam” (Salmos 2:12). Não podemos pedir desculpas por falar corajosamente a verdade. O amor exige que façamos isso.

Em segundo lugar, os crentes devem demonstrar o incrível e implacável amor do Pai aos muçulmanos. O mundo islâmico não é uma cultura da cruz. Como tal, quando a Igreja realmente vive como o corpo do Messias crucificado, os muçulmanos serão tocados. E muitos serão mudados para sempre.

Terceiro, a Igreja que ora deve aproveitar a promessa profética que o Pai colocou dentro do nome de Ismael e clamar: “Pai, uma vez mais, ouve o clamor de Ismael! Faça por seus filhos o que você fez por nós. Abra os olhos deles. Remova sua cegueira e revele Jesus a eles como o Filho de Deus. Salve uma multidão de muçulmanos, ó pai!”

E finalmente, amar o povo de Deus, os judeus. Uma realidade triste, mas verdadeira, é que muitos muçulmanos, mesmo depois de se tornarem cristãos, continuam a manter seu antissemitismo. A razão é simplesmente porque muitas igrejas defendem a teologia da substituição<sup>1</sup> e várias outras ideias teológicas que reforçam o antissemitismo. Eu vou ser corajoso o suficiente para dizer que se você se encontrar em tal igreja, então vá para outro lugar. O Senhor não vai simplesmente piscar para tal antissemitismo sistêmico. E assim, depois de ter levado os muçulmanos a amar o Pai e abraçar Jesus como o divino Filho de Deus, devemos também fazer todos os esforços no processo de discipulado para ensiná-los a amar seu irmão, Isaque. Então, e somente então, o processo de reconciliação estará completo e a família de Abraão será restaurada.

## A MISERICÓRDIA DO SENHOR: A ESPERANÇA DOS INTERCESSORES

**A** TRAVÉS DESSE LIVRO, examinamos numerosas passagens que mostram as nações islâmicas que circundam Israel a serem as nações primárias que cumprirão o papel do império vindouro do Anticristo. Também discutimos como a crença generalizada de que o reino do Anticristo será completamente universal não se enquadra na Escritura. Aprendemos, por exemplo, que algumas nações escaparão do controle do Anticristo. Outras nações estarão em guerra com ele até a volta de Jesus. Avaliando todos os dados bíblicos, podemos concluir que as nações que ficarão sob o julgamento mais severo no Dia do Senhor são as nações islâmicas que cercam a terra de Israel. Enquanto não há dúvida de que todas as nações em toda a terra passarão pelo julgamento de Deus, as nações que serão julgadas com mais severidade pelo Messias são aquelas que são enfaticamente marcadas para julgamento em todas as Escrituras. Quando as pessoas me perguntam quais nações se unirão à aliança do Anticristo, tento comentar de uma maneira que reflita a ênfase das Escrituras. Eu simplesmente digo que “a cabeça da lança” do império anticristão vindouro serão as nações islâmicas que cercam Israel. Quais nações incluirão o “eixo da lança” ainda está para

ser visto. É desconhecido porque além de uma lista de nações do Oriente Médio e Norte da África, a Bíblia não nos diz quais nações seguirão o Anticristo.

Embora a posição deste livro seja reconhecidamente não-tradicional, considere a alternativa amplamente aceita, que vê cada nação na Terra seguindo o Anticristo. Isso levanta a questão: quando Jesus retorna e executa o julgamento sobre as nações que são especificadas através das Escrituras proféticas, Ele realmente aniquila completamente a todos? Jesus literalmente mata todos os homens, mulheres e crianças em todas as nações que Ele julgar? Embora existam certas passagens que parecem pintar um quadro tão sombrio, uma leitura mais completa das Escrituras nos diz o contrário. Jesus executará julgamento sobre os culpados, mas Ele claramente poupará muitos dentre as nações que Ele julgar. Vamos considerar algumas passagens onde isso é visto.

#### ZACARIAS 14

O profeta Zacarias escreveu sobre “sobreviventes” dentre as nações que vieram contra Jerusalém. Estas são nações que seguirão o Anticristo em seu ataque contra Israel. No entanto, durante o reino milenar do Messias, sobreviventes de entre essas mesmas nações irão a Jerusalém para adorar o Senhor: “E acontecerá que todo o que restar de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirá mesmo de ano em ano para adorar o rei, o senhor dos exércitos, e para celebrar a festa dos tabernáculos”(14:16).

#### SOFONIAS 3

Na profecia de Sofonias, o Senhor chama as nações a se arrependerem de sua idolatria e rejeição dEle. Por causa de sua indisposição em se arrepender, Ele os levará a Jerusalém no Dia do Senhor e derramará Sua ira a fim de humilhá-los e levá-los ao arrependimento: “Pois minha decisão é reunir nações, reunir reinos, derramar sobre eles a minha indignação, toda a minha ira ardente; porque no fogo do meu zelo

toda a terra será consumida. Pois nesse momento eu mudarei a fala dos povos para um discurso puro, para que todos eles invoquem o nome do Senhor e o sirvam de comum acordo” (3: 8–9).

Devemos sempre lembrar que o propósito final por trás da dura ira do Senhor contra as nações e pessoas é purificá-las e levá-las ao arrependimento. Aqui vemos que mesmo entre as nações inimigas que vêm contra Jerusalém, o Senhor deseja profundamente seu arrependimento. No final, eles se tornarão Seus adoradores, servindo ao Senhor junto com o Seu povo Israel.

### ISAÍAS 19

Isaías 19, embora inicialmente expresso como uma profecia contra o Egito, termina com algumas maravilhosas promessas para os remanescentes de egípcios que vivem durante o reinado messiânico de Jesus. O versículo 1 começa com o Messias cavalgando no Egito para julgar: “O fardo contra o Egito. Eis que o Senhor cavalga numa nuvem veloz e irá ao Egito; os ídolos do Egito irão cambaleiar em Sua presença, e o coração do Egito se derreterá em seu meio”.

Nos versículos 2 a 21, lemos sobre as muitas dificuldades que virão ao Egito, da dominação por um “mestre cruel” a uma guerra civil, à seca, à fome e ao colapso econômico. Mas, como o capítulo conclui, vemos que, apesar dos duros julgamentos do Senhor contra o Egito, durante a era messiânica, o Egito será considerado um com Israel, seu povo.

*Então o Senhor será conhecido no Egito, e os egípcios conhecerão ao Senhor naquele dia, e farão sacrifício e oferta; sim, eles farão um voto ao Senhor e o executarão. E o Senhor atacará o Egito, Ele atacará e curará; eles retornarão ao Senhor, e Ele será suplicado por eles e os curará. Naquele dia haverá uma estrada do Egito para a Assíria, e o assírio entrará no Egito e os egípcios na Assíria, e os egípcios servirão com os assírios. Naquele dia Israel será um dos*

*três com o Egito e a Assíria - uma bênção no meio da terra, a quem o Senhor dos Exércitos abençoará, dizendo: “Bem-aventurado o Egito, o meu povo, e a Assíria, obra das minhas mãos, e de Israel. A minha herança.” (vv. 22-25)*

Apesar do fato de que o Senhor claramente “atacará” o Egito, Ele também o “curará”. Estas são promessas que aqueles que amam o Egito podem orar hoje! Embora os próximos julgamentos do Senhor contra o Egito sejam certos, também é Sua grande misericórdia. Ao considerarmos o julgamento vindouro contra o mundo islâmico maior, os crentes devem ter muito cuidado para nunca esquecer o ardente desejo do Senhor de salvar um remanescente do povo muçulmano para Si e para Sua glória. Embora devamos reconhecer a repetida ênfase no mundo islâmico para julgamento em todas as Escrituras, nossa resposta a essas coisas não deve ser nos entregar ao fatalismo passivo. Nós também nunca devemos esquecer as comunidades cristãs dentro dessas nações islâmicas. A resposta da Igreja deve ser intercessão! Nós devemos clamar por misericórdia, e nos entregar em oração pelo mundo islâmico, que o Senhor faça pelos muçulmanos o que Ele fez por nós. Devemos orar para que a graça que nos foi mostrada seja igualmente revelada aos muçulmanos, que seus corações sejam suavizados, que seus olhos se abram e que haja uma grande colheita entre os muçulmanos da terra. Eu até argumentaria que este é um dos principais chamados da Igreja hoje.

## ISAÍAS 60

Talvez o mais belo capítulo da Bíblia que fala do reino do Messias seja Isaías 60. Neste capítulo, encontramos algumas referências muito claras ao povo da terra que virá e servirá ao povo judeu e seu rei em Israel.

A passagem começa “Levante-se, brilhe; porque a tua luz chegou! E a glória do Senhor ressuscitou sobre você. Pois eis que as trevas cobrirão a terra e as trevas profundas o povo” (v. 1).

Mas então vemos que as nações e os reis estrangeiros se voltarão para Israel, trazendo sua riqueza como oferta de paz: “Mas o Senhor se levantará sobre você e sua glória será vista sobre você. Os gentios virão à vossa luz e os reis ao esplendor da vossa subida ... Então verão e se tornarão radiantes, e o seu coração se encherá de alegria; porque a abundância do mar se voltará para ti; a riqueza dos gentios virá a ti” (vv. 2-5).

Então nos dizem especificamente quais nações virão:

*A multidão de camelos cobrirá a tua terra, os dromedários de Midiã e Efé; todos os que vieram de Sabá virão; trarão ouro e incenso, e anunciarão os louvores do Senhor. Todos os rebanhos de Kedar serão reunidos para você. Os carneiros de Nebaioth devem ministrar para você; subirão com aceitação no meu altar, e glorificarei a casa da minha glória.* (vv. 6-7)

Os nomes Midiã, Sabá e Kedar nos apontam para a região moderna da Arábia Saudita até o sul do Iêmen. Veja o que os habitantes dessas nações farão: “Certamente as terras do litoral me aguardarão; e os navios de Târsis virão em primeiro lugar, para trazerem teus filhos de longe, sua prata e seu ouro com eles, para o nome do Senhor seu Deus e para o Santo de Israel, porque Ele os glorificou” (vv. 8-9).

O próximo versículo não poderia ser mais claro sobre a reconstrução de Israel por nações estrangeiras e sua contribuição para a beleza de Israel: “Os filhos dos estrangeiros edificarão os vossos muros e os seus reis te servirão; porque na minha ira te feri, mas a meu favor tive misericórdia de ti” (v. 10). As portas de Israel são especificamente deixadas em aberto para que a riqueza e as ofertas das nações vizinhas possam ser trazidas para Jerusalém para honrar tanto o povo judeu quanto seu Rei, Jesus: “Portanto, suas portas estarão abertas continuamente; Eles não serão fechados dia ou noite, para que os homens tragam a riqueza dos gentios e seus reis em procissão. Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão, e essas nações serão totalmente arruinadas” (vv. 11-12).

Anteriormente, examinamos Joel 3, que fala de Tiro e Sidom, correspondendo ao Líbano moderno, sendo julgado por Jesus no Dia do Senhor. Mas aqui vemos que o Líbano estará entre as nações que vêm a Israel, trazendo presentes: “A glória do Líbano chegará a você, o cipreste, o pinheiro e a árvore juntos, para embelezar o lugar do Meu santuário; e farei glorificar o lugar dos meus pés” (v. 13).

Apesar da linguagem frequente em muitas das várias passagens do Dia do Senhor que às vezes parecem falar da total aniquilação das várias nações vizinhas, vemos que muitas dessas nações serão claramente poupadas, permanecendo vivas e servindo ao povo judeu durante o reino messiânico:

*Também os filhos daqueles que te afligiram virão a ti, e todos os que te desprezaram se prostrarão nas plantas dos pés; e chamar-te-ão a Cidade do Senhor, Sião do Santo de Israel. Considerando que foste abandonado e odiado, de modo que ninguém passou por ti, eu te farei uma excelência eterna, uma alegria de muitas gerações. Beberás o leite dos gentios e o leite dos reis; você saberá que eu, o Senhor, sou seu Salvador e seu Redentor, o Poderoso de Jacó.*  
(vv. 14-16; ênfase adicionada)

Esta promessa profética é bela não só para o povo judeu, mas também para as nações muçulmanas! Apesar de seu ódio abundante e implacável para com o Seu povo, o Senhor é gentil o suficiente para poupar e libertar muitos muçulmanos e torná-los Seus. Assim lembramos das palavras do apóstolo Paulo: “Portanto, considerai a bondade e a severidade de Deus” (Romanos 11:22).

Em conclusão, então, por um lado, este livro enfatizou que os julgamentos mais severos de Jesus serão dirigidos contra um número limitado de nações e apenas um certo número de pessoas dessas nações. Para até mesmo alguns dentre aqueles que desprezam e atacam Israel, a misericórdia será mostrada. Por outro lado, a posição popular mantida por muitos professores de profecia vê Jesus retornando

a um mundo dividido estritamente entre seguidores de Jesus e seguidores do Anticristo. Eles também afirmam que quando Jesus voltar, todo incrédulo será imediatamente aniquilado. Como David Reagan diz, no retorno de Jesus, “Ele procederá para julgar todos aqueles que ainda estão vivos, tanto gentios quanto judeus. . . Os salvos terão permissão para entrar no milênio em carne e osso. Os não-salvos serão consignados à morte e a Hades.”<sup>1</sup> Nathan Jones espelha esse sentimento. Falando sobre o que acontece imediatamente após o retorno de Jesus, Jones diz: “Satanás será lançado em um buraco, o Anticristo e o Falso Profeta e muito provavelmente os demônios serão enviados para o Inferno, e os incrédulos para os Tormentos [sic] no Hades.”<sup>2</sup> Essa posição totalmente pessimista, na minha opinião, diminui a misericórdia de Jesus e não está de acordo com as Escrituras. Sabemos que uma multidão de judeus incrédulos virá a conhecê-lo depois que Ele voltar (Ezequiel 39:22; Zacarias 12:10; Romanos 11:26). As Escrituras são claras que os incrédulos gentios também virão a conhecê-lo depois que Ele retornar (Isaías 60; Zacarias 14:16).

## CONCLUSÃO

Em quem, então, Jesus terá misericórdia? Quem Ele quiser, mas uma coisa é certa: podemos confiar em Seu julgamento. No final desta era, os santos no céu cantarão a Sua justiça e retidão (Apocalipse 15:3), não a severidade excessiva ou injustiça. Enquanto alguns professores de profecias inferem que as Escrituras nos dão todos os detalhes de todos os eventos futuros de uma forma cristalina, isso está longe de ser verdade. Mas há realmente uma beleza para a falta de clareza. Embora isso possa frustrar alguns que desejam possuir um pré-conhecimento absoluto do futuro, é libertador para o intercessor que procura apenas clamar por uma conclusão boa, justa e talvez até surpreendente a muitos desses assuntos: “Pois Ele é misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e de grande bondade; e Ele se arrepende de fazer mal. Quem sabe se Ele se voltará e cederá, e deixará uma bênção atrás dEle?” (Joel 3: 13–14).

À medida que o fim da era se aproxima para aqueles que amam Israel e o povo muçulmano o grito em nossos lábios deve estar de acordo com o profeta Habacuque, que gritou: “Ó Senhor, eu ouvi a vossa palavra e fui receoso; Ó Senhor, reviva o seu trabalho no meio dos anos! No meio dos anos, torne isso conhecido; na ira, lembra-te da misericórdia” (Habacuque 3: 2).

Amém e amém.

## RECURSOS RECOMENDADOS

- Block, Daniel L. O Livro de Ezequiel, Capítulos 25–48 (Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento). Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1998.
- Dershowitz Alan. O caso contra os inimigos de Israel: expondo Jimmy Carter e outros que estão no caminho da paz. N.p. : Wiley, 2008.
- \_\_\_\_\_. O caso de Israel. N.p. : Wiley, 2003.
- Gaebelein, Frank E., e Gleason L. Archer Jr., O Comentário Bíblico do Expositor, vol. 7: Daniel e os profetas menores. Grand Rapids: Zondervan, 1985.
- Holman Bible Atlas: Um Guia Completo para a Expansiva Geografia da História Bíblica. Nashville: Holman, 1999
- Kaiser, Walter C., Jr. Messias no Antigo Testamento. Grand Rapids: Zondervan, 1995.
- Lifsey, Dalton. A controvérsia de Sião e o tempo do problema de Jacó: o sofrimento final e a salvação do povo judeu. Tauranga, Nova Zelândia: Maskilim Publishing, 2011.
- Lingel, Joshua, Jeff Morton e Bill Nikides. Chrislam: Como os missionários estão promovendo um evangelho islamizado. N.p. : I2Ministries, 2011.
- Longman, Tremper, III e outros. Jeremias – Ezequiel (Comentário Bíblico do Expositor). Grand Rapids: Zondervan, 2010.
- Miller, Steven. O Novo Comentário Americano, vol. 18, Daniel. Nashville: Holman Reference, 1994.
- Atlas Bíblico Moody. Chicago: Moody, 2009
- Motyer, J. Alec. A Profecia de Isaías: Uma Introdução e Comentário. Downers Grove, IL: IVP Academic, 1998.
- Pawson, David. O desafio do Islã para os cristãos. (London, Hodder e Stoughton, 2003).
- \_\_\_\_\_. Venha comigo através de Isaías. N. p. : True Potential Publishing, 2011.
- \_\_\_\_\_. Venha comigo através do Apocalipse. N. p. : True Potential Publishing, 2008.
- \_\_\_\_\_. Defendendo o sionismo cristão. N. p. : True Potential Publishing, 2008.
- \_\_\_\_\_. Israel no Novo Testamento, N. p. : True Potential Publishing, 2009.
- \_\_\_\_\_. Quando Jesus retornar. Londres: Hodder & Stoughton, 2003.
- Pentecostes, J. Dwight. Coisas para vir: um estudo na escatologia bíblica. Grand Rapids: Zondervan, 1965.
- Sliker, David. Fim dos Tempos simplificado: Preparando seu coração para a tempestade. Kansas City: Base Livros, 2015.
- Steyn, Mark. América sozinho: o fim do mundo como o conhecemos. Washington, D.C. : Regnery, 2008.

## NOTAS

### CAPÍTULO 2

1. James E. Smith, *O que a Bíblia ensina sobre o Messias prometido* (Nashville: Thomas Nelson, 1993), 38; Walter C. Kaiser Jr., *O Messias no Antigo Testamento* (Grand Rapids: Zondervan, 1995) 38.
2. Robert Jamieson, Andrew Robert Fausset e David Brown, comentário sobre Números 24, em *Um Comentário, Crítico e Explanatório, sobre o Antigo e o Novo Testamento*, vol. 1 (Hartford: S.S. Scranton & Co., 1871), 113.
3. William Smith, *Dicionário da Bíblia: Compreendendo Suas Antiguidades, Biografia, Geografia e História Natural*, vol. 4 (New York: Hurd e Houghton, 1870), 2991.
4. Jerônimo, comentando sobre Isaías 25, em Jamieson, Fausset e Brown, *A Commentary*.
5. Chuck Smith, “Obadias e Jonas”, *A Palavra para Hoje, Carta Azul da Bíblia* (1º de junho de 2005, 2011).
6. Thomas Ice, “Parte 13 do Futurismo Bíblico Consistente”, Centro de Pesquisas Pré-Tribulação, <http://www.pre-trib.org/articles/view/consistent-biblical-futurism-part-13>.
7. Ralph L. Smith, *Palavra Comentário Bíblico*, vol. 32, Micah-Malachi (Waco: Word Books, 1984), 135.
8. Declaração evangélica sobre Israel / Palestina, em David Neff, “Líderes evangélicos reiteram o apelo pela solução de dois Estados para Israel e a Palestina”, *Christianity Today*, 28 de novembro de 2007, <http://www.christianitytoday.com/ct/2007/novemberweb-only/148-33.0.html>.

### CAPÍTULO 3

1. Thomas Ice, *Kosovo e a preparação da Europa*, [http://digitalcommons.liberty.edu/pretrib\\_arch/73/](http://digitalcommons.liberty.edu/pretrib_arch/73/).
2. David R. Reagan, “Os Gentios na Profecia, Glória Gasto ou Império Futuro?” [Http://www.lamblion.com/articles/articles\\_issues1.php](http://www.lamblion.com/articles/articles_issues1.php).
3. John Walvoord, *Toda Profecia da Bíblia* (Colorado Springs: Chariot Victor Publishing, 1999), 274.

4. Finis Jennings Dake, *Revelação Exposta* (Lawrenceville, GA: 300, 303).
5. Abraham Mitrie Rihbany, *O Cristo Sírio* (Boston e Nova Iorque: Houghton Mifflin, 1916), 127.
6. Gleason L. Archer Jr. *O Comentário Bíblico dos Expositores*, vol. 7, Daniel - Profetas Menores (Grand Rapids: Zondervan, 1985), 93.

#### CAPÍTULO 4

1. Arqueiro, *Comentário Bíblico dos Expositores*, pág. 147.
2. Smith, “Obadias e Jonas”.

#### CAPÍTULO 5

1. Stephen R. Miller, *Daniel: O Novo Comentário Americano: Uma Exposição Exegética e Teológica das Escrituras* (Nashville: Broadman e Holman, 1994), p. 96.
2. John Walvoord, *Daniel: A Chave para a Revelação Profética* (Chicago: Moody, 1989), 68-69.
3. Makor Rishon, 22 de maio de 1998.
4. “Os Judeus Não Têm Conexão com Jerusalém”, *Palestinian Media Watch*, 9 de junho de 2009, [http://www.palwatch.org/main.aspx?fi=636&fld\\_id=636&doc\\_id=1105](http://www.palwatch.org/main.aspx?fi=636&fld_id=636&doc_id=1105).
5. Martin Asser, “Ataque Israelense sobre o Trabalho no Sítio Sagrado”, *BBC News*, 28 de agosto de 2007, [http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle\\_east/6967457.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/6967457.stm); Hillel Fendel, “Os arqueólogos publicam alertas urgentes contra a Temple Mountain Dig”, 30 de agosto de 2007, <http://www.freerepublic.com/focus/f-news/1889037/posts>.
6. George Rawlinson, *Parthia* (Nova York: Cosimo, 2007), 313-14.
7. David R. Reagan, “A Teoria do Anticristo Muçulmano: Uma Avaliação”, [http://lambtion.com/articles/articles\\_islam6.php](http://lambtion.com/articles/articles_islam6.php).
8. Walvoord, Daniel, 71-72.
9. Moody Atlas da Bíblia (Chicago: Moody, 2009), 197. 10. *Ibid.*, 204-5.
11. *Ibid.*, 208.
12. *O Atlas Histórico da Roma Antiga* (London: Mercury Books, 2005), pp. 96–97.

#### CAPÍTULO 6

1. *Antigo Comentário Cristão sobre as Escrituras*, vol. 13 (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2008), 223, comentário sobre Daniel 7: 4.
2. Walvoord, Daniel, 153.
3. *Ancient Christian Commentary*, comentário 222, sobre Daniel 7: 4.
4. *Ibid.*, 224, comentário sobre Daniel 7: 5.
5. Archer, *Comentário Bíblico dos Expositores*, pág. 582.

6. ArtScroll Tanach Series: Ezekiel, um comentário antologizado de fontes talmúdic, mi-drashicas e rabínicas (Brooklyn, NY: Mesorah Publications, 1989), 582.

## CAPÍTULO 7

1. Ron Rhodes, em uma entrevista com o Dr. David Reagan e Nathan Jones em seu blog: [http://www.lamblion.com/files/publications/blog/blog\\_QuickQA-Will-the-Antichrist-Come-From-the-Ottoman-Empire.pdf](http://www.lamblion.com/files/publications/blog/blog_QuickQA-Will-the-Antichrist-Come-From-the-Ottoman-Empire.pdf)
2. Tácito, *A História*, New Ed ed., Bk. 5.1, ed. Moisés Hadas; trans. Alfred Church e William Brodribb (Nova York: Modern Library, 2003).
3. Flávio Josefo, *As Obras Completas de Josefo, As Guerras dos Judeus ou A História da Destruição de Jerusalém*, bk. 3, cap. 1, par. 3
4. *Ibid.*, Cap. 4, par. 2
5. Lawrence J. F. Keppie, *Legiões e Veteranos: Documentos do Exército Romano 1971–2000* (Franz Steiner Verlag, 2000), p.
6. Antonio Santuosso, *Assaltando os Céus: Soldados, Imperadores e Civis no Império Romano* (Westview Press, 2001), 97-98.
7. Sara Elise Phang, *Serviço Militar Romano: Ideologias da Disciplina no final da República e Principado Inicial* (Cambridge: Cambridge University Press, 2008), 19.
8. *Ibid.*, 57–58.
9. *Ibid.*, 44.
10. Nigel Pollard, *soldados, cidades e civis na Síria romana* (University of Michigan Press, 2000), 114.
11. *Ibid.*, 115.
12. Josefo, *guerras*, bk. 2, cap. 4, par. 2
13. Pollard, *Soldados*, 116.
14. Josefo, *guerras*, bk. 2, cap. 13, par. 7
15. David R. Reagan, “Anticristo muçulmano? Guerra de Deus ao Terror”, *Revista Cristo em Profecia*, 12 de janeiro de 2009, <http://www.lamblion.us/2009/01/antichrist-muslim-gods-war-on-terror.html>.
16. <http://eschatologytoday.blogspot.com/2010/02/another-nail-in-islamic-antichristal.html>.
17. Entrevista na rádio com Bill Salus, autor de *Israel estine: The Ancient Blueprints of the Future Middle East* (Crane, MO: Highway, 2008).
18. Josefo, *guerras*, bk. 6, cap. 4
19. *Ibid.*
20. *Ibid.*, Bk. 5, cap. 13

## CAPÍTULO 8

1. Walvoord, Daniel, 182.
2. *Moody Atlas of the Bible*, 208–9.

3. Steven R. Miller, Daniel, o novo comentário americano: uma exposição exegética e teológica das Escrituras (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 224.
4. Antigo Comentário Cristão sobre a Bíblia, vol. 13, Daniel e Ezequiel (Westmont, IL: Inter-Varsity, 2009), 251.
5. Walvoord, Toda Profecia da Bíblia (Colorado Springs: Cook Communications, 2004), 242.
6. Tim Lahaye e Ed Hindson, O Comentário da Profecia Bíblica Popular (Eugene, OR: Harvest House, 2007), 239.
7. H. C. Leupold, Exposição de Daniel (Grand Rapids: Baker, 1969), 361.
8. Arqueiro, Comentário Bíblico dos Expositores, pág.
9. Lahaye e Hindson, O Comentário da Profecia Bíblica Popular, 239.
10. Miller, 237. 11. Ibid., 242.

## CAPÍTULO 9

1. Antigo Comentário Cristão sobre as Escrituras, vol.13 (Downers Grove, 2008), 278.
2. Arqueiro, Comentário Bíblico dos Expositores, 125.
3. Lahaye e Hindson, O Comentário da Profecia Bíblica Popular, 258.
4. Walvoord, Daniel, 248.
5. Steven R. Miller, Daniel, O Novo Comentário Americano: Uma Exegética e Exposição Teológica das Escrituras (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 286-87.
6. John C. Whitcomb, Comentário Bíblico de Everyman (Chicago: Moody Press, 1985), 148.
7. Antigo Comentário Cristão sobre as Escrituras, vol.13 (Downers Grove, 2008), 298.
8. Walvoord, Daniel, 270.
9. Robert D. Culver, Daniel e os Últimos Dias (Chicago, Moody Press, 1977), 176.
10. Thomas Ice, “Ezequiel 38 e 39 Parte XXVII”, <http://www.pre-trib.org/data/pdf/Ice-Ezekiel-3839Part271.pdf>.
11. Como citado em Larry D. Harper, O Anticristo (Mequite, TX, Elijah Project, 1992), 35.
12. Lactantius, Divine Institutes 7:17, AD 307.
13. Antigo Comentário Cristão sobre as Escrituras, vol.13 (Downers Grove, 2008), 301.
14. Arqueiro, Comentário Bíblico dos Expositores, pág.
15. G. H. Lang, As Histórias e Profecias de Daniel (Londres: Paternoster, 1930), 158.
16. Edward J. Young, A Profecia de Daniel (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1949), 251.
17. Miller, Daniel, 309.
18. Geoffrey R. King, Daniel: Uma Explicação Detalhada do Livro (Ilford UK: Midnight Cry, 1966), 235.
19. C. F. Keil, Comentário sobre o Antigo Testamento, vol.9, O Livro de Daniel (Peabody, MA: Henrickson, 2006), 808.
20. Britt Gillette, “A Nacionalidade do Anticristo”, Rapture Ready (blog), <http://www.raptureadeady.com/featured/gillette/ac2.html>.
21. Leon Wood, Um comentário sobre Daniel (Grand Rapids: Zondervan, 1963), 280–315.

22. Lahaye e Hindson, O Comentário da Profecia Bíblica Popular, 262.
23. John C. Whitcomb, Everyman's, 155.
24. Robert Duncan Culver, Daniel e os Últimos Dias (Chicago: Moody Press, 1977), 180.
25. Lahaye e Hindson, O Comentário da Profecia Bíblica Popular, 262.
26. J. Paul Tanner, "O Rei do Norte de Daniel: Nós Devemos a Rússia uma Apologia?" *Jornal da Sociedade Teológica Evangélica* 35, n. 3 (setembro de 1992): 315-28, [http://www.ctsjets.org/files/JETS-PDFs/35/35-3/JETS\\_35-3\\_315-328\\_Tanner.pdf](http://www.ctsjets.org/files/JETS-PDFs/35/35-3/JETS_35-3_315-328_Tanner.pdf).
27. Wood, Um Comentário sobre Daniel, 308-9.
28. Hipólito, Tratado, 25.
29. Antigo Comentário Cristão sobre as Escrituras, vol.13 (Downers Grove, 2008), 301.
30. Moody Atlas of the Bible, 208-9.

## CAPÍTULO 10

1. Arno Clemens Gaebelein, O Profeta Daniel: Uma Chave para as Visões e Profecias do Livro de Daniel (Nova York: Our Hope, 1911), p. 188.
2. Nathan Jones, "Quick Q & A: O Anticristo virá do Império Otomano?" *Revista Cristo em Profecia*, <http://www.lamblion.us/2010/08/quick-q-will-antichrist-come-from.html>.
3. Max Blumenthal, "Pastor Hagee: O anticristo é gay, parcialmente judeu, assim como Adolf Hitler" (paginação Joe Lieberman!), "Huffington Post, 2 de junho de 2008, [http://www.huffingtonpost.com/max-blumenthal/pastor-hagee-the-antichri\\_b\\_104608.html](http://www.huffingtonpost.com/max-blumenthal/pastor-hagee-the-antichri_b_104608.html).
4. Gaebelein, O Profeta Daniel, 188.
5. Walvoord, Daniel, 274.
6. Miller, Daniel, 307.
7. Philip Mauro, As Setenta Semanas e a Grande Tribulação (Choteau, MT: Old Paths Publishing), 145.
8. Walvoord, Daniel, 276.
9. Lahaye e Hindson, O Comentário da Profecia Bíblica Popular, 261.
10. Walvoord, Daniel, 276.
11. Dicionário Teológico do Novo Testamento Resumido em um só volume (Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 2000), 948.
12. Fathi Yakan, "Ser um muçulmano", [http://www.youngmuslims.ca/online\\_library/books/to\\_be\\_a\\_muslim/part2/vii.htm](http://www.youngmuslims.ca/online_library/books/to_be_a_muslim/part2/vii.htm).
13. Ibid.

## CAPÍTULO 11

1. Comentário de Jerônimo sobre Daniel 7: 8, traduzido por Gleason Archer (Grand Rapids: Baker Book House, 1958).
2. Jovem, A Profecia de Daniel, 274.
3. Lahaye e Hindson, O Comentário da Profecia Bíblica Popular, 266

4. Steven R. Miller, Daniel, 320.
5. Chuck Smith, Série de Comentários C2000, Daniel 12.
6. Walvoord, Daniel, 294.
7. Matthew Henry, Comentário Completo de Matthew Henry, Daniel 12: 9.
8. Lang, As Histórias e Profecias de Daniel, 181.
9. David Guzik, Guia de Estudo para Daniel 12 Palavra Duradoura.
10. Livros de Daniel, Esdras Neemias, Uma nova tradução do texto, Rashi e um resumo de comentários (Judaica Press, 1980), 111.

## CAPÍTULO 12

1. Robert L. Thomas, Apocalipse 8–22 Um comentário exegético (Chicago: Moody Press, 1995), 296.
2. Reagan, “A teoria do Anticristo Muçulmano”.

## CAPÍTULO 13

1. John F. Walvoord, O Retorno do Senhor (Grand Rapids: Zondervan, 1979), pp. 139–40.
2. Grant R. Jeffrey, Armageddon: Nomeação com Destino (Random House Digital), 1997.
3. Reagan, “A Teoria do Anticristo Muçulmano.”
4. Hitchcock, quem é o anticristo? Respondendo a pergunta que todos estão fazendo (Eugene, OR: Harvest House, 2010), 87.
5. Jones, “Quick Q & A,”
6. Ibid.
7. Reagan, “A Teoria do Anticristo Muçulmano.”
8. Ibid.
9. ArtScroll Tanach Series: Ezequiel, 578.
10. Targum de Pseudo-Jonathan em Números 11:26, em Samon H. Levey, O Messias; Uma interpretação aramaica: a exegese messiânica do Targum (Nova York: Ktav Publishing House, 1974), 17-18.
11. Fragmento Targum, como citado em Levey, Messiah, 16.
12. Mark Hitchcock, The Coming Invasion Islâmica de Israel (Sister, OR: Multnomah Publishers, 2002), 87.
13. Ron Rhodes, Northern Storm Rising (Eugene, OR: Casa da Colheita, 2008), 182-90.
14. Este princípio é bem articulado por Angus e Green na obra clássica de J. Dwight Pentecostes Things to Come (Grand Rapids, Zondervan, 1958): “Quando o momento exato de eventos individuais não foi revelado, os profetas os descrevem como contínuos. Eles viram o futuro mais no espaço do que no tempo; o todo, portanto, aparece escorçoado... Eles parecem frequentemente falar de coisas futuras, pois um observador comum descreveria as estrelas, agrupando-as como elas aparecem, e não de acordo com suas verdadeiras posições” (p. 46).

15. Ralph Alexander, Comentário Bíblico do Expositor, Jeremiah-Ezequiel (Grand Rapids: Zondervan, 2010), 864.
16. Burton Coffman, Comentários sobre o Antigo e o Novo Testamentos, Ezequiel 38.
17. Keil, Comentário sobre o Antigo Testamento, Ezequiel, 341.
18. Daniel Block, O Livro de Ezequiel, Capítulos 25-48 (Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento) (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1998), 487.
19. David Reagan, “Guerras do Fim dos Tempos - # 2 A Primeira Guerra de Gogue-Magogue.”
20. Block, O Livro de Ezequiel, 482.
21. Keil, Comentário sobre o Antigo Testamento, Ezequiel, 340.
22. Leslie C. Allen, Word Biblical Commentary, vol. 29, Ezequiel 20-48 (Nashville: Thomas Nelson, 1990), 208.
23. Robert W. Jenson, O Comentário Teológico de Brazos sobre a Bíblia: Ezequiel (Grand Rapids: Brazos Press, 2009), 297.
24. Iain M. Duguid, The NIV Application Commentary Ezequiel (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 462.
25. Matthew Henry, Comentário sobre Ezequiel 39.
26. O Novo Dicionário Bíblico do Unger (Chicago: Moody, 1988), 1028.
27. A Nova Enciclopédia Internacional de Palavras da Bíblia (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 502.

## CAPÍTULO 14

1. Charles Lee Feinberg, A profecia de Ezequiel (Chicago: Moody, 1984), pp. 230–31.
2. G. K. Beale e Sean McDonough, Comentário sobre o Novo Testamento Uso do Antigo Testamento: Revelação (Grand Rapids: Baker, 2007), 1144.
3. Jenson, o comentário teológico de Brazos sobre a Bíblia: Ezequiel, 295.
4. Block, O Livro de Ezequiel, 491-93.
5. Grant R. Osborne, Baker, Comentário Exegético sobre o Novo Testamento: Revelação (Grand Rapids: Baker Academic, 2002), 687.
6. Thomas Ice, “Ezequiel 38 e 39, Parte 28,” <http://www.pre-trib.org/articles/view/ezekiel-38-39-part-28>. Não está mais acessível.
7. Arnold G. Fruchtenbaum, Os Passos do Messias: Um Estudo da Sequência dos Eventos Proféticos, rev. ed. (Tustin, CA: Ariel Ministries, 2003), 119.
8. Ibid.
9. Nathan E. Jones, “Timing Gog-Magog: Quando Ezequiel 38–39 será cumprido?” [Http://www.lambliion.com/articles/articles\\_tribulation2.php](http://www.lambliion.com/articles/articles_tribulation2.php).
10. Alguns apontam para 2 Pedro 3: 7-10 como prova de que os céus e a terra serão destruídos. Esses versículos, no entanto, não falam de uma destruição literal da criação, mas usam a linguagem da destruição para apontar a destruição da impiedade na era vindoura.
11. J. Alec Motyer, Isaías: A Profecia de Isaías: Uma Introdução & Comentário (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 145.

12. *Ibid.*, 143.
13. Tracy Miller, ed., “Mapeando a População Muçulmana Global: Um Relatório sobre o Tamanho e a Distribuição da População Muçulmana Mundial”, Pew Research Center, outubro de 2009.
14. Stephen R. Miller, Daniel: The New American Commentary Series (Nashville: Broadman e Holman, 1994), 310-11.

## CAPÍTULO 15

1. Henry, Comentário Completo de Matthew Henry, Ezequiel 38.
2. Wilhelm Gesenius, Um Léxico Hebraico e Inglês do Antigo Testamento, incluindo o Chaldee Bíblico, 955.
3. Flávio Josefo, Antiguidades dos Judeus, bk. 6, cap. 1
4. K. Kristiansen, Europa antes da História (Cambridge: Cambridge University Press, 1998), 193.
5. Thomas Ice, “Ezequiel 38 e 39, parte V,” <http://tinyurl.com/3qrcf93>.
6. Herodotus 4.11, traduo, G. Rawlinson.
7. Michael Kulikowski, autor das Guerras Góticas de Roma do Terceiro Século a Alarico (Cambridge, Cambridge University Press, 2006) em uma conversa por e-mail com o autor 25/10/2011.
8. Daniel I. Block, O Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento: O Livro de Ezequiel: Capítulos 25–48, vol. 2, (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1998), 434.
9. Zondervan Dicionário Ilustrado da Bíblia (Grand Rapids: Zondervan, 2011), s.v., “Gogue”.
10. O Comentário Bíblico do IVP: Antigo Testamento (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2000), 40, 723.
11. O Novo Dicionário Bíblico do Unger, rev. ed. (Chicago: Moody, 2006), 804.
12. O Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary, vol. 4 (Grand Rapids: Zondervan, 2009), 484.
13. A Enciclopédia Católica: Uma Obra Internacional de Referência sobre a Constituição, Doutrina, Disciplina e História da Igreja Católica (Nova York: Robert Appleton, 1909), 628.
14. Holman Bible Atlas: Um Guia Completo para a Expansiva Geografia da História Bíblica (Nashville: Holman, 1999), 16.
15. Novo Atlas Moody da Bíblia (Chicago: Moody, 2009), 91, 94.
16. Carl G. Rasmussen, Atlas Bíblico de Zondervan (Grand Rapids: Zondervan, 2010), 83.
17. O Atlas IVP da História da Bíblia (Downers Grove, IL: Academic IVP, 2006), 18.
18. Maimônides, Hilchot Terumot, capítulo. 1. seita. 9
19. Plínio, História Natural, cap. 23
20. Sir Walter Raleigh, Obras de Sir Walter Raleigh, A História do Mundo, vol. 2, bk. 3 (Oxford: Oxford University Press, 1829), 264.
21. Hipólito, A Crônica, “Os Filhos de Jafé”.
22. Ernst Wilhelm Hengstenberg, As Profecias do Profeta Ezequiel (Edimburgo: T & T Clark, 1869), p. 333.

23. Keil, Comentário sobre o Antigo Testamento, vol. 9, 330.
24. Frederick Delitzsch, *Wo Lag Das Paradies, Eine Biblisch Assyriologische Studie: Mit Zahlreichen Assyriologischen Beiträgen Zur Biblischen Länder- Und Völkerkunde Und Einer Karte Babylonniens* (Leipzig, J. C. Hnricks' Sचे Buchhandlung, 1881), 256–57.
25. J. Simons, os textos geográficos e topográficos do Antigo Testamento (Leiden: E. J. Brill, 1959), 81.
26. Clyde Billington, em conversa por e-mail com o autor, 28/10/2011.
27. *Ibid.*
28. Clyde Billington, “O Povo de Rosh em Profecia e História,” *Michigan Theological Journal* 3, não. 2 (Outono de 1992): 166-67.
29. Josefo, *Antiguidades dos Judeus*, bk. 1, cap. 6
30. Vanessa B. Gorman, *Miletos, o Ornamento da Jônia: História da Cidade para 400 aC* (University of Michigan Press, 2001), 123.
31. Block, o novo comentário internacional sobre o Antigo Testamento, 434-35.
32. Charles C. Ryrie, *A Bíblia de Estudo de Ryrie* (Chicago: Moody Press, 1978), 1285.
33. Dr. Merrill Unger, *Além da Bola de Cristal* (Chicago: Moody Press, 1974), 81.
34. Edwin Yaumauchi, *Foes da Fronteira do Norte* (Grand Rapids: Baker Book House, 1982), 243; “Meseque, Tubal e Companhia: Um Artigo de Revisão,” *Jornal da Sociedade Teológica Evangélica* 19 (1976).
35. Yaumauchi, Foes; “Meseque, Tubal e Companhia.”
36. Alexander, *Comentários Bíblicos dos Expositores sobre Ezequiel*, 854.
37. A. B. Davidson, *O Livro do Profeta Ezequiel* (Cambridge: Cambridge University Press, 1892), 275.
38. J. W. Weavers, *O Novo Comentário Bíblico sobre Ezequiel* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 202.
39. Walther Zimmerli, *Um Comentário sobre o Livro do Profeta Ezequiel, capítulos 25–48* (Philadelphia: Fortress Press, 1969), 305.
40. Feinberg, *A Profecia de Ezequiel*, 220.
41. D. R.W. Wood et ai., Eds., *New Bible Dictionary* (Downers Grove: Intervarsity Press, 1996), 434.
42. John Bright, *O Reino de Deus* (Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, 1980), p.
43. Block, *O Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento*, 434-35.
44. John Glynn, *Pesquisa de Comentários e Referência: Um Guia Abrangente de Recursos Bíblicos e Teológicos* (Grand Rapids: Kregel, 2003), p.
45. Billington, conversa por e-mail com o autor.
46. *Holman Bible Atlas*, 36.
47. Adrian Curtis, *Oxford Bible Atlas* (Oxford University Press, 2009), pp. 110–11.
48. *IVP Novo Atlas Bíblico* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 1993), 84.
49. *O Atlas IVP da História da Bíblia*, 18.
50. *Novo Atlas Moody da Bíblia*, 92–93.

51. Atlas Zondervan da Bíblia, 83.
52. Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Comentário: Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel (Grand Rapids: Zondervan, 2009), 464.
53. O Atlas Bíblico Macmillan (Londres, Websters New World, 1993), 15.
54. Charles Pfeifer, Baker Bible Atlas (Ada, MI: Baker Books, 2003), 36.
55. Block, o novo comentário internacional sobre o Antigo Testamento, 436.
56. Holman Bible Atlas, 36.
57. Oxford Bible Atlas, 110–11.
58. O Atlas IVP da História da Bíblia, 18.
59. IVP New Bible Atlas, 84.
60. Atlas Bíblico de Macmillan, 15.
61. Atlas de Zondervan da Bíblia, 160.
62. Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary, 464, 484.
63. Novo Atlas Moody da Bíblia, 92–93.
64. Baker Bible Atlas.
65. David R. Reagan, “O Anticristo: Ele será um muçulmano?” [Www.tinyurl.com/76kjq2](http://www.tinyurl.com/76kjq2);  
[http://www.lambion.com/articles/articles\\_islam4.php](http://www.lambion.com/articles/articles_islam4.php).
66. Billington, e-mail.
67. Joel Rosenberg, “Qual é a guerra de Gogue e Magogue?” [www.tinyurl.com/3q783jo](http://www.tinyurl.com/3q783jo);  
<http://flashtrafficblog.wordpress.com/2011/05/09/what-is-the-war-of-gog-and-magog-part-one/>.
68. Tanner, “Daniel ‘King of the North.’”
69. Moody Atlas of the Bible, 93.

## CAPÍTULO 16

1. Marvin E. Tate, Palavra Comentário Bíblico: Salmos 51–100, vol. 20 (Dallas: Word Publishing, 2002), 345.
2. Ice, “Futurismo Bíblico Consistente”.
3. Mark Hitchcock, Oriente Médio Burning (Eugene, OR: Harvest House, 2012).
4. Ice, “Futurismo Bíblico Consistente”.
5. Salus, israelita, 20.
6. Novo Atlas Moody da Bíblia, 184.
7. Ice, “Futurismo Bíblico Consistente”.
8. Salus, Israelestina, 6.
9. Ibid.

## CAPÍTULO 17

1. F. Delitzsch, Comentário sobre o Antigo Testamento: Volume 7, O Livro de Isaías (Peabody, MA: Hendrickson, 2006), 329-30.
2. Leslie C. Allen, O Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento: Os Livros de Joel, Obadias, Jonas e Miquéias (Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1976), 349.
3. Novo Comentário Bíblico (Downer's Grove, IVP Academic, 1994), 829.
4. Hipólito, Sobre Cristo e o Anticristo, 16. 5. Ibid., 57.
6. Victorinus, Comentário sobre o Apocalipse, cap. 7
7. Lactantius, Institutos Divinos 7:17, 307.
8. Moody Atlas of the Bible, 850.

## CAPÍTULO 18

1. A teologia da substituição, simplesmente definida, é a crença de que Deus substituiu Israel (os judeus) como Seu povo escolhido pelo corpo de Cristo (a Igreja). As promessas que outrora pertenciam a Israel, dizem adeptos, são agora da Igreja, e somente delas, já que Deus “divorciou-se” de Israel (outra teologia defeituosa, baseada em uma leitura fora de contexto de Jeremias 3:8).

## CAPÍTULO 19

1. David Reagan, “A Promessa da Vitória”, <http://www.crosspointchurch.co/the-promise-of-victory>.
2. Nathan Jones, “A Batalha de Gogue e Magogue - Desdobramento”, Revista Cristo em Profecia, 27 de abril de 2010, [www.lamblion.us/2010/04/gog-magog-battle-unfolding.html](http://www.lamblion.us/2010/04/gog-magog-battle-unfolding.html).

## SOBRE O AUTOR

**J**OEL RICHARDSON é um autor Best-Seller do *New York Times*, cineasta e mestre. Joel vive nos Estados Unidos com sua esposa e cinco filhos.

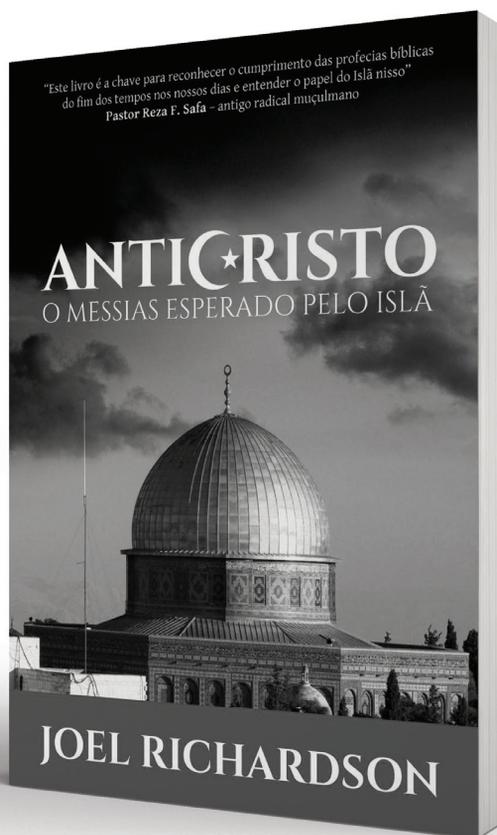
Com um amor especial pelos povos do Oriente Médio, Joel viaja internacionalmente preparando a igreja para os grandes desafios do nosso tempo, ensinando sobre o evangelho, a esperança bíblica, e o retorno de Jesus.

Ele é um autor, editor, diretor e produtor de diversos livros e documentários, além de ser o âncora do popular programa online chamado *The Underground*.



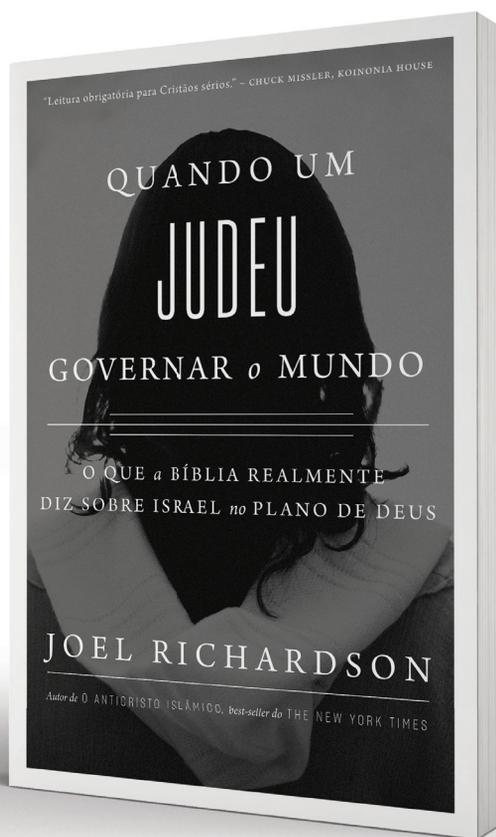
# ANTICRISTO ISLÂMICO

*O messias esperado pelo Islã*



[SHOP.ABASE.ORG](http://SHOP.ABASE.ORG)

# QUANDO UM JUDEU GOVERNAR O MUNDO



[SHOP.ABASE.ORG](http://SHOP.ABASE.ORG)

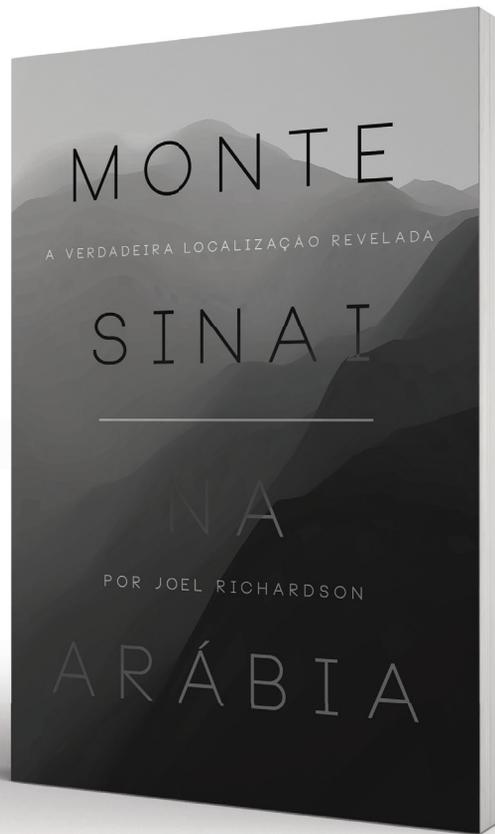
# MISTÉRIO BABILÔNIA

*Revelando o maior mistério profético da Bíblia*



[SHOP.ABASE.ORG](http://SHOP.ABASE.ORG)

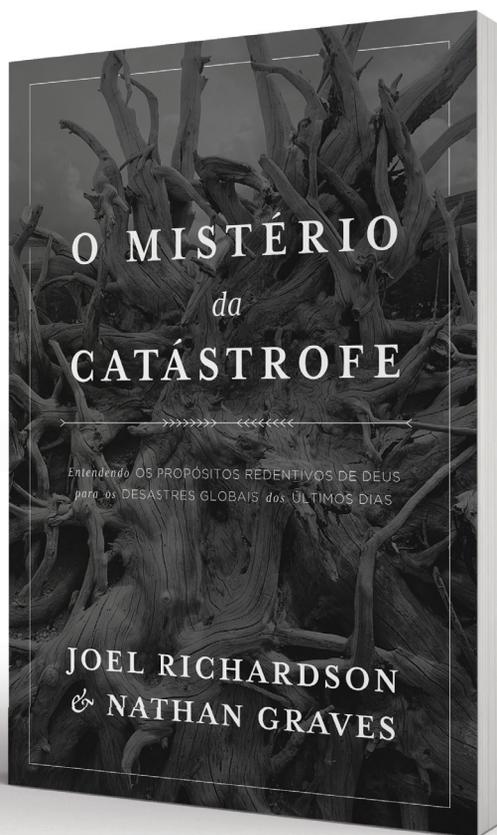
# MONTE SINAI NA ARÁBIA



---

[SHOP.ABASE.ORG](http://SHOP.ABASE.ORG)

# O MISTÉRIO DA CATÁSTROFE



[SHOP.ABASE.ORG](http://SHOP.ABASE.ORG)

